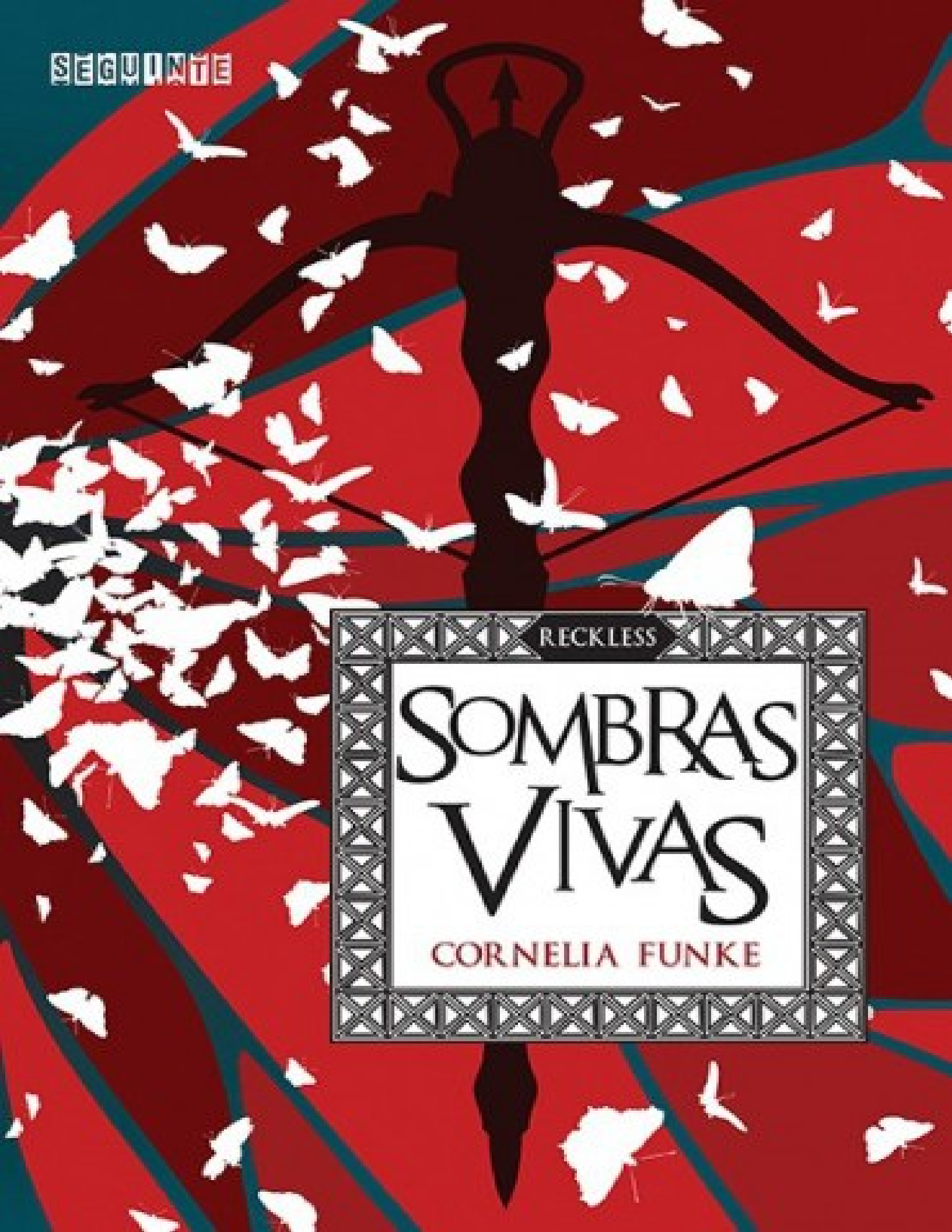
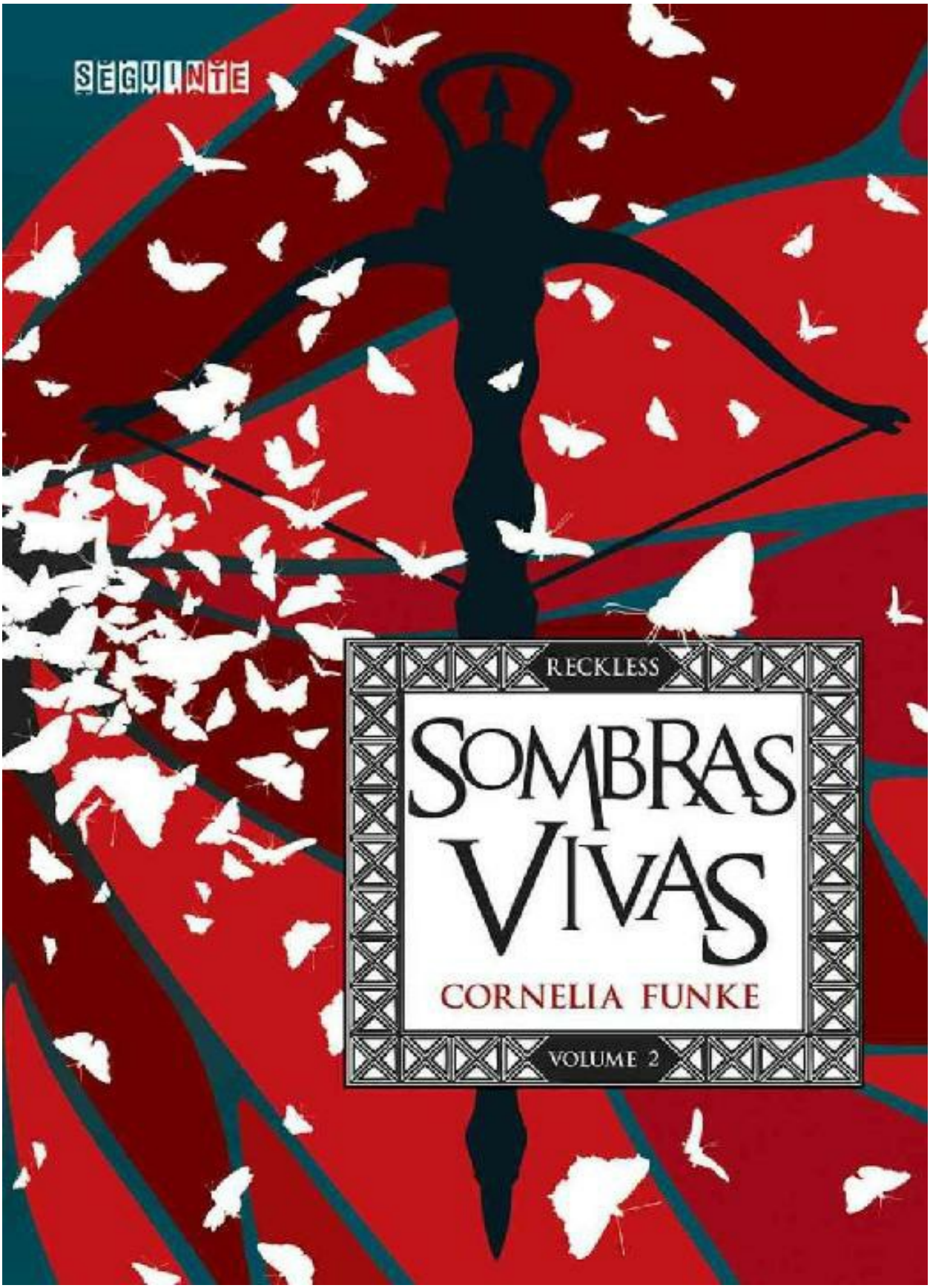
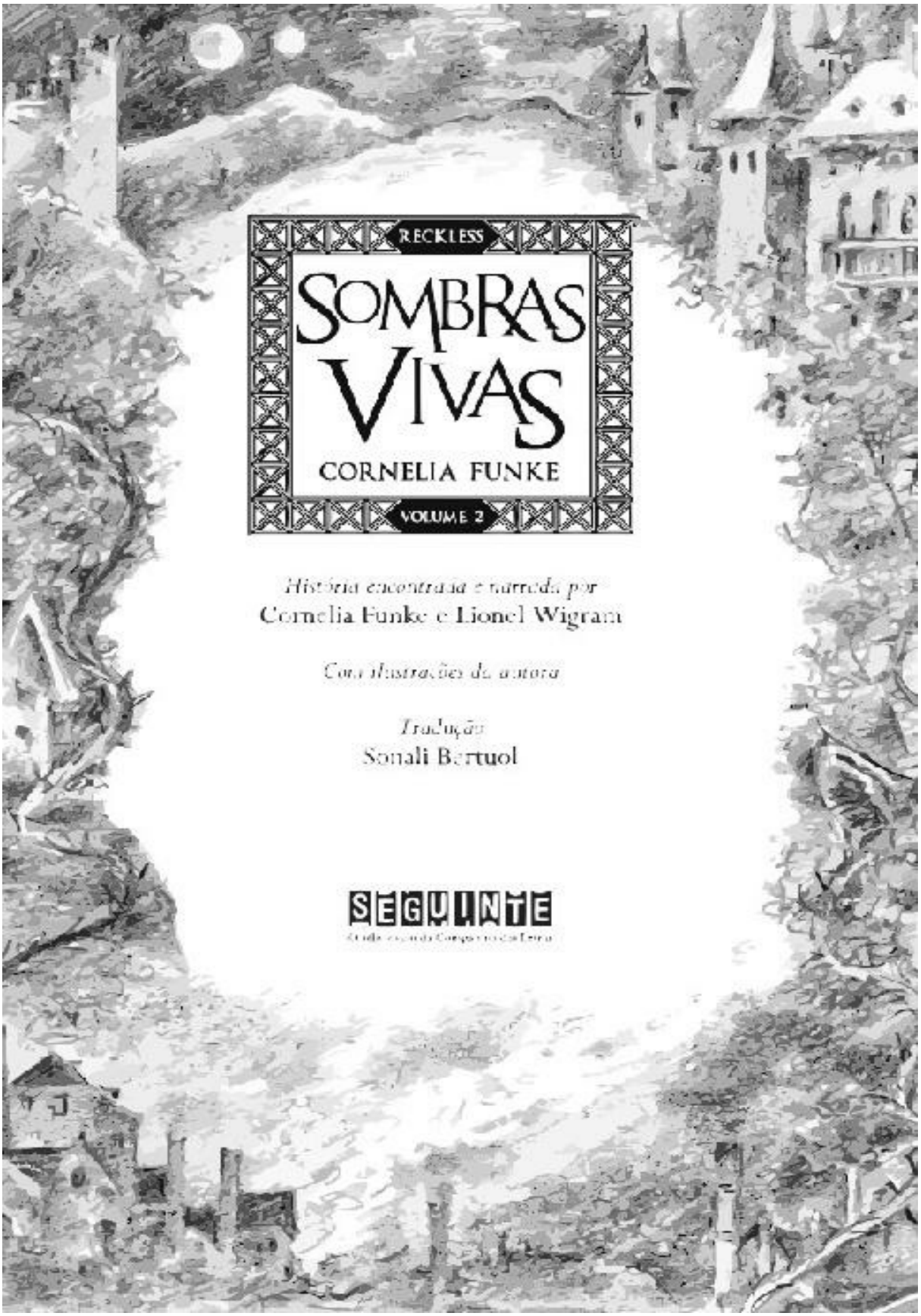

SEGUINTE
RECKLESS
SOMBRAS VIVAS
CORNELIA FUNKE


SEGUINTE
RECKLESS
SOMBRAS VIVAS
CORNELIA FUNKE
VOLUME 2



RECKLESS

SOMBRAS VIVAS

CORNELIA FUNKE

VOLUME 2

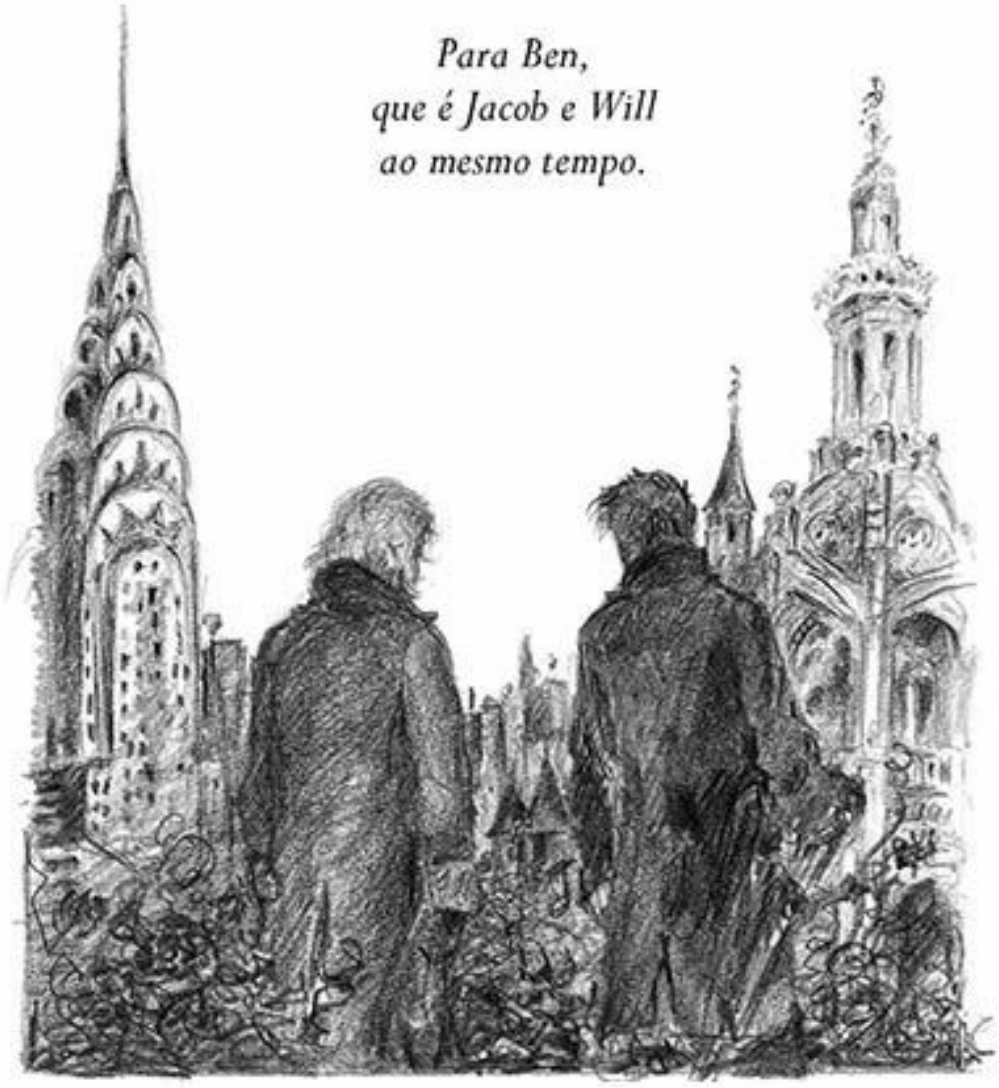
História encontrada e narrada por
Cornelia Funke e Lionel Wigram

Com ilustrações da autora

Tradução
Sonali Bertuol

SEGUINTE

Para Ben,
que é Jacob e Will
ao mesmo tempo.







Sumário

1. Espera
2. O mundo errado
3. Fantasmas
4. Um remédio perigoso
5. Alma
6. E agora?
7. Em vão
8. Chanute
9. Montanhas esquecidas por Deus
10. No fundo da terra
11. Juntos
12. Sombras vivas
13. O outro
14. Apenas um cartão
15. Relato de uma aranha
16. A cabeça no oeste
17. A primeira mordida
18. A mão no sul
19. Talvez
20. O mesmo sangue
21. Impossível
22. Flancos de ferro
23. Mal de mer
24. A pegada de uma bota
25. A segunda vez
26. O melhor
27. Uma casa no fim da aldeia
28. Dentes e espinhos
29. Um novo rosto
30. Nada anda
31. Cozinheiros demais
32. O coração no leste

33. Métodos distintos
34. Um jogo
35. O rei certo
36. Desaparecida
37. Flores
38. Ar
39. Amigo e inimigo
40. A armadilha dourada
41. O território do caçador
42. Branco
43. Perdidos
44. Barba-azul
45. Os falsos salvadores
46. Traga-o até mim
47. Vida e morte
48. Tarde demais
49. Dois copos
50. Um trato
51. Corra
52. Astúcia e estupidez
53. De algum jeito
54. Colegas
55. Fora do plano
56. Fúria de gigantim
57. Cabeça. Mão. Coração
58. Vantagem
59. A Cidade Morta
60. A pele certa
61. No objetivo
62. Apagadas
63. A armadilha
64. Vida e morte
65. O terceiro disparo
66. Um instante
67. O outro lado

68. A Vermelha



1
Espera

Ele ainda não tinha voltado.

Não vou demorar. Fux enxugou a chuva do rosto. Com Jacob, aquilo podia significar muitas coisas. Às vezes ele demorava semanas. Às vezes, meses.

A ruína estava abandonada, como sempre, e o silêncio entre os muros queimados era tão arrepiante quanto a chuva. A pele humana aquecia muito menos, mas ainda assim era cada vez mais raro Fux se transformar em raposa. Agora ela sentia claramente como o pelo lhe roubava anos de vida, sem que Jacob precisasse lembrá-la disso.

Ao se despedir, ele a abraçara forte, como se quisesse levar o calor dela consigo para o mundo onde nascera. Alguma coisa o atemorizava, mas é claro que ele não admitia. Jacob ainda era um garoto que se achava capaz de fugir da própria sombra.

Eles estiveram nas terras do norte, em Sveriga e Norga, onde as florestas ainda estavam cobertas de neve alta e os lobos seguiam para as cidades impelidos pela fome. Antes, eles haviam viajado para tão longe no sul, que de vez em quando a raposa ainda achava areia do deserto em seu pelo. Milhares de milhas... Campos e cidades dos quais ela nunca ouvira falar, tudo supostamente em busca de uma ampulheta. Mas Fux conhecia Jacob bem demais para acreditar naquilo.

A seus pés, entre as pedras quebradas, brotavam as primeiras prímulas silvestres. Fux arrancou um dos caules finos, e o orvalho que pingou das folhas ainda estava frio. Fora um longo inverno, e Fux sentia os últimos meses como geada sobre a pele. Acontecera tanta coisa desde o último verão. Tanto medo pelo irmão de Jacob... e pelo próprio Jacob. Medo demais. Amor demais. Tudo demais.

Ela espetou a flor amarelo-clara no casaco. Mãos... Elas compensavam a pele enregelada que sua forma humana trazia. Quando vestia o pelo, Fux sentia falta de ler o mundo com os dedos.

Não vou demorar.

Com um gesto rápido, ela agarrou um polegar que enfiava a minúscula mãozinha no bolso do seu casaco. Ele só largou o táler de ouro quando ela o sacudiu com força, como a raposa fazia com os ratos que caçava. O ladrãozinho tentou morder seus dedos antes de escapulir dali esbravejando.

Jacob sempre punha alguns táleres de ouro no bolso dela antes de partir. Ele ainda não se acostumara com o fato de que ela já se virava bem sozinha, até mesmo no mundo humano.

Do que ele estava com medo?

Fux lhe perguntara depois de terem cavalgado dias a fio, de aldeia em aldeia, para no final simplesmente ficarem debaixo de um pé de romã ressecado, que pertencera a um sultão já morto. Ela perguntara de novo quando Jacob passara três noites embriagado, depois de terem encontrado uma fonte seca num jardim abandonado. “Não é nada. Não se preocupe.” Um beijo no rosto e aquele sorriso despreocupado que ela sabia decifrar desde os doze anos. “Não é nada...”

Ela sabia que ele sentia falta do irmão. Mas havia alguma coisa a mais. Fux olhou para a torre da ruína. As pedras carbonizadas pareciam sussurrar um nome. Clara. Era isso?

Ela ainda sentia seu coração apertar quando pensava no riacho onde flutuavam as cotovias mortas. A mão de Jacob no cabelo de Clara, a boca em sua boca. Tão faminto.

Talvez por causa disso ela quase fora com ele. Ela chegara a seguir Jacob até a torre, mas diante do espelho perdera a coragem. O vidro lhe pareceu uma pedra de gelo escura, que congelaria seu coração.

Fux virou de costas para a torre.

Jacob voltaria.

Ele sempre voltava.



2
O mundo errado

A sala do leilão ficava no trigésimo andar. Paredes revestidas de madeira, uma dúzia de fileiras de cadeiras e, na porta, um homem com um sorriso distraído, que conferia os nomes na lista de presença. Jacob pegou o catálogo que ele lhe entregou e foi até uma das janelas. Uma selva de torres e, atrás delas, os Grandes Lagos, como espelhos de prata. Ele viajara de Nova York a Chicago naquela mesma manhã, um trajeto que teria demorado vários dias por carruagem. Abaixo dele, a luz do sol refletia-se em paredes de vidro e tetos dourados. Aquele mundo poderia muito bem competir em beleza com o outro, mas Jacob já estava com vontade de voltar.

Ele se sentou numa das cadeiras e observou os rostos ao seu redor. Muitos eram conhecidos: antiquários, curadores de museus, colecionadores de arte. Caçadores de tesouros como ele, com a única diferença de que naquele mundo os tesouros não possuíam outros encantos além da antiguidade e da beleza.

O catálogo do leilão mostrava, entre a chaleira de um imperador chinês e o chocalho de prata de um príncipe britânico, a garrafa cuja pista Jacob seguira até ali. Tinha um aspecto tão discreto que Jacob tinha esperança de que mais ninguém oferecesse algo por ela. O vidro escuro estava protegido por uma capa de couro gasto, e o gargalo fora vedado com um lacre de cera.

"Garrafa de origem escandinava, início do século XIII" estava escrito sob a foto no catálogo. O próprio Jacob a descrevera assim quando a vendera a um antiquário em Londres. Na ocasião, ele achara divertido neutralizar o morador da garrafa daquela maneira. Atrás do espelho, libertá-lo poderia ser fatal, mas naquele mundo ele era tão inofensivo como ar engarrafado, um nada atrás de um vidro marrom-escuro.

A garrafa trocara de dono diversas vezes desde que Jacob a vendera. Tinha lhe custado quase um mês encontrá-la novamente. Um tempo que ele não tinha. A Maçã que Tudo Cura, a Fonte da Eterna Juventude... Ele gastara muitos meses procurando as coisas erradas, e a morte continuava alojada em seu peito. Estava na hora de tentar um remédio um pouco mais perigoso.

A mariposa sobre o seu coração ficava mais escura a cada dia: o lacre da sentença de morte que a Fada Escura infligia a quem pronunciasse seu nome. Jacob o ouvira dos lábios da irmã dela, sussurrado entre dois beijos. Nenhum

homem jamais fora executado de forma tão carinhosa. Amor traído... O vermelho-sangue que envolvia a marca da mariposa lembrava qual era o verdadeiro crime que estava lhe custando a vida.

Na primeira fila, uma antiquária para quem Jacob tinha vendido anos antes uma garrafa de vidro élfico (ela acreditara ser de vidro da Pérsia) sorriu para ele. Naquela época, Jacob trazia muitas coisas através do espelho para pagar as despesas escolares de Will ou os médicos da mãe. Sem que seus clientes jamais suspeitassem que ele lhes vendia algo de outro mundo, claro.

Jacob lançou um olhar para o relógio e virou-se impaciente para o leiloeiro. *Vamos logo.* Tempo perdido. Ele nem mesmo sabia quanto lhe restava. Meio ano, talvez menos...

A chaleira do imperador chinês atingiu um preço ridiculamente alto, mas a garrafa, conforme o esperado, não causou sensação quando foi posta sobre a mesa do leilão. Jacob já estava certo de que seria o único a fazer um lance, quando, algumas fileiras atrás dele, outra mão se ergueu.

Seu concorrente era um homenzinho miúdo, quase como uma criança. Os anéis de diamante nos dedos curtos certamente valiam mais que todos os objetos do leilão juntos. O cabelo curto era negro como as penas de um corvo, embora o rosto fosse o de um homem velho. E o sorriso com o qual ele encarou Jacob parecia saber demais.

Que ideia, Jacob.

Ele havia trocado um punhado de táleres para o leilão. O maço de notas de dinheiro que recebera pelas moedas de ouro lhe parecera mais que suficiente. Afinal, ele próprio não ganhara muito com a garrafa. Porém, cada vez que elevava sua oferta, o desconhecido também erguia a mão, e a cada nova soma que o leiloeiro anunciava, Jacob sentia o coração bater mais rápido de raiva. Um burburinho correu pela sala quando o lance ultrapassou o preço da chaleira imperial. Outro antiquário também começou a fazer lances — e saiu da disputa quando o preço subiu ainda mais.

Desista, Jacob.

Mas e depois? Ele não sabia mais o que procurar, naquele ou no outro mundo. Involuntariamente, apertou os dedos em volta do lenço em seu bolso, mas a magia do lenço de ouro não funcionava ali, assim como a que estava presa na garrafa. *E daí, Jacob? Quando eles perceberem que você não pode pagar, já terá atravessado o espelho de volta.*

Ele ergueu a mão novamente, apesar de a soma anunciada pelo leiloeiro lhe causar náuseas. Era um preço considerável, mesmo para sua própria vida.

Ele olhou para o concorrente. Os olhos que retribuíram seu olhar eram verdes como grama recém-aparada. Ele ajeitou a gravata, sorriu novamente para Jacob — e abaixou a mão cheia de anéis.

O leiloeiro bateu o martelo, e Jacob sentia tonturas de alívio enquanto abria caminho pelas filas de cadeiras. Na primeira fila, um colecionador já oferecia dez mil dólares pelo chocalho de prata. Tesouros, dos dois lados do espelho.

A mulher no caixa suava em seu casaco preto e tinha excesso de pó sobre a pele pastosa. Jacob deu a ela seu sorriso mais gentil e lhe estendeu o maço de dinheiro.

— Creio que isto basta como pagamento, não?

Ele ainda pôs três táleres de ouro em cima das notas. Naquele mundo, as moedas também eram um meio de pagamento bem-vindo. A maioria dos antiquários o tomava por um idiota que não sabia o valor de moedas de ouro antigas e, para aqueles que perguntavam sobre a imperatriz estampada nas moedas, ele sempre tinha uma história mirabolante na ponta da língua. Mas a mulher banhada em suor lançou um olhar desconfiado para os táleres e chamou um dos leiloeiros para ajudá-la.

A garrafa estava a menos de dois passos de distância, entre os outros objetos leiloados. Mesmo de perto, o vidro não revelava nada que se escondia atrás dele. Apesar dos seguranças na porta, por um momento Jacob ficou tentado a fugir com seu butim, mas um pigarro interrompeu aquele pensamento nada sensato.

— São interessantes essas moedas, senhor... como é mesmo o seu nome?

Olhos verdes. O concorrente de Jacob mal batia em seus ombros. Ele usava um brinco com um discreto rubi na orelha esquerda.

— Reckless. Jacob Reckless.

— Ah, sim. — O desconhecido pôs a mão no bolso interno do paletó feito sob medida e sorriu para o leiloeiro. — Afiançarei o sr. Reckless — ele disse enquanto entregava seu cartão de visitas a Jacob. Sua voz era rouca e tinha um leve sotaque que Jacob não conseguiu identificar.

O leiloeiro abaixou a cabeça, reverencioso.

— Como desejar, sr. Earlking. — Ele lançou um olhar interrogativo para Jacob. — Onde devemos entregar a garrafa?

— Vou levá-la comigo.

— É claro. — Earlking sorriu. — Ela já ficou tempo demais no lugar errado, não é mesmo?

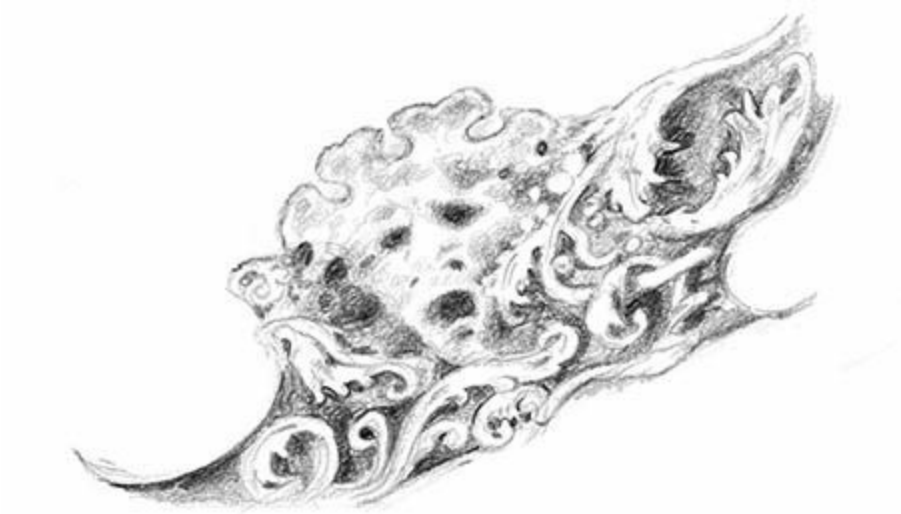
O homenzinho fez uma mesura antes que Jacob pudesse responder.

— Mande lembranças minhas ao seu irmão — ele disse. — Eu conheço ele e a sua mãe muito bem.

Então se virou e desapareceu em meio à multidão bem vestida.

Jacob olhou para o cartão em sua mão. *Norebo Johann Earlking*. Nada mais.

O leiloeiro entregou-lhe a garrafa.



3
Fantasmas

O mundo errado. O segurança examinou a garrafa no aeroporto com tanto cuidado que, se fosse atrás do espelho, Jacob acabaria encostando a pistola em seu peito uniformizado. O voo pousou com atraso em Nova York, e o táxi parou tantas vezes no trânsito do fim do dia que ele sentiu saudade de um passeio de carruagem pelas ruas sonolentas de Schwanstein. A lua se espelhava nas poças sujas em frente ao velho edifício. Do alto da parede de tijolos, sobre a entrada, espreitavam as carrancas grotescas das quais Will tinha tanto medo que costumava encolher a cabeça ao passar pela porta. Agora já estavam gastas a ponto de quase não se distinguirem das flores de pedra ao redor. Ainda assim, ao subir a escada, Jacob sentiu o olhar delas mais penetrante do que nunca, o que devia acontecer com Will também. Aqueles rostos deformados haviam adquirido um novo viés de horror desde que uma pele de pedra crescera no irmão.

O porteiro no saguão era o mesmo que costumava expulsá-los do elevador quando eles passavam muito tempo lá dentro, brincando de subir e descer sem parar. Sr. Tomkins. Ele ficara velho e gordo. Em cima do balcão, onde ele organizava a correspondência, ainda estava o pote cheio de pirulitos, usados como suborno para as crianças entregarem as cartas em seu lugar. Certa vez, Jacob convencera Will de que Tomkins era um ogro, fazendo o garoto se recusar a ir à escola durante vários dias, com medo de passar pela portaria.

O passado. Ele morava em todos os cantos do velho edifício. Atrás das colunas do saguão de entrada, onde Jacob e Will brincavam de esconde-esconde; nos porões, em cujas galerias escuras ele procurara seus primeiros tesouros (sem sucesso); ou no elevador com grades, que era declarado espaçonave ou gaiola de feiticeira, dependendo da aventura. Era estranho o quanto a perspectiva da própria morte trazia o passado de volta — como se de repente todos instantes já vividos retornassem, sussurrando: *talvez isso seja tudo que você vai conseguir, Jacob.*

A porta do elevador ainda emperrava para abrir.

Sétimo andar.

Will deixara um bilhete para ele na porta do apartamento. “Fomos ao mercado. Comida na geladeira. Bem-vindo ao lar! Will.”

Jacob pôs o bilhete no bolso do sobretudo antes de abrir a porta. Ele pagara aquelas boas-vindas com a própria vida, mas faria tudo outra vez pela sensação de ter o irmão de volta. Desde a época em que Will ia para sua cama todas as noites e acreditava que os porteiros de vez em quando comiam carne humana, eles nunca haviam estado tão próximos. O amor era terrivelmente fácil de perder.

A escuridão que esperava Jacob atrás da porta era estranha e familiar ao mesmo tempo. Will havia pintado o corredor, e o cheiro de tinta fresca se misturava aos cheiros de sua infância. Às cegas, seus dedos ainda encontravam o interruptor. A luminária era nova, assim como a cômoda ao lado da porta. As velhas fotos de família haviam desaparecido, e o papel de parede desbotado, em que mesmo depois de anos era possível distinguir o local onde ficava o retrato de seu pai, cedera lugar à tinta branca.

Jacob largou a sacola no piso gasto de madeira.

Bem-vindo ao lar.

Seria mesmo um lar depois de todos aqueles anos em que tudo que ele queria encontrar ali era o espelho? Em cima da cômoda havia um vaso com rosas amarelas. A marca de Clara. A perspectiva de voltar a vê-la o deixara um tanto nervoso antes de atravessar o espelho. Ele não tinha certeza se seu coração batia mais depressa apenas por causa das recordações ou se ainda era o efeito da água de cotovias. Mas estava tudo bem. Era bom vê-la, com Will, naquele mundo ao qual ele mesmo não pertencia mais há muito tempo. Ao que tudo indicava, ela não contara a Will sobre a água de cotovias. Mas Jacob sentia que aquela lembrança os unia, como se eles tivessem se perdido na floresta e encontrado o caminho de volta juntos.

Até então, Will havia mexido muito pouco no quarto da mãe, assim como no escritório do pai. Depois de certa hesitação, Jacob abriu a porta. Ao lado da cama, havia algumas caixas com livros de Will, e as fotos de família que antes ficavam penduradas no corredor estavam encostadas na parede, sob a janela.

O quarto ainda tinha o cheiro dela. Ela mesma havia confeccionado a colcha de retalhos. Os pedaços de tecido ficavam espalhados por todos os cantos da casa. Flores, animais, casas, barcos, lua e estrelas. O que quer que a colcha contasse sobre sua mãe, Jacob nunca conseguira decifrar. Muitas vezes os três se deitavam na cama, e ela lia histórias para eles. O avô de Jacob contava as histórias que ouvira na Europa quando criança, histórias

povoadas por bruxas e fadas, seres cujos parentes ele encontrara atrás do espelho. Já as histórias que a mãe lia eram norte-americanas. O Cavaleiro Sem Cabeça, Joãozinho Semente de Maçã, o Irmão Lobo, a Mulher Mágica e o Gigante de Sêneca. Jacob ainda não encontrara pistas deles atrás do espelho, mas tinha certeza de que também viviam ali, como os personagens dos contos de fadas do avô.

No criado-mudo da mãe havia uma foto dela com ele e Will no parque. Ela parecia muito feliz. E tão jovem. O pai de Jacob batera a foto. Provavelmente ele já sabia do espelho naquela época.

Jacob limpou o pó do vidro. Tão jovem. E tão bonita. O que seu pai tanto procurava que não pôde encontrar nela? Quantas vezes ele se perguntara isso quando criança... Ele tinha tanta certeza de que ela havia feito algo errado — e sentia tanta raiva. Raiva das fraquezas dela. Raiva porque ela não conseguia deixar de amar o marido e esperava por ele, mesmo sabendo que ele não voltaria. Ou será que ela tinha esperança de que o filho mais velho um dia o encontraria e o traria de volta para ela? Não fora isso que ele imaginara secretamente todos aqueles anos? Que um dia ele voltaria com o pai e enxugaria toda tristeza do rosto da mãe?

Atrás do espelho havia ampulhetas que paravam o tempo. Jacob fizera uma longa busca por uma delas para a imperatriz. Na Lombardia, girava um carrossel que fazia as crianças virarem adultos e os adultos voltarem a ser crianças, e em Varangia um príncipe possuía uma caixinha de música que levava quem lhe desse corda de volta ao próprio passado. Muitas vezes Jacob se perguntara se isso de fato alterava o curso dos acontecimentos, ou se as pessoas acabariam fazendo exatamente o que haviam feito da primeira vez: seu pai iria de novo para o outro lado do espelho. Ele o seguiria, e Will e sua mãe ficariam sozinhos, para trás.

Céus, Jacob! A perspectiva da própria morte o deixava sentimental.

Era como se nos últimos meses seu coração tivesse sido fundido e refundido diversas vezes, como um pedaço de metal que simplesmente não queria tomar a forma correta. Se a garrafa também se revelasse inútil como a maçã e o poço, o esforço teria sido em vão, e logo ele se resumiria a apenas uma foto numa moldura de prata empoeirada, como sua mãe. Jacob pôs a foto de volta no criado-mudo e alisou a colcha, como se sua mãe pudesse entrar no quarto a qualquer instante.

Alguém abriu a porta do apartamento.

— Jacob já chegou, Will. — A voz de Clara soou quase tão familiar

quanto a de seu irmão. — A mochila dele está aqui.

— Jake? — Na voz de Will não havia resquícios da pedra que tingira sua pele. — Cadê você?

Jacob ouviu o irmão chegar pelo corredor e, por um instante fugaz, ele se viu num outro corredor, com o rosto de Will atrás dele, desfigurado pelo ódio. *Já passou, Jacob*. Não, nunca acabaria totalmente, e era melhor assim. Ele não queria esquecer o quão facilmente poderia perder Will.

E ali estava ele na porta, sem ouro nos olhos, a pele macia como a sua, apenas bem mais clara. Afinal, Will não havia cavalgado durante semanas por um maldito deserto como ele.

Will o abraçou quase tão forte quanto antigamente, quando Jacob o salvava de algum valentão do quarto ano no pátio da escola. Sim, valera o preço, contanto que o irmão nada soubesse sobre o montante pago.

As recordações de Will do tempo que passara atrás do espelho eram como fragmentos que ele tentava, em vão, interligar. Afinal, ninguém gostaria de viver com a sensação de praticamente não se lembrar de semanas tão decisivas da vida. Quando Will descrevia rostos ou lugares para Clara e para ele, Jacob se dava conta de quantas coisas seu irmão vivera sozinho atrás do espelho. Era quase como se Will tivesse uma segunda sombra, que o seguia como um estranho — e de vez em quando o assustava.

Jacob mal podia esperar para voltar, mas Clara pediu que ele ficasse para o jantar, e quem poderia dizer se ele e Will ainda voltariam a se ver? Então ele se sentou à mesa da cozinha, onde quando criança havia riscado suas iniciais com seu primeiro canivete, e tentou parecer o mais despreocupado possível. Mas, pelo jeito, ele perdera também o talento para fazer o irmão acreditar nas histórias que inventava. Diversas vezes Jacob percebeu o olhar preocupado do irmão, quando justificou sua ida a Chicago com uma história sobre um industrial de Schwanstein e sua paixão por gênios engarrafados.

Com Fux, ele nem ao menos tentara explicar. Durante a interminável busca dos dois pelas coisas erradas, muitas vezes ele esteve prestes a lhe contar a verdade, mas, em todas elas, a ideia de ver o próprio medo refletido no rosto dela o impedira. Ele amava Will, mas sempre seria, antes de qualquer outra coisa, seu irmão mais velho. Com Fux, ele podia ser simplesmente ele mesmo. Ela via tão bem o que ele tentava esconder dos outros — ainda que isso nem sempre o agradasse e os dois raramente dissessem abertamente o que sabiam um do outro.

— Você conhece um tal de Norebo Earlking, Will?

O irmão franziu a testa.

— Um cara bem baixinho? Com um sotaque estranho?

— Ele mesmo.

— A mamãe vendeu algumas coisas do vovô para ele quando estava precisando de dinheiro. Acho que ele é dono de alguns antiquários, aqui e na Europa. Por quê?

— Ele me pediu para mandar lembranças.

— Para mim? — Will ergueu os ombros. — A mamãe não vendeu tudo que ele queria. Talvez ele esteja querendo tentar a sorte com nós dois. É um sujeito meio excêntrico. Eu nunca soube direito se a mamãe gostava dele.

Will acariciou o próprio braço. Ele passava a mão na pele com frequência, como se quisesse se certificar de que o jade realmente havia desaparecido. Clara também notara o gesto. Fantasmas... Will se levantou e se serviu de uma taça de vinho.

— O que devo responder se ele me fizer uma oferta? O porão está cheio de tralhas. Parece até que nossa família nunca jogou nada fora desde que este prédio foi construído. Quase não tem lugar para os quadros que tiramos das paredes. Mas Clara precisa de um escritório e... — Will não completou a frase, como se os fantasmas dos pais os espiassem dos cômodos vazios que haviam habitado.

Jacob passou os dedos nas iniciais que gravara no tampo da mesa. Ele havia comprado o canivete escondido.

— Venda o que você quiser — ele disse. — Pode desocupar tudo. Se vocês quiserem, podem usar o meu quarto também. Posso dormir no sofá; venho muito pouco mesmo.

— De jeito nenhum. Seu quarto fica como está. — Will lhe estendeu uma taça de vinho. — Quando você volta para lá?

— Hoje mesmo. — Já não era mais tão fácil como antigamente ignorar a decepção no rosto do irmão. Ele sentiria falta de Will.

— Está tudo bem? — Will olhou para ele, preocupado. Com certeza, enganá-lo não era mais tão fácil como antigamente.

— Claro. Só é um pouco cansativo viver entre dois mundos. — Jacob tentou fazer sua frase soar como uma brincadeira, mas o rosto de Will permaneceu sério. Ele se parecia tanto com sua mãe. Will até franzia a testa do mesmo jeito que ela.

— Você deveria ficar aqui. É muito perigoso!

Jacob abaixou a cabeça para que Will não visse seu sorriso. *Só ficou realmente perigoso por sua causa, irmãozinho.*

— Logo estarei de volta — ele disse. — Prometo.

Sim, ele ainda mentia bem. As chances de que o morador da garrafa não o salvasse, e sim o matasse, eram de mil para um. *Mil para um contra você, Jacob*. Ele já havia ganhado apostas mais altas.



4
Um remédio perigoso

De volta. Por um momento, a chuva que o vento soprou no rosto de Jacob quando ele saiu da torre pareceu a mesma que escorria na janela do quarto de sua mãe. Seus olhos procuraram a silhueta de uma raposa entre os muros desmoronados, mas somente um gnomo passou a seus pés, magro e faminto, como eles costumavam ficar no fim do inverno. Onde ela estava?

Era raro Fux não esperar por ele. Na maior parte das vezes ela pressentia sua volta com dias de antecedência. Ele logo pensou em armadilhas ou na espingarda de algum camponês protegendo suas galinhas. *Besteira, Jacob.* Ela sabia se cuidar melhor do que ele. De qualquer forma, ele não a queria por perto quando abrisse a garrafa.

Depois do barulho constante do outro mundo, o silêncio ao redor dele pareceu ainda mais irreal que o gnomo e, como sempre, seus olhos precisaram de alguns segundos para se ajustar à escuridão da noite. No mar de luzes do outro mundo, esquecia-se muito rápido como a noite era escura. Jacob olhou ao redor. Ele precisava de um lugar que impedisse o morador da garrafa de crescer até as nuvens. Além disso, não podia correr o risco de danificar a torre ou o espelho.

A velha capela.

Assim como a torre, ela fora poupada do fogo que destruíra o castelo, e ficava logo atrás do jardim abandonado que se estendia pela colina. Jacob teve que abrir caminho com o sabre. Escadas cobertas de musgo, estátuas carcomidas, fontes em cujas piscinas de mármore flutuavam folhas apodrecidas do inverno. Na frente da capela, alguns túmulos despontavam da grama alta: Arnold Fischbein, Luise Moor, Käthchen Grimm. As lápides dos funcionários do palácio haviam sobrevivido ao fogo, mas o mausoléu dos donos do castelo havia sido reduzido a um círculo de pedras carbonizadas.

A madeira das portas estava tão deformada que Jacob quase não conseguiu abri-las. O interior da capela fornecia uma visão desoladora. Os vitrais coloridos estavam quebrados e os bancos de madeira já haviam desaparecido para servir de aquecimento a alguns casebres, mas o teto ainda estava intacto — e o pé-direito tinha pouco menos de quatro metros. Devia ser suficiente.

Quando Jacob tirou a capa de couro da garrafa, um polegar espiou preocupado pela borda da pia batismal vazia. O vidro marrom estava tão frio

que quase queimou os dedos. O morador não vinha do sul, onde era possível encontrar gênios engarrafados em qualquer mercado do deserto. O remédio de que Jacob precisava era fornecido apenas pelos gênios nórdicos. Eles eram muito mais raros e extremamente perversos — razão pela qual os homens que os caçavam tinham mais cicatrizes do que Chanute. O gênio que Jacob planejava libertar havia ferido tão gravemente o seu último caçador que o homem sobrevivera só por algumas horas após capturá-lo. O próprio Jacob o enterrara.

Ele enxotou o polegar da capela antes que sua curiosidade o matasse, e fechou as portas.

"São todos assassinos, Jacob, nunca se esqueça disso!", Chanute o advertira mais de uma vez sobre os gênios nórdicos. "Eles foram trancafiados porque gostam de matar, e sabem que, como castigo, terão que servir pelo resto da sua existência imortal a qualquer imbecil que por acaso se apossar da garrafa. O único pensamento que os move é como podem matar o seu amo para tomar a garrafa nas próprias mãos."

Jacob andou até o centro da capela.

O padrão gravado no vidro da garrafa era o que mantinha o gênio preso. Jacob o copiou na palma da mão antes de pegar a faca. Só havia uma coisa mais difícil do que aprisionar um gênio daqueles: libertá-lo e permanecer ileso. Mas o que ele tinha a perder?

O lacre que vedava o gargalo da garrafa provinha do juiz que condenara o gênio à prisão perpétua atrás do vidro marrom. Jacob removeu a cera da abertura com a faca. Então pôs a garrafa no chão de ladrilhos e rapidamente se afastou.

A fumaça que subiu do gargalo era cinza-prateada, como as escamas de um peixe. Ela formou dedos, um braço, um ombro. Os dedos tatearam o ar frio e juntaram-se num punho fechado, e do ombro subiu um pescoço, franzido como o de um lagarto.

Cuidado, Jacob!

Ele se esquivou da fumaça que continuava a sair da garrafa. Acima dele, formou-se um crânio com uma testa baixa e cabelos encaracolados que iam até os ombros. Então uma boca se abriu na carne prateada. O gemido que dela saiu fez as paredes da capela vibrarem como os flancos de um animal assustado. As janelas quebradas explodiram, e Jacob respirou a poeira de vidro pulverizado. Uma chuva de cacos coloridos caiu sobre ele quando o gênio abriu os olhos lá em cima. Eram olhos brancos como os de um cego,

com as pupilas pretas flutuando no meio, como buracos de tiros. Quando seu olhar furtivo encontrou Jacob, ele já segurava novamente a garrafa, os dedos apertados firmes em volta do gargalo.

O corpo gigantesco curvou-se como um gato antes do pulo.

— Vejam só... — A voz do gênio soou rouca, como se em sua prisão de vidro ele tivesse desaprendido a falar. — Quem é você? Onde está o outro que me prendeu?

Ele se inclinou sobre Jacob.

— Ele está morto? Lembro que quebrei as costelas dele. Mas isso não é nada em comparação ao que vou fazer com o juiz. Fiquei imaginando todos esses anos. Vou lhe arrancar os membros como as pétalas de uma flor, palitar os dentes com seus ossos, assoar o nariz em sua pele...

A capela se encheu com sua fúria rouca, e o desenho na palma da mão de Jacob cobriu-se de cristais de gelo.

— Pare de contar vantagem! — Jacob exclamou. — Você não vai fazer nada disso. Você vai me servir até quando eu quiser, ou o mandarei para uma dessas prisões em que gênios como você ficam empilhados feito garrafas de vinho.

O gênio da garrafa tirou o cabelo desgrenhado da testa. Os fios eram de vidro flexível e valiam uma fortuna em qualquer país atrás do espelho.

— Isso não foi muito respeitoso! — ele sussurrou. O rosto estava cheio de cicatrizes e a orelha esquerda, rasgada. Em seu país gelado, os gênios muitas vezes eram utilizados na guerra.

— Muito bem. Quais são os desejos do meu novo mestre? — ele ronronou. — O de sempre? Ouro? Poder? Inimigos esmagados como moscas a seus pés?

O vidro da garrafa era tão frio que Jacob estava perdendo a sensibilidade da mão. *Segure firme, Jacob.*

— Me dê a garrafa! — O gênio curvou-se tanto que seus cabelos de vidro roçaram os ombros de Jacob. — Me dê a garrafa e eu lhe darei o que quiser. Mas, se ficar com ela, vou aguardar dia e noite a oportunidade de matá-lo. Faz muito tempo que não vejo nada além de vidro marrom, e os seus gritos espantarão o silêncio que ainda ensurdece meus ouvidos. — Aquela ideia fez surgir um sorriso de deleite no rosto astuto do gênio. Os gênios de garrafa gostavam de falar quase tanto quanto de matar.

— Pode ficar com a garrafa! — exclamou Jacob. O odor de enxofre que emanava da pele cinzenta do gênio era tão forte que Jacob quase vomitou. —

Por uma gota do seu sangue.

O gênio mostrou os dentes, tão cinzentos quanto seu corpo.

— Meu sangue? — Seu sorriso era indisfarçadamente malévolo. — O que o está matando? Um veneno? Uma doença? Ou uma maldição?

— Isso não interessa — retrucou Jacob. — Estamos de acordo ou não?

O sorriso do gênio tornou-se assassino. Geralmente, os gênios como aquele logo tentavam abocanhar a cabeça de quem lhes dava a garrafa. Jacob sabia de dois caçadores de tesouros que haviam tido esse fim. Gênios engarrafados possuíam dentes fortes. *Você precisa ser rápido, Jacob. Muito rápido.*

O gênio estendeu a mão.

— Estamos de acordo. — Até mesmo seu dedo mínimo era mais longo do que um braço humano.

Jacob apertou bem o punho em volta da garrafa, embora o vidro lhe queimasse a pele.

— Não, não. Primeiro o sangue.

O gênio arreganhou os dentes e curvou-se sobre Jacob com uma expressão sarcástica.

— Por que não vem buscar?

Jacob já esperava por isso.

Segurou um dos fios do cabelo de vidro e subiu. O gênio tentou agarrá-lo, mas, antes que sua mão o encontrasse, Jacob enfiou a garrafa bem fundo no nariz dele. O gênio gritou e tentou tirá-la com os dedos grosseiros. *Agora, Jacob.* Ele pulou nos ombros do gênio e com a faca fez um corte na orelha rasgada. Um sangue negro começou a jorrar. Jacob esfregou na pele, enquanto o gênio tentava tirar a garrafa do nariz. Seus gemidos ofegantes faziam cristais de gelo dançar pelo ar. Jacob pulou de seu ombro e quase quebrou as pernas ao pousar nos ladrilhos cobertos de flocos de gelo. *Levante-se, Jacob.* Acima dele, o telhado da capela veio abaixo quando o gênio furioso bateu ali com as costas dentadas. Jacob deslizou até a porta.

Corra, Jacob.

Ele correu em direção aos pinheiros que cresciam atrás da capela, mas, antes que pudesse encontrar proteção sob seus galhos, foi agarrado por dedos gelados que o ergueram no ar. Jacob sentiu uma de suas costelas sendo quebrada. Remédio perigoso.

— Tire a garrafa!

Jacob gritou de dor quando o gênio apertou mais forte. Os dedos gigantescos o içaram até que ele pudesse alcançar com a mão a imensa

narina.

— Se a deixar cair — o gênio sussurrou —, ainda terei tempo de lhe quebrar os ossos!

Provavelmente sim. Mas ele o mataria mesmo que Jacob lhe desse a garrafa. *Nada a perder*. Os dedos de Jacob encontraram o gargalo da garrafa e se fecharam em torno do vidro frio.

— Tiiire-a... já! — A voz do gênio envolveu-o numa gélida fúria assassina.

Jacob não tinha pressa. Afinal, aqueles podiam ser os últimos momentos de sua vida. No alto da colina, ele viu a torre da ruína despontar no céu ainda escuro e, atrás dele, uma doninha comia os brotos frescos de uma árvore. A primavera estava chegando. *Vida ou morte, Jacob.* Mais uma vez.

Ele puxou a garrafa da narina do gênio e a arremessou com toda força contra a cumeeira da capela.

O grito de cólera do gênio paralisou a doninha. Os dedos cinzentos se fecharam tão firmes em volta do corpo de Jacob que ele pensou ouvir todos os seus ossos se quebrarem. Mas sua dor foi transpassada pelo tilintar do vidro partindo. Os dedos gigantescos cederam, e Jacob caiu.

De muito alto.

O baque o deixou sem ar, mas acima ele pôde ver o corpo do gênio explodir como se estivesse recheado de dinamite. A carne cinzenta desfez-se em mil pedaços. Algo parecido com uma neve suja chovia sobre Jacob, e ele ficou ali estendido, lambendo o sangue negro dos lábios. O gosto era doce e ardia na língua.

Ele conseguira o que queria.

E ainda estava vivo.



5
Alma

Já havia muitos anos que não existiam mais consultórios de feiticeiras nas ruas iluminadas de Schwanstein. As feiticeiras representavam o passado, e os habitantes da cidade acreditavam no futuro. Eles preferiam consultar os médicos que vinham de Vena em vez de se submeter a feitiços e ervas de gosto amargo. Só quando a medicina moderna não podia ajudá-los é que tomavam o caminho de uma aldeia a leste da colina do castelo.

A casa de Alma Spitzweg ficava ao lado do cemitério, muito embora ela costumasse impedir que seus pacientes fossem parar ali prematuramente. Para todos os efeitos, ela possuía um consultório médico como qualquer outro. Alma era capaz de consertar ossos quebrados como os doutores da cidade. Às vezes, receitava as mesmas pílulas que eles, mas medicava vacas e gnomos com o mesmo cuidado que tinha com os pacientes humanos, usava vestidos que mudavam de cor conforme o tempo e tinha pupilas estreitas como as de seu gato.

O consultório de Alma ainda estava fechado quando Jacob bateu na porta dos fundos. Demorou um bom tempo até ela abrir. Dava para ver que ela tivera uma noite cansativa, mas seu rosto se alegrou quando o viu. Naquele início de manhã, sua aparência correspondia exatamente à imagem que Jacob tinha de uma feiticeira quando criança, mas ele já vira Alma com muitos rostos e em muitas formas.

— Você teria sido útil esta noite — ela disse, enquanto seu gato ronronava dando boas-vindas a Jacob. — O stilz que mora lá em cima na ruína tentou roubar uma criança. Será que você não poderia expulsá-lo de vez?

O stilz... o primeiro ser que ele encontrara atrás do espelho. Jacob ainda tinha a cicatriz na mão causada por seus dentes amarelos. Ele tentara capturá-lo dezenas de vezes, mas os stilzes eram muito astutos e mestres em brincar de esconde-esconde.

— Vou tentar. Prometo. — Jacob segurou o gato ronronante no braço e seguiu-a até a sala de aparência austera onde a velha e a nova medicina eram praticadas. Quando ele tirou o sobretudo, Alma sacudiu a cabeça com um ar cansado ao ver o sangue negro em sua camisa.

— O que foi isso agora? — ela perguntou. — Será que você nunca vai vir me procurar só com uma gripe ou uma dor de barriga? Vou me arrepender até

o último dia da minha vida por não ter impedido quando você quis ser aprendiz de Albert Chanute.

Alma nunca gostara do velho caçador de tesouros. Quantas vezes Jacob não se arrastara até ela depois de levar uma surra de Chanute? Além disso, como toda feiticeira, ela era contra a caça de tesouros. Jacob a encontrara pela primeira vez na ruína. Alma tinha fé nas ervas que cresciam lá. "Amaldiçoada? Metade do mundo é amaldiçoado", era o comentário dela a respeito das histórias sobre a ruína. "E as maldições evaporam mais depressa que mau cheiro. O que tem lá em cima são só pedras chamuscadas, nada mais."

Ela nunca perguntara o que um garoto de doze anos fazia sozinho e desamparado entre os muros de um castelo incendiado. Alma não fazia tais perguntas, talvez porque de alguma maneira já soubesse as respostas. Ela levara Jacob consigo para casa, dera-lhe roupas que não provocavam olhares curiosos e o advertira sobre os polegares e os corvos-dourados. Nos seus primeiros anos atrás do espelho, ele sempre pudera contar com uma refeição quente ou um lugar para dormir na casa dela. Alma o medicara quando ele fora mordido por um lobo pela primeira vez, imobilizara seu braço quebrado quando ele havia tentado montar num cavalo enfeitiçado e lhe explicara de quais moradores daquele mundo era melhor manter distância.

Ela limpou um pouco do sangue negro da pele de Jacob e cheirou.

— Sangue de gênio nórdico. — Alma olhou para ele preocupada. — Por que você precisa disso?

Ela pôs a mão no coração de Jacob. Então abriu sua camisa e passou os dedos na marca da mariposa.

— Seu idiota! — Ela bateu com o punho magro no peito de Jacob. — Você voltou para a fada! Não avisei para ficar longe dela?

— Eu precisava da ajuda dela!

— E daí? Por que não me procurou? — Ela abriu o armário onde guardava os instrumentos de sua medicina menos moderna.

— Era uma maldição de fada! Você não poderia me ajudar. — Nenhuma feiticeira poderia fazer qualquer coisa contra a magia das fadas. — Foi pelo meu irmão — ele acrescentou.

— E esse irmão merece que você sacrifique a própria vida?

— Merece.

Por um momento, Alma o fitou em silêncio. Então, pegou uma faca do armário e cortou uma mecha do cabelo de Jacob, a qual pegou fogo assim que

ela começou a esfregar entre os dedos. As bruxas eram capazes de atear fogo à maioria das coisas usando somente as mãos.

Alma olhou para as cinzas que ficaram em seus dedos — e depois para Jacob. Seus dedos estavam brancos como a neve. Ela não precisou explicar a ele o que aquilo significava. Ele já se livrara de um feitiço uma vez. Na ocasião, quando Alma fizera a prova para saber se a maldição havia se quebrado, as cinzas nas pontas de seus dedos ficaram pretas.

O sangue do gênio da garrafa não surtira efeito.

Ele abotoou a camisa. *Você é um homem morto, Jacob.*

Será que a Fada Vermelha o observara durante todos aqueles meses, conforme suas esperanças — uma após a outra — se mostraram ilusórias? Será que ela o observava naquele momento? As fadas possuíam muitos meios para ver o que queriam. Provavelmente, ela aguardava a morte dele desde que sussurrara o nome da irmã em seu ouvido. *Não, Jacob. Desde que você a deixou.*

— Quanto tempo ainda? — ele perguntou.

A compaixão no olhar de Alma era pior que a sua raiva.

— Dois, três meses, talvez menos. Como ela o enfeitiçou?

— Ela me fez pronunciar o nome da sua irmã escura.

O gato de Alma enroscou-se nas pernas dele, como se quisesse consolá-lo. Ninguém diria que ele era capaz de se tornar realmente perigoso quando não gostava de algum visitante.

— Pensei que você soubesse mais sobre as fadas do que eu. Esqueceu todo o mistério que elas fazem em torno do nome? — Alma andou até o armário-farmácia, cujas gavetas estavam cheias com tudo que o Mundo do Espelho tinha a oferecer para a cura de seus males.

— O da Fada Vermelha eu pronunciei inúmeras vezes.

— E daí? Com a Escura, muitas coisas são diferentes. — A raiz que Alma tirou de uma das gavetas lembrava uma aranha pálida com as pernas encolhidas junto ao corpo. — Ela é mais poderosa do que as outras, mas não vive protegida na ilha como as irmãs. Isso a torna vulnerável. Ela não pode permitir que alguém saiba seu nome. Provavelmente ela não o revelou nem mesmo para o amante! — Alma triturou as raízes num almofariz e pôs o pó num saquinho. — Há quanto tempo a mariposa está no seu peito?

Jacob pôs a mão sob a camisa. Quase não dava para sentir a marca.

— A Vermelha salvou a minha vida primeiro.

O sorriso de Alma estava amargo.

— Provavelmente ela só se deu esse trabalho para que você morresse conforme os planos dela. As fadas adoram brincar com a vida e a morte... E não tenho dúvidas de que a vingança teve um sabor ainda mais doce por ela ter usado a irmã mais poderosa como colaboradora involuntária. — Ela estendeu para Jacob o saquinho com a raiz triturada. — Pegue. É tudo que posso fazer. Tome uma pitada quando a dor vier, pois ela virá.

Ela encheu uma bacia com água fria que buscara no poço atrás da casa, e Jacob lavou o sangue do gênio do corpo antes que lhe corroesse a pele. A água ficou cinzenta como a pele do gênio.

Em seu último aniversário ele preenchera uma folha de papel com a lista dos tesouros que ainda queria encontrar na vida. Havia sido seu aniversário de vinte e cinco anos. *Mais velho do que isso você não vai ficar, Jacob.*

Vinte e cinco.

A toalha que Alma lhe deu tinha cheiro de menta.

Ele não queria morrer. Ele amava a vida que levava. Ele não queria outra, somente mais da mesma.

— Você pode me dizer o que vai acontecer?

Alma abriu a janela para jogar a água fora. O dia estava clareando.

— A Escura vai usar a marca da irmã para conseguir o nome de volta. Essa mariposa no seu coração vai despertar para a vida. Não será agradável. Quando ela se soltar da sua carne e sair voando, você estará morto. Talvez restem alguns minutos, talvez uma hora... Mas não haverá salvação. — Ela se virou bruscamente. Alma detestava quando alguém a via chorar. — Eu gostaria de poder fazer alguma coisa — ela disse baixinho —, mas as fadas são mais poderosas do que eu. Por serem imortais.

O gato olhou para ele. Jacob lhe acariciou o pelo preto. Sete vidas. Ele sempre acreditara também possuir pelo menos o mesmo tanto.



6
E agora?

No cemitério atrás da casa de Alma, boa parte das sepulturas provinha do tempo em que muitos trolls, fugindo do inverno frio de suas terras, haviam imigrado para a Austrásia. Suas capacidades mágicas no trato com a madeira renderam fortunas à maioria deles, razão pela qual muitas vezes suas lápides eram revestidas de ouro. Jacob não sabia há quanto tempo estava ali, com o olhar fixo nos entalhes artísticos que descreviam os feitos de algum troll morto. Ao seu redor, passavam homens, mulheres e crianças a caminho do trabalho. Carroças avançavam aos solavancos pela rua mal pavimentada diante do cemitério. Um cão latiu atrás de um trapeiro que fazia sua coleta pelas casas simples. E Jacob simplesmente ficou ali, olhando para os túmulos, ainda sem conseguir pensar.

Jacob estivera tão certo de que encontraria um meio de se salvar. Afinal, não havia nada que ele não fosse capaz de encontrar. Essa convicção o acompanhava desde que fora aprendiz de Chanute. O melhor caçador de tesouros de todos os tempos... Desde os treze anos de idade, ele não tivera outro objetivo — e nenhum outro modo de se referir a si mesmo. Mas, pelo jeito, ele só era capaz de encontrar coisas que os outros desejavam. Que importância teria para ele um sapatinho de cristal que trazia o amor eterno, um porrete que matava de pancada qualquer inimigo, uma gansa que punha ovos de ouro ou uma concha que permitia escutar os inimigos? Ele queria ser o homem que encontrara esses objetos mágicos, nada mais. E ele havia achado todos eles. Mas assim que se punha a procurar algo para si mesmo, a busca era em vão. Fora assim com seu pai, e estava sendo assim com a magia capaz de salvar sua vida.

Que azar, Jacob.

Ele virou de costas para as lápides com seus entalhes dourados. A maioria mostrava cenas de pancadarias em tavernas ou concursos de bebedeira — raramente eram honrosos os feitos dos quais os trolls se orgulhavam —, mas algumas descreviam o que o morto sabia fazer com a madeira: marionetes vivas, mesas que cantavam, colheres que cuidavam sozinhas da panela. *O que a sua lápide dirá sobre você, Jacob?* Jacob Reckless, nascido num outro mundo, morto pela maldição de uma fada... Ele se abaixou e endireitou uma lápide pequenina, sob a qual estava enterrado um gnomo.

Basta de autopiedade.

Seu irmão tivera a pele de volta.

Por um momento ele desejou tão intensamente que Will nunca tivesse atravessado o espelho que sentiu náuseas. *Procure uma ampulheta, Jacob. Faça o tempo voltar atrás e não vá procurar a fada. Ou destrua o espelho antes que Will vá atrás de você.*

Uma mulher abriu o portão enferrujado e entrou no cemitério. Ela depositou alguns galhos floridos num túmulo. Talvez ele tenha pensado em Fux ao vê-la porque ela faria o mesmo. Mas talvez Fux preferisse colocar um buquê de flores silvestres sobre o túmulo. Violetas ou prímulas. Eram as flores favoritas dela.

Ele se virou e andou em direção ao portão.

Não. Ele não procuraria a ampulheta. Mesmo que ela fizesse o tempo voltar, tudo aconteceria de novo exatamente da mesma maneira. E houvera um final feliz. Para seu irmão, pelo menos.

Jacob abriu o portão e olhou para a colina onde a torre da ruína despontava no céu matutino. Ele deveria voltar e contar a Will?

Não. Ainda não.

Antes ele precisava encontrar Fux.

Mais do que a qualquer outra pessoa, era a ela que ele devia a verdade.



7

Em vão

A Fada Escura recuou. Jacob Reckless. Ela não queria mais ver o rosto dele. Todo aquele medo, a dor... Ela sentia a morte que o nome dela trouxera para ele como uma ferida na pele branca.

A vingança não era dela. Embora o lago em que ela via o medo de Jacob fosse o mesmo lago onde ele transformara sua pele em casca de árvore.

Sua irmã, a Fada Vermelha, com certeza via as mesmas imagens, no lago que engendrara as duas. O que ela esperava com a morte dele? Que aliviasse a dor da traição ou curasse o orgulho ferido? Sua irmã vermelha não sabia muito sobre o amor.

O lago ficou escuro como o céu que se espelhava nele, e sobre as ondas agora apenas seu próprio reflexo tremulava. A água o deformava, como se desmanchasse sua beleza. E daí? Kami'en não olhava mais para ela mesmo. Ele só tinha olhos para a barriga inchada de sua mulher humana.

Os ruídos da cidade penetravam no jardim noturno.

A Fada Escura se virou. Ela não queria mais ver — nem a si mesma, nem ao amante infiel da irmã. Às vezes ela desejava de volta as folhas e o tronco que ele havia lhe dado.

Ele nem mesmo era parecido com o irmão.

A mariposa que pousou em seu ombro parecia um retalho de noite em sua pele branca. Mas mesmo a noite agora pertencia à outra. Kami'en dormia cada vez mais frequentemente nos aposentos de sua princesa com cara de boneca.

O que a irmã queria causando tanto medo e tanta dor? Isso não traria o amor de volta.



8
Chanute

Na estrada que levava a Schwanstein, os operários já se apinhavam diante dos portões da tecelagem. As sirenes chamavam para o primeiro turno, competindo com os sinos da igreja pela manhã que se iniciava. Jacob quase não conseguiu acalmar o velho cavalo que Alma lhe emprestara. A égua ergueu as orelhas, preocupada, como se os dragões estivessem de volta; mas o que ela ouvia eram apenas os novos tempos. O apito das sirenes. O tique-taque dos relógios. As máquinas queriam se pôr em movimento, e se moviam depressa.

Muitos dos homens que tiritavam de frio à espera da abertura dos portões seguiram Jacob com os olhos. O caçador de tesouros, sempre com ouro no bolso, que ia e vinha a seu bel-prazer, e não conhecia o trabalho pesado nem a monotonia que amargavam a vida dos operários. Em qualquer outro dia, ele entenderia a inveja em seus rostos cansados, mas naquela manhã Jacob teria trocado de lugar com qualquer um deles, mesmo que isso significasse catorze horas de trabalho a dois vinténs de cobre por hora. Qualquer vida era melhor que a morte, não era?

A manhã estava absurdamente bela. As árvores cheias de brotos, a paisagem verdejante... até mesmo o pelo do velho cavalo parecia cheirar a primavera. Que pena. Talvez morrer no inverno fosse menos difícil, mas Jacob duvidava que lhe restasse tanto tempo.

À beira da estrada, um garoto dormia, a trouxa suja apertada contra o peito para que os polegares não lhe roubassem o pouco que possuía. Jacob não era muito mais velho quando fora a Schwanstein pela primeira vez — apenas um pouco mais bem nutrido, graças a Alma.

Em sua primeira impressão, as fachadas pontiagudas das casas pareciam ter saído de um dos livros de histórias amarelados do avô, e a fuligem de carvão no ar tinha um cheiro muito mais aventuresco que a poluição do outro mundo. Tudo exalava aventura: desde os arreios de couro das carruagens até o esterco dos cavalos nas pedras sujas do calçamento e os despojos das batalhas, que alguns gnomos famintos escarafunchavam. Alguns meses depois ele encontrara Albert Chanute e perdera definitivamente o coração para o mundo atrás do espelho.

As janelas da taberna Ao Ogro Voraz ainda estavam fechadas quando Jacob amarrou o cavalo de Alma diante da porta. Somente seu quarto estava aberto, como ele havia deixado.

Muitas vezes, quando ele viajava, Fux dormia lá. Durante todo o caminho ele tentara escolher as palavras que diria a ela. Mas não encontrou nenhuma fórmula que soasse bem.

Atrás do balcão, o novo cozinheiro de Chanute lavava os copos sujos da noite anterior. Chanute contratara o ex-soldado depois de muitos fregueses reclamarem da comida que ele próprio fazia. Tobias Wenzel perdera a perna esquerda numa batalha contra os goyls e bebia demais, mas era um excelente cozinheiro.

— Ele está lá em cima — ele disse quando Jacob se aproximou. — Mas tome cuidado: ele está com dor de dente e os goyls aumentaram os impostos.

Já havia mais de seis meses que os goyls governavam a Austrásia, mas ninguém em Schwanstein fazia ideia de que os irmãos Reckless tinham certa culpa por isso. De qualquer forma, provavelmente isso não interessaria a muita gente. Os homens haviam voltado da guerra (caso tivessem sobrevivido), os goyls construíam novas fábricas e estradas — o que era bom para o comércio —, e até mesmo o prefeito continuava o mesmo. Na capital, havia ataques com bombas e uma resistência organizada, mas a maior parte do país havia se arranjado com os novos dominadores e, no trono da imperatriz, era a filha dela quem se sentava, grávida do marido de pedra.

Chanute apenas latiu um mal-humorado “Quê?” quando Jacob bateu na porta. O cômodo onde ele morava estava ainda mais atulhado com recordações de seus dias de caçador de tesouros do que a taberna lá embaixo.

— Olha só quem está aí — ele resmungou e pôs a mão na bochecha inchada. — Pensei que desta vez você realmente não voltaria.

Dor de dente. Não era algo que alguém quisesse ter atrás do espelho. Uma vez, Jacob tivera que extrair um dente inflamado em Vena. Lutar contra um ogro carnívoro exigia menos coragem.

— E então? — Chanute o mediu com os olhos semicerrados. — Achou a garrafa?

— Achei.

— Está vendo? Eu disse que não seria um problema.

Chanute limpou a pena na mão de madeira e olhou para a folha de papel que estava na sua frente. Ele tinha começado a escrever suas memórias depois que um freguês bêbado pusera na cabeça dele que poderia ganhar uma

fortuna com elas.

— Encontrei a garrafa, sim... — Jacob se aproximou da janela — ... mas o sangue não funcionou.

Chanute pôs a pena de lado. Ele se esforçava para não parecer preocupado, mas nunca fora um bom ator.

— Mas que diabos — ele murmurou. — Bem, fazer o quê... Você vai ter alguma outra ideia. Que tal a maçã? A maçã que dá no pomar encantado do sultão, você sabe.

Jacob já tinha a resposta nos lábios, mas o velho parecia tão consternado que ele a engoliu. Talvez o próprio Chanute resolvesse montar num cavalo e sair à procura de um remédio se ele lhe contasse a verdade. Chanute envelhecera. Era cada vez mais raro ele usar a prótese do braço, pois as dores que ela lhe causava estavam aumentando, e os ouvidos andavam tão ruins que por diversas vezes ele quase fora atropelado pelas carruagens na praça do mercado. Não. Jacob ainda sentia na pele a mão áspera de tantas surras que o velho lhe dera, mas tudo que conseguira naquele mundo fora graças a Albert Chanute e ao que o velho caçador de tesouros lhe ensinara. Ele lhe devia uma mentira.

— Claro — ele disse. — A maçã. Como pude esquecer?

Chanute esboçou em seu feio rosto um sorriso de alívio.

— Está vendo? Você vai conseguir. E, em caso extremo, ainda tem a fonte.

Jacob virou-se de costas para que Chanute não acabasse lendo a verdade em seu rosto.

— Mas que diabos! Preferia que o ogro tivesse arrancado a minha cabeça em vez do braço. — Chanute pôs novamente a mão na bochecha dolorida. — Você ainda tem pastinaca? — Aquela erva aliviava qualquer dor, mas deixava a pessoa com a sensação de estar no meio de um enxame de fogos-fátuos durante dias. Jacob tirou da mochila a lata que usava como farmácia de viagem: pastinaca, erva para febre, um unguento que Alma preparara para ele, iodo, aspirinas e alguns antibióticos do outro mundo. Ele apanhou uma das raízes da lata e entregou para Chanute. Parecia uma lagarta seca e tinha um gosto horrível.

— Onde está Fux? Ela está aqui?

Já fazia algum tempo que ela sentia que algo estava errado, mas enquanto ele ainda tinha esperança fora mais fácil convencer a si mesmo de que era melhor ela não saber a verdade. Ele mal podia esperar para vê-la.

Mas Chanute sacudiu a cabeça, enquanto punha a raiz em sua boca

desfigurada pela dor.

— Não — ele grunhiu. — Ela partiu já faz algumas semanas. O anão queria contratar você para arranjar uma pena de homem-cisne para ele. Como você não estava aqui, ele propôs a Fux que a procurasse. Não me olhe assim! Ela é mais prudente que você e mais esperta que nós dois juntos. Ela conseguiu a pena, mas o cisne machucou seu braço. Nada muito sério. Ela está com o anão para se curar. Com o ouro que a sua árvore deu, ele comprou um castelo em ruínas não sei bem onde. Fux deixou o endereço para você.

Ele ergueu a mandíbula de ogro que usava como peso de papel e estendeu um envelope para Jacob. O brasão que havia nele estava impresso em ouro. A árvore com a qual Jacob pagara pelo caminho até a fortaleza goyl fizera de Evenaugh Valiant um anão muito rico.

— Entregue isso para Fux quando a encontrar. — Chanute entregou-lhe um pacotinho que estava embrulhado em seda. — Diga a ela que foi Ludovik Rensman quem mandou. O pai dele é dono do escritório de advocacia atrás da igreja. Ludovik é um bom partido. Você precisava ver a cara dele quando contei que ela havia viajado.

Ele revirou os olhos com ar zombeteiro. A última mulher com a qual Chanute se envolvera fora uma rica viúva de Schwanstein, mas ela não gostara das cabeças de lobo empalhadas que ele pendurara na sala da casa dela.

— Aahhh! — Chanute deitou-se na cama aliviado. — O gosto é pior que chá de bruxa, mas na pastinaca a gente pode confiar! — Ele ainda dormia debaixo do mesmo cobertor esfarrapado sob o qual antigamente roncava nas florestas. Talvez ele o fizesse sonhar com suas aventuras daquela época.

O ouro da impressão grudou nos dedos de Jacob quando ele abriu o envelope com a carta de Fux. Sua letra era bem mais legível que a dele, embora tivesse sido ele quem a ensinara a escrever. A carta continha uma saudação fria e a descrição do caminho.

Ele ficara bastante tempo fora.

— Gallberg — ele murmurou. — São mais de dez dias a cavalo daqui. O que o anão quer com um castelo naquelas montanhas esquecidas por Deus?

— Sei lá eu! — Os olhos de Chanute já estavam vidrados. — Talvez ele queira se aproximar da mãe natureza? Você sabe como os anões ficam sentimentais com a idade.

Sim, mas isso com certeza não se aplicava a Evenaugh Valiant. Provavelmente o anão havia descoberto um veio de prata sob o castelo. Jacob

pôs a carta de Fux na mochila. Uma pena de homem-cisne... era um butim perigoso, mas Chanute tinha razão. Agora Fux já entendia da caça de tesouros quase tão bem quanto ele.

— Por que você não toma um porre? — balbuciou Chanute, enquanto a mão dele espantava fogos-fátuos imaginários. — A maçã não vai fugir por causa disso! — Ele riu do próprio gracejo com uma risadinha de criança. — E, se ela não resolver, você sempre tem a opção de dar uma olhada na minha lista!

A lista de Chanute. Ela ficava pendurada no salão da taberna, debaixo do velho sabre serrilhado: a lista de todas as coisas que ele procurara e não havia encontrado. Jacob a conhecia de cor, e nada ali poderia salvá-lo.

— Claro — ele disse, e pôs mais uma pastinaca ao lado do travesseiro de Chanute. — Agora durma.

Dez dias. Maldito anão. Ele só podia esperar que Alma tivesse razão e que lhe restasse mais tempo. Se a morte o levasse antes de rever Fux, ele nem ao menos poderia torcer o pescoço curto de Valiant por isso.



9
Montanhas esquecidas por Deus

Dez dias a cavalo... Jacob decidiu-se pelo trem, depois de estudar o caminho no mapa manchado de Chanute. O castelo de Valiant era de tão difícil acesso que qualquer cavalo teria quebrado as pernas no caminho, mas felizmente nos últimos anos os anões haviam dinamitado túneis com tamanho entusiasmo que havia uma estação por perto.

O trem levou quatro dias e quatro noites. Um tempo longo para quem levava a morte na bagagem. A cada túnel ele sentia dificuldades para respirar, como se já começassem a jogar terra em seu peito. Ele tentou se distrair com as memórias do caçador de tesouros que havia procurado pássaros de fogo e uma noz de esmeralda para um príncipe de Varangia, mas apesar de os olhos se fixarem nas letras impressas, ele via outras imagens: o sangue na camisa depois que o disparo do goyl atingira seu coração, Valiant diante de uma cova recém-aberta, e a Fada Vermelha, que sempre lhe sussurrava o nome da irmã. Quatro dias...

Da apática estação onde ele desceu partia um teleférico para o cume rochoso onde ficava o castelo de Valiant. Os muros ainda estavam sob neve profunda, e Jacob amaldiçoou o anão ainda mais quando, para subir o resto do caminho escarpado, precisou dar um táler de ouro a um camponês por seu asno, que ainda por cima tentou mordê-lo.

A visão do castelo estava longe de causar boa impressão. A torre esquerda estava desmoronada e as outras pareciam severamente danificadas, mas Valiant recebeu Jacob com um sorriso orgulhoso diante do portão carcomido, como se tivesse comprado o palácio da imperatriz.

— Nada mau, hein?! — ele exclamou para Jacob, enquanto um criado anão mal-humorado pegava a sacola da sua mão. — Agora sou senhor do meu próprio castelo! Sim, eu sei. A restauração está meio parada — ele acrescentou quando Jacob olhou para as torres destruídas. — Não é fácil trazer o material aqui para cima. Além disso... — ele lançou um breve olhar para o criado e baixou a voz — ... além disso, a árvore anda me causando dores de cabeça. Agora a única coisa que ela dá é um pólen pegajoso.

— É mesmo? — Jacob fez um esforço para esconder a satisfação. Ele próprio não tivera muita sorte com a árvore.

Valiant passou a mão no bigode que estava deixando crescer. Parecia uma

taturana em cima de seu lábio superior, mas os anões que usavam a barba completa eram considerados antiquados incorrigíveis.

— Como você vai? Está à caça de alguma coisa? — Valiant lançou-lhe um olhar perscrutador. — Você está pálido!

Que ótimo. *Controle-se, Jacob.* Só faltava o anão adivinhar sua péssima condição.

— Não, estou bem — respondeu. — Andei procurando uma coisa, mas não encontrei. — A melhor mentira era a que não se afastava muito da verdade.

O criado que abriu a porta do castelo para eles era um humano. Nenhum anão alcançaria a maçaneta, e nada demonstrava de maneira mais ostensiva a riqueza de Valiant do que ter um serviçal humano. Enquanto o criado ajudava Jacob a despir o sobretudo incrustado de neve, Valiant ia dizendo o preço de cada peça de mobília que havia no espaçoso saguão de entrada. Todas, sem exceção, haviam sido feitas para humanos (os anões gostavam de ignorar o próprio tamanho), mas Jacob não tinha olhos para vasos da Mauritânia ou tapeçarias que mostravam a coroação do último rei dos anões.

— Ela está lá em cima — Valiant disse, quando notou o olhar de Jacob. — Ontem chamei um médico, mesmo contra a vontade dela. Vocês dois passam tempo demais juntos. Ela é exatamente tão teimosa quanto você. Mas me trouxe uma pena fantástica. Você não teria arranjado uma melhor!

Valiant hospedara Fux na torre mais bem conservada do castelo. Quando Jacob entrou no quarto, ela estava dormindo numa cama bastante grande para um anão, mas que quase não dava para o seu tamanho. Ela tivera sorte. O cisne causara apenas um ferimento superficial. Jacob ergueu a camisa ensanguentada que estava no chão, ao lado da cama. Uma camisa que fora dele. Fux aprendera com Clara como as roupas masculinas eram muito mais práticas.

Jacob cobriu o ombro enfaixado com o cobertor. Ela havia mudado tanto nos últimos meses. Já não se via muita coisa da garotinha que, quase cinco anos antes, se mostrara para ele em sua figura humana pela primeira vez. A raposa a fazia envelhecer tão depressa que ele sempre a advertia para não se transformar com muita frequência. Um dia ela precisaria escolher entre o pelo e a possibilidade de uma vida humana longa. Ele sempre acreditara que estaria presente quando ela tomasse essa decisão, mas pelo jeito não seria assim.

Ele tirou o cabelo ruivo da testa dela. No criado-mudo havia uma pena.

Jacob pegou-a e sorriu. Ela ficara com uma para si. Isso Chanute também lhe ensinara: “Seja lá o que estiver procurando para um cliente, sempre dê um jeito de ficar com alguma coisa para você”. Era um exemplar perfeito. Poucas vezes Jacob vira uma pena mais bonita. O mais fácil era roubá-las de um ninho, mas mesmo assim era perigoso. Homens-cisnes eram extremamente agressivos. Uma agonia terrível transformara-os em cisne e somente parentes de sangue poderiam libertá-los e devolver-lhes a forma humana. Uma vez, quando encontrara o filho de penas da mulher de um padeiro, Jacob quase tivera que pagar com um olho. Tudo que se tocava com uma pena de homem-cisne desaparecia imediatamente, e só reaparecia de novo onde se largasse a pena. Chanute havia transportado muitos tesouros dessa maneira. Porém, nem sempre funcionava. Muita coisa se perdia no caminho.

— Não caia em tentação. Esta pena pertence a mim. — Ainda havia sono nos olhos de Fux. Ela estremeceu de dor quando se sentou usando o braço ferido como apoio.

Jacob pôs a pena de volta no criado-mudo.

— Desde quando você sai para caçar tesouros sem mim? — “Eu senti muito a sua falta”, ele queria acrescentar, mas o olhar dela estava frio. Como de costume, sempre que ele passava muito tempo fora.

— Não era uma encomenda muito difícil. E eu estava cansada de esperar.

Ela se tornara uma mulher sem que ele realmente tivesse se dado conta. Aos seus olhos ela sempre fora bonita, mesmo quando era a garotinha magrela que detestava catar piolhos no cabelo. Bela como tudo que era selvagem e livre. Mas agora ela trazia a beleza da raposa na pele humana.

— Você ainda se transforma com muita frequência — ele disse. — Se não tomar cuidado, logo estará mais velha do que eu.

Ela puxou o cobertor de volta.

— E daí? — Ela usava o vestido de pelo, como sempre fazia quando dormia, por medo de que alguém pudesse roubá-lo. — Pare de se preocupar comigo. Antigamente você nunca fazia isso.

Sim, Jacob, para que isso? Você vai ver, ela vai se virar muito bem sem você. Só que ele não iria ver.

Ele tirou da mochila o pacotinho que Chanute lhe entregara.

— Você não me disse que tinha um admirador rico em Schwanstein.

Fux abriu o embrulho e sorriu. Havia um xale dentro dele. Ela passou a mão no veludo verde e pôs o xale junto da pena.

— E você? — Ela lhe lançou um olhar interrogativo. — Encontrou o que

estava procurando?

— Sim e não.

— O que isso quer dizer? — Ela puxou a manga sobre o ombro enfaixado. — Você vai me dizer finalmente o que está procurando?

Conte de uma vez, Jacob. Você quer mesmo dizer a ela. Ela é a única pessoa para quem você quer contar. Ele sentira tanto a falta dela. E estava cansado de esconder o medo.

Ele desabotoou a camisa.

— Eu estava procurando um remédio.

A borda vermelha que envolvia a mariposa dava a impressão de que alguém desenhara o contorno com sangue fresco.

Fux respirou fundo.

— O que significa isso? — Sua voz soou mais rouca que de costume.

Ela leu a resposta no rosto dele.

— Então foi esse o preço. — Ela se esforçou para soar controlada. — Eu sabia que o seu irmão não tinha recebido a pele de volta de graça. — Seus olhos se encheram de lágrimas. Olhos de raposa, castanhos como ouro velho. Ela não sabia se nascera com os olhos daquela cor ou se fora o pelo que lhe dera. — Qual das fadas?

Diga alguma coisa, Jacob. Alguma coisa que a console. Mas o quê?

Ele se aproximou e enxugou as lágrimas do rosto dela.

— Já é mortalmente perigoso abandonar uma delas, e eu fui cair em desgraça logo com duas de uma vez.

Fux pôs o braço em volta dele.

— Quanto tempo? — ela sussurrou.

— Não sei. Não sei de mais nada.

Era apenas meia mentira. Jacob enterrou o rosto nos cabelos dela. Ele não queria mais pensar. Ele queria voltar para o tempo em que procurava objetos mágicos perdidos junto com ela, e tinha a sensação de ser imortal e dono de um mundo inteiro. Ele queria imaginar o que faria quando fosse velho como Chanute, sonhar em comprar um castelo na Etrúria ou pescar o ouro perdido dos piratas do fundo do mar Branco. Sonhos infantis. Ele ainda esperava tê-los em seu centésimo aniversário. Em vez disso, ele tinha que pensar em que mundo gostaria de ser enterrado.

Alguém bateu na porta.

Valiant não esperou permissão para abrir. Fux soltou-se do abraço de Jacob quando o anão entrou no quarto. Aquilo com certeza deu ainda mais

asas à imaginação de Valiant, mas Jacob não tinha a intenção de revelar ao anão o verdadeiro motivo das lágrimas de Fux.

— Que tal jantarmos? — Valiant deu um sorriso malicioso para Jacob. — Teremos cabra-montesa. Sei que não soa muito atraente, mas tenho um cozinheiro de Vena que é capaz de fazer um banquete com um asno! — Ele se virou para Fux. — Pergunte a ela, se não acredita em mim!

Fux pôs um sorriso forçado nos lábios.

— Você deveria experimentar a cabra — ela disse.



10
No fundo da terra

A sala de jantar de Valiant era tão espaçosa quanto o resto do castelo, e Fux estava grata pelo casaco que Jacob havia posto em seus ombros. Contra o medo, porém, não adiantava nem o casaco, nem o fogo que os criados de Valiant alimentavam na lareira com lenha úmida.

Mesas, cadeiras, pratos, copos, até mesmo os talheres tinham dimensões grandes demais para um anão, mas as cadeiras eram equipadas com degraus, para que Valiant pudesse subir nelas sem o constrangimento de ser posto em cima do assento por um criado. Ele estava de ótimo humor e felizmente achou que o silêncio de Jacob era consequência do cansaço da viagem.

Você vai perdê-lo, Fux.

As palavras a sufocaram como uma argola de ferro apertando o coração.

Ela sentia vergonha por ter pensado que ele ficara tanto tempo fora por causa de Clara. Depois de tantos anos, ela deveria conhecê-lo melhor. Mas nos últimos tempos estava cansada de todo aquele amor indefeso, o desejo, a saudade. Tinha sido bom dar as costas para Schwanstein e ficar sozinha por um tempo, sentir a própria força. Ser feliz sem ele. Não fazia bem amar demais, muito menos alguém que considerava o sentimento uma bebedeira, que se curava com algumas horas de sono e eventualmente se esquecia. Ela chegou até a brincar com a ideia de simplesmente não voltar a Schwanstein. Mas agora tudo era diferente. Como ela poderia deixá-lo?

Valiant perguntou o que ela estava achando da cabra.

Sim, o quê? Até mesmo a carne em seu prato sugeria morte. Fux espetou o garfo na carne e olhou para Jacob. O rosto dele parecia tão jovem quando ele estava com medo. E tão vulnerável.

Você prometeu protegê-lo. Seu coração não parava de sussurrar. *Naquele dia em que ele a libertou da armadilha*. E daí? Promessas eram inúteis quando era preciso medir forças com a morte. A morte era um lobo faminto na floresta. Levara seu pai de sangue tão pouco tempo depois do seu nascimento que Fux não se lembrava do rosto dele, e três anos mais tarde a única irmã que tinha também fora sua presa.

Mas Jacob não!

Por favor, Jacob não.

Valiant encheu o prato pela terceira vez e apostou com Jacob que o

próximo alvo dos goyls seria Lorena, e não Álbion. Quem se interessava por isso ou por saber se a filha da imperatriz de fato daria um herdeiro ao rei goyl? Lá fora o vento uivava como um animal faminto e a noite era quase tão fria quanto seu medo.

— Sim, eu sei. Eu votei contra no Conselho dos Anões! — Valiant havia bebido demais, o que o tornava ainda mais tagarela. Como era de esperar, o palito que usou para limpar os dentes era dourado. — Foi ambicioso escavar tão fundo, mas hoje nada dá mais dinheiro do que as minas de ferro. — O anão esperou o criado levar os pratos sujos e aproximou-se de Jacob por cima da mesa. — Eles não tinham planejado escavar até lá embaixo, na Cidade Morta. Os idiotas só notaram quando deram de cara com a porta!

— É mesmo? — Jacob murmurou.

Ele não tinha comido quase nada.

Fux jogou os ossos que haviam se amontoado em seu prato para os dois mastins deitados na frente da lareira. A raposa dentro dela sabia como eram saborosos. Valiant não gostava dos cães. Eles eram tão grandes que o anão só tinha um palmo a mais de altura, mas tinham vindo junto com o castelo.

— Eles deviam ter descarregado um vagão de pedras na frente e esquecido dela. — Valiant deixou o palito de dentes cair na mão do criado. — Sabe, sou sempre a favor de um bom negócio. Mas para quem eles pretendem vender aquilo, caso realmente consigam entrar lá dentro?

Jacob serviu-se do mísero resto de vinho que Valiant lhe deixara.

— Lá dentro onde?

Pelo jeito, ele estava prestando tão pouca atenção quanto Fux.

— Na cripta! Do que você acha que estou falando até agora? Ela não lhe contou nada sobre isso? — Valiant lançou um olhar de censura para Fux. Ele já devia ter repetido aquela história pelo menos uma dúzia de vezes. Mas ela estava ocupada demais com os próprios pensamentos e não aguentava mais escutar explanações intermináveis sobre história e política dos anões. Um dos cães se aproximou e cheirou a mão dela. Talvez farejasse a raposa sob a pele humana.

Valiant baixou a voz.

— É o túmulo daquele rei que tem um nome impronunciável. Kismunt, ou algo assim. Sabe... o Matador de Bruxas.

Jacob esvaziou seu copo.

— Guismund?

— Isso. Mas não importa. É tudo estritamente confidencial. — Valiant fez

um sinal para um dos criados e apontou para a garrafa de vinho vazia. — O que você acha que é isso? Traga mais uma! — ele ralhou com o serviçal. — Ultimamente muitos produtores estão fortificando o vinho com pó élfico! — ele sussurrou para Jacob enquanto o criado saía apressado. — E eu me pergunto por que eles não tiveram essa ideia antes. Eles mantêm os elfos em gaiolas. Centenas de gaiolas. Fantástico. — Ergueu o copo e brindou com Jacob. — Aos tempos modernos!

Jacob olhou para seu copo como se os elfos aprisionados boiassem dentro dele.

— A cripta foi saqueada?— Sua voz soou indiferente, como se ele perguntasse pelo alfaiate de Valiant.

O anão deu de ombros.

— Sabe como é o Conselho dos Anões. Sempre economizando no lugar errado. Nenhum dos caçadores de tesouros que eles enviaram voltou de lá. Mas eu sempre digo: ainda bem! Quem é que vai querer uma arma que põe fim a qualquer guerra com um só disparo? Como é que ficam os negócios...?

O anão continuou a falar, e Fux sentiu que Jacob buscava o seu olhar. Ela não tinha certeza do que via nos olhos dele — esperança ou medo. O Matador de Bruxas. Ela tentou se lembrar do que os caçadores de tesouros associavam àquele nome, mas tudo que lhe ocorreu foi que nos cemitérios de bruxas sempre havia uma lápide o amaldiçoando.

— Você pode me levar até a cripta?

Valiant discorria entusiasmado sobre os rendimentos incríveis que era possível obter com a guerra, mas a pergunta de Jacob fez com que ele se calasse de repente. O anão esticou os lábios num sorriso tão malicioso que o bigodinho ridículo cobriu os dentes de ouro.

— Então é assim. Você quase me convenceu de que tinha uma consciência. Mas, no fim das contas, o que vale são os negócios, certo?

Jacob tirou o copo da mão do anão.

— Você pode me levar lá? Preciso de uma resposta antes que você caia bêbado dessa cadeira.

Valiant pegou o copo de volta.

— Para quem você quer vender a arma? Para os goyls? Ou, para variar um pouco, você pretende agraciar um rei humano com a sua ajuda e assim compensar o que fez pelos caras de pedra na catedral? Jacob Reckless, o caçador de tesouros que decide quem governa este mundo.

O rosto de Jacob ficou ainda mais pálido. Ele não gostava de se lembrar

das Bodas Sangrentas e do papel que desempenhara nelas. Sua voz soou rouca de contrariedade quando ele respondeu ao anão.

— Não ajudei os goyls, e sim meu irmão.

Valiant revirou os olhos com um ar sarcástico.

— Sim, eu sei. Você é um santo. Ainda assim, deve estar feliz que os goyls mantenham em segredo quem salvou a pele de pedra deles naquele casamento. Eles são mais odiados do que nunca. Os atentados em Vena não são nada comparados aos problemas que estão tendo nas províncias do norte. Na Prússia e na Holsácia os atentados estão na ordem do dia, e é Álbion que abastece os rebeldes com armas. O mundo virou um barril de pólvora. Os negócios com explosivos e munição nunca estiveram melhores. Lírios das fadas e agulhas de bruxas... — grunhiu o anão com desdém. — Mercadorias do passado! Comércio de armas. Este é o futuro. E as mãos dos anões fazem bombas muito acessíveis!

Ele sorriu deslumbrado, como se tivesse uma visão do paraíso.

— O que tem nessa cripta? — Fux olhou para Jacob com ar interrogativo.

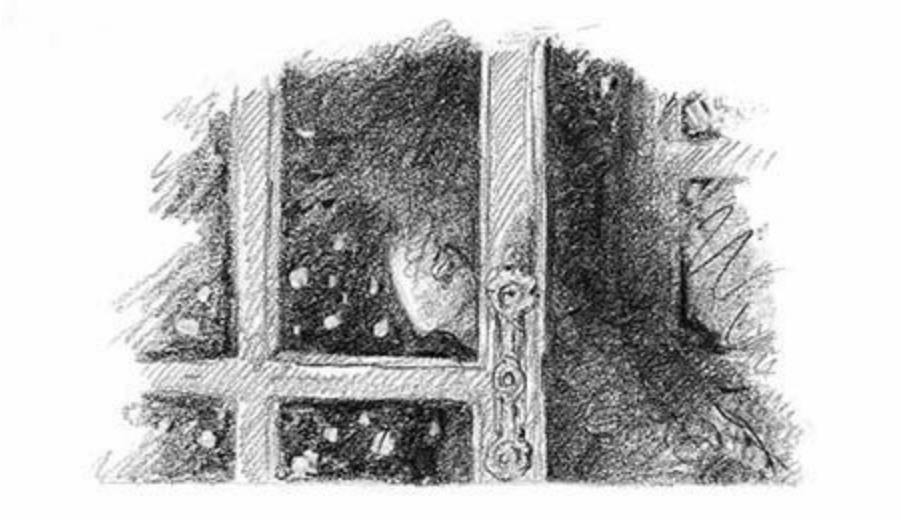
Valiant secou o bigode molhado de vinho com o guardanapo.

— A balestra mais mortífera que já foi construída. — Sua língua ficava mais enrolada a cada palavra. Fux teve que se esforçar para entender as palavras balbuciadas. — Uma flecha no peito do general e todo exército vira uma montanha de cadáveres. Nada mau... Os próprios goyls não têm nada parecido.

Fux olhou perplexa para Jacob. O que significava aquilo? Ele queria gastar o tempo que lhe restava em busca de um tesouro qualquer?

— A minha cota é de cinquenta por cento — disse Valiant. — Não... sessenta. Ou pode esquecer.

— Eu lhe dou sessenta e cinco — Jacob respondeu. — Se partirmos amanhã bem cedo.



11
Juntos

Pó élfico e vinho tinto. Quando Jacob acompanhou Fux até seu quarto, Valiant continuou no andar de baixo, falando com os quadros nas paredes, sentado naquela cadeira grande demais, com os pés em cima da mesa grande demais, em seu ridiculamente grande castelo desmoronado. Todos iam atrás de seus sonhos de criança.

O ombro de Fux doía, apesar de ela tentar disfarçar. Na cozinha, no andar de baixo, Jacob encontrou um criado bocejante que esquentou para ele uma bacia de água. O bico de um homem-cisne não era a arma mais limpa que existia, então ele também passou o unguento que Alma preparara na ferida.

Mordidas, cortes, dedos queimados... Nem ele nem Fux saberiam dizer quantas vezes um havia cuidado do outro em todos aqueles anos. O corpo dela era quase tão familiar a Jacob quanto o seu próprio, mas dessa vez ele se surpreendeu com vergonha de tocá-la. Ela pertencia a ele como sua sombra. Irmã mais nova, melhor amiga. Jacob a amava tanto que o outro tipo de amor lhe parecia algo de que deveria protegê-la: um jogo faminto que era melhor terminar antes que ficasse sério demais. Jacob desejou que ele mesmo tivesse respeitado essa regra com a fada.

Fux não disse uma palavra enquanto ele trocava o curativo em seu ombro. Muitas vezes o silêncio de Fux expressava a intimidade sem palavras que os unia um ao outro. Mas não daquela vez. Jacob abriu a janela e jogou a água tingida de sangue na noite. Alguns flocos de neve foram soprados para dentro do quarto.

Fux se aproximou dele e pegou os flocos com a mão.

— O que você pretende fazer? Trocar a balestra por sua vida, com a Fada Escura?

Ela se debruçou no peitoril da janela e respirou o ar frio como se ele pudesse espantar seu medo.

— Algumas centenas de milhares de mortos em troca da minha própria pele? Desde quando você tem uma opinião tão terrível sobre mim?

Ela o encarou.

— Por seu irmão, você faria isso. Você faria qualquer coisa por ele. Por que não por si mesmo?

Sim, por que não, Jacob? Porque ele crescera com a convicção de que a

vida de Will era mais preciosa que a dele próprio? Mas isso não importava agora.

— Não pretendo negociar ou vender a balestra — ele disse. — O Matador de Bruxas usou-a três vezes. A primeira flecha matou um general de Álbion. Ele levou cinquenta mil homens consigo para a morte. A segunda matou o general no comando da Lorena junto com setenta mil soldados. Algumas semanas depois, Guismund foi coroado rei dos dois países.

Fux pôs a mão para fora, na neve.

— Acho que sei como a história continua. Tinha me esquecido dela. Sempre me deu medo.

Os flocos de neve semearam flores de gelo em sua pele.

— Um dia... — ela pronunciou as palavras na noite, como se as catasse na escuridão — ... o filho mais novo de Guismund estava à beira da morte. Gahrumet. Acho que era este seu nome. Uma bruxa o envenenara para se vingar de Guismund, depois que ele matara centenas de suas irmãs. Seu filho tinha dores tão terríveis que ele não aguentou. Disparou a flecha da balestra no coração dele; o filho, porém, em vez de morrer, ficou curado. Depois disso ele odiou o pai para sempre, mas viveu ainda muitos anos.

Ela fechou a janela e se virou.

— É só um conto de fadas, Jacob.

— E daí? Tudo neste mundo soa como um conto de fadas. Eu vou morrer por ter pronunciado o nome de uma fada!

Ele andou até ela e sacudiu os flocos de neve de seu cabelo.

— Por que não haveria de existir uma arma que traz a morte quando é usada por ódio, mas a vida quando é usada por amor?

Fux sacudiu a cabeça.

— Não.

Ambos sabiam quem teria que disparar a flecha.

Jacob segurou as mãos de Fux.

— Você ouviu Valiant: ninguém volta vivo da cripta. Mas nós conseguiríamos, você sabe. Ou você prefere que esperemos juntos até que a morte me alcance?

O que ela poderia responder?



12
Sombras vivas

Ninguém diria que o vale onde os anões haviam descoberto a cripta era o mesmo que já fora famoso por suas encostas floridas. Com as flores espelho-meu até o rosto mais feio ficava irresistível por algumas horas, mas a venda de minério de ferro rendia muito mais depressa.

O vale ficava nas montanhas escarpadas da Helvécia, a menos de um dia de viagem do castelo de Valiant, a oeste. A Helvécia era tão pequena que empenhava muitos esforços e dinheiro para manter relações amistosas com os vizinhos. Ela já pertencera à Lorena, mas conquistara sua liberdade com um exército de gigantes mercenários. Desde que um stilz roubara o único filho do último rei, a diminuta nação era governada por um parlamento, que negociara a paz com os goyls permitindo-lhes o deslocamento de tropas através de suas montanhas. Quando perguntaram quanto os anões haviam pagado pela licença para explorar as minas de ferro nos vales floridos da Helvécia, Valiant simplesmente sorrira com ar piedoso. O país precisaria de túneis, se quisesse ter trens e estradas rápidas como seus vizinhos. E ninguém dinamitava as montanhas melhor do que os anões.

As botas de Jacob afundaram na neve quando ele desceu do fiacre de Valiant. Os casebres encolhidos em volta dos edifícios das minas não davam indícios de que uma fortuna era escavada ali, e a fumaça que subia das chaminés escrevia um futuro sujo no céu.

Um bando de crianças anãs esperava em frente às gaiolas que conduziam ao seio da terra. Elas podiam rastejar mais fundo do que qualquer homem ou mulher e não tinham medo dos duendes das minas, que tornavam a mineração atrás do espelho ainda mais perigosa do que no outro mundo.

— É isso o que você tem considerado um bom negócio ultimamente? — Jacob perguntou ao anão enquanto passavam pelos jovenzinhos pálidos. — Crianças escavando minério?

— E daí? Eles fariam isso mesmo sem mim — Valiant respondeu, impassível. — A vida é mesmo uma coisa sórdida!

Fux observava as mulheres descarregando os vagões em que o minério era transportado para a superfície.

— Você sabia que o dono de uma mina na Austrásia foi vendido por seus empregados aos duendes das minas? — ela sussurrou para o anão.

Valiant lançou um olhar alarmado para Jacob.

— Você deveria tomar conta dela! — ele resmungou e empurrou enojado uma das crianças que estendia a mãozinha suja para seu sobretudo de pele de lobo. — Ela já está falando como um daqueles anarquistas que emporcalham os muros das fábricas com seus slogans.

— Eu preferia quando você fazia negócios menos honrosos — disse Jacob enquanto ajudava o garotinho a se levantar. — Vamos, mostre-nos a cripta antes que, com esse frio, alguém nos mate por seu sobretudo.

Uma cerca de arame enferrujada, circundando três edifícios com cumeeiras revestidas de cobre para afastar os espíritos da montanha, trilhos, chaminés, um canal de escoamento... Nada denunciava que os anões haviam encontrado algo além do minério.

Fux olhou ao redor.

— Dá para ver a Cidade Morta daqui?

Valiant negou com a cabeça e apontou para o oeste.

— A não ser que você consiga enxergar através daquela montanha.

O Matador de Bruxas mandara construir a cidade após unificar Álbion, Austrásia e Lorena com a ajuda da balestra, e a Helvécia se convertera no coração de seu gigantesco império. Silberthur, o portal de prata. Assim ele a batizara na época, mas agora se chamava simplesmente Cidade Morta, pois seus habitantes haviam desaparecido no dia da morte de Guismund. Diziam que os rostos fossilizados espreitavam nos muros desmoronados. Jacob nunca vira as ruínas antes, pois até o próprio Chanute evitava a Cidade Morta. Mesmo depois de quatro séculos, ainda não era recomendável andar por suas ruas desertas.

Valiant abriu o portão que havia na cerca enferrujada. A corrente estava solta e havia pegadas na neve suja, em direção aos elevadores.

— Vocês não tinham desativado a mina? — Fux perguntou.

Valiant deu de ombros.

— De vez em quando um supervisor dá uma passada para ver se está tudo em ordem. Eles mandaram o último caçador de tesouros para dentro na semana passada. — Ele esboçou um sorriso de satisfação. — Apostei três onças de ouro que o cretino não voltaria.

Jacob abriu o portão.

— Três onças de ouro? Nada mau. Quanto você apostou em mim?

O sorriso de Valiant ficou doce como mel.

— Você acha que sou tão bobo assim?

Com um lampião, Fux iluminou o poço sobre o qual estavam suspensas as gaiolas dos elevadores. Valiant olhou ao redor preocupado, mas nenhum dos homens que supervisionavam os trabalhadores do outro lado da cerca lhes deu atenção.

— Bem, só por garantia, para evitar qualquer problema — sussurrou o anão —, queria dizer que...

— ... só está nos trazendo aqui para ouvir uma opinião de Jacob. — Fux entrou na gaiola sacolejante. — Você já disse isso tantas vezes que até seus cães são capazes de repetir. Mas esqueci como continua. Nós roubamos a balestra e você é raptado pelos duendes das minas antes que possa nos impedir? Ou eles roubam a balestra e nós o raptamos?

— Muito engraçado! — resmungou Valiant. — Pelo jeito você ainda não entendeu o risco que estou correndo! O Conselho dos Anões vai mandar me matar se tiverem qualquer suspeita! Ninguém fora do conselho sabe da cripta!

— Ninguém, a não ser os membros do conselho, seus secretários, as esposas, os mineiros que descobriram a cripta... — Jacob pôs o anão dentro da gaiola. — Eu não teria tanta certeza de que esse segredo está bem guardado. E quanto a ser morto pelo conselho: besteira, você arranja uma desculpa para se safar, como sempre. Sei disso por experiência própria. Eu mesmo já quis matá-lo um monte de vezes.

A descida na mina parecia não ter fim. Quando a gaiola pousou no fundo, a luz das lanternas distinguiu na escuridão as paredes grosseiramente escavadas de uma galeria, da qual partiam vários túneis. Pilastras de madeira apoiavam o teto baixo. Pás e picaretas estavam encostadas em pilhas de entulho. Sobre uma pedra achatada, havia algumas prendas que os trabalhadores costumavam deixar para os duendes das minas: pó de café, restos de couro, moedas. Se elas desapareciam, os trabalhadores podiam respirar aliviados. Caso permanecessem intocadas, logo surgiam gritos cortantes da escuridão, avalanches de pedras e dedos finos que se enfiavam dentro de olhos e ouvidos.

O túnel que Valiant tomou ia na direção oeste — onde, na superfície montanhosa acima deles, ficava a Cidade Morta. Em determinado momento, eles toparam com uma escavadeira rudimentar que poderia estar num museu no mundo de Jacob, mas Valiant a apresentou como o mais moderno fruto da engenharia dos anões. Uma passagem em forma de arco havia sido perfurada

na parede rochosa. Atrás dela, uma escada ampla e íngreme, ladeada por archotes extintos, conduzia às profundezas. A fuligem ainda cobria o corrimão de ferro. No final da escada, abria-se uma segunda câmara. Alguns lampiões esparsos desenhavam um pálido lago de luz no solo rochoso, em cujo centro dormia um gigantim. Ele estava com o uniforme do exército anão e só se ergueu cambaleante quando Valiant lhe deu um chute nas costelas.

— É isso que você chama montar guarda? — ralhou o anão. — É para isso que pagamos a vocês três vezes mais do que a qualquer vigia humano?

O gigantim ergueu o elmo do chão e bateu continência amedrontado, embora Valiant mal chegasse à altura de seu joelho.

— Nenhum incidente! — ele balbuciou com a língua pesada de sono. — Tenho ordens de não deixar ninguém...

— Sim, sim, eu já sei! — Valiant interrompeu-o impaciente. — Mas estou trazendo um especialista muito experiente. Aqui está a autorização.

O envelope que tirou do bolso era tão pequeno que os dedos grosseiros do gigantim mal conseguiam segurá-lo, e Valiant piscou para Jacob com cumplicidade enquanto o guarda examinava indeciso o minúsculo papel.

— O que foi? — ralhou Valiant. — Olhe para mim! Sei que para vocês todos os anões se parecem, mas do meu rosto você deveria se lembrar. Sou um dos proprietários desta mina.

O gigantim reprimiu um bocejo e ajeitou o elmo na cabeça. Então pôs o minúsculo envelope no bolso do uniforme e deu um passo para o lado. A porta que ficou visível atrás de seu corpo massudo era ornamentada por um friso de crânios. As ranhuras na base do nariz permitiam identificá-los como crânios de bruxas.

Guismund, o Matador de Bruxas... Chanute contara a história para Jacob numa estalagem pestilenta. Ele estava tão bêbado que quase não conseguia pronunciar o nome do homem. “Guismund... isso... nunca ninguém entendeu tanto de feitiçaria. Sabe do que o chamavam também?” Jacob pensou ouvir a própria voz responder, a voz fina de um menino: “O Matador de Bruxas”. Àquele nome estava associado tudo que o levara a seguir o velho caçador de tesouros: perigos, mistérios e a promessa de tesouros encantados que davam um brilho dourado à vida que, do outro lado do espelho, tinha gosto de tédio e melancolia.

Já naquela época Chanute não precisara explicar a Jacob como Guismund ganhara o apelido. Em nenhum dos lados do espelho os homens nasciam com poderes mágicos. Naquele lado, porém, havia um meio de obtê-los. Era um

meio cruel, mas Guismund não fora o único que se servira dele: era preciso beber o sangue de uma bruxa enquanto ainda estivesse morno. “Quantas bruxas ele matou?” Chanute enchera o copo mais uma vez com a forte aguardente que lhe custara um braço e quase o juízo. “Sei lá. Centenas. Milhares... Ninguém contou. Dizem que bebia um copo de sangue por semana.”

Jacob examinou o que sobrara do brasão na porta revestida de ouro: um lobo coroado, um copo de sangue, e lá estava a balestra...

Atrás deles, o gigantim encostou na parede rochosa.

Fux lançou-lhe um olhar intrigado.

— O vigia de vocês está estranhamente sonolento — ela disse para Valiant.

— Pó élfico — respondeu o anão. — Esses palermas andam com ele no bolso. Simplesmente não conseguem largar o vício.

Jacob aguçou os ouvidos, mas tudo que ouviu foi a respiração pesada do gigantim. Pó élfico? Talvez. Ele tirou um par de luvas do bolso. Fora um presente de Fux depois que o feitiço protetor de outra cripta quase lhe custara os dedos. Como todos os metamorfos, ela era imune a esses feitiços.

Valiant, porém, olhou para Jacob preocupado.

— Para que as luvas?

— Contanto que não toque em nada, você não precisará delas. Tem certeza de que quer vir junto?

— Claro.

O anão não soou lá muito convencido, mas se tratava de um butim valioso. Compensava até o medo de um bruxo morto.

Jacob trocou um longo olhar com Fux e apoiou a mão no lobo coroado. Não precisou fazer muita força para abrir a porta. Dava para perceber que outros já a haviam aberto antes dele.

O odor que chegou até eles era quase imperceptível. Cravos-de-defunto eram um meio simples de proteger os mortos da cobiça dos vivos. O pólen venenoso durava séculos. Jacob manteve Valiant atrás, e Fux tirou um saquinho do cinto. Os caroços que ela deu para cada um não eram muito maiores que sementes de maçã.

— Coma! — ela ordenou a Valiant quando ele a encarou desconfiado. — A não ser que, depois de alguns passos, você queira parecer um pão mofado.

— Cuidado por onde pisa! — Jacob sussurrou-lhe. — Não toque em nada e mantenha a boca fechada, principalmente se alguém lhe fizer perguntas.

— Perguntas? Alguém? — Valiant pôs as sementes na boca e olhou apavorado para o corredor à sua frente.

Nas paredes dos dois lados havia nichos de sepultamento. Fux segurou o anão a tempo, antes que ele batesse de costas num dos cadáveres mumificados.

— Por que você acha que eles estão enterrados aqui? — ela sussurrou para Valiant enquanto Jacob empurrava a múmia de volta para dentro do nicho. — Aqui é o mausoléu de um bruxo! Tenho certeza de que eles despertam fácil.

O homem que eles encontraram alguns passos adiante estava morto fazia poucos dias. Os cravos-de-defunto o haviam coberto com uma relva de flores mortal. Os sussurros começaram assim que Fux passou pelo cadáver.

— Quem são vocês? — As vozes vinham dos nichos de sepultamento.

Valiant parou, aterrorizado, mas Jacob puxou-o para adiante.

— Não responda! — ele sussurrou. — Contanto que você não responda, elas são inofensivas.

As múmias carregavam armas na cintura e vestiam armaduras no peito, sobre as roupas esfarrapadas. A maioria dos cavaleiros de Guismund o havia seguido até a morte; porém, levando em conta os relatos de seus contemporâneos, poucos haviam feito isso de livre e espontânea vontade.

Eles encontraram mais cinco cadáveres frescos: os caçadores de tesouros que não haviam retornado. Além de estarem cobertos por cravo-de-defunto, tinham ferimentos causados por espadas. Os mortos sussurravam ao redor deles. Jacob nunca vira antes tanto medo no rosto astuto de Valiant. O próprio Chanute ficava mais pálido em mausoléus do que em qualquer outro lugar. Jacob em geral não se deixava abalar. A experiência lhe ensinara que os lugares dos vivos eram significativamente mais perigosos. Ao passar pelos nichos, porém, ele sentiu a mariposa como uma mão fria em seu peito. *Olhe para eles, Jacob. Logo você também estará assim. A pele feito couro, os dentes arreganhados e aranhas no lugar de seus olhos*. Sua respiração estava tão pesada que Fux percebeu. Ela passou por ele sem dizer nada e tomou a dianteira, como se quisesse desviar a atenção da morte que acenava para eles dos nichos. O corredor fez uma curva. O cheiro dos cravos agora pairava tão pesado no ar que aderira à pele como um perfume, e de repente eles toparam com uma cortina de defuntos. Doze cavaleiros mumificados pendiam do teto e bloqueavam o caminho, mas um dos corpos terminava na altura das costelas. Alguém havia decepado o resto com golpes de sabre. Uma forma nada elegante de abrir caminho através de uma cortina de cadáveres, mas que

cumprira seu objetivo. Talvez os anões não tivessem contratado apenas amadores.

Valiant praguejou enojado, embora fosse o único capaz de passar ereto sob o corpo decepado. A recompensa esperava atrás da macabra cortina: outra porta, com um relevo em ouro representando um homem.

A coroa o identificava como rei, e o manto de pelo de gato, como um bruxo humano. Em seu ombro repousava um corvo-dourado, símbolo de riqueza incomensurável, e nos pés ele tinha a bota de sete léguas, que remetia ao tamanho de seu reino. A balestra estava na mão direita. Diziam que, por ela, o Matador de Bruxas vendera sua alma ao diabo. Histórias. Mas Jacob já vira histórias demais se transformarem em realidade atrás do espelho para não considerar aquela possível também.

A porta com o relevo dourado de Guismund estava entreaberta. O caçador de tesouros cujo cadáver estava estendido no chão logo atrás dela devia ter pensado que já chegara ao objeto de seu desejo e esquecido que as armadilhas estão sempre convidativamente desobstruídas. Pelo que Jacob conseguia ver através da fresta, o corpo não apresentava ferimentos visíveis, mas o horror em seu rosto de cera era bastante eloquente. Fux olhou por cima do ombro de Jacob.

— Feitiço de sombra? — ela sussurrou.

Sim, provavelmente. Jacob pôs a lanterna no chão e pegou a faca. A resina que passou na lâmina adicionou um odor de casca de árvore ao ar viciado. A seu lado, Fux se transformou. Às vezes, os sentidos de uma raposa eram mais úteis do que uma segunda pistola. *Esqueça que é a sua vida que está em jogo, Jacob. Aproveite a caçada.* Ali estava aquela excitação familiar de novo, mesclada com o medo e a vontade de vencê-lo. Irresistível. Ele nunca precisara explicar isso a Fux. Ela tomou a dianteira mais uma vez e atravessou a porta.

A cripta era imensa.

Os afrescos nas paredes ainda brilhavam em cores vibrantes, graças à escuridão que os envolvera desde sua criação. Eram representações do inferno, pintadas com tal maestria que Jacob pensou sentir o fogo na pele. Numa das paredes o próprio Guismund cavalgava através das chamas, vestindo sua armadura. O diabo a quem o cavaleiro ia de encontro não tinha muitas semelhanças com a ideia de demônio que Jacob conhecera do outro lado do espelho. Tirando os chifres, ele parecia um homem comum em trajes de comerciante rico. Os afrescos no teto mostravam um campo de batalha,

onde os fantasmas dos mortos se afastavam de seus corpos sem vida numa pálida procissão. As colunas que apoiavam o teto eram feitas do mesmo mármore escuro do sarcófago que havia no centro da cripta. Quatro cavaleiros de pedra estavam ajoelhados ao redor dele, e as espadas nas quais se apoiavam eram negras como a sepultura que vigiavam.

Atrás de si, Jacob ouviu Valiant praguejar, decepcionado.

O sarcófago estava aberto.

Eles haviam chegado tarde demais.

Jacob procurou Fux com os olhos. Não era fácil perceber o que ela estava sentindo quando usava o pelo, mas com o passar dos anos ele aprendera. O desespero que ele viu nos olhos dela era pior do que o seu próprio. A esperança de que pudesse se salvar não havia durado muito.

A tampa do sarcófago estava em pedaços no chão, entre os cavaleiros ajoelhados. Ao lado, o vigia para o qual Jacob preparara o punhal estava estendido: a sombra de Guismund, sem rosto e muito comprida, como se tivesse sido projetada nos ladrilhos pelo sol do fim da tarde. A poça de sangue que a envolvia comprovava que ela havia sido despertada para a vida por uma magia que somente as bruxas dominavam. Ou quem bebesse o sangue delas.

Uma sombra como aquela era tão silenciosa para matar quanto para seguir seu amo quando vivo. Jacob curvou-se sobre ela. Havia um punhal cravado no pescoço, que cheirava a resina de árvore. Se alguém cometesse o erro de removê-lo, a sombra imediatamente despertaria para a vida. Quem quer que a tivesse matado sabia disso. Por um instante, ele pensou ouvir passos entre as colunas, mas quando se virou havia apenas a raposa atrás dele.

— Pó élfico! — Ela lançou um olhar de desprezo para Valiant.

Jacob abaixou-se perto dela.

— Ele ainda está aqui?

Ela ergueu o focinho e farejou. Sacudiu a cabeça.

Raios! Jacob pôs sua faca de volta no cinto. Não eram muitos os caçadores de tesouros que sabiam como passar incólumes por um gigantim ou qual era a árvore cuja resina tornava a sombra de um morto inofensiva. Na caçada eles geralmente se evitavam, mas Jacob conhecia todos pelo menos de nome. Quem teria sido?

— Aquele sacana desgraçado. — Valiant estava em cima dos destroços da tampa e olhava para dentro do sarcófago. — Ele levou a coroa também! — esbravejou. — E quem lhe disse que era para remover o coração? Agora os

barbas-grisalhas do Conselho dos Anões deram para negociar com as bruxas escuras?

O corpo dentro do sarcófago não estava decomposto, mas faltavam a cabeça e a mão direita e, no peito, havia um buraco no lugar do coração. Assim como o pescoço e o toco do braço, a ferida estava selada com ouro, o que comprovava que o cadáver fora posto assim no sarcófago. Valiant estendeu a mão para o cetro que repousava ao lado do corpo, mas Jacob puxou-a de volta bruscamente.

— Está vendo as folhas embaixo do corpo? Elas são enfeitiçadas. Por que você acha que ele não se decompôs?

Jacob olhou ao redor. O chão da cripta era revestido de mármore verde, mas das colunas partiam quatro faixas de alabastro, como ponteiros de uma bússola, que se uniam no caixão. Ele pegou a lanterna que o anão havia largado ao lado do sarcófago e caminhou ao longo das faixas. Havia inscrições em ouro branco em cada uma delas. Ele mal conseguia enxergá-las na pedra clara.

HOUBIT WESTARHALP

Qualquer caçador de tesouros conhecia aquela língua. Era a língua das bruxas. Fux seguiu Jacob com os olhos quando ele andou pela segunda e pela terceira faixa.

HANDU SUNDARHALP

HERZA OSTARHALP

Não foi difícil traduzir as inscrições.

A CABEÇA NO OESTE
A MÃO NO SUL
O CORAÇÃO NO LESTE

Talvez a caçada ainda não tivesse terminado.

Jacob andou até a quarta faixa. Nela a inscrição era bem mais longa do que as demais:

NIUWAN ZISAMANE BISIZZANT HWAZ
THERO EINAR BIGEROT. FIRBORGAN
HWAR SI ALLIU BIGANNUN.

— Para que servem suas luvas? Pegue logo o cetro! — resmungou Valiant. — E ele ainda está com o anel de sinete na outra mão.

Jacob ignorou o anão e olhou os caracteres.

JUNTOS ELES POSSUEM
O QUE CADA UM DESEJA.
OCULTO ONDE TODOS COMEÇARAM.

Não. O outro não havia encontrado a balestra. Ainda não.

— Jacob.

Fux ainda usava o pelo.

Passos...

Quase inaudíveis.

Jacob ergueu a lanterna. Ele distinguiu uma figura entre as colunas, escura como a pedra atrás da qual tentava se esconder.

Fux disparou antes que Jacob pudesse detê-la. O prazer de caçar tornava a raposa imprudente e, enquanto corria atrás dela, Jacob se amaldiçoou por não ter inspecionado a cripta antes. Ele ouviu Fux ganir e quase tropeçou nela. Ela estava entre as colunas e trocava de figura enquanto se punha de pé. No mesmo instante, atrás deles, o anão começou a gritar por socorro.

O homem que empurrava Valiant para fora do seu caminho usava roupas de couro de lagarto, e um verde-escuro marmorizava sua pele negra de ônix. Um goyl. Jacob apontou a pistola para ele, mas Valiant cambaleava na linha de tiro. O goyl acenou com ar debochado antes de sair e fechar a porta da cripta atrás de si. Valiant gritou e correu atrás dele. Ele agarrou o friso de crânios e sacudiu tão desesperadamente a porta que os ossos se quebraram em suas mãos.

— Por que você não atirou? — ele gritou. — Apodrecer enfurnado numa cripta! É isso que você chama de boa morte?

A testa de Fux estava suja de sangue. Jacob afastou o cabelo dela, preocupado, mas o ferimento não era muito profundo.

— Por que você não o farejou?

— Ele não tem cheiro. — Ela estava furiosa. Consigo mesma e com o estranho que a ludibriara.

Ele não tinha cheiro. Jacob olhou para a sombra, em cujo pescoço estava fincado o punhal com a resina. O goyl sabia o que estava fazendo.

— Vamos morrer de fome! — Valiant olhava ao redor como um rato numa armadilha.

Jacob voltou até as faixas de alabastro e examinou as letras.

— Sufocados, é mais provável.

Fux se pôs ao seu lado.

— Vou encontrar a pista dele — ela sussurrou. — Prometo.

Mas Jacob sacudiu a cabeça.

— Esqueça o goyl. Ele não estava com a balestra. — Ele olhou para as letras. Aquela era a pista que eles precisavam encontrar. Um homem morto... Ainda não.

— Que diabos vocês estão fazendo aí? — O pânico na voz de Valiant encheu a cripta. — Façam logo alguma coisa! Com certeza esta não é a primeira cripta em que vocês ficam presos!

Quanto a isso, o anão tinha razão. Jacob voltou para o sarcófago e segurou o cetro com as mãos enluvadas. Os construtores de criptas reais costumavam acreditar que o seu senhor estava apenas dormindo e que, em algum momento, despertaria. Então deixavam uma chave para ele dentro do caixão. Mesmo que o despertar de um rei sem cabeça fosse ainda mais improvável do que nos demais casos.

Assim que Jacob terminou de escrever o nome de Guismund no ar com o cetro, a porta da cripta se abriu. Valiant precipitou-se para fora aliviado, mas Jacob passou por cima do caçador morto atrás da porta e escutou. Os cavaleiros pendurados oscilavam ligeiramente para lá e para cá, e ele acreditou ouvir passos ao longe.

— Como o goyl sabia da cripta? — rosnou Valiant. — Se o Conselho dos Anões o contratou pelas minhas costas, eu...

Jacob o interrompeu:

— Besteira. Por que ele se daria ao trabalho de entorpecer o gigantim se estivesse aqui a serviço do Conselho dos Anões? Não. — Ele tirou o casaco do morto que estava atrás da porta. — Ele é conhecido como Bastardo, e é o único goyl que entende alguma coisa de caça de tesouros.

— O Bastardo... é claro! — Valiant passou a mão pelo rosto. O suor de medo ainda escorria em sua testa. — Dizem que ele gosta de decepar os dedos de seus concorrentes.

— Os dedos, a língua, o nariz... Ele tem uma fama sinistra. — Jacob embrulhou o cetro com o casaco do morto.

— Você não acha justo deixar isso comigo? — ronronou Valiant, e deu a Jacob seu sorriso mais inocente. — Por toda hospitalidade e pela minha inestimável ajuda?

— Ah, é? — Fux pegou o embrulho com o cetro da mão de Jacob. — Você ainda me deve metade do pagamento pela pena. Mas deixaremos alguma

coisa com você depois que nos arranjar cavalos e provisões de viagem.

— Viagem para onde? — A inocência desaparecera. De qualquer forma, ela combinava tão pouco com o rosto de Valiant quanto uma doença de pele.

— Volte até a cripta se quiser saber. Tenho certeza de que o Bastardo não foi tão cego quanto você.

Jacob se pôs diante da porta da cripta e examinou a imagem dourada de Guismund. Ele podia apenas esperar que o goyl demorasse mais para decifrar o enigma do Matador de Bruxas.

Maravilha. Como se não bastasse ter que disputar corrida com a morte.



13
O outro

A sala onde o Torto os recebeu era tão escura que Nerron quase não enxergava as próprias mãos. As cortinas de brocado azul-escuro afogavam a luz que incidia pelas altas janelas, e as velas ao lado do trono emitiam uma luz tão fraca que não incomodava nem mesmo os olhos de um goyl. O rei da Lorena era um homem muito inteligente. Ele preparara tudo para que seus hóspedes de pele de pedra se sentissem bem, pois um hóspede que se sentia bem era menos vigilante.

Já fazia alguns anos que Charles da Lorena endireitara a coluna deformada com a ajuda de um espartilho de espinhas de peixe enfeitiçadas, mas o apelido permanecera — para tristeza do Torto, que era um homem vaidoso. Dizia-se que ele tratava os fios grisalhos da barba e do cabelo com prata triturada e era muito infeliz com as rugas cada vez mais fundas que a idade, somada ao gosto por tabaco e bons vinhos, espalhava em seu rosto.

O lorde de ônix manteve a cabeça abaixada enquanto andava na direção dele. Na corte da Lorena, desprezava-se a pompa antiquada que os ônix tanto valorizavam. Nada de se ajoelhar, nada de uniformes, exceto em ocasiões oficiais. O Torto deixara às traças os mantos de pele de arminho e as casacas de brocado de seus antepassados. Ele gostava de trajes de seda preta, feitos sob medida de acordo com a última moda, e tinha preferência pelas hastes finas de tabaco que os embaixadores de Álbion haviam introduzido na corte da Lorena. Agora ele segurava uma delas entre os dedos. Cigarros. O nome soava aos ouvidos de Nerron como uma picada de inseto. Diziam as más línguas que o Torto se escondia atrás da fumaça para que ninguém pudesse ler seu rosto. Charles da Lorena era um gato que gostava de se passar por vegetariano enquanto o rabo de um camundongo saía pelo canto de sua boca. A fumaça azul que o envolvia era tão espessa que seu hóspede reprimiu a tosse antes de parar a uma distância adequada diante do trono.

— Majestade. — A voz do velho ônix nada denunciava da repulsa que sentia pelos humanos. O rosto escuro escondia tão facilmente o ódio quanto sua fome desmedida de poder. Nia’sny. Seu nome significava “escuridão” na sua língua, o que descrevia adequadamente tanto sua aparência exterior quanto seu coração. Ele dera ordens a Nerron para que permanecesse invisível até ser chamado. Nada mais fácil. Um bastardo conseguia

facilmente ser uma sombra.

— Seu caçador de tesouros não teve sucesso, assim como os humanos que os anões contrataram. Estou muito desapontado. — O Torto acenou para o criado que estava em pé atrás do trono segurando um cinzeiro. — Pelo jeito você exagerou quando elogiou os talentos dele.

Nerron sentiu vontade de apagar a haste de tabaco em brasa na testa do Torto. *Muita calma, Bastardo. Ele é um rei.* Mas o goyl nunca conseguira reprimir muito bem seus sentimentos. Tampouco estava muito certo de que queria aprender.

— Ele conseguiu abrir a cripta, como eu havia prometido, e ele encontrará a balestra! Se me permite, gostaria de lembrar que vossa majestade jamais teria tomado conhecimento da existência da cripta sem os nossos espiões. Os anões têm a ilusão de que sob a superfície estão em casa tanto quanto nós, mas o seio da terra não esconde nenhum segredo que os goyls não conheçam.

Não. O velho lorde não conseguia esconder a altivez em sua voz. Ônix. A pele mais nobre que um goyl podia ter. Com exceção de um goyl de cornalina que havia se declarado rei. Os ônix odiavam Kami'en com uma intensidade que quase derretia a pele de pedra. Com a intenção de derrubá-lo, revelaram a localização das fortalezas dos goyls e alimentaram o saco de desejos do Torto — que fazia seus inimigos desaparecerem — com espiões de Kami'en até o saco parar de funcionar. Era um milagre que o rei dos goyls ainda estivesse vivo. Nerron sabia de uma dezena de atentados que os ônix haviam cometido contra ele, mas os guarda-costas de Kami'en eram excepcionais, mesmo depois de o goyl de jade ter desaparecido... E ele ainda tinha a Fada Escura do seu lado.

O velho ônix se virou.

Até que enfim.

A deixa para o Bastardo entrar em cena.

Nerron saiu de trás da coluna onde aguardava e se pôs a caminhar em direção ao trono. Dizia-se que o encosto da poltrona fora esculpido a partir da mandíbula de um gigante. Não importava... Tais histórias não passavam de mais uma tentativa de provar que os humanos sempre haviam sido os dominadores daquele mundo. Os livros de história dos goyls tinham informações mais corretas. Em comparação com elfos, fadas e bruxos, os humanos eram recém-nascidos. Qualquer salamandra debaixo da terra tinha mais história que eles.

O Torto mediu-o com tamanho desprezo que, enquanto andava em sua

direção, Nerron imaginou-se cravando as espinhas do espartilho mágico entre suas costelas. Não que ele não estivesse acostumado a tais olhares. Ele não tinha nada que evitasse aqueles olhares — nem beleza, nem procedência nobre. Quando criança, convencera a si mesmo de que uma fada o criara a partir do mármore durante a noite, e que as faixas verdes em sua pele eram apenas resquícios das folhas que ela havia usado.

Na realidade, a malaquita que marmorizava a pele de Nerron vinha de sua mãe. Oficialmente, os ônix acasalavam unicamente com outros ônix, mas a maioria deles tinha um grande apetite por tudo que não lhes pertencia. E eles esperavam de seus bastardos qualidades diferentes daquelas de seus filhos legítimos. Nerron entendera isso muito cedo. Um bastardo tinha que ser como as cobras, e se arrastar e contorcer para sobreviver. Mas ele também era versado em outras virtudes das serpentes: a arte da invisibilidade, da ilusão. Ele dominava a picada que vinha da sombra.

Nerron curvou a cabeça tanto quanto o velho ônix havia feito. À esquerda e à direita do Torto estavam postados dois de seus guarda-costas. O olhar deles era frio como o lago de onde tinham vindo. O rei da Lorena era protegido por tritões. Sua pele era quase tão insensível quanto a dos goyls e, por terem seis olhos, pareciam ter sido criados especialmente para aquela tarefa.

— E então? — O olhar que o Torto dirigiu a Nerron não era muito mais caloroso que o de seus tritões. — Por que não trouxe a balestra se realmente esteve na cripta?

Os poderosos soavam todos iguais, não importava se sua pele era de pedra ou macia como a dos humanos. O poder era o que os alimentava, e eles sempre queriam mais e mais.

— Ela nunca esteve lá. — A voz de Nerron não soava como veludo, como as do Torto e do lorde de ônix. Era uma voz áspera e rude como a de um soldado.

— Ah, é? E onde ela está então?

— No castelo de Guismund na Cidade Morta.

O Torto sacudiu as cinzas que haviam caído em sua calça preta.

— Não diga bobagens. O castelo não existe mais. Ele desapareceu no dia em que Guismund morreu, junto com dez mil de seus súditos. Essa história eu ouvi já da minha babá; afinal, ele é um dos meus antepassados. Você não tem mais nada a me oferecer além de lendas de caçadores de tesouros?

Ah, a cólera do goyl. Nerron a sentia como óleo fervente nas veias.

Antigamente, na Lorena, eles costumavam alimentar os dragões com seus reis, quando o inverno não queria acabar. *Eles certamente apreciariam muito a sua carne defumada, vossa majestade.*

Nerron!

Ele se obrigou a sorrir.

— No cadáver de Guismund estão faltando o coração, a cabeça e uma mão. Isso significa que ele utilizou um feitiço antigo. Escondem-se três partes de um todo em três lugares diferentes, bem longe uns dos outros, para fazer desaparecer aquilo que realmente se quer esconder. Deve ser o seu Castelo Perdido. As indicações na cripta não deixam dúvidas. E que outro esconderijo poderia ser mais seguro? O castelo reaparecerá quando o cadáver for reconstituído.

Agora sim. Os olhos atrás das pálpebras pesadas fitaram Bastardo com um pouco mais de respeito.

— E você sabe onde procurar as três partes que estão faltando?

— Encontrar coisas perdidas é a minha profissão.

E ele as encontraria. Caso Jacob Reckless não chegasse antes dele. Entre todos os caçadores de tesouros daquele mundo, justo Jacob Reckless tinha que aparecer na cripta! E, ainda por cima, Nerron havia tirado a sombra de Guismund do caminho para ele. Se Reckless tivesse aparecido algumas horas depois, as inscrições no chão já estariam ilegíveis. Quando ele chegou, Nerron ainda estava com o frasco de ácido na mão. Era irritante. Muito irritante.

Seus caminhos já haviam se cruzado algumas vezes. Reckless já derrotara o goyl na busca pelo sapatinho de cristal. Seu retrato fora para a primeira página de todos os jornais. Nerron o havia recortado e queimado, na esperança de que isso trouxesse azar ao rival. Mas depois disso Jacob Reckless ficara ainda mais famoso — quando alguém perguntava pelo melhor caçador de tesouros, era sempre seu nome que era lembrado.

Por enquanto, Nerron.

Desta vez ele acabaria com Reckless.

Os olhos do Torto eram escuros como jaspe-de-pavão. O mundo era a toca de um rato, e ele era o gato que ficava sentado na frente dela, esperando a presa. *Deixe-o acreditar que você não passa de um ratinho, Nerron. Só assim os poderosos permitem que se vá para a caçada*.

O Torto sussurrou algo no ouvido escamoso de um dos tritões. A agilidade deles na terra era espantosa.

Um feixe de luz natural incidiu na sala escura quando o tritão desapareceu por uma das altas portas; Charles da Lorena olhou para as unhas, como se as comparasse com as garras do goyl.

— Com a balestra — ele disse —, a Lorena teria enfim uma arma que poderia deter a invasão furiosa dos seus semelhantes. Vocês devem entender que não posso deixar a busca por ela exclusivamente a cargo de um goyl.

Goyl. Ele pronunciou a palavra como todos eles faziam com seus lábios macios: como se tivessem algo podre dentro da boca, algo que se regurgita e cospe.

O rosto de Nia'sny transformou-se numa máscara de pedra negra. Não havia um motivo que fizesse os ônix odiarem mais Kami'en do que a aliança com os peles-macias. O simples cheiro dos humanos provocava náuseas em Nia'sny. Sua voz, porém, não deixava transparecer.

— Naturalmente, majestade — ele disse, com uma reverência perfeitamente fingida. — Quem vossa majestade tem em mente como apoio para essa missão?

O tritão voltou. Ele cochichou alguma coisa com seu senhor antes de reocupar seu posto atrás do trono. Charles da Lorena franziu a testa mole. A pele humana era tão desprotegida quanto a dos vermes que se contorciam ao sol. Era um milagre que não ressecassem.

— Meu filho Louis encontra-se, como acabo de saber, numa caçada. — Raiva e amor relutante soaram ao mesmo tempo na voz do rei. — Mas, assim que ele retornar, tudo estará pronto para a partida. Essa missão será uma excelente preparação para sua futura responsabilidade como meu sucessor.

Louis da Lorena. Nerron abaixou a cabeça. O que ele estava caçando? As criadas da mãe? Nerron já ouvira muitas coisas sobre o príncipe herdeiro, e nenhuma delas era boa.

— Será difícil garantir a segurança dele. — A voz de Nerron não conseguiu esconder a contrariedade que sentia. Ele trabalhava sozinho, sempre sozinho, e aquela era a caçada mais importante de sua vida.

O velho ônix lançou-lhe um olhar de advertência.

O que foi? Quem encontrasse a balestra seria o melhor! Poder. Terras. Dinheiro... Havia muitas coisas pelas quais os ônix e o Torto venderiam suas mulheres e filhos. Ele queria apenas uma: ser o melhor em sua profissão. Não havia nada, em cima ou embaixo da terra, que ele desejasse mais — porém Nerron não encontraria nem o Castelo Perdido nem a balestra se tivesse que bancar a babá do príncipe. Muito menos com o rival que tinha. Nerron não

contara aos ônix sobre Reckless. Essa competição era uma questão pessoal. Eles viriam a saber quando a caçada tivesse terminado e Reckless fosse o perdedor.

Mas o olhar do Torto ficara tão frio quanto a pele dos tritões. Os reis partiam do princípio de que todos consideravam a companhia de seus filhos uma honra imerecida, mesmo quando os próprios pais não tinham uma boa opinião sobre eles.

— *Você* garantirá a segurança dele. Mandei fuzilar meu melhor caçador depois que ele trouxe Louis de volta de uma caçada atingido por um tiro de raspão. — O gato estava pondo as garras de fora. — Além disso, destinarei a Louis meu melhor guarda-costas.

Fantástico.

Talvez o príncipe também quisesse levar seu alfaiate. Ou o servo que lhe fornecia entorpecentes. Dizia-se que Louis tinha um fraco por pó élfico.

Nerron baixou a cabeça e imaginou os cravos-de-defunto da cripta de Guismund esverdeando a pele do Torto.

Apesar de tudo, ele acabaria com Jacob Reckless.



14
Apenas um cartão

Ele corria e corria. Ele não tinha mais pés, mas continuava a avançar, trôpego, sobre tocos sangrentos, por uma floresta mais escura do que aquela em que encontrara o Alfaiate. Sempre atrás do homem que sabia ser o seu pai, embora nunca o visse de frente. Às vezes, queria apenas alcançá-lo. Às vezes, queria matá-lo. Era uma floresta sinistra.

— Jacob! Acorde!

Ele se ergueu assustado. A camisa estava tão empapada de suor que o ar frio da noite lhe dava calafrios. Por um momento, não reconheceu onde estava. Ele nem ao menos sabia em que mundo estava até ver duas luas entre os galhos e Fux ajoelhada ao seu lado.

Flandres, Jacob. Campos pantanosos, moinhos de vento. Rios largos. Na última hospedaria eles haviam sido devorados pelos percevejos, por isso decidiram dormir ao relento. Estavam a caminho do litoral, para tomar a balsa para Álbion.

— Tudo bem? — Fux olhou para ele preocupada.

— Tudo. Foi só um pesadelo. — No carvalho acima deles, uma coruja piou. Fux ainda parecia preocupada. *Claro, Jacob. Desde que ela soube a verdade, qualquer espirro seu soa como a morte.* Ele pegou a mão dela e a pôs sobre seu coração. — Está sentindo? Firme e forte. Talvez maldições de fadas só funcionem quando a pessoa nasceu neste mundo.

Fux tentou dar um sorriso, mas não foi muito convincente. Ambos sabiam o que ela estava pensando: o irmão de Jacob não era daquele mundo, e mesmo assim uma pele de jade crescera nele.

Fazia quatro dias que eles haviam partido da mina, e desde então quase não pararam para descansar. Jacob estava bastante certo do significado das inscrições no chão da cripta, mas eles só teriam a confirmação quando tivessem a balestra nas mãos. Assim que viram o cadáver mutilado, ambos compreenderam que o morto estava sem a cabeça, a mão e o coração para fazer algo desaparecer. Era um feitiço muito comum. Mas somente as palavras no alabastro haviam revelado que Guismund não fizera desaparecer apenas a balestra. Fux e ele haviam analisado muitas possibilidades e chegaram à conclusão de que só havia um significado possível.

O Matador de Bruxas tivera três filhos. Em seu leito de morte, seu filho

mais velho, Feirefis (ou Firefist, como ele se chamaria mais tarde), havia reivindicado a coroa de Álbion, que ficava a oeste. Seu irmão mais novo, Gahrumet, cuja vida havia sido salva pela balestra, tornara-se rei da Lorena, a parte do reino que ficava no sul. A única filha de Guismund, Orgeluse, fundara a dinastia dos imperadores austrasianos casando-se com um cavaleiro do pai e tendo dois filhos com ele. A Austrásia ficava no leste.

A CABEÇA NO OESTE
A MÃO NO SUL
O CORAÇÃO NO LESTE

Feirefis recebera a cabeça do pai. Gahrumet, a mão. Orgeluse, o coração.

JUNTOS ELES POSSUEM
O QUE CADA UM DESEJA.

Não era difícil adivinhar que a inscrição se referia à balestra.

OCULTO ONDE TODOS COMEÇARAM.

Todos os filhos do Matador de Bruxas haviam nascido no castelo que Guismund mandara construir no alto da Cidade Morta, mas desde o dia de sua morte sobrara apenas um espaço vazio onde antes ele se situava. O Matador de Bruxas fizera um castelo inteiro desaparecer para esconder a balestra e confiara somente aos filhos a solução macabra do enigma. Caso a demência que o acometera nos últimos anos de vida o tivesse levado a crer que dessa maneira promoveria a paz entre eles, seu desejo não se realizou. Eles odiavam uns aos outros, assim como ao pai. Algumas histórias contavam que a mãe deles era uma bruxa, então era ela a razão do ódio de Guismund por todas as bruxas. Outras diziam que sua segunda mulher fora uma bruxa e lhe revelara o meio para se tornar um feiticeiro. Qualquer que fosse a verdade, os filhos de Guismund guerrearam uns com os outros sem jamais solucionar o enigma do pai, e provavelmente nem chegaram a ler as inscrições na cripta. Mas Bastardo as vira, e Jacob não tinha ilusões quanto ao fato de que o goyl também as decifrara. A única questão era quem seria mais rápido na busca pelas três chaves do enigma.

Cabeça, mão, coração. Oeste, sul, leste.

Fux propusera fazer primeiro o caminho mais longo. Isso significava Álbion. Se tivessem sorte, chegariam lá em dois dias. Se as balsas estivessem funcionando. No início do ano era comum as tempestades deterem-nas no porto. *Dois, três meses. Talvez menos.* Seria apertado, mesmo que Bastardo

não encontrasse nenhuma parte da herança medonha de Guismund.

Fux tirou o vestido de pelo do alforje.

— Para quem você acha que Bastardo está trabalhando?

Ela ainda se transformava quase todas as noites, embora agora ela mesma entendesse o quão rápido o pelo lhe roubava os anos; mas Fux tinha razão: ele não tinha o direito de falar nada sobre isso. Jacob não renunciara a atravessar o espelho nem por Will nem pela mãe, e o que o levara a fazer isso certamente não tinha sido a perspectiva de uma vida mais longa e menos perigosa. Havia coisas que o coração ansiava tão ardentemente que a razão se tornava um mero espectador passivo. O coração, a alma, o que quer que fosse...

— Pelo que sei, ele costuma trabalhar para os ônix — ele disse enquanto tirava do alforje o prato de latão, que tantas vezes já o salvara de uma noite com fome. — O pai dele era um dos lordes mais importantes. Se ele encontrar a balestra, logo os goyls terão um novo rei.

O prato se encheu de pão e queijo assim que Jacob o poliu com a manga. Ele não estava realmente com fome, mas tinha medo de voltar a dormir e se encontrar novamente na floresta onde se arrastava atrás do pai. Sua razão não queria admitir o pensamento, mas lá estava ele, como um sussurro incômodo: *Você realmente vai morrer sem vê-lo novamente, Jacob.*

Fux trocara as roupas humanas pelo vestido de pelo. A vestimenta acompanhara seu crescimento como uma segunda pele, e ainda conservava um brilho tão sedoso como no dia em que Jacob a vira nela pela primeira vez.

— Jacob...

— O quê? — Ele quase não conseguia manter os olhos abertos.

— Você precisa dormir. Faz dias que não paramos para descansar. As balsas só partem de manhã de qualquer jeito.

Ela tinha razão. Ele pegou a mochila. Em algum lugar ainda havia alguns comprimidos para dormir do outro mundo. Se ele bem se lembrava, eles vinham do criado-mudo da mãe. Por anos ela não conseguia dormir sem eles. Ele pegou o cartão que tinha caído da mochila na grama branca de geada. *Norebo Johann Earlking*. O estranho desconhecido que o afiançara no leilão e estava interessado no empoeirado espólio de sua família.

Fux trocou de figura e lambeu o pelo como se precisasse espantar o cheiro humano. Por um momento, ela se aninhou junto dele como antigamente, quando ainda era uma criança que se escondia debaixo da pelagem. Jacob acariciou suas orelhas pontudas. Tão bela. Nas duas formas.

— Tome cuidado. Os caçadores já estão acordados.

Como se ele precisasse lembrá-la disso.

Ela segurou a mão dele entre os dentes por um instante — era a maneira de a raposa demonstrar seu amor. Então desapareceu silenciosamente entre as árvores, como se as patas não carregassem peso algum.

Jacob ficou olhando para o cartão que ainda segurava. Ele queria pedir a Will que descobrisse mais sobre aquele estranho benfeitor. Onde estava com a cabeça? *Sim, onde, Jacob? A morte está na sua cola. Norebo Johann Earlking terá que esperar. Mesmo que você não goste da cor dos olhos dele.*

Ele jogou o cartão na relva. *Dois, três meses...* Dois dias na balsa, e quem poderia dizer quanto tempo mais eles levariam para encontrar a cabeça em Álbion. E depois ainda teriam que voltar para a Lorena e para a Austrásia em busca da mão e do coração. Centenas de milhas com a morte em seu encalço. Talvez a última chance tivesse chegado tarde demais.

O vento que atravessou sua camisa empapada de suor trouxe até ele o cheiro podre de um pântano nas redondezas. As duas luas desapareceram atrás de nuvens escuras, e o mundo à sua volta por um instante lhe pareceu sinistro e estranho, como se quisesse lembrá-lo de que não estava em casa. *Onde você gostaria de morrer, Jacob? Aqui ou lá?*

O vento soprou algumas folhas murchas para o fogo e com elas o cartão de Earlking.

Ele não queimou.

As folhas viraram cinzas, mas o cartão permaneceu incólume em cima delas, tal como Earlking o pusera em sua mão. Jacob pegou o sabre e retirou-o das chamas com a lâmina. Quando o ergueu, o papel estava impecavelmente branco.

Um objeto mágico.

Como ele fora parar no outro mundo? *Pergunta idiota, Jacob. Como o gênio da garrafa tinha ido parar lá?* Mas quem levara o cartão através do espelho? E Earlking sabia o que tinha nas mãos? Eram perguntas demais, e Jacob tinha a desagradável sensação de que não gostaria das respostas.

Ele virou o cartão. O verso havia se preenchido com palavras e, quando Jacob passou a mão sobre elas, seus dedos ficaram manchados de tinta.

> Boa noite , Jacob.
>
> Lamento que nosso encontro tenha sido tão rápido , mas espero que haja outras oportunidades no futuro. Talvez em algum momento eu até mesmo possa ajudá-lo na tarefa que tem pela frente. É claro que não

totalmente sem proveito próprio, mas prometo que o preço será acessível.

As linhas esmaeceram assim que Jacob leu a última palavra, e o cartão voltou a apresentar apenas o nome impresso de Earlking.

Olhos verdes como grama.

Um leprechaun? Ou um dos gilches, que, segundo se dizia, as bruxas em Suomi moldavam com barro e despertavam para a vida com sua risada? Mas em Chicago? Não. Devia ser algum truque barato, uma brincadeira de um homem velho que por acaso se apossara de um objeto mágico. Por um momento Jacob quis jogar o cartão fora, mas então o embrulhou no lenço de ouro e o guardou no bolso. Fux tinha razão. Ele precisava dormir. Mas, quando se deitou ao lado do fogo quase extinto, soaram tiros ao longe, e ele ficou escutando na escuridão até finalmente ouvir, horas depois, os passos suaves da raposa. Em seguida Fux estendeu o cobertor ao seu lado.

Logo ela respirava profunda e regularmente, em sono profundo. Enquanto sentia o calor dela, Jacob se esqueceu dos pesadelos que o esperavam e do cartão que trouxera palavras do outro mundo, e finalmente adormeceu.



15
Relato de uma aranha

Carruagens e cavalos de corrida. Charles, o rei da Lorena, os colecionava, bem como retratos de atrizes. A carruagem onde Nerron estava era pintada nas cores nacionais da Lorena, e as portas eram cravejadas de diamantes. O Torto tinha um gosto muito melhor na escolha de seus trajes. Durante muito tempo Nerron havia procurado um lugar em que não fosse observado pelos espiões do rei ou dos ônix, pois o que ele queria descobrir não interessava a nenhum deles.

Onde estava Jacob Reckless? A pequena trapaça com a porta certamente não o detivera por muito tempo na cripta. Primeira regra de ouro da caça ao tesouro (e da vida em geral): jamais subestime a capacidade de seu inimigo.

Onde ele estava, então?

O medalhão que Nerron tirou da camisa de pele de lagarto era um de seus bens mais preciosos. A aranha que saiu de dentro dele fora roubada por Nerron em seu quinto aniversário. Com isso, ele salvara a própria vida. Entre o quinto e o sexto aniversário, todos os ônix bastardos eram convidados para ir a um palácio às margens de um lago subterrâneo. O lago era tão profundo que, pelo que diziam, as moreias que viviam ali chegavam a cem metros de comprimento. Nerron não entendera por que sua mãe não parecia contente com aquela honra. Ela quase não dissera palavra alguma enquanto ele admirava boquiaberto as maravilhas do palácio. Até então, casa era sinônimo de um buraco na rocha, com um nicho na parede para dormir e uma mesa onde sua mãe lapidava a malaquita que se assemelhava à pele dela. Nerron não era alto nem bonito, duas características que os ônix apreciavam muito, e sua mãe sabia o que isso significava. Os lordes de ônix eram mesquinhos com seu sangue. Os bastardos que não passavam nos testes eram afogados no lago que margeava o palácio. Todavia, um menino de cinco anos que conseguira roubar uma ferramenta de espionagem preciosa enquanto esperava sua sentença na biblioteca prometia ser útil em algum momento.

A aranha parecia sonolenta, mas começou a dançar assim que Nerron encostou a garra em sua barriga branca.

Aranhas gêmeas.

Raras e valiosas.

Ele levara meses para compreender o que as oito pernas escreviam na

palma da sua mão. Aquela dança silenciosa parecia a dança das abelhas para indicar às outras o caminho até as flores mais promissoras. Mas a aranha não dizia o que ela própria sabia, e sim o que sua irmã gêmea enxergava. E esta se enfiara nas roupas de Jacob Reckless na cripta de Guismund.

A cabeça. A mão. O coração. O que ele procuraria primeiro?

Aquilo que a aranha escrevia soava como fragmentos de uma conversa: ... *um velho amigo... não sabe... há muito tempo... duas, três horas da balsa...*

A balsa... Isso só podia significar Álbion; portanto, oeste. Ótimo. Só de pensar no Grande Canal ele sentia náuseas. O temor que os goyls tinham da água... Caso a cabeça estivesse em Álbion, Reckless lhe faria um favor se a encontrasse e trouxesse para o continente.

A aranha continuou a dançar; a irmã gêmea era terrivelmente tagarela e repetia tudo que captava. Que diabos interessava qual era a cor do céu que Reckless via, que cheiro ele tinha, se dormia ao relento ou se ele se hospedava num hotel? *Ora, vamos lá!* Para onde exatamente estava indo Reckless? Ele já sabia onde iria procurar a mão e o coração? Mas tudo que a dança da aranha dizia era o cardápio de uma hospedaria em Flandres. Se pelo menos aqueles bichos idiotas fossem mais inteligentes.

— É você o goyl que está acompanhando o príncipe?

A voz não passava de um sussurro molhado.

Um tritão estava diante da janela da carruagem, escamoso como os lagartos de cuja pele eram feitas as roupas de Nerron. Os seis olhos eram tão incolores como a água que os cavalariços ofereciam aos cavalos do Torto.

"O goyl que está acompanhando o príncipe." Mais essa agora...

— O príncipe está esperando. — Com os tritões, toda palavra soava como uma ameaça.

Ótimo. O príncipe que esperasse até começar a crescer musgo em cima de seus ombros reais. Nerron fez a aranha voltar para dentro do medalhão.

O uniforme do tritão ondulava enquanto ele atravessava o pátio do castelo na frente de Nerron, como se seu corpo protestasse contra aquelas roupas. Nos lagos, eles cobriam a pele escamosa apenas com algas e lama. Em terra, também não eram lá muito limpos. Havia poucas criaturas que causavam mais aversão a um goyl do que eles.

Um príncipe e um tritão. *Titica de lagarto...* Nerron cuspiu e captou um olhar de desprezo daqueles olhos sem cor. Pelo menos os tritões eram conhecidos por não serem especialmente loquazes, e como guarda-costas do príncipe era de esperar que abrissem mão do costume de arrastar qualquer

garota humana de aparência razoável para o lago mais próximo.

O príncipe está esperando.

Nerron amaldiçoava o Torto a cada passo que dava em direção a seu herdeiro. Louis da Lorena o esperava em frente ao estábulo dos cavalos de caça do pai. Suas roupas de viagem atrairiam qualquer bandido a centenas de milhas de distância. Só restava esperar que depois de alguns dias elas ficassem sujas e que os polegares roubassem os botões de diamante. O sucessor do trono da Lorena comia excessivamente do bom e do melhor, como era impossível deixar de perceber, e os cachos loiros caíam tão desgrenhados sobre o rosto imberbe e rechonchudo que parecia que os criados tinham acabado de arrancá-lo da cama. O príncipe até trouxera um deles consigo: ele mal chegava na altura do peito de seu amo e, com sua casaca preta engomada, lembrava um besouro. O olhar com que mediu Nerron parecia tão espantado que era como se ele nunca tivesse visto um goyl antes. Nerron respondeu com um olhar sombrio. *Tudo que você ouviu sobre nós é verdade, homem-besouro.*

Um tritão, um príncipe e um besouro... Jacob Reckless esfregaria as mãos de empolgação.

— Então, o que exatamente estamos procurando? — A voz de Louis soou tão rabugenta quanto era de se esperar de um infante mimado. Ele acabara de festejar o décimo sétimo aniversário, mas sua cara de inocente era enganosa. Dizia-se que nem mesmo as criadas da mãe estavam a salvo dele, assim como a prata, que ele convertia em moeda regularmente para pagar o alfaiate e as dívidas de jogo.

— Vosso pai me informou que se trata de Guismund, o Matador de Bruxas, alteza. — O Besouro soou como se a armação metálica dos óculos apertasse seu nariz. — Certamente vos lembrais de nossa lição sobre a história de vossos antepassados. O filho mais jovem de Guismund é um de vossos ancestrais, não em linha direta — a linha direta tivera a cabeça decapitada pelo povo da Lorena —, mas através de um primo bastardo. — O Besouro fechou a boca e passou a mão no cabelo ralo como se quisesse felicitar a si mesmo por tanta erudição.

Um professor. O Torto mandara um professor junto com o filho para caçar tesouros. Nerron desejou estar longe, muito longe dali. Até mesmo o inferno parecia mais atrativo.

Louis sacudiu os ombros, entediado, e seguiu com os olhos uma das criadas da cozinha que passava pelo pátio. Nerron esperava que ele fosse tão

bobo quanto aparentava. Isso tornaria mais fácil esconder dele eventuais segredos.

— Podemos ir com a nova carruagem, pelo menos? — ele perguntou. — Aquela que não precisa de cavalos. Meu pai mandou importar de Álbion.

Ignore-o, Nerron. Ou você vai matá-lo de pancadas no máximo no segundo dia.

— Partiremos em uma hora — ele disse ao tritão. — A cavalo — acrescentou, com um olhar para Louis. — Mas antes preciso examinar de perto vosso professor. — Ele pegou o Besouro pelo colarinho e o arrastou dali, o que, conforme o esperado, não despertou o menor interesse em seu principesco aluno.

— Arsene Lelou. Não viajo apenas na função de professor de Louis! — o Besouro balbuciou. — O pai dele me incumbiu de registrar as aventuras do filho para a posteridade. Há até mesmo alguns jornais interess...

Nerron fez ele se calar estalando a língua. Os ônix eram mestres em humilhar os subalternos.

— Suponho que você saiba alguma coisa sobre o filho mais novo do Matador de Bruxas.

O rosto barbeado do Besouro esboçou um sorriso de desdém.

— Sei tudo sobre ele. Mas obviamente não compartilho meu conhecimento sobre a família real com qualquer...

— Com qualquer o quê? Ouça bem, Arsene Lelou! — Nerron disse entre os dentes. — Para mim, matá-lo é mais fácil do que quebrar o pescoço de um polegar, e nós dois sabemos que seu aluno não moveria uma palha por você. Então talvez você deva considerar a possibilidade de partilhar seu conhecimento comigo. — O sorriso de Nerron deixava-o parecido com um lobo.

Arsene Lelou ficou vermelho, como se estivesse se transformando em cornalina.

— O que o senhor deseja saber? — disse com sua voz anasalada. Ele se esforçava para ser um besouro valente. — Posso lhe dizer as datas e os locais de suas vitórias mais importantes. E sei de cor uma parte considerável da correspondência que ele manteve com sua irmã Orgeluse sobre questões de herança na Austrásia, os tratados de armistício com seu irmão, que Feirefis rompeu diversas vezes, suas...

Nerron abanou a mão, impaciente.

— Você sabe alguma coisa sobre uma mão decepada que o Matador de

Bruxas teria deixado para Gahrumet?

Dê-me uma alegria, Besouro. Diga sim.

Mas Lelou fez apenas um bico enojado.

— Lamento. Nunca ouvi falar de herança tão grotesca. Isso seria tudo?

Seu queixo recuado tremia — se de medo ou humilhação, não era possível perceber. Ele fez uma mesura rígida e rapidamente se pôs a caminhar de volta para junto dos outros, mas após dois passos parou.

— Contudo, há uma ocorrência — Lelou ajeitou os óculos com um ar de sabe-tudo que quase fez Nerron arrancá-lo com uma pancada — sobre o criado preferido do neto de Gahrumet. Ele foi estrangulado por uma mão decepada.

Bingo.

— O que aconteceu com a mão?

Lelou alisou o colete, todo bordado com o brasão de armas da Lorena.

— O neto de Gahrumet fez que fosse condenada à morte. Num processo judicial normal.

— Como foi isso?

— Ela foi entregue ao carrasco, cortada em quatro pedaços e enterrada aos pés da vítima.

— Onde?

— No cemitério da abadia de Fontevaud.

Fontevaud. Era uma cavalgada de seis dias — caso o príncipe não precisasse descansar com muita frequência. Reckless com certeza passaria esse tempo em Álbion.

A cabeça no oeste. A mão no sul.

Nerron sorriu. Ele estava certo de que obteria a mão antes mesmo que Reckless descobrisse o paradeiro da cabeça. Estava sendo mais fácil do que esperava. Talvez não fosse tão ruim assim levar um besouro instruído na caçada. O próprio Nerron não era amigo dos livros — ao contrário de Reckless, que, segundo se dizia, conhecia todas as bibliotecas entre o mar Branco e as Terras Geladas e passava semanas debruçado sobre velhos manuscritos quando estava seguindo a pista de algum tesouro. Não, isso não era do gosto de Nerron. Ele preferia encontrar pistas em prisões, estalagens ou nas sarjetas. Mas um besouro instruído... Nerron deu uma batidinha no ombro franzino de Lelou.

— Nada mau, Arsene — ele disse. — Você acaba de aumentar sensivelmente suas chances de sobreviver a esta expedição.

Lelou não parecia saber ao certo se aquela afirmação deveria tranquilizá-lo. Na frente do estábulo, Louis discutia com o tritão quantos cavalos seriam necessários para transportar sua bagagem.

— Nenhuma palavra sobre a nossa conversinha! — Nerron sussurrou para Lelou enquanto voltavam para junto dos outros. — E esqueça os jornais, mesmo que Louis goste de ver seu rosto na primeira página. Quero ver cada sílaba que você escrever sobre as aventuras dele, e obviamente espero que meu papel seja descrito da maneira mais lisonjeira possível.



16

A cabeça no oeste

A maioria dos barcos ancorados no porto de Dunquerque ainda precisava do vento para navegar pelos mares do Mundo do Espelho. O vento que soprava entre os mastros temperava o ar com tudo que eles traziam dos cantos mais longínquos daquele mundo: pimenta prateada, madeira sussurrante, animais exóticos para os zoológicos dos príncipes da Lorena e de Flandres. A lista era interminável. Mas as balsas que iam para Álbion já possuíam chaminés em vez de mastros e sopravam com desprezo seu vapor sujo na cara do vento.

Mesmo assim, a balsa na qual Jacob subiu com Fux precisou de mais de três dias para atravessar o Grande Canal que separava Álbion do continente. O mar estava encrespado, e a toda hora o capitão diminuía a marcha para procurar uma lula gigante que arrastara outra balsa para o fundo das águas algumas semanas antes.

Jacob tinha a sensação de que o tempo escapava como areia entre os dedos, e Fux ficava na amurada, olhando para além das ondas agitadas, como se assim pudesse trazer a costa para mais perto. A aversão de Jacob por barcos era quase tão grande quanto a dos goyls. Fux, por sua vez, se equilibrava sobre as pranchas oscilantes como se tivesse nascido em cima delas. O pai dela era pescador. Fora dessa maneira que em algum momento Fux revelara sua origem a Jacob. Ela falava do passado ainda mais a contragosto do que ele. Tudo que Jacob sabia era que ela nascera numa aldeia no norte da Lorena, seu pai havia morrido pouco depois de seu nascimento, sua mãe se casara novamente e ela tinha três irmãos de criação.

Os rochedos de giz que finalmente emergiram das ondas cinzentas no quarto dia tinham seu correspondente exato no mundo de Jacob. Mas do alto dos penhascos brancos de Álbion sete reis e uma rainha vigiavam os navios que se aproximavam. Cada uma das estátuas era tão grande que em dias claros podiam ser vistas a muitas milhas de distância. A maresia corroía seus rostos tão implacavelmente quanto os gases dos automóveis estragavam os monumentos do outro mundo, e o rosto do rei atual estava escondido por um andaime, em cima do qual uma dezena de escultores se ocupava em restaurar o bigode que lhe rendera o apelido de “a Morsa”.

Fux olhou para a costa de Álbion como se fosse território inimigo. Ali, nos

teatros das cidades, o público aplaudia entusiasmado os metamorfos que se transformavam em asno ou em cão no palco. Já as raposas eram caçadas com tal fervor naquelas colinas verdes que Jacob a fez prometer jamais usar o pelo na ilha.

Álbion... Chanute afirmava que antigamente havia ali mais criaturas mágicas do que na Lorena e na Austrásia juntas, mas agora as fábricas brotavam dos campos encharcados mais depressa do que em Schwanstein. Enquanto conduzia seu cavalo entre as carroças que esperavam no cais, Jacob pensou já reconhecer nas colinas da região indícios das cidades que se alastravam no outro mundo. Mas as colinas ainda estavam cobertas por florestas encantadas, que falavam muito mais ao seu coração do que as ruas e parques onde ele e Will haviam crescido. Ele se perguntava com frequência se o pai também amara aquele mundo por ser indômito, ou somente porque ali ele podia apresentar como suas as invenções do outro mundo.

Eles pegaram uma das estradas menos movimentadas sentido noroeste. Ela serpenteava por campos e prados que faziam esquecer que já era tão raro encontrar polegares e stilzes em Álbion quanto hobs, a variante local dos gnomos, ou então os escamosos cavalos-d'água, que alguns anos antes ainda podiam ser vistos pastando à beira dos rios. O último corvo-dourado olhava fixamente para o vazio, empalhado numa vitrine de museu; unicórnios, só no brasão real. Em Londra, a antiga capital, Álbion construía palácios que reverenciavam as novas magias: a ciência e a engenharia. Mas Jacob seguia para outra cidade.

Pendragon ficava a menos de quarenta milhas em direção ao interior, possuía quase tantas torres quanto Londra e era tão antiga que os debates sobre o ano de sua fundação eram intermináveis. Além disso, a cidade abrigava a universidade mais famosa do país. O centro da cidade era marcado por uma grande pedra, cuja superfície fora alisada por inúmeras mãos. Mesmo Fux puxou as rédeas e também passou a mão na pedra antes de prosseguir. Diziam que era a pedra da qual Artur Pendragon havia tirado uma espada mágica, tornando-se então — muito antes da época de Guismund — o rei de Álbion. Nenhum outro rei atrás do espelho era envolto por uma trama tão complexa de mito e verdade como Artur. Dizia-se que uma fada o dera à luz e seu pai fora um elfo dos amieiros, um dos lendários imortais que mais tarde tornaram-se inimigos das fadas e foram tão implacavelmente perseguidos que não restara qualquer vestígio deles. Artur não só dera o nome a Pendragon, mas também fundara a célebre universidade — e dotara

seus alicerces com uma magia tão forte que à noite os velhos muros ainda brilhavam tanto a ponto de dispensar iluminação de rua.

Os edifícios ficavam atrás de uma cerca de ferro forjado que os envolvia havia séculos, como resquícios de uma cidade enfeitiçada. Ao pôr do sol, o portão era fechado. Fux apurou os ouvidos na noite antes de saltá-lo. Os guardas que faziam a ronda no terreno prestavam serviço havia tantos anos que já deveriam ter sido aposentados com honrarias. De qualquer forma, tudo que vigiavam era uma quantidade imensa de livros velhos e o cheiro do passado, que se misturava com relutância ao perfume do progresso.

Torres e frontões de pedras cinza-claros. Janelas escuras onde a luz das duas luas se perdia. Jacob adorava o labirinto de erudição de Pendragon. Ele passara horas incontáveis na Grande Biblioteca; assistira nos antigos auditórios a palestras sobre os leprechauns ou os dialetos das bruxas em Lothian; aprendera alguns truques novos (e espantosamente sujos) no salão de esgrima... e sempre voltava a constatar que tinha muito mais vontade de conhecer aquele mundo do que o outro, onde nascera. Todos os anos que passara procurando tesouros encantados perdidos lhe davam a sensação de ser uma espécie de guardião de um passado que os habitantes dali não valorizavam mais.

A maioria das janelas da faculdade de história estava escura como as demais. Somente no segundo andar ainda ardia uma luz. Robert Lewis Dunbar adorava trabalhar de madrugada.

Ele nem ergueu a cabeça quando Jacob entrou na sala. A escrivaninha de Dunbar estava tão atulhada de livros que mal dava para vê-lo atrás das pilhas, e Jacob se perguntou em que século ele estaria perdido naquele momento. Era difícil ser, ao mesmo tempo, filho de um far-darrig puro-sangue e um historiador talentoso. Era preciso ser mais brilhante do que seus colegas humanos, mas para Dunbar isso nunca fora um problema, embora tivesse herdado do pai uma cauda de rato e a pele toda coberta de pelos.

Dunbar não herdara o focinho pontudo. A beleza de sua mãe fora responsável por um rosto razoavelmente harmonioso. A maioria dos far-darrigs era proveniente de Fianna, a ilha vizinha beligerante de Álbion. Eles podiam ficar invisíveis e tinham — conforme poucos sabiam — uma memória fotográfica.

— Jacob... — Dunbar ainda não havia erguido a cabeça. Ele continuava folheando as páginas enquanto coçava as bochechas peludas. — Um dos enigmas do universo é por que a direção da nossa universidade contrata

vigias noturnos surdos e cegos. Felizmente, seu andar de pirata é inconfundível. Você, Fux, eu naturalmente não ouvi! — Ele ergueu os olhos e sorriu para ela. — Pela espada de Pendragon, como a raposa cresceu! E ainda suporta a companhia dele? — Ele fechou o livro e lançou um olhar zombeteiro para Jacob. — O que está procurando desta vez? Uma roupa tecida por Habetrot? O casco de um grifo? Você deveria mudar de profissão. Lâmpada incandescente, bateria, aspirina... essas são as palavras que atualmente soam como magia.

Jacob se aproximou da escrivaninha e examinou os livros em que toda noite Dunbar se perdia, como numa paisagem de papel.

— *História da Mauritânia*, *Tapetes voadores* e *No reino das lâmpadas mágicas.* Você pretende viajar?

— Talvez. — Dunbar apanhou uma mosca e colocou-a na boca discretamente. Nenhum far-darrig era capaz de resistir a um inseto que passasse na sua frente. — O que faz um historiador num país que só acredita no futuro? O que pode acontecer de bom se deixarmos nossas vidas serem ditadas por ponteiros e engrenagens?

Jacob abriu um dos livros e observou a figura de um tapete voador que levava dois cavalos e seus cavaleiros.

— Acredite, isso é só o começo.

Dunbar piscou para Fux com um ar de cumplicidade.

— Ele gosta de bancar o profeta, não é mesmo? Mas quando eu lhe pergunto o que exatamente ele vê no futuro, ele dá respostas evasivas.

— Talvez eu lhe diga um dia. — Não havia ninguém a quem Jacob gostasse mais de contar sobre o outro mundo do que Dunbar. Sempre que o via, Jacob imaginava como os olhos míopes de Dunbar ficariam arregalados com a visão de um arranha-céu ou um avião a jato. Embora Dunbar tivesse uma visão bastante crítica sobre o progresso em seu mundo, Jacob não conhecia ninguém que possuísse tanta erudição e inteligência e, ao mesmo tempo, a curiosidade insaciável de uma criança.

— Você ainda não respondeu. — Dunbar pôs uma pilha de livros de volta nas prateleiras escuras de madeira que cobriam todas as paredes da sala com conhecimentos impressos. — O que está procurando?

Jacob pôs o livro sobre o tapete voador de volta na escrivaninha. Ele desejou estar caçando algum objeto mágico inocente como aquele.

— Estou procurando a cabeça de Guismund, o Matador de Bruxas.

Dunbar parou tão repentinamente que um dos livros escorregou de seu

braço. Ele se abaixou e o apanhou do chão.

— Então primeiro você precisa encontrar a cripta dele. — Sua voz soou estranhamente fria.

— Eu já a encontrei. O cadáver de Guismund está sem a cabeça, o coração e a mão direita. Acredito que ele tenha enviado a cabeça a Álbion. Para o seu filho mais velho.

Dunbar pôs os livros na estante, um por um, sem dizer uma palavra. Então ele se virou e encostou nas lombadas de couro. Jacob jamais vira tanta hostilidade no rosto de Dunbar. Como sempre, ele usava uma longa casaca, que escondia sua cauda. Apenas o vermelho reluzente da roupa revelava o far-darrig. Eles dificilmente usavam outra cor.

— Trata-se da balestra, não é? Sei que tenho uma dívida com você, mas não irei ajudá-lo nisso.

Fazia alguns anos, Jacob salvara Dunbar de uns soldados bêbados que se divertiam em atear fogo ao seu pelo.

— Não estou aqui para cobrar dívidas. Mas preciso encontrar a balestra.

— Para quem? — O pelo de Dunbar eriçou-se como o de um cão raivoso. — Os camponeses que aram a terra nos antigos campos de batalha ainda encontram ossos humanos. Agora você resolveu trocar sua consciência por um saco de ouro? Pelo menos de vez em quando você pensa um pouco no que está fazendo? Vocês, caçadores de tesouros, fazem da magia deste mundo uma mercadoria que somente os poderosos podem adquirir!

— Jacob não pretende vender a balestra!

Dunbar não deu atenção à objeção de Fux. Ele voltou para a escrivaninha e se pôs a folhear suas anotações com mãos inquietas.

— Não sei nada sobre a cabeça — disse sem olhar para Jacob. — E nem quero saber. Sei que você perguntará a outros, mas tenho esperança de que ninguém lhe dará a resposta que procura. Felizmente este país também perdeu o interesse pela magia negra. Pelo menos isso é um progresso. E agora me desculpe. Amanhã preciso dar uma palestra sobre o papel de Álbion no tráfico de escravos. Outro triste capítulo.

Ele se sentou atrás da escrivaninha e abriu um dos livros que estavam na sua frente.

Fux lançou um olhar desamparado para Jacob.

Ele a puxou pelo braço em direção à porta.

— Desculpe — ele disse a Dunbar. — Eu não deveria ter vindo aqui.

Dunbar não ergueu o olhar do livro.

— É melhor que algumas coisas nunca sejam encontradas, Jacob — ele disse. — Você não é o único a se esquecer disso.

Fux quis responder, mas Jacob puxou-a consigo.

— Esqueço muito menos do que você pensa, Dunbar — ele disse antes de fechar a porta atrás de si.

E agora?

Ele olhou para o corredor escuro.

Fux tinha a mesma pergunta estampada no rosto. E o mesmo medo.

No final do corredor, surgiu um lampião bruxuleante. O vigia noturno que o segurava era quase tão velho quanto o edifício.

Jacob ignorou seu olhar perplexo e passou por ele sem dizer nada.

A noite estava clara; as duas luas projetavam manchas de prata e de ferrugem nos telhados. Fux só disse algo quando haviam chegado novamente ao portão de ferro.

— Você sempre tem um plano B. Qual é?

Sim, ela o conhecia bem.

— Vou comprar um caco de sangue.

Ele tomou impulso para pular o portão, mas Fux o segurou pelo braço e o puxou de volta.

— Não.

— Não o quê? — Ele não pretendia soar tão irritado. Mas estava exausto e farto de fugir da morte. *E mais uma coisa, Jacob. O medo. Você está com medo*.

— Preciso encontrar a cabeça e não faço ideia de onde procurar, sem falar do coração e da mão. O único homem que eu esperava que me ajudasse acha que sou um idiota sem consciência e, ao que tudo indica, no máximo em três meses eu próprio estarei deitado num caixão!

— Quê? — A voz de Fux soou como se a verdade cortasse sua garganta feito um caco de vidro.

Raios, Jacob.

Ela o empurrou contra o portão de ferro.

— Você disse que não sabia!

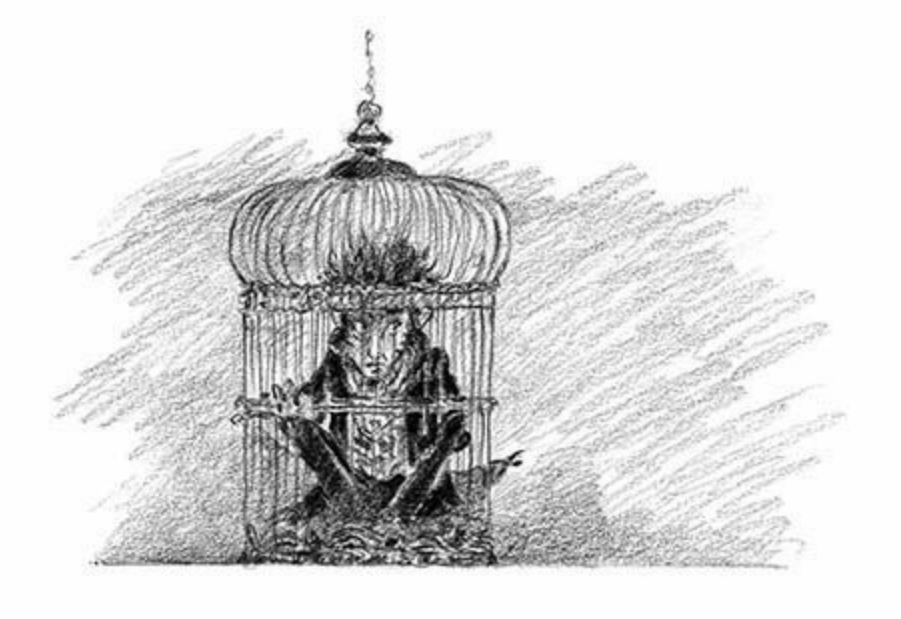
— Sinto muito.

Com relutância, ela permitiu que ele a abraçasse. O medo fazia o coração dela bater depressa, quase tanto como quando ele libertara a pata ferida da raposa da armadilha.

— Agora que você sabe muda alguma coisa?

Ela se soltou do abraço.

— Juntos — ela disse. — Não era esse o plano? Não minta de novo para mim. Já estou farta.



17
A primeira mordida

Havia coisas que era preciso buscar na sarjeta. Coisas sinistras, que podiam ser encontradas seguindo o cheiro da miséria por ruas escuras longe dos lampiões e das casas brancas revestidas de reboco, por quintais que fediam a lixo e comida ruim. Jacob pediu informações a um homem sentado na soleira da porta de uma casa, que espremia o pó prateado de um elfo aprisionado. Pó élfico — um modo perigoso de esquecer o mundo.

Na vitrine da loja que ele recomendou, nada havia de suspeito. Já era madrugada, mas o que Jacob procurava era melhor comprar com a proteção da noite. O comércio de objetos e substâncias mágicas era estritamente regulamentado em Álbion. Apesar disso, quem procurasse nos lugares certos conseguiria quase tudo que se podia comprar no continente.

Quando Jacob bateu no vidro fosco, os guinchos de um hob soaram através da porta. A variante albiã dos gnomos tinha cabelo ruivo e pernas bem mais longas que seus primos austrasianos. A mulher que abriu a porta empenhava-se em parecer uma bruxa, mas suas pupilas eram redondas como as de uma humana, e o perfume de ervas que ela borrifara fundo no decote não tinha semelhança alguma com o cheiro de floresta que envolvia Alma. O hob estava agachado numa gaiola sobre a porta. Os hobs eram vigias confiáveis quando regularmente alimentados e, aprisionados, seu humor não era muito pior do que quando livres. Seus olhos vermelhos buscaram Fux quando eles entraram na loja. Ele farejara a metamorfa.

A falsa bruxa trancou a porta enquanto seus olhos avaliavam as roupas de Jacob. O corte e o bom tecido sussurraram a palavra “ouro” em seus ouvidos, e ela deu um sorriso tão falso quanto seu perfume. A loja cheirava a lírios-do-brejo secos, o que não era um bom sinal. Muitas vezes eles eram oferecidos aos clientes como lírios-de-fada, e os cogumelos-esponja pendurados no teto eram vendidos como afrodisíacos, embora tudo que provocassem fossem alucinações pelo resto da vida de quem os consumisse. Mas Jacob distinguiu nas prateleiras algumas coisas dotadas de magia de verdade.

— O que Cachinhos de Ouro pode fazer pelos dois bonitinhos? — A risada rouca denunciava que ela mascava lentilhas. A droga da Cinderela... Princesa por algumas horas. Ela sorriu para Fux com ar malicioso. — Precisam de algo para estimular a antiga paixão? Ou tem alguém no caminho de vocês?

Jacob teve vontade de fazê-la beber sua poção mais venenosa. Seus cachos eram de fato dourados. Aquele tipo de ouro pegajoso que as falsas bruxas gostavam de preparar para tingir o cabelo e os lábios.

— Preciso de um caco de sangue. — Jacob pôs dois táleres em cima do sujo balcão. Nos últimos tempos, o lenço que os produzia começara a falhar. Agora eles saíam tão finos em alguns pontos que ele logo precisaria arranjar um novo.

Cachinhos de Ouro esfregou os táleres entre os dedos para se certificar de sua qualidade.

— São cinco anos de cadeia pela venda de cacos de sangue.

Jacob pôs mais um táler em sua mão.

Ela guardou o pagamento no bolso do avental e desapareceu atrás de uma cortina fechada. Os olhos de Fux a seguiram. O rosto da raposa estava pálido.

— Às vezes eles não funcionam — ela disse, sem olhar para Jacob. Sua voz soou quase tão rouca quanto a da mascadora de lentilhas.

— Eu sei.

— E você vai perder sangue durante semanas!

Ela olhou para ele tão desesperada que por um instante ele ficou tentado a tomá-la nos braços e beijá-la até espantar o medo de seu rosto. *O que é isso, Jacob?* Toda aquela sujeira nas prateleiras estava enevoando seu cérebro? Todas aquelas poções de amor e amuletos baratos, aqueles ossos de dedos que, se carregados no bolso, traziam desejo e paixão? Ou era mais um efeito que o medo da morte produzia?

Cachinhos de Ouro voltou com um saco na mão. O caco de vidro que Jacob tirou de dentro dele era transparente e um pouco maior que o fundo de uma garrafa.

— Como sei que é autêntico?

Fux pegou o caco de vidro da mão dele e passou os dedos sobre o vidro. Então ela encarou a falsa bruxa.

— Se ele se machucar, eu a encontrarei — ela disse. — Não importa onde você se esconda.

Cachinhos de Ouro deu um sorriso irônico.

— Isso é um caco de sangue, meu bem. É claro que ele vai se machucar. — Ela tirou um pequeno frasco do avental e pôs na mão de Jacob. — Esfregue o corte com isso e o sangramento será mais fraco.

O hob os seguiu com os olhos até sua dona trancar a porta atrás deles.

Um rato disparou pela rua escura e ao longe ouviam-se as rodas de uma

carruagem chacoalhando sobre o calçamento de pedra.

Jacob pisou na soleira da porta mais próxima e arregaçou a manga. Caco de sangue. Ele próprio nunca havia usado, mas Chanute comprara um quando estavam caçando a varinha de um bruxo. Era preciso imaginar com a maior exatidão possível o que se queria encontrar. Então cortava-se profundamente a própria carne com o caco, até que fosse possível ver o objeto procurado no vidro, como através de um telescópio, com a esperança de ver também o suficiente do lugar onde ele se encontrava. Cacos de sangue tornavam visíveis apenas objetos que tivessem tido contato com magia negra, mas disso a cabeça do Matador de Bruxas com certeza tivera o suficiente.

— Vocês encontraram a varinha daquela vez? — Fux desviou o rosto, aflita, quando Jacob encostou o caco de vidro na pele.

— Encontramos. — Jacob não mencionou que Chanute quase morrera de hemorragia. Aquela era uma magia nefasta.

Antes que pudesse pressionar o caco de vidro contra a pele, uma dor irrompeu em seu peito. Era uma dor como Jacob jamais sentira antes. Algo cravava os dentes em seu coração. O caco de vidro caiu de sua mão, e o grito que saiu de seus lábios foi tão alto que do outro lado da rua uma janela se abriu.

— Jacob? — Fux o segurou pelos ombros.

Ele queria dizer alguma coisa, qualquer coisa tranquilizadora, mas tudo que conseguiu foi um gemido. Ele só se mantinha em pé porque Fux o segurava. Seu antigo eu queria se esconder dela, orgulhoso demais para se mostrar tão vulnerável, tão impotente. Mas a dor simplesmente não queria ceder.

Respire, Jacob. Respire. Vai passar.

O nome da Fada Escura possuía seis letras, mas ele só conseguia se lembrar de cinco.

Ele se apoiou na porta diante da qual eles estavam e pressionou a mão no peito, certo de que no instante seguinte o próprio sangue escorreria entre seus dedos. A dor cedeu, mas só a lembrança dela já o fazia respirar mais depressa.

“Não será agradável.” O eufemismo do ano, Alma.

Fux pegou o caco de vidro do chão. Estava gasto, mas não havia sangue nele. Ela olhou incrédula para o vidro limpo. Então ergueu a mão que Jacob mantinha sobre o peito. A mariposa sobre o coração dele tinha uma mancha na asa esquerda em forma de uma minúscula caveira.

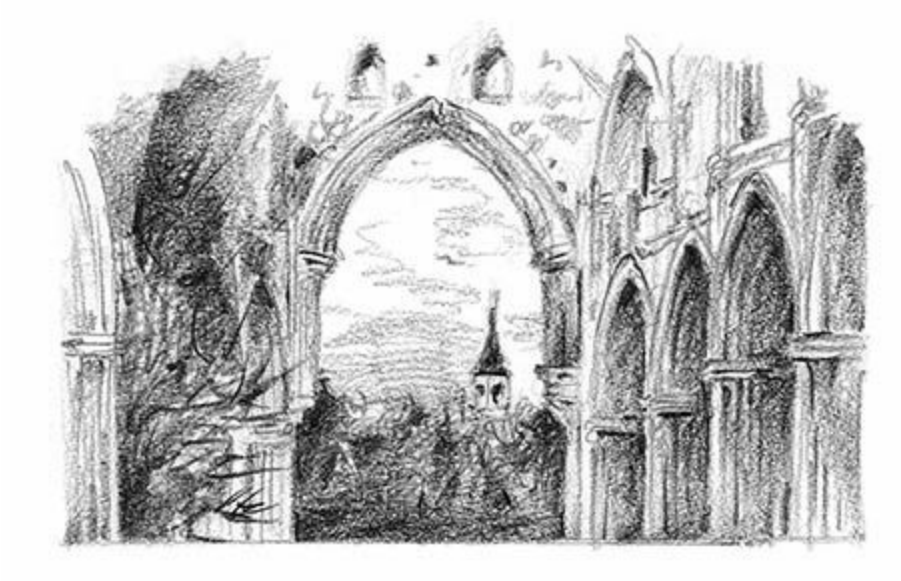
— A fada está pegando o nome dela de volta. — Ele mal conseguia falar, parecia ainda sentir o grito de dor na garganta.

Recomponha-se, Jacob. Ah, seu maldito orgulho! Ele ergueu a mão, mesmo trêmula.

— Me dê o caco.

Fux o guardou no bolso do casaco e desceu a manga da camisa de Jacob sobre o braço despido.

— Não — ela disse. — E duvido que você tenha forças para tirá-lo de mim.



18
A mão no sul

O tritão era o que menos dava nos nervos de Nerron. Eaumbre... Quando ele pronunciou o próprio nome com seus lábios escamosos, Nerron pensou sentir a lama de uma lagoa nos ouvidos. Até mesmo Louis era suportável, embora perguntasse o tempo todo pela próxima refeição e corresse atrás de todas as camponesas. Mas Lelou! Quando não estava rabiscando em seu caderno de anotações, o Besouro falava pelos cotovelos. Qualquer castelo entre as vinhas ainda sem folhas, qualquer igreja em ruínas, qualquer nome de lugar em qualquer placa apodrecida na beira da estrada desencadeava uma torrente de esclarecimentos. Nomes, datas, fofocas da corte. Sua ladainha era como o zumbido de um zangão nos tímpanos de Nerron.

— Lelou! — ele interrompeu em algum momento a explicação sobre os fatos que comprovavam que a aldeia pela qual estavam passando certamente não era o local de nascimento do Gato de Botas. — Está vendo isto aqui?

Arsene Lelou calou-se e olhou atônito para os três objetos que Nerron havia tirado de um saco de couro e sacudia na palma da mão. Demorou alguns instantes até compreender o que tinha diante de si.

— É isso mesmo que você está vendo! — Nerron disse. — Um dedo, um olho e uma língua. Todos eles me importunaram. O que você acha que eu cortaria de você?

Silêncio. Precioso silêncio.

Nerron recolhera as três lembrancinhas, como ele carinhosamente as designava, numa câmara de tortura dos ônix. Elas nunca falhavam. Afinal, era preciso trabalhar sua má reputação, especialmente quando não se tinha muito gosto em arrancar olhos e decepar dedos.

De fato, o silêncio de Lelou durou até os muros do mosteiro de Fontevaud surgirem diante deles. Bastou um olhar através do portão de madeira apodrecida para perceber que a abadia estava abandonada. As urtigas se alastravam pelos claustros, e nas celas esparsas moravam apenas ratos. O único cemitério que eles conseguiram descobrir consistia em oito cruzes de madeira, onde estavam gravados os nomes dos monges mortos e as datas de seus falecimentos. Nenhuma das sepulturas tinha mais de sessenta anos, mas a mão, se o Besouro estivesse certo, estaria enterrada ali havia mais de trezentos anos.

Nerron sentiu o desejo premente de cortar Lelou em fatias transparentes como pedra da lua. O Besouro leu a ideia em seus olhos e escondeu-se depressa atrás de Eaumbre. Lelou não esquecera as três lembrancinhas.

— O lavrador — ele balbuciou, e apontou o dedo trêmulo para um homem velho que desenterrava batatas no terreno abandonado atrás do mosteiro. — Talvez ele saiba de alguma coisa.

O velho deixou cair no chão sua parca colheita assim que viu Nerron andando em sua direção. Seu olhar era tão assustado que parecia que o próprio diabo havia emergido da terra úmida. Na Lorena, um goyl ainda era uma visão rara, mas Kami'en logo trataria de mudar aquela situação.

— Existe algum outro cemitério por aqui? — Nerron perguntou rispidamente para o velho.

O lavrador persignou-se e cuspiu aos pés dele. Na crença popular, aquilo ajudava a afastar os demônios. Comovente. Contra goyls, não ajudava. Nerron já estava prestes a agarrar o velho pelo colarinho e sacudi-lo até que caísse em si, quando o pobre homem caiu de joelhos.

Louis aproximava-se com passos arrastados, seguido por Lelou e o tritão.

As roupas principescas já estavam um pouco surradas, mas ainda tinham um aspecto mil vezes melhor do que tudo que o velho já pusera no corpo. O homem não devia fazer ideia de que tinha o príncipe herdeiro da Lorena diante de si — ele não tinha jeito de quem lia o jornal todos os dias —, mas qualquer súdito sabe qual é a aparência dos soberanos e que é melhor obedecê-los.

— Pergunte a ele sobre o antigo cemitério! — Nerron sussurrou para Louis.

Isso apenas lhe rendeu um olhar irritado como resposta. Príncipes não estavam acostumados a receber ordens. Mas Lelou veio em seu auxílio.

— O goyl tem razão, meu príncipe! — cochichou no ouvido perfumado de Louis. — A vós com certeza ele responderá!

Louis lançou um olhar enojado para as roupas sujas do lavrador.

— Existe outro cemitério por aqui? — perguntou com voz entediada.

O velho encolheu a cabeça entre os ombros franzinos. Seu dedo magro apontou para os pinheiros que cresciam além dos campos.

— Construíram a igreja com eles.

— Com o quê? — Nerron perguntou.

O velho continuava com a cabeça abaixada em atitude reverente.

— A terra inteira estava cheia deles! — ele balbuciou enquanto enfiava

discretamente algumas batatas nos bolsos largos. — O que se poderia fazer com eles?

A igreja até a qual o velho os guiou em nada se diferenciava das outras igrejas da região. A mesma pedra cinzenta, uma torre com telhado achatado e algumas ameias deterioradas, mas o velho bateu em retirada assim que Nerron abriu a porta apodrecida.

Até o brasão incrustado na parede atrás do altar era feito de ossos humanos. As colunas eram revestidas de crânios e, nas capelas laterais, fechadas com grades, os ossos se empilhavam até o teto. Naturalmente, também havia mãos. Elas serviam como candelabros ou ficavam espalhadas pelas paredes como ornamentos. Frustrado, Nerron bateu com a cabeça num dos crânios. Como, pela pele verde de sua mãe, ele encontraria a mão correta ali?! Enquanto ele estava enterrado até o pescoço com ossos podres, Reckless recolheria a cabeça e o coração tranquilamente.

— O que é mesmo que estamos procurando? — Louis enfiou o dedo na cavidade ocular vazia de um crânio.

— A balestra de vosso antepassado. — Os sussurros úmidos do tritão soavam ainda mais ameaçadores na igreja vazia.

— Uma balestra? — Louis fez uma careta de desprezo. — Meu pai está querendo matar os goyls de rir quando eles nos atacarem?

— Trata-se de uma balestra fora do comum, meu príncipe... — ponderou Lelou. — E um pouco mais complicada, se entendi bem o que o goyl disse. — Ele fazia um bico com os lábios ao falar, como um sapo cuspindo veneno. — Primeiro temos que encontrar uma mão, depois...

— Depois você explica — Nerron interrompeu-o rispidamente. Ele andou até uma das capelas laterais e observou os ossos empilhados atrás das grades. — Se Lelou estiver certo, a mão foi cortada em quatro. Além disso, presume-se que ela não tenha se decomposto e que suas unhas estejam pintadas de dourado.

Todos os feiticeiros pintavam as unhas de dourado para esconder que o sangue de bruxa as fazia mofar.

— Credo! — murmurou Louis enquanto brincava com os botões de diamante de sua casaca. Não havia nenhum faltando. Já não se podia confiar nem nos polegares. *Faça de conta que ele não está aqui, Nerron. Nem ele, nem o tritão, nem o Besouro tagarela.*

Ele abriu a grade com o sabre e logo se afundou em ossos até os joelhos.

Maravilha. Um antebraço despedaçou-se sob suas botas. Os ossos dos goyls, assim como sua carne, petrificavam após a morte. Muito mais higiênico do que a putrefação humana.

— Ai, que coisa boba. Vou procurar uma taverna. — A expressão entediada no rosto de Louis dera lugar à irritação. Ele possuía um temperamento explosivo quando não se embriagava com vinho ou pó élfico. De um dos crânios que revestiam as colunas ao seu lado, surgiu um duende do tamanho de uma mão. Eaumbre pegou-o antes que mordesse Louis.

— Um follet dourado! — Lelou puxou depressa seu protegido para trás. — Fácil de confundir com um follet doméstico, mas... — Um olhar de Nerron interrompeu a explanação.

Clec.

O tritão pendurou o cadáver do follet nas teias de aranha que capturavam poeira e moscas entre as colunas.

— Se a gente quebra o pescoço de um, serve de advertência para os outros — ele sussurrou.

Lelou vomitou entre os ossos, mas Louis olhava fascinado para o pequeno cadáver, e Nerron pensou distinguir um quê de crueldade em seu rosto rechonchudo. Uma característica bastante útil para um futuro rei.

— Bem. Divirtam-se. — Louis jogou um crânio no peito de Lelou e riu quando o Besouro cambaleou para trás. — Você também fica! — ordenou ao tritão. — Não preciso de um cão de guarda para me embebedar, e seu rosto horroroso assusta as garotas.

Ele se virou para sair, mas Eaumbre se pôs em seu caminho.

— São ordens de vosso pai — ele sussurrou.

— Mas ele não está aqui! — disse Louis entre os dentes. — Portanto, tire esse seu corpo de peixe do meu caminho ou telegrafarei a ele dizendo que flagrei você arrastando uma camponesa que não parava de gritar para a lagoa da aldeia.

Ele passou a mão no cabelo encaracolado e deu um sorriso principesco para os outros.

— Cada um de nós terá a sua diversão.

Então saiu da igreja com uma pose senhorial e bateu a porta com tanta força que a madeira podre soltou alguns pedaços.

— Vá atrás dele — disse Nerron ao tritão.

— Sim, vá atrás dele, Eaumbre! — repetiu Lelou, com pânico na voz.

Mas o tritão continuou parado, olhando com os seis olhos para a porta por

onde Louis desaparecera.

— Vá de uma vez, Eaumbre! — Lelou repetiu, com a voz estridente.

O tritão não se mexeu.

Orgulhoso como um tritão. Até os goyls conheciam essa expressão.

— Deixem para lá. Ele vai voltar — Nerron disse. — O principezinho tem razão. Ele não precisa de nós para se embebedar.

Lelou gemeu.

— Mas o seu pa...

— Você é surdo? Ele vai voltar! — ralhou Nerron. — Temos que encontrar uma mão com unhas douradas. Comece a procurar, Lelou.

O Besouro quis retrucar, mas finalmente ergueu a cabeça e começou a vasculhar os ossos que haviam se esparramado da capela lateral.

Eaumbre acenou com a cabeça para Nerron.

Gratidão de seis olhos.

Quem poderia saber para que ela ainda seria útil?



19
Talvez

O hotel onde Fux deixou Jacob era tão decadente quanto a loja da falsa bruxa. Mas a dor o enfraquecera mais do que ele admitia, e ela não conseguira encontrar um fiacre que os levasse a um local melhor naquelas ruas desertas.

Jacob fechou os olhos assim que deitou na cama, e Fux ficou sentada a seu lado até se certificar de que ele dormia profundamente. Sua respiração estava rápida demais, e em seu rosto ela viu um rastro de sombra que a dor deixara.

Ela passou a mão suavemente na testa dele, como se seus dedos pudessem remover aquela sombra. *Cuidado, Fux.* Mas o que ela poderia fazer? Proteger seu coração e abandoná-lo para a morte?

Ela sentiu que o amor se mexia dentro dela feito um animal despertando do sono. "Durma!", queria sussurrar. Continue a dormir. Ou melhor, volte a ser o que era antes. Amizade, nada mais. Sem esse desejo de tocá-lo.

Jacob pôs a mão no peito durante o sono, como se os dedos precisassem acalmar a mariposa que lhe devorava o coração.

"Devore o *meu* coração!", Fux pensou. "O que vou fazer com ele?"

O coração dela sentia de forma tão diferente quando usava o pelo. Para a raposa, até mesmo o amor tinha gosto de liberdade. E o desejo vinha e ia embora como a fome, sem os anseios que a condição humana trazia.

Era difícil sair dali e deixar Jacob. Ela temia que a dor voltasse, mas o que precisava fazer era por ele. Fux trancou a porta do quarto ordinário e levou consigo a chave e o caco de sangue.

Àquela hora, Dunbar já devia ter saído de sua escrivaninha. A manhã não demoraria muito para chegar. Fux o visitara em sua casa apenas uma vez, junto com Jacob, mas a raposa nunca esquecia um caminho.

Foi um pouco cansativo explicar ao cocheiro do fiacre que ela não tinha nenhum endereço para lhe dar e somente poderia indicar, com base em árvores e cheiros, por onde deveria ir, mas no final ele a deixou diante da alta cerca que ficava na frente da casa de Dunbar. Fux tocou o sino junto da porta meia dúzia de vezes antes de ouvir uma voz irritada vindo de dentro da casa. Não devia fazer muito tempo que Dunbar havia se deitado.

Ele enfiou o cano da espingarda pela porta antes de abrir, mas baixou a arma assim que reconheceu quem estava ali. Dunbar fez um sinal para Fux

entrar. Em cima da lareira estava pendurado um retrato de sua já falecida mãe e, sobre o piano, ao lado do retrato do pai, havia uma foto dele com Jacob.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que eu tivesse sido suficientemente claro.

Dunbar encostou a espingarda na parede, apurou os ouvidos em busca de sons no corredor escuro e então fechou a porta. O pai vivia com ele. Jacob havia contado que o velho far-darrig raramente saía de casa. Era cansativo ser alvo de olhares. Em Fianna ainda havia algumas centenas de far-darrigs, mas em Álbion eles eram tão raros como um verão ensolarado.

Fux passou a mão nas lombadas dos livros que cercavam Dunbar em sua casa como na universidade. Na casa em que ela crescera não havia um único livro. Fora Jacob quem a ensinara a gostar deles.

— Agora quem tem um far-darrig em casa e no sangue precisa de uma espingarda?

— Digamos que é melhor prevenir do que remediar. Mas ainda não precisei usá-la. Não sei ao certo se as espingardas são uma invenção boa ou má. Essa questão parece se aplicar a qualquer invenção, mas acho que nos dias de hoje ela tem sido suscitada com frequência demais para o meu gosto. — Ele olhou para Fux. — Nós dois estamos entre duas épocas, não é mesmo? Trazemos o passado na pele, mas o futuro é barulhento demais para ignorarmos. O que foi e o que será. O que se perde e o que se ganha...

Dunbar era um homem inteligente. Mais inteligente do que todos que Fux conhecia, e em qualquer outra noite ela não teria desejado nada além de ouvi-lo explicar o mundo. Mas naquela noite, não.

— Estou aqui para não perdermos Jacob, Dunbar.

— Jacob? — Dunbar deu uma gargalhada. — Mesmo se o mundo inteiro se perdesse, ele encontraria outro!

— Isso de nada lhe adiantaria. Se não encontrarmos a balestra, em alguns meses ele estará morto.

Os olhos de Dunbar eram os olhos de gato de seu pai. Os far-darrigs eram, como a raposa, criaturas da noite. Fux podia apenas esperar que aqueles olhos vissem que ela não estava mentindo.

— Por favor, Dunbar. Me diga onde está a cabeça.

A sala se encheu de silêncio. Talvez lágrimas tivessem sido úteis, mas ela não conseguia chorar quando estava com medo.

— Claro. A terceira flecha... O filho mais novo de Guismund. — Dunbar

andou até o piano e passou os dedos sobre as teclas. — Ele está tão desesperado assim para depositar suas esperanças nessa história quase esquecida?

— Ele já tentou todo o resto.

Dunbar apertou uma tecla. Fux ouviu toda a tristeza do mundo naquele som. Não era uma boa noite.

— Então a Fada Vermelha o encontrou?

— Ele voltou para ela por vontade própria.

Dunbar sacudiu a cabeça.

— Então ele bem que mereceu.

— Ele fez isso pelo irmão. — *Fale, Fux.* Dunbar acreditava em palavras. Ele vivia no meio delas. Mas a mariposa estava devorando o coração de Jacob e não havia palavras que pudessem impedir. — Por favor! — Por um instante, Fux quis encostar a espingarda no peito de Dunbar. O que o medo pode fazer com alguém. E o amor.

Dunbar lançou um olhar para a espingarda, como se adivinhasse o pensamento dela.

— Quase esqueci que estou falando com uma raposa. A figura humana é bastante enganadora. Mas ela fica bem em você.

Fux sentiu suas bochechas corarem. Dunbar sorriu, mas seu rosto logo voltou a ficar sério.

— Eu não sei onde está a cabeça.

— Sabe sim, você sabe.

— Ah, é? Quem disse?

— A raposa.

— Então digamos assim: eu não sei, mas tenho uma suspeita. — Ele pegou a espingarda e passou a mão no longo cano. — A balestra vale centenas de milhares de vezes mais do que esta espingarda. Com uma flechada, ela faz do homem que a utiliza um genocida. Estou convencido de que, em algum momento, serão construídas máquinas que farão a mesma coisa. A nova magia é como a velha magia. Os mesmos objetivos, as mesmas ambições...

Dunbar apontou para Fux e abaixou a espingarda.

— Me dê sua palavra de honra, pela pelagem que você usa, pela vida de Jacob, por tudo que é sagrado para você, que ele não venderá a balestra.

— Eu lhe dou o meu pelo como garantia. — Ela nunca dissera palavras tão difíceis.

Dunbar sacudiu a cabeça.

— Não, eu não peço tanto.

Uma cabeça assomou à porta da sala. O focinho de rato era cinzento e a idade havia turvado seus olhos de gato.

— Pai! — Dunbar virou-se com um suspiro. — Por que você não está na cama?

Ele conduziu o velho homem até o sofá onde Fux estava sentada.

— Vocês dois devem ter bastante para conversar — Dunbar disse, quando o velho far-darrig mediu Fux com olhar desconfiado. — Acredite, ela sabe tudo sobre a maldição e a glória de se ter um pelo.

Dunbar foi até a porta.

— A tradição vem de terras distantes — ele disse enquanto se dirigia para o corredor —, mas já faz quase duzentos anos que Álbion acredita no poder milagroso das folhas de chá. Mesmo às cinco da manhã. Talvez ele torne mais fácil sair dos meus lábios o que você quer ouvir.

O pai olhou intrigado para ele, mas finalmente se virou para Fux e examinou-a com os olhos turvos.

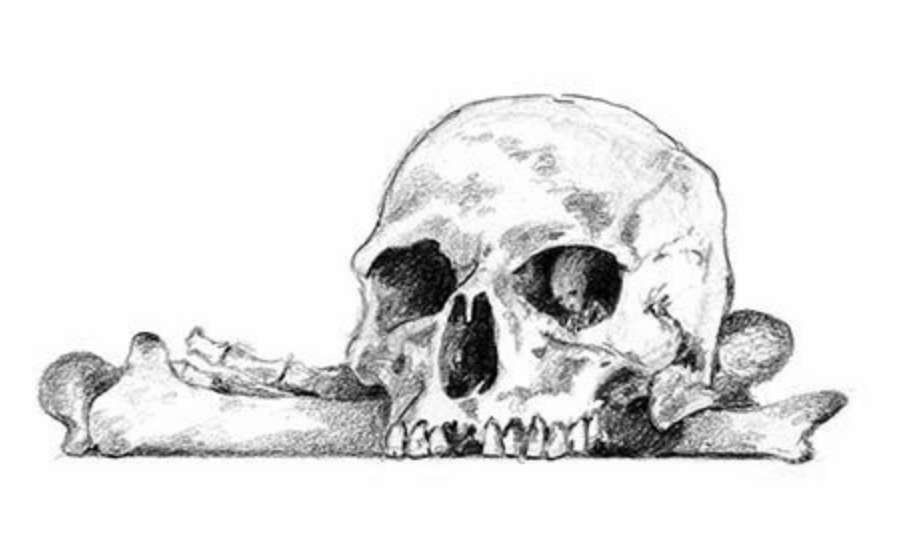
— Raposa, se não estou enganado — ele disse. — De nascença?

Fux sacudiu a cabeça.

— Eu tinha sete anos. O pelo foi um presente.

O far-darrig suspirou solidário.

— Ah, isso não é fácil — murmurou. — Duas almas dentro de um só coração. Espero que no final não seja o humano em você sempre o mais forte. Para eles, é tão difícil ficar em paz com o mundo.



20

O mesmo sangue

E nada ali também. Nerron jogou mais uma mão para junto dos ossos que eles haviam examinado. Quase não dava para ver Lelou atrás da pilha que se formara. Eaumbre quebrara um banco em pedaços, e com a lenha fizera archotes e os fixara nos candelabros vazios, mas a noite sufocava a parca luz que o fogo emitia, e ainda havia milhares de ossos que a escuridão escondia até mesmo dos olhos de um goyl.

E se a mão não estivesse naquela maldita igreja? E se ela ainda estivesse em algum lugar lá fora, na terra úmida? Com certeza, eles não haviam desenterrado todos os ossos!

Nerron havia praguejado de todas as formas que conhecia, desejado estar em centenas de outros lugares e se perguntado mais de mil vezes se Reckless já havia encontrado a cabeça. Mas tudo que podia fazer era vasculhar mais um monte pálido de restos humanos e esperar por um milagre.

Lelou e o tritão ajudavam com pouco entusiasmo, mas eram quatro mãos a mais para separar pernas, crânios e costelas de ossos de dedos. *Os bons na panela, os ruins na gamela* — ele se comparou à Cinderela. *Pensamento errado, Nerron.* Isso apenas o fez lembrar que Reckless tinha encontrado o sapatinho de cristal antes dele.

O tritão ergueu a cabeça e sacou a pistola.

Alguém abriu a porta da igreja.

Louis tropeçou no primeiro crânio que encontrou no caminho e buscou apoio numa coluna.

— O vinho dessa região é mais azedo do que a limonada da minha mãe — resmungou com a língua pesada. — E as garotas são mais feias que você, Eaumbre!

E, naturalmente, vomitou sobre um monte de ossos que eles ainda não haviam examinado.

— Quanto tempo ainda pretendem ficar aqui? — Ele limpou a boca com a manga feita sob medida e cambaleou em direção a Nerron. — Então... toda essa caça ao tesouro... uma balestra mágica... Seria melhor meu pai ir atrás de bons engenheiros como os de Álbion!

Ele parou de repente e olhou para um monte de crânios à sua esquerda. No meio deles algo se mexia. Eaumbre pegou o sabre, mas Louis fez um sinal

impaciente para que recuasse.

— Eu mesmo vou quebrar o pescoço dele — balbuciou. — Não pode ser tão difícil assim. Monstrinhos peçonhentos...

Lelou lançou um olhar alarmado para Nerron. A mordida de um follet dourado era quase tão perigosa quanto a de uma víbora. Porém, o que saiu do meio dos ossos não tinha pele dourada, nem braços ou pernas.

— Não! — Nerron gritou quando o tritão ergueu a espada.

Três dedos, pálidos como cera.

Eles se moviam ágeis como pernas de gafanhoto. Nerron tentou agarrá-los — e soltou-os junto com um palavrão. Seu braço ficou dormente até o ombro. *A mão de um feiticeiro. O que você estava pensando, Nerron?*

Os dedos correram na direção de Louis. Ele recuou, trôpego, mas atrás dele algo descia por uma coluna. Polegar e indicador. A segunda parte. Eaumbre tentou golpeá-los com o sabre. Os dedos se esquivaram da lâmina com habilidade. Louis quis sacar o punhal, mas estava bêbado demais para tirá-lo da bainha.

— Droga! — ele vociferou. — Faça alguma coisa!

Um pedaço de mão subiu por sua bota.

— Pegue-a! — Nerron gritou para ele. — Depressa!

Nas veias de Louis não corria muito do sangue de Guismund. Mas talvez fosse o suficiente para protegê-lo. Senão...

Louis já se abaixava. Os dedos se agitavam como as pernas de um grande besouro repugnante, mas não atacaram Louis. Incrivelmente, o principezinho estava sendo útil! De todas as direções, alguma coisa rastejava para cima dele. As outras duas partes do punho arrastavam-se como tartarugas sobre os ladrilhos.

Louis juntou as partes como uma criança que monta um brinquedo macabro. Os pedaços de carne morta aderiram uns aos outros como cera morna. No coto e nas unhas ainda havia um pouco de ouro. Nerron sorriu. Sim, era a mão certa.

O saco mágico que ele tirou do casaco era proveniente de uma cordilheira na Anatólia de onde era muito difícil sair com vida. Ainda assim, todos os caçadores de tesouros precisavam de pelo menos um desses sacos. Qualquer coisa que se punha dentro dele desaparecia, e só ressurgia quando alguém enfiava a mão no fundo do saco.

Nerron o estendeu para Louis.

O príncipe deu um passo para trás e escondeu a mão nas costas como uma

criança mimada.

— Não — ele disse enquanto arrancava o saco mágico da mão de Nerron. — Por que você ficaria com ela? Afinal, foi até mim que ela veio!

Lelou não conseguiu disfarçar um sorriso de satisfação, mas o tritão trocou um olhar com Nerron em que a lembrança de cada um dos insultos de Louis flutuava como pedrinhas numa lagoa.

Ótimo.

Em algum momento, talvez isso o poupasse de ter que torcer o pescoço do principezinho com as próprias mãos.



21
Impossível

O que seria de você sem ela, Jacob? Fux olhava pela janela do trem, mas ele não sabia se o seu olhar estava voltado para os campos que passavam do lado de fora ou para o reflexo do próprio rosto no vidro. Muitas vezes Jacob a flagrava observando sua figura humana como se fosse a de um estranho.

Quando notou o olhar de Jacob, Fux sorriu para ele com a mistura de segurança e vergonha que só sua forma humana conhecia. A raposa nunca ficava envergonhada.

O vapor da locomotiva passava pela janela, e um garçom de fraque equilibrava copos e pratos pelo sacolejante vagão-restaurante. Para Jacob, era como se a dor da noite anterior tivesse aguçado seus sentidos. O mundo a seu redor parecia maravilhoso e estranho, como ele o percebera na primeira vez em que atravessara o espelho. Ele passou a mão na xícara de chá que o garçom trouxe. A porcelana branca era decorada com elfos, do tipo que ainda se encontrava em muitas flores em Álbion. Na mesa ao lado, dois homens discutiam a utilidade dos gigantins na marinha albiã, e no pescoço de uma mulher reluzia um colar de lágrimas das ninfas selkie, que podiam ser encontradas na praia da costa sul da ilha, como pérolas sem conchas. Ele ainda amava aquele mundo, mesmo que estivesse tentando tirar-lhe a vida.

Apesar da xícara decorada, o chá estava tão amargo que ele quase não conseguiu engolir, mas era bom contra o cansaço que a mordida da mariposa havia causado.

Fux segurou a mão dele.

— Como você está? Chegaremos em breve.

Atrás das colinas surgiram os telhados de Goldsmouth, o porto da Marinha Real. Atrás ficava o mar, vasto e cinzento. Ele parecia mais tranquilo do que durante a travessia. *Ótimo*. Jacob não acreditava que teria que embarcar novamente num navio.

— Você ainda tem dinheiro? — Fux sussurrou por cima da mesa. — Ou gastou tudo com o caco de sangue?

Jacob conhecia um fornecedor que vendia uniformes para a Marinha, mas eles não seriam baratos, e o lenço de ouro estava cada vez menos confiável. Eles quase não conseguiram pagar as passagens de trem, de tanto que ele demorou para produzir o último táler. Jacob pôs a mão no lenço gasto e

sentiu o cartão de Earlking entre os dedos. Não conseguiu resistir e tirou-o do bolso.

> Foi muito dolorido, não foi? E ficara cada vez pior. As fadas amam a dor que podem infligir aos mortais.
> De resto, hoje visitei seu irmão.

Fux olhou para ele.

— De quem é esse cartão? — Ela se esforçou para soar casual, mas Jacob sabia em quem ela estava pensando. Ela ainda não esquecera a água de cotovias. Só que ele se lembrava melhor da dor nos olhos dela do que do beijo de Clara. *Talvez você já devesse ter dito isso a ela, Jacob.*

Ele passou o cartão para Fux por cima da mesa. As palavras já desbotavam quando ela o pegou.

— É um objeto mágico! — Fux virou o cartão. — Norebo Johann Earlking?

O cobrador passou pelo vagão anunciando a próxima estação.

— Sim. E não foi neste mundo que ele me deu o cartão.

Jacob se levantou. De repente, o outro mundo estava tão próximo que as roupas a seu redor lhe pareceram fantasias. Cartolas, botas de abotoar, camisas com babados... Por um momento ele estava perdido entre os mundos, nem aqui nem lá.

— O que ele tem a ver com Will?

Sim, o quê? Não parecia se tratar somente de algumas antiguidades. Jacob não estava gostando daquilo, mas o espelho estava muito longe e podia demorar semanas até que voltasse a ver Will. Se voltasse mesmo a vê-lo.

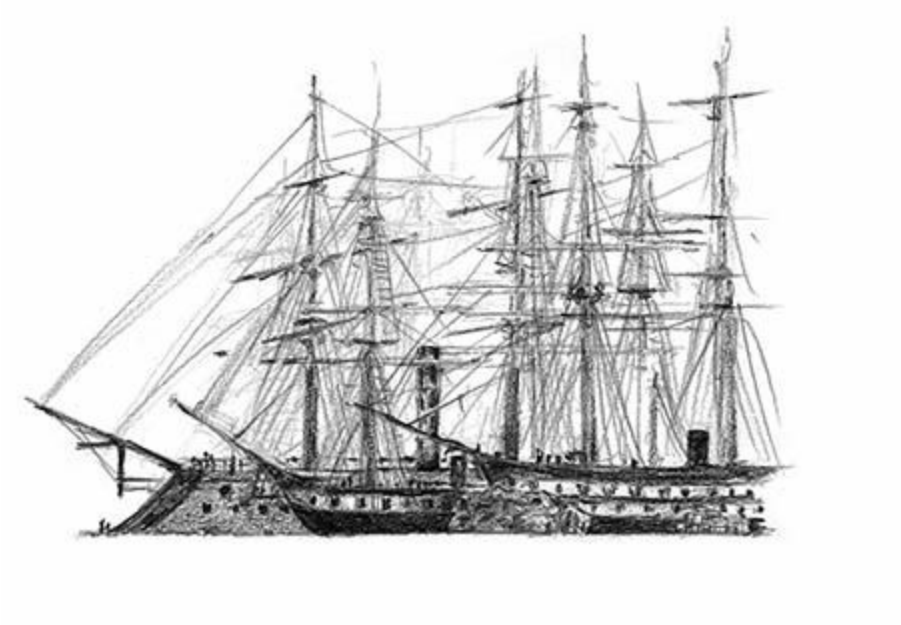
Ah, que diabos... ele voltaria a vê-lo, sim.

Fux levou o cartão ao nariz. Sempre a raposa, mesmo na pele humana.

— Prata. E um cheiro que não conheço. — Ela devolveu o cartão para ele e pegou seu sobretudo. Jacob estava junto quando ela o comprara. O tecido era da mesma cor que seu pelo. — Não gosto desse cheiro. Tome cuidado.

Os outros passageiros os empurraram para a porta do trem. A plataforma sufocava no vapor da locomotiva, mas o vento que vinha do porto trazia um cheiro de sal e alcatrão para os trilhos. Carregadores. Cocheiros. Dois homens com assentos de madeira nas costas esperavam pelos dois anões que haviam sentado atrás deles no vagão-restaurante. Não era agradável andar por uma estação apinhada de gente quando se media menos de um metro de altura.

Eles pegaram um dos fiacres estacionados na entrada. Fux desceu no local onde ficavam as lojas dos fornecedores dos navios, mas Jacob pediu ao cocheiro que o deixasse no porto. Restava-lhes apenas esperar que a suspeita de Dunbar sobre o esconderijo da cabeça estivesse certa. Mas, para descobrir, ele primeiro precisava achar um jeito de embarcar no navio-almirante real.



22
Flancos de ferro

Ali estavam os navios, lado a lado. Os rangidos das cordas molhadas se misturavam aos guinchos das gaivotas e às vozes dos homens que preparavam os navios para zarpar. Nenhuma frota atrás do espelho poderia medir forças com a de Álbion. A confiança estava estampada no rosto de cada um dos marinheiros, que embarcavam com seus sacos nas costas pelas pontes de madeira bamboleantes, e de cada um dos oficiais encostados na amurada. As bandeiras com o dragão coroado tremulavam acima deles. Álbion nem tentava manter o objetivo da navegação de sua frota em segredo.

Jacob pegou um jornal da úmida calçada de pedras do porto. Os títulos na primeira página estavam impressos em letras ornamentais, mas a mensagem era tão clara quanto a das manchetes de seu mundo.

FROTA REAL FORNECERÁ ARMAS PARA FLANDRES

A esperança na luta contra os goyls vem das fábricas de Álbion.

Eles se sentiam muito seguros. Todos sabiam do medo que os goyls tinham do mar. Álbion não abastecia apenas Flandres com armas. Seus navios as levavam também para o norte, onde se formara uma aliança contra os goyls. Agora quase toda frota era movida a vapor e vento, e o poder de tiro de seus canhões era famoso. Mas para Wilfred, a Morsa, isso parecia não ser suficiente.

Jacob olhou para o desenho impresso na página seguinte. Ele quase não conseguia distingui-lo no papel úmido, mas seu coração começou a bater absurdamente depressa, como quando vira o avião na fortaleza dos goyls. A caçada da qual já havia desistido. O rastro que nunca levava a lugar algum. E novamente ele se deparava com ele num lugar em que jamais procuraria.

O *VULCAN* EM SUA DOCA EM GOLDSMOUTH

O terror dos mares em ferro fundido zarpa pela terceira vez como escolta de um carregamento de armas. A obra-prima da engenharia albiã IMPRESSIONA ATÉ MESMO OS GOYLS.

Jacob abaixou o jornal e correu os olhos ao longo dos navios enfileirados.

À esquerda estava ancorado o navio que o fizera ir até lá: *Titania*, o navio-almirante da frota albiã, batizado com o nome da mãe do rei. Tripulação de 376 homens. Quarenta e cinco canhões. A figura de proa era refletida na água suja do porto, mas Jacob dedicou-lhe apenas um breve olhar. Seus olhos

buscavam o navio da manchete do jornal.

Onde ele estava?

Seu olhar passou por cascos e mastros de madeira até que, de repente, a pálida luz do sol se refletiu no metal.

Ali estava ele. Na última doca. Cinza e feio, um tubarão de aço no meio de um cardume de sardinhas de madeira. O casco achatado saía apenas alguns metros para fora da água e era, assim como a chaminé, blindado com ferro até a linha-d'água. Em seu mundo, os primeiros navios de ferro haviam praticamente decidido a Guerra Civil Americana, mas aquele ali era uma versão muito mais moderna.

Jacob. Esqueça! Mas ele não conseguia raciocinar. O coração batia como se quisesse saltar do peito enquanto ele abria caminho entre caixas e sacos de lona, passando por marujos que carregavam mantimentos e munição, mulheres que se despediam dos maridos e crianças que afundavam o rosto molhado de lágrimas no uniforme dos pais. Era como se ele cambaleasse num de seus sonhos, apenas com a diferença de que ali a floresta era de mastros de navios.

De perto, o navio de ferro era ainda mais impressionante. Tinha proporções gigantescas, mesmo com a maior parte escondida sob a água. Quatro homens estavam diante da passarela de madeira que levava do píer ao deque. Três deles eram oficiais da Marinha Real, mas o quarto estava em trajes civis. Ele estava de costas para Jacob. Seu cabelo era grisalho e curto, no mesmo comprimento que o próprio Jacob usava.

E se fosse ele? Depois de tantos anos. *Volte, Jacob. Já acabou. Passado.* Mas ele se sentia novamente com doze anos de idade e havia esquecido a mariposa no peito. Esquecido por que estava ali. Apenas se deixou estar ali, olhando para o navio de ferro e as costas de um desconhecido.

Jacob!

Um jovem grumete passou apressado por ele, dois pacotes de cigarro debaixo do braço magro. As últimas entregas para os oficiais. Ele ergueu os olhos assustado quando Jacob o segurou.

— Você sabe quem é aquele homem? Aquele ali de pé com os oficiais?

O jovem o encarou como se ele tivesse perguntado qual era o nome do sol.

— É Brunel. Ele construiu o *Vulcan* e já está projetando um novo navio.

Jacob deixou-o ir.

Um dos oficiais olhou em volta, mas o homem em trajes civis permanecia de costas.

Brunel. Não era um nome muito comum. Isambard Brunel era um dos heróis de seu pai. John Reckless explicara ao filho mais velho os projetos das pontes de ferro de Brunel, quando Jacob tinha menos de sete anos de idade.

Tantos anos, e de repente talvez fossem apenas alguns passos.

— Sr. Brunel? — Como sua voz soou insegura. Como se de fato ele tivesse voltado a ter doze anos.

Brunel virou-se, e Jacob deparou-se com o rosto de um estranho. Apenas os olhos eram cinzentos como os de seu pai.

Ele não sabia o que estava sentindo. Decepção? Alívio? Ambos? *Diga alguma coisa, Jacob. Vamos, depressa.*

— Brunel. Não é um nome muito comum.

— Meu pai é da Lorena. — Brunel sorriu. — Posso saber com quem tenho...

— Ora, este é Jacob Reckless. — O oficial que estava ao lado de Brunel cumprimentou Jacob com a cabeça. — Exerce uma atividade um pouco diferente. A caça à antiga magia. O homem que está na sua frente é muito bem-sucedido nisso — ele estendeu a mão para Jacob. — Cunningham. Nem de longe um nome tão interessante. Tenente da Marinha Real. Muito prazer em conhecê-lo. Felizmente nossos jornais ainda gostam de relatos sobre caçadores de tesouros, embora ultimamente eles tenham dado para ridicularizar seus butins. Uma condecoração da imperatriz da Austrásia pelo sapatinho de cristal; a cruz de ferro da Bavária por um par de botas de sete léguas. Confesso que tenho inveja da sua profissão. Quando criança, eu estava firmemente decidido a segui-la.

— Meus parabéns. — Brunel abaixou a cabeça em reconhecimento. Seu sotaque não parecia ser da Lorena.

Atrás deles, torpedos eram levados para o navio. Eles rasgariam qualquer casco de madeira como papel.

Cunningham seguiu Jacob com o olhar quando ele se despediu, mas Brunel já havia virado de costas novamente. O novo feiticeiro de Álbion.

Alívio e decepção. Uma antiga esperança, quase esquecida. Jacob mal via por onde estava andando. Barris, cordas, caixas de mantimentos... tudo ao redor dele desapareceu, como seu rosto no vidro escuro do espelho. “Veja só, Jacob. Esta ponte é leve e perfeita como uma teia de aranha, mas é feita de ferro.” Ele realmente se lembrava de como era seu pai? Ele se lembrava da voz, das mãos que o erguiam sobre a escrivaninha para que pudesse tocar os aeromodelos pendurados no alto...

— Jacob!

Alguém segurou-o pelo braço. Fux.

— O fornecedor queria uma fortuna. — Ela olhou discretamente para os marinheiros que levavam sacos de carvão para bordo do *Titania*. — Só deu para um uniforme. Já descobriu como faremos para embarcar?

Raios! Ele não havia descoberto nada. Ele se perdera em memórias do passado e se esquecera de que logo não teria mais futuro.

— O que você tem? — Fux olhou preocupada para ele. — Aconteceu alguma coisa?

— Não. Nada.

Era mesmo verdade, nada acontecera. Ele vira um fantasma, o mesmo fantasma atrás do qual se arrastava em seus sonhos. Estava na hora de enterrar não apenas a mãe, mas também o pai. Ele achara que já tinha feito isso.

Jacob pegou a trouxa com o uniforme das mãos de Fux. Alguns marujos olhavam para ela tão descaradamente que ele lhes lançou um olhar severo.

— Como você está pensando em embarcar?

Fux sacudiu os ombros.

— Vou deixar a raposa encontrar um caminho.

— É muito perigoso!

— Sr. Reckless?

Jacob se virou. Por um instante, esperou ver o rosto fino de Brunel, mas era Cunningham que estava atrás dele.

O oficial fez uma mesura profunda diante de Fux e deu um sorriso um tanto encabulado para Jacob.

— Nós... hã... zarparemos em uma hora. Eu gostaria muito de apresentá-lo ao nosso capitão. Tenho certeza de que ele se interessará muito pelo relato de suas aventuras.

Jacob já tinha uma recusa bem-educada na ponta da língua, mas Fux se adiantou.

— Em que navio o senhor está em serviço, sr. Cunningham?

Cunningham apontou para trás.

— No *Titania*. Escoltaremos um transporte de armas para Flandres. Zarparemos ao pôr do sol.

Fux deu a Cunningham seu sorriso mais bonito.

— Será um prazer para nós — ela disse, enquanto pegava o embrulho com o uniforme das mãos de Jacob e o escondia discretamente atrás das costas.

O rosto barbudo de Cunningham ficou radiante de alegria, e em pensamento Jacob pediu desculpas a todos os repórteres que já havia amaldiçoado pelas mentiras e exageros que punham no papel.

— Claro — Jacob disse. — Não temos pressa. Eu até não me incomodaria de fazer toda a viagem com vocês. Adoro viagens marítimas. — Ele nunca dissera uma mentira tão deslavada.

Cunningham parecia não caber em si de contentamento.

O capitão do *Titania* partilhava com seu primeiro oficial a paixão pela caça de tesouros. Ele os acomodou na cabine que o próprio rei utilizava quando visitava seu navio-almirante. Quando Cunningham os apresentou como Jacob Reckless e esposa, Jacob explicou o fato de Fux corar dizendo que eram recém-casados. Foi uma das muitas mentiras que ele precisou inventar nas horas seguintes.

O capitão mandou servir um jantar farto, como se eles não tivessem diante de si uma viagem de três dias, e sim de trezentos. O cozinheiro de bordo já trazia a sobremesa quando o *Titania* recolheu a âncora e, enquanto Cunningham lhe perguntava sobre as aventuras que algum jornal lhe atribuíra, Jacob tinha cada vez mais dificuldade em ignorar as oscilações do navio. Quando o capitão — que possuía um bigode indescritível como o do rei — perguntou sobre os métodos de matar dos ogros, Fux usou o tema sanguinolento como pretexto para se retirar. Jacob quis acompanhá-la, porém Cunningham não o deixava ir. Ele decidiu se consolar com a ideia de que, até que também conseguisse escapar, Fux se informaria sobre todas as trocas de turno das sentinelas e rotas de fuga a bordo. Pela escotilha da cabine do capitão, viam-se as luzes dos mastros das outras fragatas e, à frente, os flancos de ferro iluminados pelo luar do navio de Brunel.

— O sr. Brunel costuma estar a bordo do *Vulcan* em viagens como esta? — Jacob ficou orgulhoso da maneira casual com que conseguiu fazer a pergunta.

O capitão sacudiu a cabeça, desdenhoso.

— Que eu saiba ele jamais saiu de Álbion. Não é, Cunningham?

O primeiro oficial assentiu com a cabeça enquanto se servia de mais um copo de vinho do Porto.

— Brunel não se sente especialmente bem no mar...

— Como se pode ver pelo navio que construiu. — O capitão esvaziou o copo como se, junto com seu conteúdo, pudesse sorver também o navio de

ferro. — Infelizmente, o rei é maluco por Brunel desde que ele construiu aquelas carruagens sem cavalos. Elas já estão por toda parte. Ridículo. Absolutamente ridículo. E o monstro de ferro lá fora também está nos tornando alvo de zombaria. Nossa babá blindada...

Jacob não tirava os olhos do *Vulcan* enquanto Cunningham e o capitão falavam entusiasmados sobre antigas batalhas navais e a beleza de navios de madeira em chamas. Quando os dois começaram a conversar sobre o poder de penetração dos canhões modernos e o lastimável efeito de membros dilacerados, ele pediu licença para se retirar — embora certamente a história de como Chanute perdera o braço teria agradado aos dois.

A lua prateada, que tanto se parecia com a do outro mundo, pairava entre duas nuvens negras quando Jacob saiu. Sua gêmea vermelha coloria as ondas como se elas também pudessem enferrujar. Fux esperava no deque. Abaixo dela, a figura de proa se estendia sobre as águas espumosas.

— Como está o seu estômago? — Ninguém além dela sabia de sua aversão a barcos. Nem mesmo Chanute. — Você tem sorte de o mar estar tão calmo.

E de um oficial da Marinha Real reconhecê-lo depois que ele confundira o melhor engenheiro de Álbion com seu pai. Talvez sua sorte estivesse de volta. Já estava mesmo na hora...

— Três sentinelas na proa — Fux sussurrou. — Vou distraí-los enquanto você pula a amurada.

Um dos guardas estava encostado num bote salva-vidas, a apenas alguns metros de distância, e olhava para eles. O que via? Um casal de namorados ao luar? *E se fosse, Jacob?* E se ele se permitisse esquecer o que Fux fora para ele durante todos aqueles anos? Até o guarda queria beijá-la. Estava escrito em sua testa.

Você machucaria o coração dela, Jacob. Ou ela machucaria o seu.

— O que você está esperando? — Ela pôs a mochila na mão dele.

— Não lhe dê muitas esperanças. Ele é quase duas cabeças mais alto que você.

Fux sorriu.

— Acho que você é que está com a tarefa mais perigosa.

Ela se pôs a andar lentamente em linha reta em direção ao guarda, da mesma forma que a raposa se aproximava de suas presas.

Jacob debruçou-se sobre a amurada. A figura de proa tinha corpo de dragão e cabeça de homem. Dunbar notara que o rosto dourado se assemelhava às estátuas do Matador de Bruxas quando preparara um discurso

sobre a história dos navios-almirante do reino. Jacob ainda considerava a teoria ousada, mas diziam que a figura despertaria para a vida assim que a frota fosse atacada. A cabeça de um feiticeiro para proteger a Marinha de Álbion. Um pouco de magia negra, mesmo nos tempos modernos, era sempre útil. Dunbar afirmara que o bisneto de Feirefis havia iniciado a tradição de dotar a figura de proa do navio-almirante com a cabeça mágica, sem suspeitar que ela pertencera ao avô feiticeiro.

Jacob olhou ao redor.

Robert Lewis Dunbar, espero que você não esteja enganado!

Ele não via mais nem a sombra do guarda. Para onde Fux o atraíra? *Esqueça, Jacob. Ela é adulta.* Ele tirou o cabelo de Rapunzel da latinha de rapé na qual o guardava. O cabelo dourado era um dos poucos objetos mágicos que, graças a Valiant, não ficara perdido na fortaleza dos goyls. Jacob o esfregou entre os dedos, e ele foi soltando fibra por fibra, até ficar mais forte do que qualquer corda de cânhamo. Jacob amarrou uma extremidade na amurada. A outra se enrolou ao redor do pescoço da figura de proa assim que ele a jogou para baixo. Ele pulou a amurada, pendurou-se na corda cintilante e desceu até poder se lançar nas costas do dragão.

Não olhe para baixo, Jacob.

Ele podia ficar no alto de qualquer abismo sem que seu estômago se manifestasse, mas a visão da água quase o fez vomitar sobre a cabeça dourada de Guismund. As asas, dobradas junto ao corpo do dragão, também estavam cobertas de escamas de ouro, mas o pescoço e o corpo eram de madeira pintada de escarlate.

Jacob soltou a corda de Rapunzel daquele pescoço robusto e amarrou-a em volta do quadril. Então tirou uma rede de pesca da mochila e envolveu a cabeça e o pescoço da figura, a fim de evitar que seu butim caísse no mar depois que a cabeça fosse separada do restante do corpo. Seus dedos estavam úmidos da espuma do mar, e as ondas altas o fizeram escorregar duas vezes, mas a corda o impediu de cair na água.

A cabeça estava ligada ao pescoço de madeira do dragão por uma larga coleira de metal, mas a faca que Jacob tirou do cinto cortava até aço. Ele a roubara da cozinha do castelo de Valiant. Nada melhor do que uma faca de anão, e Valiant ainda lhe devia mais do que uma faca pelas cicatrizes que, por culpa dele, Jacob tinha nas costas.

No horizonte, a luz matutina já começava a se espalhar na noite como bolor. *Se apresse, Jacob.* Era de se esperar que Guismund tivesse protegido

as três partes de sua herança com um feitiço que permitisse apenas a seus filhos tocá-las impunemente; portanto, ele calçou as luvas que já o haviam protegido na cripta antes de enfiar a lâmina através da rede. Ela cortou a coleira de metal como pão fresco, e ele nada sentiu quando tocou a cabeça. Ótimo. Jacob já havia cortado até um pouco mais da metade quando ouviu um ruído vindo de cima. Fux estava junto da amurada. Ele fez um sinal para ela esperar lá em cima. A fixação da figura de proa não parecia estável o suficiente para suportar o peso dos dois. Mas, de repente, o suporte de madeira embaixo dele empinou. Apesar de só estar presa à madeira por um pedacinho de metal, a cabeça dourada abriu a boca e deu um grito que ecoou muito longe sobre a água.

Jacob ouviu os motores antes que os aviões emergissem do crepúsculo. Uma esquadrilha de biplanos voava em sua direção, sobre as ondas escuras. Os marinheiros assistiram à cena tão perplexos que os aviões atacaram os navios antes mesmo que um canhão fosse apontado contra eles. Eles se lançaram sobre a frota albiã como aves de rapina sobre um cardume de peixes indefesos. A fuselagem vermelha era adornada com a silhueta negra de uma salamandra. Ela havia substituído a mariposa da fada na bandeira dos goyls depois que seu rei desposara uma humana.

A figura de proa bateu as asas, e a cabeça de Guismund gritou dentro da rede que Jacob havia estendido sobre a pele dourada. Jacob agarrou-se ao torso do dragão, enquanto as primeiras bombas caíam entre os navios. Gritos e disparos misturavam-se aos uivos dos motores. Explosões arrebentavam os cascos de madeira; do alto dos mastros homens caíam no mar como pássaros abatidos. Chovia fogo do céu, incendiando o próprio mar. *A cabeça, Jacob! Ou em breve você estará tão morto quanto aqueles que estão sendo devorados pelos peixes lá embaixo, mesmo que sobreviva a isso aqui.*

Acima dele, Fux tentava desesperadamente manter a corda estável. Jacob agarrou a rede com os dedos e abaixou-se antes que uma das asas de bordas denteadas o atingisse nas costas como uma faca serrilhada. Fux gritou algo para ele, mas com o barulho Jacob não conseguiu ouvir. Ele também quase não conseguia ver nada. Seus olhos lacrimejavam com a fumaça corrosiva que pairava em nuvens negras sobre os navios. Até mesmo o vento cheirava a pólvora e madeira queimada, mas os aviões continuavam a atacar. Os uivos dos motores quase romperam os tímpanos de Jacob, e o *Titania* arquejava como um animal mortalmente ferido.

A cabeça, Jacob! Ele afundou a faca no pedaço restante de metal, e a

cabeça finalmente caiu na rede. O rosto dourado encarava-o através da trama, a boca ainda aberta para gritar. O saco mágico que ele puxou de dentro da camisa molhada aderiu a seus dedos trêmulos. Jacob o jogou sobre seu butim e ergueu os olhos em direção à amurada. Com uma mão Fux agarrava-se firme a ela, e com a outra segurava a corda de Rapunzel. Eles quase não conseguiam ver um ao outro em meio à fumaça cada vez mais espessa que envolvia o navio. O deque ardia em chamas, mas ele precisava subir. Fux estava lá, e talvez nem todos os botes salva-vidas já tivessem sido lançados ao mar.

Ela começou a puxar a corda, mas mal conseguia manter-se apoiada com toda oscilação do *Titania* e o peso de Jacob. O navio-almirante afundava, junto com toda frota albiã. Entre as fragatas em chamas estava o navio de ferro, com os flancos blindados destruídos, tentando repelir os aviões que voavam acima dele como se fosse um enxame de vespas escarlates.

Jacob pôs o saco mágico sob a roupa e começou a subir, com os pés apoiados no casco do navio a fim de aliviar a carga para Fux. Abaixo dele, a figura de proa continuava a bater as asas, como uma galinha sem cabeça. A advertência que Fux gritou da amurada veio tarde demais. Jacob tentou se esquivar das asas, mas suas bordas eram afiadas como lâminas. A magia negra que elas traziam rompeu a corda de Rapunzel a pouco menos de um palmo acima da cabeça de Jacob, e ele caiu como uma pedra nas ondas em chamas.



23
Mal de mer

Jacob não sabia se era seu próprio grito que zumbia em seus ouvidos ou os apelos dos homens que se afogavam ao seu redor. O mar estava congelante. Ele se agarrou a uma prancha enquanto tentava, desesperado, enxergar Fux no navio-almirante. Mas a fumaça era muito espessa. Jacob tinha esperanças de que ela tivesse saltado. O grande navio levaria tudo consigo quando afundasse. Ele gritou o nome dela, mas mal conseguia ouvir a própria voz. Os gritos e gemidos eram tão altos que parecia que as ondas rugiam através de mil gargantas humanas. Uma explosão partiu ao meio um dos navios, e o *Titania* adernava perigosamente; Jacob, porém, continuou a procurar Fux entre os destroços e cadáveres à deriva.

Onde ela estava?

Ele puxava a cabeça de todos os mortos para fora da água. Os rostos pálidos flutuavam como flores de cera entre as velas carbonizadas e os barris de pólvora vazios. Ele quase não sentia os próprios membros na água fria, e a fumaça tornava o ato de respirar uma tortura, mas ele tinha que encontrá-la.

— Jacob.

Braços úmidos envolveram seu pescoço. Uma face fria se encostou na sua. Os cabelos ruivos estavam quase pretos de tão molhados e grudados no rosto dela, e ele a apertou junto de si até sentir seu coração bater através das roupas molhadas. Ele não ousou largá-la, com medo de que as ondas a levassem novamente.

— Pegou a cabeça?

— Peguei.

— Temos que sair daqui!

Sair para onde? Jacob olhou ao redor. O que Dunbar pensaria amanhã quando abrisse o jornal? Navios de ferro, aviões, bombas caindo do céu... Ele se perguntaria se ele e Fux haviam naufragado junto com a cabeça e começaria a temer a nova magia tecnológica tanto quanto a do Matador de Bruxas?

— A costa não pode estar longe. Já navegamos horas para sudoeste.

Não importava o que ela dissesse. Os aviões haviam desaparecido, mas ninguém enviaria um comando de resgate.

— Venha. — Fux puxou-o consigo. Ela parecia ter certeza da direção da

costa.

Nade, Jacob.

A fumaça ainda os seguiu por um bom tempo. A fumaça. Os destroços. Os pedidos de socorro. Mas finalmente a única coisa que sobrou respirando ao redor deles foi o mar, como um animal gigantesco que digeria as presas que acabara de afogar. Fux olhou preocupada para ele. Ela era uma excelente nadadora, mas Jacob sentia os braços tão pesados que a cada onda precisava tomar fôlego. Fux nadava a seu lado, mas ele foi ficando cada vez mais lento. *Não se segure nela, Jacob!* Ele apenas a faria afundar. Sua pele estava amortecida com o frio e ele sentiu que estava perdendo a consciência.

— Jacob! — Fux envolveu-o com seu braço e tirou a cabeça dele da água. — Você não vai conseguir nadar até a costa! Afunde. Está me ouvindo?

Afundar? Do que ela estava falando? Ele tomou fôlego, mas até mesmo o ar parecia feito de água salgada.

— É a sua única chance. Elas não vêm para a superfície.

Elas? Antes que ele entendesse, Fux puxou-o para baixo. A água penetrou em sua boca e nariz. Ele tentou se defender, mas Fux não o largou. Ela o puxou mais e mais fundo, por mais que ele relutasse. Jacob tentou repeli-la, ele queria respirar, apenas respirar, mas de repente sentiu outras mãos. Quentes e pequenas como mãos de crianças. Elas puseram uma escama na boca dele, e seus pulmões começaram a respirar na água como se nunca tivesse sido diferente. Os corpos que estavam ao redor dele e de Fux eram transparentes como um vidro fosco. Peixes ou pessoas — elas eram as duas coisas. Na Lorena, eram chamadas de mal de mer, mas em cada costa tinham um nome diferente. Dizia-se que elas faziam os navios naufragarem para arrastar as almas dos mortos até suas cidades no fundo do mar. A imperatriz tinha um exemplar de mal de mer em seus gabinetes de curiosidades, mas a morte transformava a beleza cristalina em cera opaca.

Elas acolheram Fux como se fosse uma delas, trançaram seu cabelo com flores e acariciaram seu rosto, mas ela não arredou de perto de Jacob e repeliu as ninfas quando elas quiseram puxá-lo para mais fundo. Era como uma dança entre Fux e elas, e em determinado momento Jacob sentiu uma onda levá-lo para a terra firme. Ele sentiu a areia úmida e conchas que se quebravam entre seus dedos. Seus olhos ardiam com a água salgada, mas finalmente ele conseguiu abri-los, viu nuvens e um céu cinzento. Fux estava ajoelhada ao seu lado. Ela própria estava fraca demais para ficar em pé, mas eles arrastaram um ao outro adiante, para longe da água, cujo rumorejar ainda

soava faminto, até que finalmente caíram exaustos lado a lado na areia.

Jacob cuspiu na mão a escama que a mal de mer havia posto em sua boca e sorveu avidamente o ar úmido nos pulmões doloridos. Era um ar salgado e frio, porém mais saboroso do que tudo que ele já havia experimentado.

Respirar. Simplesmente respirar.

Fux pegou as flores que as mal de mer haviam trançado em seu cabelo. Dentro da água, elas brilhavam em todas as cores do arco-íris, mas agora estavam murchas e sem cor. Fux jogou-as nas ondas como se quisesse devolver-lhes à vida. Então ela se ajoelhou de novo ao lado de Jacob e enterrou a mão fundo na areia cinzenta.

— Essa foi por pouco. — Sua voz soou espantada, como se ela não pudesse acreditar que eles realmente estavam vivos.

Vivos... Jacob pôs a mão dentro da camisa molhada, mas tudo que seus dedos tocaram foi a mariposa.

O saco mágico com a cabeça desaparecera.

Fux enfiou a mão em sua manga com um sorriso. Ela tirou o saco para fora e jogou-o no peito de Jacob.

As luvas, assim como a mochila, haviam afundado no mar; apesar disso, Jacob sentiu apenas uma leve comichão quando pôs a mão no saco e tocou os cabelos dourados. Os sacos mágicos tinham o poder de enfraquecer a magia negra, mas nunca antes Jacob sentira um efeito tão forte. Não importava... Ele estava com a cabeça. Agora só podia esperar que o goyl tivesse tido menos sucesso. Jacob fechou o saco e olhou para o céu, onde algumas gaivotas famintas voavam em círculos entre as nuvens. Em sua memória, ele ainda via os aviões vermelhos lançando-se sobre os navios em chamas.

— Por que as mal de mer nos ajudaram?

Fux limpou a areia do braço nu. Ela havia tirado o vestido molhado de mar e estava apenas com o vestido de pelo. Quando a situação podia ficar perigosa, ela sempre o usava sob as roupas; mas daquela vez não fora a raposa, e sim sua figura humana quem salvara os dois.

— Na verdade, elas ajudam somente as mulheres — ela disse. — Quando eu era criança, elas salvaram a irmã da minha mãe. Os homens, elas quase sempre levam consigo, e eu não tinha certeza se conseguiria protegê-lo, mas sem a ajuda delas com certeza você teria se afogado. — Fux sorriu. — Felizmente elas perceberam que eu não deixaria que o levassem sem lutar.

Sim, felizmente. Ela era tão corajosa que às vezes até lhe dava medo. Jacob sentou. Ele só esperava que fosse mais fácil achar a mão e o coração. Não

que isso fosse provável. Ele olhou ao redor. Falésias escarpadas e uma praia pedregosa. Um farol ao longe.

— Sabe onde estamos?

Fux fez que sim.

— O lugar onde eu cresci não fica muito longe. Eu pedi às mal de mer que nos trouxessem até aqui. Estamos na Lorena, a apenas algumas milhas de distância da fronteira com Flandres. — Ela se levantou. — É melhor irmos andando. Os pescadores daqui não são nem um pouco amigáveis com gente de fora. Você ainda está com o lenço de ouro? Vamos precisar de dinheiro para comprar cavalos e roupas novas.

Jacob pôs a mão no bolso. O lenço estava ensopado, mas o cartão de Earlking saiu seco e intacto, como se alguém tivesse acabado de colocá-lo em sua mão. Fux lançou um olhar preocupado para o cartão, mas não havia nada escrito, exceto o nome de Earlking. Ele estava muito branco, como se a água do mar tivesse lavado qualquer resquício de tinta. Jacob enxotou uma aranha que saiu do seu bolso e guardou o cartão dentro dele. Ele ainda queria jogá-lo fora mas, desde que o nome de Will aparecera escrito ali, o cartão lhe parecia irracionalmente uma ligação com o irmão.

Em geral o lenço de ouro funcionava mesmo molhado, mas Jacob teve que friccioná-lo por um tempo interminável até ele finalmente lhe fornecer um táler fino como uma folha de papel. Sim, ele precisava de um lenço novo, mas eles não eram nada fáceis de encontrar. Jacob esvaziou a água de suas botas.

— Já foram quantas vezes?

Ele quase não conseguiu ficar em pé.

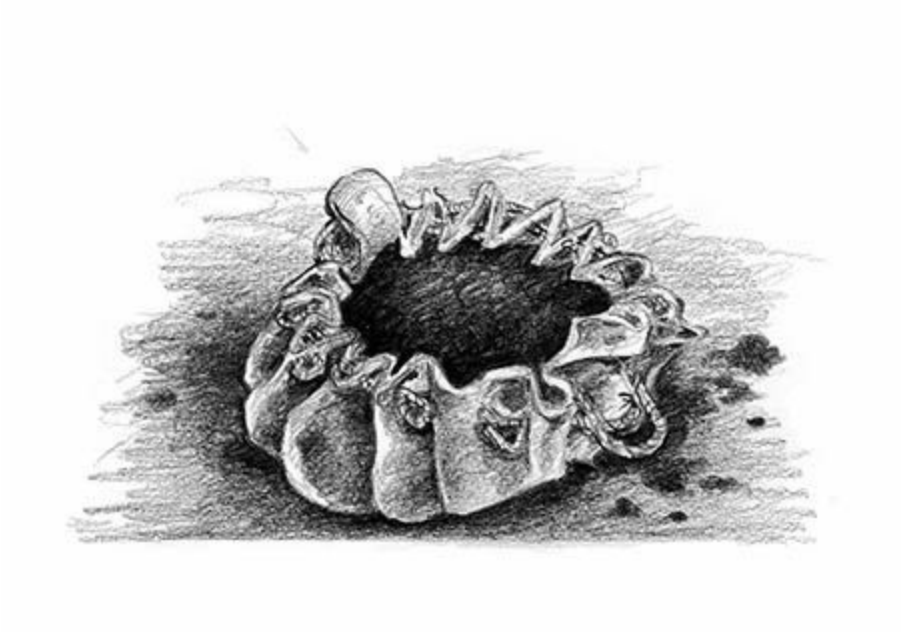
— Quantas vezes o quê?

Fux também mal conseguia se manter em pé. Os dois tremiam de frio com as roupas molhadas.

— Que você salvou a minha vida.

Fux sorriu e sacudiu a areia das costas dele.

— Acho que já estamos quase quites.



24
A pegada de uma bota

Uma praia... a mão dele... quase esmagada. A dança da aranha era tão truncada que parecia que ela tinha engolido tanta água quanto a irmã.

Álbion perdera uma frota, e Nerron quase perdera sua espiã de oito patas; mas felizmente as aranhas gêmeas eram mais resistentes que navios de madeira ou mesmo de ferro. Reckless também não se saíra mal, se Nerron desse crédito ao relato da aranha. Fogo vindo do céu... água... fumaça... morte. Nerron tivera dificuldade para entender exatamente o que havia acontecido, mas no final havia apenas dois fatos que interessavam: o ataque dos goyls tornava a balestra ainda mais cobiçada por todos os seus inimigos, e Reckless conseguira voltar para o continente. Com a cabeça.

Ah, aquela disputa estava ficando divertida. Mesmo que, por enquanto, o principezinho estivesse em posse da mão. Falando no diabo... A batida na porta de Nerron soou como alguém que não estava acostumado a encontrar portas fechadas. Ele enxotou a aranha de volta para o medalhão e a abriu.

— Olhe só isso! — Louis segurou a manga manchada diante do rosto dele, com um ar acusador. — Nessa hospedaria, eles não sabem nem lavar roupa direito! E o que você acha que meu pai vai dizer quando eu telegrafar contando que esta manhã Lelou precisou catar piolhos da minha cabeça?

Nerron imaginou como seria fazer um candelabro com os ossos de Louis. A imaginação era um dom tão maravilhoso...

— E agora, o que vamos procurar? — Ah, ele tomara gosto pela coisa. O prazer da caçada... Louis tinha muitos predadores entre seus antepassados da realeza para ser imune àquela paixão.

— Vá chamar os outros dois e me encontrem atrás do estábulo.

Nerron quis fechar a porta, mas Louis pôs a bota cara entre ela e o batente.

— Você não é muito comunicativo, goyl. Acho que não está dizendo para a gente tudo que sabe sobre essa busca.

E por que deveria, principezinho? Para que você ou seu pai decidam procurar a balestra sozinhos?

— Pergunte a Lelou. Ele deve saber mais do que eu — ele respondeu. — E quanto aos piolhos, por que o senhor não propõe ao estalajadeiro que deixe o vinho por conta da casa?

Louis catou um gordo exemplar da testa e esmagou-o, enojado, entre os

dedos.

— Está bem — ele disse, e tirou a bota da porta. — Atrás do estábulo. Mas não se esqueça: eu não gosto de esperar!

Naturalmente, quem precisou esperar foi Nerron. Na certa tinham aparecido mais alguns piolhos. Era um milagre que o perfume de Louis não tivesse liquidado todos instantaneamente. Eaumbre vinha atrás de seu protegido principesco sem dizer uma palavra, mas Lelou tagarelava com Louis tão desenfreadamente como de costume. Ele só parou quando viu Nerron perto dos cavalos selados.

— Lelou disse que você contou a ele que ainda falta encontrar um coração e uma cabeça para conseguirmos a balestra. — Louis carregava em seu cinto dourado o saco com a mão. Ele o acariciou como se quisesse lembrar que não era Nerron, e sim ele, o caçador de tesouros mais bem-sucedido até então.

Idiota de sangue azul.

Nerron olhou para ele com seu sorriso mais inocente.

— É verdade — ele disse.

Era melhor que Lelou pensasse que estava por dentro de cada detalhe da caçada. Assim o Besouro não faria tantas perguntas. Mas agora era o momento de desviar um pouco da verdade.

Nerron fez uma cara de preocupação.

— Infelizmente, chegou aos meus ouvidos que um espião de Álbion está com a cabeça. Até o alcançarmos, de carruagem ou de trem, é provável que ele também já esteja com o coração. Portanto, proponho utilizar um feitiço para impedi-lo.

Louis franziu a testa enganosamente alta.

— Álbion. Sempre Álbion — ele rosnou. — Meu pai é tolerante demais com eles.

Lelou esfregou o nariz pontudo.

— Já viajei com feitiço uma vez. Faz muito mal para a saúde. Minha própria sombra falou comigo depois!

Nerron tirou um saco de couro do alforje.

— Não se preocupe. Nós, goyls, usamos um feitiço que não tem efeitos colaterais.

Ele não fazia ideia se isso se aplicava aos humanos, mas obviamente não disse nada.

O saco continha terra que Nerron havia recolhido de uma pegada que encontrara no chão, na frente dos elevadores da mina onde a cripta de

Guismund havia sido encontrada. Ele estava convencido de que a bota que deixara sua marca ali era de Reckless. Desconfiado, Lelou observou Nerron espalhar a terra em cima de uma pedra achatada. Que bela oportunidade de se livrar dos três de uma vez! Por um momento, ele quase cedeu à tentação. Mas Louis estava com a mão, e os conhecimentos de Lelou poderiam ser úteis na busca pelo coração. *E o tritão, Nerron?* Ele lançou um breve olhar para Eaumbre. Seu instinto lhe dizia que ele também seria útil. Mesmo se no final simplesmente o poupasse de matar os outros dois.

— Bem... é muito fácil. Contanto que façam o que eu disser. — Nerron fez um sinal impaciente para se aproximarem. — Segurem as rédeas na mão esquerda, e coloquem a direita no ombro da pessoa da frente.

Lelou precisou ficar nas pontas dos pés para alcançar os ombros de Louis, e o principezinho vestiu as luvas de couro de vitela antes de tocar no tritão, mas Eaumbre cravou os dedos no ombro de Nerron com determinação, como se quisesse lembrá-lo dos danos que ele poderia causar.

Nerron pisou com a bota na terra onde Jacob Reckless havia pisado alguns dias antes, e sentiu sal no ar.

O mar.

Ele teve um calafrio.

Só podia esperar que não fossem parar num lugar com água até o pescoço.



25
A segunda vez

Eles haviam encontrado a cabeça. Jacob surpreendeu a si mesmo num estado de espírito ridiculamente confiante quando eles se hospedaram numa pensão, para depois de tanta água fria dormirem pelo menos uma noite numa cama quente. Eles pararam em St. Riquet, uma cidadezinha cujas vielas estreitas provinham de uma época que, mesmo atrás do espelho, já estava esquecida havia muito tempo. Na praça do mercado havia casas em enxaimel cujos telhados tinham sido cobertos por gigantes, e um campanário cujo sino começava a bater cada vez que a morte levava um de seus habitantes.

Na mesma noite, Fux saiu à procura de um estábulo para comprar cavalos, e Jacob telegrafou para Dunbar e Chanute na esperança de obter alguma informação que pudesse ajudá-lo na busca pela mão e pelo coração. Ele não sabia qual seria a reação de Dunbar ao receber a notícia de que sua teoria se mostrara correta e eles haviam encontrado a cabeça. Mas pelo menos ele ficaria contente em saber que os dois ainda estavam vivos. Jacob também mandou um telegrama a Valiant, para não deixar esmorecer o ânimo do anão. Mas nada lhe disse sobre a cabeça, nem sobre onde eles estavam. Jacob não confiava na discrição de Valiant, e só no momento certo o anão saberia que ele não tinha intenção de vender a balestra a quem oferecesse o melhor preço.

Era o primeiro dia quente da primavera. Apesar disso, a florista de pés descalços que vendia prímulas numa esquina estava tremendo de frio. Ela era magra como um filhote de passarinho e tinha cabelo ruivo. Fux não era muito mais velha do que ela quando Jacob a vira em sua figura humana pela primeira vez. Ele comprou um buquê da menina, porque sabia que Fux adorava prímulas. Ele tinha acabado de pegar as flores da pequena mãozinha quando a dor irrompeu em seu peito.

Foi ainda pior do que da primeira vez. Jacob cambaleou até a casa mais próxima e encostou a testa na pedra fria da parede, enquanto tentava respirar, desesperado. A dor era tão terrível que ele quase se ajoelhou para implorar clemência às fadas. Quase.

A menina olhou para ele assustada. Ela recolheu as flores que ele havia deixado cair e estendeu-as para ele. Jacob pegou-as com dificuldade.

— Obrigado — balbuciou com esforço. De alguma maneira, ele conseguiu dar um sorriso, enquanto punha alguns vinténs de cobre na mão dela. A

menina sorriu de volta, aliviada.

A pensão ficava a apenas alguns quarteirões, mas ele quase não conseguiu chegar. A dor continuou até ele fechar a porta do quarto. Ele a trancou antes de abrir os botões da camisa. Já havia uma segunda mancha na asa da mariposa, e o nome da fada tinha apenas quatro letras.

Comece a contar, Jacob.

Ele pegou um pouco do pó que Alma lhe dera, mas suas mãos tremiam tanto que ele deixou cair a maior parte.

Droga, droga...

Onde estava Fux? Não podia demorar tanto assim para arranjar alguns cavalos. Mas, quando bateram na porta, apenas a filha mais nova da dona da pensão estava ali.

— *Monsieur*? — Ela havia remendado o colete dele e, antes de entregá-lo, passou a mão no brocado quase com reverência. Fora um presente da imperatriz. O vestido que ela usava certamente já tinha passado por todas suas irmãs mais velhas. Gata borralheira. A única diferença era que, naquele caso, a própria mãe era a madrasta má. Jacob vira como ela dava ordens absurdas, fazendo a menina correr para lá e para cá. E ele havia vendido o sapatinho de cristal para uma imperatriz. Talvez Dunbar tivesse razão. Sua voz furiosa ainda soava em seus ouvidos. “Vocês, caçadores de tesouros, fazem da magia deste mundo uma mercadoria que somente os poderosos podem adquirir!”

Ela havia feito um bom trabalho. Jacob pôs a mão no lenço de ouro. O táler que obteve era ainda mais fino do que o último, mas a menina olhou para a moeda de ouro tão espantada como se realmente tivesse recebido um sapatinho de cristal. Sua mão era áspera de tanto costurar e limpar, mas fina como a de uma fada, e ela olhou para Jacob com uma expressão sonhadora, como se ele fosse o príncipe pelo qual esperava havia muito tempo. *Por que não, Jacob? Um pouco de amor contra a morte. Afinal, você ainda está vivo.* Mas tudo que ele fez foi se perguntar quando Fux finalmente voltaria.

Quando ele abriu a porta para ela sair, ela se deteve mais uma vez.

— Ah! Encontrei isto em seu colete, *monsieur*.

O cartão de Earlking estava ainda mais branco. Exceto pelas palavras escritas no verso.

Esqueça a mão, Jacob.

A menina já se fora e Jacob permanecia no mesmo lugar, olhando para o

cartão. Ele o aqueceu entre as mãos (não, não era um feitiço de fada), mergulhou-o em óleo de espingarda (o meio mais simples de desmascarar a magia de stilzes e leprechauns) e esfregou-o com fuligem para excluir a hipótese de bruxaria. O papel se manteve impecavelmente branco e exibia somente as quatro palavras: *Esqueça a mão, Jacob.* Que diabos significava aquilo? Que o goyl já a havia encontrado?

Atrás do espelho, Jacob já vira muitos feitiços de escrita: ameaças que de repente apareciam escritas na própria mão; bilhetes que se enchiam de maldições quando o vento os levava para diante das botas de alguém; profecias que se rabiscavam sozinhas na casca do tronco de uma árvore. Magia de duendes, stilzes e leprechauns... travessuras encantadas que se mesclavam como pólen ao ar daquele mundo.

Esqueça a mão. E depois?

Fux voltou quando a dona da pensão estava explicando a Jacob o caminho para Gargântua. Lá havia uma biblioteca que reunia tudo sobre os reis da Lorena, e Jacob tinha esperança de encontrar nela alguma referência à mão... ou a notícia de que o goyl já estivera lá.

Ele decidiu não contar a Fux sobre a segunda mordida da mariposa. Ela parecia cansada e estava estranhamente ausente. Quando perguntou por que estava assim, ela alegou que era por causa dos cavalos. De fato, eles não eram lá muito bons — em St. Riquet era mais fácil comprar boas ovelhas. Mas Jacob sentiu que alguma outra coisa se passava na cabeça dela. Ele a conhecia tão bem quanto ela a ele.

— Vamos, me diga. O que há com você?

Ela se esquivou do olhar dele.

— Minha mãe não mora longe daqui. Estava me perguntando como será que ela está.

Aquilo não era tudo, mas Jacob não insistiu. Eles mantinham um acordo tácito de respeitar o segredo do outro. E o passado era um país que nenhum dos dois gostava de visitar.

— Não é um desvio muito grande. Posso encontrar você em Gargântua hoje à noite.

Por um segundo, ele quis pedir a ela que fosse com ele. *O que está acontecendo com você, Jacob?* Claro que ele não pediu. Já bastava ele mesmo nunca ter se preocupado com a mãe, até que ficara tarde demais. Era muito fácil agir como se ela fosse estar lá para sempre. Assim como o velho

edifício e o apartamento cheio de fantasmas.

— Claro — ele disse. — Vou ficar na hospedaria ao lado da biblioteca. Ou quer que eu vá com você?

Fux sacudiu a cabeça. Ela não gostava de falar sobre o motivo pelo qual saíra de casa. Jacob sabia apenas que o pelo não fora a única razão.

— Obrigada — ela disse. — Mas é melhor eu fazer isso sozinha.

Sim, havia mais alguma coisa, mas seu rosto não convidava Jacob a perguntar.

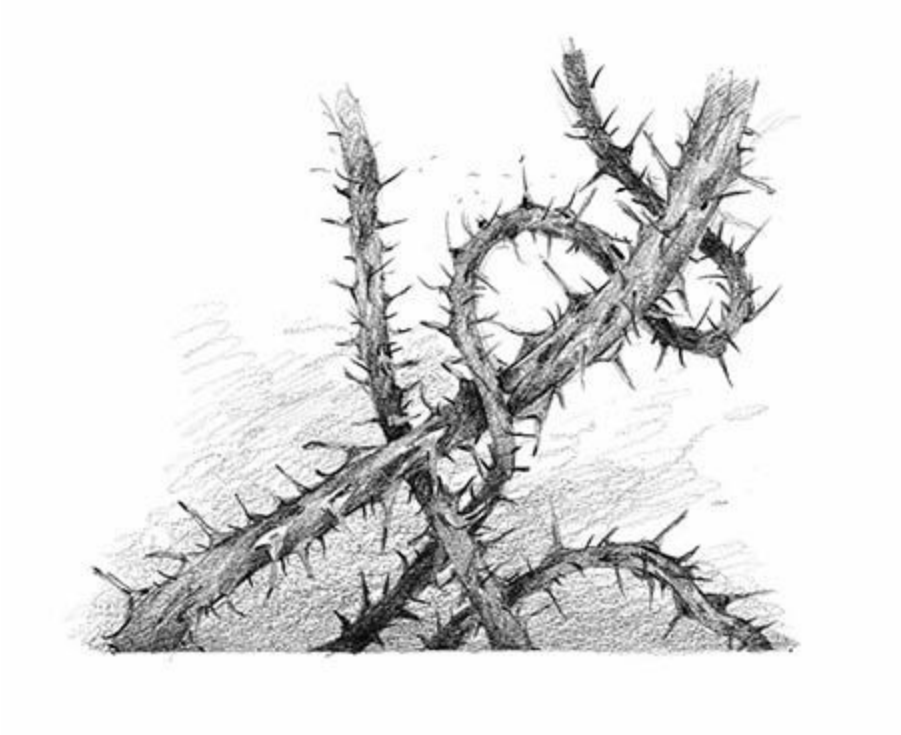
— Como você está se sentindo? — Ela pôs a mão no coração dele.

— Bem! — Jacob escondeu a mentira atrás do seu melhor sorriso. Não era fácil enganá-la, mas felizmente havia motivos suficientes para explicar a exaustão em sua voz.

Ele a beijou no rosto.

— Nos vemos em Gargântua.

A pele dela ainda cheirava a mar.



26
O melhor

Eles não deram no mar, mas numa praia tão cinzenta quanto granito moído. O tritão reclamou de coceira nas escamas, e Lelou jurou que o feitiço tinha feito suas unhas crescerem, mas as pegadas que encontraram na areia eram tão recentes que até mesmo o príncipe podia segui-las. Nerron cedeu esse prazer a Louis até a primeira encruzilhada, onde, para olhos destreinados, a pista se perdia entre as marcas das rodas das carruagens. Para Nerron, era mais fácil ler as pistas do que as placas do caminho. Reckless tomara a estrada para St. Riquet, uma cidadezinha do tamanho de um ovo, cujos habitantes, no passado, viviam sendo esmagados por gigantes. Nos campos ao redor ainda era possível encontrar dentes descomunais. O marfim tinha um preço altíssimo.

Não foi muito difícil descobrir em que pensão Reckless se hospedara com a raposa. O Besouro, com seu rosto inocente, fez a dona da pensão revelar até mesmo o número do quarto.

— O que estamos esperando? — Louis perguntou, enquanto o tritão fitava a janela encortinada com um olhar inexpressivo. — Vamos pegar o espião.

— Para que ele destrua a cabeça assim que passarmos pela porta? — Nerron fez um sinal impaciente para que se escondessem atrás de um fiacre estacionado. — Temos que atraí-lo para fora! — ele sussurrou. — Com uma isca.

Lelou lançou-lhe um olhar de censura.

Ah, não será fácil, Nerron. Mas ele precisava se livrar dos três por algumas horas. Reckless era dele. Além disso, não queria ver a cabeça balançando no cinto ridículo de Louis.

— Precisamos de uma garota — ele sussurrou para o príncipe. — Mas ouvi falar que ele só gosta de virgens. De cabelos dourados. Com no máximo dezoito anos de idade.

Lelou ajeitou os óculos. Isso era sempre um sinal de alerta.

— Virgens? Esta não é normalmente a isca para unicórnios? — ele disse com sua voz anasalada.

— Está querendo me ensinar a caçar tesouros? — Nerron perguntou rispidamente. — Tenho certeza de que você entende de espiões de Álbion tanto quanto da história dos antepassados de Louis!

O Besouro quis retrucar, mas Louis achou a tarefa tão excitante quanto Nerron esperava.

— Encontrarei uma virgem para o goyl. — Ele sorriu tão satisfeito consigo mesmo quanto convinha a um príncipe. — Mas aí a cabeça também ficará comigo.

Lelou apertou os lábios estreitos, e Eaumbre lançou um olhar de cumplicidade para Nerron antes de ir atrás de Louis, mas alguns minutos depois os três já haviam desaparecido nas vielas estreitas, e Jacob Reckless estava a um pulo de distância.

Nerron escondeu-se numa arcada que havia do outro lado da rua, mas precisou mudar de lugar diversas vezes, pois sempre algum cidadão zeloso de passagem parava e ficava encarando-o. Ele estava começando a rezar para que um esquadrão da cavalaria goyl invadisse aquela viela apática, quando viu Reckless sair da pensão com uma mulher. A cor do cabelo dela não deixava dúvidas de que era a raposa. Ela era tão bonita quanto diziam, embora em geral Nerron não gostasse de mulheres humanas. Ele se perguntou se ela e Reckless eram um casal. Que outro motivo haveria para caçar tesouros com uma mulher, mesmo que ela fosse uma metamorfa? As mulheres eram misteriosas, como a fada que conquistara Kami'en, ou fracas como sua própria mãe, que se envolvera com um ônix e fizera do filho um bastardo. Às vezes um ou outro se convencia de que as amava. Mas não se podia confiar nelas, e no final das contas o que se desejava era apenas sua pele de ametista. Não importava... A raposa virou seu cavalo para o oeste, enquanto Reckless pegou a estrada para o sul. Maravilha. As coisas ficariam mais fáceis com ele sozinho.

O cavalo que Nerron alugara ficou tão inquieto ao vê-lo quanto os cidadãos de St. Riquet, e até que finalmente o deixou montar, Reckless já estava fora da sua vista. Nerron alcançou-o justamente quando ele entrava numa das florestas que, mais ao sul naquela região, ocupavam o lugar dos campos e pastos. Nerron estava grato pela sombra das árvores, não só porque elas o tornavam quase invisível. A luz do sol não fazia mais seus olhos doerem desde que ele consultara uma devoradora de crianças, mas sua pele ainda ficava quebradiça, embora ele a ungisse todos os dias.

Aquela era uma das antigas florestas reais que durante muito tempo serviram como parque de caça para a nobreza da Lorena. Agora elas também haviam passado a fornecer lenha para as fábricas e ferrovias, mas aquela

continuava quase tão densa quanto nos velhos tempos, e fez Nerron se lembrar das florestas de pedra sob a terra, cavernas gigantescas com galhos de granada e folhas da mesma malaquita que marmorizava sua pele.

Ele só pegou a zarabatana depois que Reckless já havia penetrado profundamente na floresta. A gavinha que enfiou no estreito tubo metálico era cravejada de espinhos tão pontudos que apenas um goyl poderia pegá-la sem ferir a pele. Reckless guiava seu cavalo para uma clareira, onde o projétil aterrissou e começou a crescer assim que tocou o solo da floresta. Trepadeiras estranguladoras cresciam depressa. Mais depressa do que qualquer presa podia correr.

Reckless parou o cavalo quando percebeu o que rastejava em sua direção. Ele quis virá-lo, mas as gavinhas já se enroscavam nos cascos. Elas se agarraram às roupas dele e aos seus braços. O cavalo empinou em pânico e quase o pisoteou quando as gavinhas o derrubaram da sela. *Cuidado!* Nerron o queria vivo.

Ele amarrou o cavalo entre as árvores. O pangaré idiota ainda estava com medo dele. O cavalo de Reckless conseguira escapar. Veio sangrando e tremendo em sua direção. O goyl o segurou e pegou a mochila que estava pendurada na sela. A cabeça estava num saco mágico. *Claro*. Apenas os amadores andavam por aí exibindo seus butins.

De Reckless não se via mais quase nada. As gavinhas o haviam envolvido como um casulo espinhoso. Nerron andou até lá e afastou-as até formar uma abertura no rosto de sua presa. Reckless estava inconsciente. As trepadeiras estranguladoras asfixiavam suas vítimas rapidamente, mas ele abriu os olhos quando Nerron bateu em seu rosto.

Nerron ergueu o saco mágico.

— Muito obrigado! Estou realmente feliz por não ter que embarcar num navio. Onde você acha que devo procurar o coração?

Reckless tentou se mexer, embora a trepadeira cravasse os espinhos em sua carne. Logo os lobos farejariam seu sangue. Naquela floresta vivia uma famigerada matilha, que se acostumara a comer carne humana depois que um nobre passou a alimentá-la com seus inimigos.

— Mesmo se soubesse, por que lhe contaria? — Os olhos cinzentos estavam atentos, mas Nerron não viu muito medo ali. Era o que se dizia por aí: *Reckless não tem medo de nada. Ele se acha imortal.*

Nerron amarrou o saco mágico no cinto.

— Se me contar, eu o mato antes que os lobos o devorem.

Ah, sim, ele tinha medo, embora o escondesse muito bem. Mas ele não se importava com isso. Invejável. Nerron, por sua vez, detestava sentir medo. Medo da água. Medo dos outros. Medo de si mesmo. Ele o combatia com a raiva, mas isso só servia para fazê-lo crescer, como um animal sendo alimentado.

— Já encontrei a mão. — Ele não pôde evitar contar vantagem. Já tivera que ouvir tantas histórias sobre os feitos gloriosos de Jacob Reckless...

— Ótimo — O rosto de seu concorrente ficou pálido de dor quando ele tentou se mexer novamente. — Assim poderei roubá-la de você quando pegar a cabeça de volta.

— É mesmo? — Desta vez, Nerron usava as luvas que já o haviam protegido da magia negra muitas vezes. Apesar disso, a dor se espalhou até o ombro quando ele tirou a cabeça do saco. Os olhos estavam fechados, mas os lábios ligeiramente abertos, e Nerron a guardou de volta rapidamente, antes que emitisse algum som. Quem poderia saber se mesmo morto o feiticeiro não tinha palavras mágicas na ponta da língua?

Ele pôs o saco mágico no bolso. O casaco de Nerron era feito de couro de lagarto e teria protegido a pele humana de Reckless significativamente melhor do que o sobretudo que ele usava, de um tecido macio como sua pele e igualmente fácil de rasgar.

— Antes que todo seu conhecimento seja digerido por um lobo... Como você fez para roubar o chapeuzinho vermelho da bruxa devoradora de crianças em Moulin? Ouvi dizer que ela já tinha até posto você dentro do forno.

— Só conto se me disser como encontrou o melro branco. Procurei por ele durante meses. — Reckless tentou libertar uma mão, mas as trepadeiras estranguladoras eram algemas bastante confiáveis. — Seu canto realmente torna a pessoa mais jovem?

— Sim, mas o efeito dura menos de uma semana. Meu cliente pagou antes de descobrir.

Nerron esfregou a mão na pele rachada. Mesmo na sombra das árvores ela doía. Quando aquela busca acabasse, ele precisaria sem falta de alguns meses debaixo da terra. Mas havia ainda uma pergunta que ele queria fazer.

Ele pegou a faca.

— Só por curiosidade... Prometo que não conto para ninguém e você levará o segredo para a cova, ou melhor, para o estômago de um lobo. Onde você escondeu seu irmão de pele de jade?

Viu só? Havia um meio de atravessar a máscara de autoconfiança.

— Will. É este o nome dele, não é? — Nerron curvou-se sobre o prisioneiro e cortou um broto da gavinha que havia se enroscado em volta do pescoço macio. Sempre haveria uma nova oportunidade para usar as trepadeiras estranguladoras. — Sabia que os ônix puseram cinco dos seus melhores espiões atrás dele?

Reckless seguia todos os movimentos dele com os olhos. Ele retomara o controle sobre si mesmo, mas os olhos humanos eram muito mais reveladores do que os de um goyl. Sua atenção denunciava o que seu silêncio negava. Sim, os boatos eram verdadeiros: o goyl de jade, que salvara a pele de pedra de Kami'en, era irmão de Jacob Reckless.

— Onde ele está? — Nerron pôs o broto no lenço que ainda guardava alguns espinhos da velha trepadeira. — Com a prata que os ônix gastaram com as buscas até agora, nós dois poderíamos construir um palácio em Lutis. Mas até agora eles não acharam nem uma sombra de pista dele. Deve ser um esconderijo e tanto.

Reckless sorriu.

— Talvez eu o mostre a você, se me soltar dos espinhos.

Ah, Nerron gostava dele tanto quanto conseguia gostar de alguém. Na prática, esse sentimento aparecia muito raramente. Sua mãe era a única pessoa a quem ele dedicara uma afeição irrestrita. Pagava-se com muita dor o luxo de amar.

— Não — ele disse. — Melhor não. Os ônix já são muito difíceis de suportar. Não quero nem pensar no que aconteceria se o goyl de jade ajudasse um deles a tomar a coroa de Kami'en.

— É mesmo? — Reckless mordeu os lábios para não gemer. Ele já devia estar todo cravejado de espinhos. — O que você acha que vai acontecer se encontrar a balestra para eles?

Bela tentativa.

Nerron pôs o lenço com a trepadeira no bolso.

— O cliente está protegido por sigilo, não? — Ele já podia ouvir os lobos entre as árvores. — Também me pergunto para quem você estava procurando a balestra. — Deu um último sorriso para o adversário. — Estou realmente feliz que nossos caminhos tenham se cruzado dessa maneira. Eu já não aguentava mais ouvir que você é o melhor. Boa sorte com os lobos. Talvez lhe ocorra alguma coisa. Surpreenda-me! Eles não deixam sobrar muita coisa, e realmente seria uma pena se a raposa tivesse que passar o resto da vida

procurando por você.

Nerron montou no cavalo enquanto o primeiro lobo se aproximava de Reckless. Os outros não demorariam, mas ao contrário dos lordes de ônix, ele não achava os gritos de dor especialmente divertidos.

Além disso, Louis já devia ter encontrado uma virgem.



27
Uma casa no fim da aldeia

A casa era ainda mais miserável do que em sua lembrança. Muros de pedra onde o bolor se instalara. Cheiro de palha podre e de excremento de porcos. A pesca enriquecera alguns homens daquela costa, mas seu pai sempre preferira gastar o dinheiro nas tavernas a trazê-lo para casa. Pai. *Por que você ainda o chama assim, Fux?* Ela tinha três anos quando a mãe se casara com ele. Dois anos e dois meses depois da morte de seu pai de verdade.

Da macieira atrás do portão, na qual ela subira muitas vezes quando criança, pois o mundo lhe dava menos medo quando visto de cima, restava somente um toco. A visão quase a fez dar meia-volta com o cavalo, mas sua mãe plantara prímulas diante da casa, como sempre costumava fazer na primavera. As flores amarelas lembravam Fux de todas as coisas boas que graças à mãe ela havia vivido atrás daqueles muros rústicos. Quando criança, sempre se surpreendia ao ver que algo tão frágil como uma flor podia resistir ao vento e às agruras do mundo. Talvez a mãe tivesse plantado as prímulas justamente para ensinar isso a ela e seus irmãos.

Fux acariciou o buquê que havia prendido na sela. As flores já estavam murchas, mas isso não as tornava menos belas. Jacob lhe dera aquele buquê. Por um momento, as flores secas lhe transmitiram a sensação de que ele estava com ela. A vida dos dois ligada pelas mesmas flores.

O portão estava aberto, como na época em que a expulsaram. Os dois irmãos mais velhos e o padrasto. Eles haviam tentado roubar seu vestido de pelo. Fux o arrancara das mãos deles e correra. Os hematomas das pedras que eles jogaram nela levaram semanas para desaparecer, mesmo com o pelo. O irmão mais novo se escondera dentro de casa, junto com a mãe. Ela assistira a tudo da janela, como se quisesse impedi-los com o olhar, mas não protegera a filha. E como poderia? Ela nem sequer conseguia proteger a si própria.

Enquanto Fux andava em direção à porta, ela pensou ver seu antigo eu correr pelo terreiro, o cabelo ruivo trançado, sempre com arranhões nos joelhos. *Celeste, onde você se enfiou?*

Ela estivera com Jacob em cavernas de ogros e cozinhas de bruxas escuras, mas nenhum outro lugar ela desejou tanto deixar para trás. Nem mesmo o amor pela mãe conseguira trazê-la de volta. Fora o amor por Jacob que a levara até ali.

Bata de uma vez, Celeste. Eles não devem estar aqui. Não a essa hora.

O passado assaltou-a assim que sua mão tocou a porta de madeira. Ele devorou toda confiança e toda força que o pelo e os anos longe dali lhe haviam dado. Jacob! Fux evocou seu rosto em pensamento, para que a lembrasse do presente e da raposa que ela se tornara.

— Quem está aí? — A voz da mãe. *O passado é um bicho tão grande.* As cantigas que ela cantava antes de dormir... Os dedos em seus cabelos quando fazia tranças... Quem está aí? Sim, quem?

— Sou eu. Celeste.

O nome tinha gosto do mel que Fux roubava das abelhas selvagens quando criança, e das urtigas que queimavam suas pernas nuas.

Silêncio. Sua mãe estava atrás da porta, escutando novamente o barulho das pedras batendo no chão e na pele da filha? Pareceu que havia se passado uma eternidade até ela abrir o trinco.

Ela envelhecera. Os longos cabelos pretos estavam grisalhos e sua beleza quase desaparecera de seu rosto, como se cada ano tivesse lavado um pouco dela.

— Celeste... — ela pronunciou como se o nome tivesse esperado em seus lábios todos aqueles anos, como uma borboleta que ela não espantara. Ela segurou as mãos de Fux antes que ela pudesse se afastar. Acariciou seus cabelos e beijou seu rosto. Muitas e muitas vezes. Segurou Fux firme nos braços, como se quisesse recuperar todos os anos em que não a segurara. Então a puxou para dentro de casa. E fechou o trinco. Ambas sabiam por quê.

A casa ainda cheirava a peixe e ao inverno úmido. A mesma mesa. As mesmas cadeiras. O mesmo banco junto ao fogão. E diante da janela nada além de campos e vacas malhadas, como se o tempo tivesse parado. Mas Fux havia passado na frente de muitas casas abandonadas. A vida era dura quando se tirava o alimento da terra e do mar. A promessa barulhenta das máquinas era muito atraente: tudo poderia ser feito por mãos humanas, e não se precisaria mais temer o vento e o inverno. Mas era o vento e o inverno que haviam moldado aquelas pessoas.

Fux pegou a tigela de sopa que a mãe lhe estendeu.

— Você está bem.

Não era uma pergunta. Soou alívio em sua voz. Alívio. Culpa. E tanto amor impotente. Mas isso não bastava.

— Preciso do anel.

A mãe encheu um copo de leite e pôs a jarra na mesa.

— Você ainda está com ele, não é?

A mãe não respondeu.

— Por favor! Eu preciso dele.

— Ele não gostaria que eu o desse a você. — Ela estendeu o leite para Fux. — Você não sabe quantos anos ainda tem!

— Eu sou jovem.

— Ele também era.

— Mas você está viva, e isso era tudo que ele queria.

A mãe sentou numa das cadeiras nas quais passara tantas horas da vida remendando roupas, embalando os filhos...

— Então você ama alguém. Qual é o nome dele?

Mas Fux não quis pronunciar o nome de Jacob. Não naquela casa.

— Eu devo a ele a minha vida. Isso é tudo.

Não era tudo, mas a mãe não entenderia.

Ela tirou o cabelo grisalho do rosto.

— Me peça outra coisa.

— Não. E você sabe que tem uma dívida comigo. — As palavras saíram antes que Fux pudesse impedir.

A dor no rosto cansado fez Fux esquecer toda raiva que sentia. A mãe se levantou.

— Eu não devia ter contado a você. — Ela alisou a toalha da mesa. — Eu só queria que você soubesse que tipo de pessoa seu pai era.

Ela passou a mão na toalha novamente, como se pudesse apagar o que tornava a vida difícil. Então caminhou hesitante até o baú onde guardava o pouco que chamava de seu. A caixinha de madeira que tirou lá de dentro era forrada com renda preta. A renda do vestido de luto que ela usara por dois anos.

— Talvez eu tivesse sobrevivido à febre mesmo se ele não tivesse posto o anel no meu dedo — ela disse enquanto abria a caixa.

O anel dentro dela era de vidro.

— Preciso dele para algo pior que uma febre — Fux disse. — Mas prometo a você que o usarei apenas se não houver outro meio.

A mãe sacudiu a cabeça e segurou firme o estojo. Mas de repente ela ouviu alguma coisa do lado de fora.

Passos e vozes. Às vezes, os homens voltavam mais cedo da pesca porque o mar estava muito encrespado.

Sua mãe olhou para a porta. Fux pegou a caixinha da mão dela. E sentiu vergonha pelo medo que viu no rosto da mãe. Mas não era somente medo, era amor também. Sempre fora amor também, até mesmo pelo homem que batia em seus filhos.

Fux abriu o trinco quando bateram na porta. Ela desejou os dentes da raposa, mas queria poder olhar nos olhos do padrasto. Quando ele a expulsara, ela mal chegava aos ombros dele.

Ele não era tão alto como ela lembrava. *Porque você era pequena, Celeste*. Tão pequena... Ele era um gigante e ela uma anãzinha. O gigante que esmagava tudo que aparecesse em seu caminho. Mas agora ela era tão grande quanto ele, e ele estava velho. Seu rosto, como sempre, estava vermelho — do vinho, do sol e da raiva. Raiva de tudo que se mexia.

Levou algum tempo até ele perceber quem estava na sua frente.

Ele recuou como se estivesse diante de uma serpente, e sua mão se agarrou forte à vara na qual se apoiava. Ele sempre tinha varas ao alcance da mão. Varas, cintos... Ele jogava botas e achas de lenha em Fux e seus irmãos, como se eles fossem ratos que se escondiam atrás do forno.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou rudemente. — Dê o fora!

Ele quis agarrá-la, como fazia antigamente, mas Fux o empurrou para trás e tirou a vara de sua mão.

— Deixe-a passar. — A voz da mãe tremia, mas pelo menos ela dissera alguma coisa daquela vez.

— Saia do meu caminho — Fux disse ao homem que teve que chamar de pai, embora ele a tivesse ensinado a detestar a palavra.

Ele ergueu os punhos. Quantas vezes os olhos dela não haviam olhado para aquelas mãos, cheios de medo de ver a pele bronzeada se esticar e ficar branca sobre os ossos. Às vezes ela o via em sonho. Com um focinho de lobo.

Ela passou por ele sem dizer mais nenhuma palavra. Ela queria esquecer que ele existia. Imaginar que um dia ele desaparecera, como o pai de Jacob, ou que sua mãe nunca se casara novamente.

— Eu volto — Fux disse para ela.

Quando Fux se dirigiu ao portão, a mãe estava na janela. Como naquele dia. E exatamente como naquele dia, os três bloquearam seu caminho — o padrasto e os dois filhos dele. Ele havia pegado a vara de volta e seu filho mais velho segurava um ancinho. Gustave e René. Gustave parecia ainda

mais bronco do que antigamente. René era mais inteligente, mas fazia o que Gustave lhe dizia. Fora ele quem atirara a primeira pedra.

Metamorfos. Ninguém entendia melhor do que Fux como o irmão de Jacob se sentira quando começara a crescer a pele de jade. Mas, ao contrário dele, ela sempre havia usado o pelo por vontade própria.

— Vamos lá! Pegue uma pedra! — ela disse em tom ríspido para René. — Ou está esperando seu irmão mandar?

Ele encolheu a cabeça e olhou nervoso para a pistola no cinto de Fux.

— Dê o fora daqui! — O padrasto apertou os olhos míopes.

Ela não tinha mais medo dele. Era uma sensação inebriante.

— Onde está Thierry? — ela perguntou. Fux tinha mais um irmão.

Gustave apenas lhe dirigiu um olhar hostil. Sua camisa estava suja de sangue de peixe.

— Ele está na cidade — disse René.

— Cale a boca! — gritou seu pai.

Não fora fácil ser a enteada, mas o filho mais novo do padrasto também sofrera. Thierry invejava o pelo de Fux, e ela ficou feliz por ele também ter conseguido ir embora.

— Vocês sabem o que dizem sobre os metamorfos. — Ela ergueu a mão. — Em quem toca na gente também nasce um pelo! Quem quer ser o primeiro?

Ela empurrou a mão contra o peito do pai com tanta força que durante dias ele ainda examinaria a pele em busca de pelo ruivo. Gustave recuou praguejando, e Fux já havia saído pelo portão quando os três reencontraram a coragem. Enquanto montava no cavalo, ela se lembrou de como vagara pelos campos naquela época, soluçando e sangrando, segurando o vestido de pelo apertado contra o peito. Desta vez, ela foi pela estrada. Olhou mais uma vez para a janela onde a mãe estava, mas viu somente o céu refletido no vidro e as prímulas ao lado da porta.

Ela fez mais uma parada antes de pegar a estrada para Gargântua. A casa se encontrava em ruínas, e a sepultura à sombra dos muros desmoronados do jardim estava tão coberta pela vegetação que a lápide se erguia de um ninho de raízes e grama seca. Uma aveleira crescera ali. Os galhos estavam todos floridos e no chão havia algumas avelãs do outono passado. O musgo crescera tanto sobre o nome gravado de seu pai que se lia em verde na pedra cinzenta: Joseph Marie Auger.

Quando criança, Fux estivera ali muitas vezes. Ela arrancava a grama da terra úmida, punha flores sobre a lápide e buscava na casa em ruínas a vida que ela e sua mãe poderiam ter tido. Fora ali que encontrara a raposa pela primeira vez, e o bosque onde Fux a salvara junto com os filhotes da armadilha de seus irmãos fazia divisa com o muro desmoronado.

— Eu sei, faz tempo que não venho aqui — ela disse. — Eu pedi o anel para a mamãe. Não tenho muita certeza se ela usou bem seu presente. Às vezes eu desejo que você a tivesse deixado morrer e tivesse ficado com os anos que deu a ela. Uma coisa dessas só se diz diante de uma sepultura, mas é bom desabafar. Talvez você pudesse ter me protegido. Eu encontrei alguém que fez isso nos últimos anos. Não há outra pessoa que eu ame mais. Ele cuidou de mim muitas vezes, e agora é a minha vez de protegê-lo.

Fux recolheu as avelãs que estavam em cima da sepultura e guardou-as no bolso. Então montou no cavalo. O sol já estava baixo, e Jacob não tinha tempo para esperar.



28
Dentes e espinhos

O hálito do lobo tinha o cheiro da carne apodrecida entre seus dentes, e seus olhos eram quase tão dourados quanto os do goyl. Jacob ouvira falar dos lobos daquela região. Dizia-se até que eles buscavam suas vítimas dentro da casa delas. De qualquer forma, Jacob sabia que a coisa ia ser feia. Talvez a morte por asfixia não fosse assim tão ruim.

Agora já eram cinco ao seu redor. Ele tentou libertar uma mão para pegar a faca, mas a trepadeira cravou os espinhos tão impiedosamente em sua carne que a dor lhe arrancou um grito abafado.

Grite, Jacob. Por que não? Talvez Fux o escute. Não. Provavelmente ela já o esperava em Gargântua. O que ela faria se ele não chegasse? Procuraria por ele, como dissera o goyl, mas certamente não a vida toda. A raposa descobriria rapidamente o que tinha acontecido com ele. A ideia era quase um consolo.

Um dos lobos passou a língua em seu rosto, como se quisesse fazer um teste de degustação. Jacob tentou pelo menos libertar uma perna para poder chutá-lo, mas isso só serviu para que os espinhos se cravassem mais profundamente em sua carne. *Droga, Jacob, pense em alguma coisa!*

Eles pararam.

O maior lambeu o focinho cinzento.

O prelúdio chegara ao fim.

Jacob jogou-se para o lado. Ele ouviu dentes abocanharem o vazio. O próximo mordeu as gavinhas, mas a proteção não resistiria por muito tempo. Jacob tentou desesperado se lembrar de tudo que sabia sobre trepadeiras estranguladoras. Ele próprio já as usara para deter perseguidores, mas nunca para prendê-los. Um lobo mordia as gavinhas que se enroscavam em volta de suas costelas. Outro puxava as que prendiam suas pernas.

Trepadeiras estranguladoras, Jacob! Esqueceu do que elas mais gostam?

Ele se jogou de lado novamente, embora doesse muito, e rolou no chão da floresta. Os lobos soltavam ganidos furiosos enquanto os espinhos rasgavam sua pele.

Sangue. Era do que as trepadeiras estranguladoras mais gostavam. Mas obviamente o sangue também tornava os lobos mais vorazes. O próximo atacou com tanto afinco que seus dentes encontraram carne. Jacob gritou

quando eles se enterraram em seu flanco, mas as gavinhas também gostaram de seu sangue e começaram a crescer mais rápido.

Brotos frescos dispararam em direção aos lobos, endurecendo como madeira conforme cresciam. Eles se enroscaram no pelo dos animais e envolveram Jacob num casulo ainda mais fechado. Ele sentia dificuldade para respirar e suas roupas estavam empapadas em seu próprio sangue, mas os lobos não conseguiam mais alcançá-lo. Eles uivavam furiosos e cravavam os dentes na moita espinhosa, embora as gavinhas também os envolvessem cada vez mais firme. Jacob respirava com dificuldade. Seus dedos encontraram o cabo da faca, mas ele simplesmente não conseguia mover as mãos para segurá-lo.

O líder da matilha parou, ofegante e ávido pela carne que cheirava tão saborosamente a sangue e suor de medo.

Então ele começou a morder as gavinhas que haviam se enroscado em volta do pescoço de Jacob. Desesperado, Jacob tentou se virar, mas a trama que o protegia também o imobilizava, como uma mosca numa teia de aranha. Depois de mais uma mordida, o hálito do lobo tocou sua pele desprotegida. Jacob já estava quase sentindo os dentes no pescoço, e...

Nada.

Nenhuma cartilagem despedaçada. Nem asfixia, sufocado pelo próprio sangue. Em vez disso, ganidos estridentes. E a voz cortante de um homem.

Através das gavinhas, Jacob viu botas e a lâmina de uma espada. Um lobo caiu com o pescoço cortado, um segundo se libertou das gavinhas e atacou, mas a lâmina o matou ainda no pulo. Os outros recuaram. Finalmente um deles soltou um uivo de decepção, e todos bateram em retirada, o pelo cravejado de espinhos.

Seu salvador virou-se. Ele era um pouco mais velho que Jacob. Sua espada atravessou as gavinhas sem dificuldade, como um abridor de cartas cortando um envelope. Não havia muitas lâminas que cortavam trepadeiras estranguladoras tão facilmente. O estranho arrancava os espinhos das luvas enquanto Jacob se livrava das gavinhas cortadas. As roupas dele eram tão boas quanto a espada. A gola de seu casaco era coberta com o pelo de uma raposa negra. Na Lorena, somente a alta nobreza tinha permissão para caçá-las.

Um príncipe encantado. Que parecia um príncipe encantado.

Era só o que faltava. Você pode se dar por feliz por ele não estar ocupado em salvar a Branca de Neve, Jacob. A última vez que se sentira tão ridículo

fora quando um professor teve que livrá-lo de uma garota que tentava estrangulá-lo no pátio da escola.

— As trepadeiras estranguladoras são bastante raras nesta região. — Seu salvador o ajudou a se levantar. — Os lobos o feriram?

Agradeça, Jacob. Vá logo.

— Mais ou menos. — Ele tocou na ferida em seu flanco. — Como é que você os afugentou tão depressa?

Pare com isso. Está soando como se o ataque dos lobos fosse culpa dele. O orgulho era uma coisa incômoda. Mas seu salvador apenas deu de ombros.

— Minha propriedade fica nas proximidades de Champlitte. Lá tivemos problemas com feras bem maiores que essas. — Ele estendeu a mão para Jacob. — Guy de Troisclerq.

Jacob limpou o sangue dos dedos.

— Jacob Reckless. — *Caçador de tesouros e um idiota completo*. Ele quase não conseguia se manter em pé.

Troisclerq apontou para as roupas rasgadas de Jacob.

— O senhor deve tomar um banho de imersão com um extrato de casca de árvore para as feridas não inflamarem. Esses espinhos são traiçoeiros.

— Eu sei. — *Jacob!* Ele se forçou a sorrir. — Acho que você salvou minha vida.

Troisclerq jogou as gavinhas cortadas no meio da clareira.

— Eu estava no lugar certo na hora certa. Só isso.

Era nobre, ainda por cima. *Pare com isso, Jacob! O que ele pode fazer se você caiu na armadilha do goyl feito um principiante?*

O isqueiro que Troisclerq acendeu junto às gavinhas era um dos primeiros que Jacob vira atrás do espelho, onde eles custavam uma fortuna. Ele tirou um galho dos cabelos e jogou-o no fogo. Estava vivo, mas perdera a cabeça de Guismund.

A mordida no flanco doía tanto que Jacob teve que pedir a Troisclerq que pegasse o cavalo para ele. A visão da mochila saqueada encheu-o de tanta raiva impotente que ele teve vontade de sair imediatamente atrás do Bastardo. Mas seu nobre salvador tinha razão — ele precisava tratar a ferida e desinfetar a pele dilacerada, ou contrairia uma infecção sanguínea. Além disso, Fux estava esperando por ele em Gargântua.

Pelo menos ele conseguiu subir na sela sem que Troisclerq precisasse ajudá-lo. O cavalo branco de seu salvador fazia todos os cavalos que Jacob já possuíra parecerem pangarés comprados do açougueiro.

— Para onde o senhor se dirigia?

— Para Gargântua.

— Ah, ótimo. Também preciso ir até lá. Pretendo pegar a diligência noturna para Vena.

Que maravilha. Era exatamente o que ele pretendia fazer. Ele só esperava que seu salvador não contasse aos outros passageiros como eles haviam se conhecido. O coração no leste. Ele tinha que encontrá-lo antes do Bastardo, senão daria na mesma se os lobos o tivessem devorado.

Jacob lançou um último olhar para a clareira onde o goyl o capturara como a um coelho. Era um longo caminho de volta até a Austrásia, e o rosto de Troisclerq o lembraria de sua estupidez durante toda a viagem.

— Reckless? — Troisclerq aproximou-se com o cavalo branco. — O senhor é o caçador de tesouros que trabalhou para a imperatriz da Austrásia?

Jacob apertou a rédea entre os dedos.

— O próprio.

E um idiota, que se deixou roubar como se fosse um principiante.


Le Chat Botté

29
Um novo rosto

Fux já se hospedara com Jacob antes na estalagem em que deveria encontrá-lo. Na época, eles estavam em Gargântua para procurar um casaco de pele de asno, que escondia aquele que o usasse de seus inimigos. Le Chat Botté não só ficava ao lado da biblioteca que Jacob queria visitar, como também à sombra do monumento que a cidade havia erigido ao gigante que lhe dera o nome. A estátua era quase tão alta quanto o campanário e atraía viajantes dos mais distantes países, mas Fux não tinha olhos para seu cabelo de prata ou seus olhos de vidro azul, os quais, dizia-se, se mexiam durante a noite. Ela desejava ver o rosto de Jacob. Sua incursão ao passado mostrara-lhe mais uma vez que ele era o único lar que ela possuía.

A taverna do Le Chat Botté era bem mais ajeitada que o Ogro Voraz de Chanute. Toalhas de mesa e velas, espelhos nas paredes e garçonetes com aventais de babados... O dono se gabava de ter conhecido pessoalmente o lendário gato. Como prova, havia duas velhas botas penduradas ao lado da porta, mas elas não caberiam numa criança, e qualquer caçador de tesouros sabia que o Gato de Botas tinha o tamanho de um homem adulto.

O estalajadeiro lançou um olhar de desprezo para as roupas masculinas de Fux antes de procurar o nome de Jacob no livro de hóspedes.

— *Mademoiselle*? — O homem que se ergueu de uma das mesas era tão bonito que algumas mulheres se viraram para vê-lo, mas Fux só enxergou o pelo preto em sua gola.

Ele parou diante dela e passou a mão no pelo.

— Um presente do meu avô — ele disse. — Pessoalmente, não tenho nenhum prazer nesse tipo de caçada. Sempre torço pela raposa.

Seu cabelo era preto como a sombra na floresta, mas seus olhos eram azuis, quase tão claros como um céu de verão. Noite e dia.

— Jacob me pediu para vir encontrá-la. Ele foi ao médico. E está bem! — acrescentou, quando Fux olhou para ele preocupada. — Ele topou com trepadeiras estranguladoras e alguns lobos. Felizmente íamos pelo mesmo caminho.

Ele se curvou e beijou a mão de Fux.

— Guy de Troisclerq. Jacob a descreveu muito bem.

O consultório médico não ficava muito longe. Troisclerq indicou o caminho para Fux. Lobos e trepadeiras estranguladoras... Na verdade Jacob sabia como manter os lobos afastados, e trepadeiras estranguladoras eram consideradas extintas na Lorena desde que uma sobrinha de Torto havia morrido por causa delas e fora criada uma lei obrigando todos a queimá-las. Jacob encontrou Fux no meio do caminho e estava com as mãos enfaixadas e a camisa manchada de sangue. Em pouquíssimas ocasiões ela o vira tão furioso.

— O Bastardo roubou a cabeça.

Ele fez uma careta de dor quando a abraçou, e não foi fácil arrancar dele o que exatamente havia acontecido. Pelo menos por enquanto, seu orgulho ferido reprimira os pensamentos sobre morte, mas Fux não conseguia pensar em outra coisa. Toda a pressa, o perigo, o tempo que havia custado encontrar a cabeça... tudo em vão! Eles estavam com as mãos vazias. Por um momento ela sentiu náuseas de tanto medo e apertou os dedos firmes em volta da caixinha em seu bolso.

— Ele já encontrou a mão! — Jacob ergueu os olhos para o monumento. Os pássaros haviam feito seus ninhos nas orelhas do gigante, mas Fux tinha certeza de que no lugar da pedra esculpida Jacob via apenas o rosto escuro de ônix do Bastardo.

— Aquele cão miserável! — exclamou. — Vou achar o coração antes dele, e depois tomar dele a cabeça e a mão. Partimos ainda hoje à noite para Vena, a cavalo.

— Você não pode cavalgar uma distância tão grande. Troisclerq disse que um dos lobos mordeu você.

Até mesmo um bom cavalo demoraria pelo menos dez dias para chegar a Vena.

— Ah, é? E o que mais ele contou?

— Ele não contou mais nada! — Ah, o orgulho. Provavelmente Jacob preferia ser devorado por lobos a ser salvo por um estranho. — Por que precisamos ir para Vena? Você teve notícias de Chanute ou Dunbar?

— Sim, mas o que eles sabem eu também já sabia. A filha de Guismund foi enterrada em Vena. No mausoléu da família imperial. É a única pista que tenho.

Não era muito e Jacob sabia disso.

— Hoje à noite partirá uma diligência.

— Com uma diligência, precisaríamos de duas semanas no mínimo! Os

cocheiros param em todas as estalagens. E o goyl com certeza já está a caminho.

Ambos sabiam que ele tinha razão. Mesmo que subornassem o cocheiro, eles precisariam de mais de dez dias. O Bastardo com certeza chegaria a Vena antes deles. A única esperança que podiam ter era de que ele não encontrasse o coração. Mas com a mão ele tinha sido bem rápido.

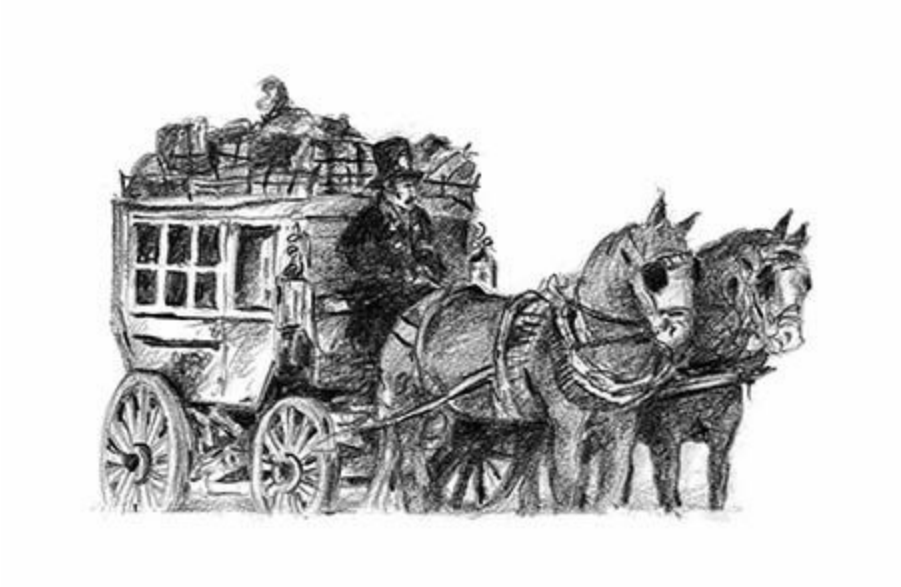
Jacob apalpou o flanco ferido, e por um momento Fux viu algo em seu rosto que nunca tinha visto antes. Ele estava desistindo. Apenas por um instante fugaz, mas esse instante lhe deu mais medo do que todos os outros.

— Descanse — ela disse, e acariciou seu rosto ferido. — Vou comprar as passagens.

Jacob apenas fez que sim com a cabeça.

— Como vai sua mãe? — ele perguntou quando ela se virou.

— Bem — Fux respondeu, e fechou a mão em volta da caixinha em seu bolso. Ela tinha tanto medo por ele.



30
Nada anda

Oito pessoas numa carruagem com uma péssima suspensão, cheirando a suor misturado com água-de-colônia: um advogado de St. Omar e sua filha; duas governantas de Arlas, que tricotaram durante toda a viagem, embora espetassem os dedos a cada buraco da estrada; e um padre, que tentava convencê-los de que os goyls descendiam em linha direta do próprio diabo. Jacob desejou estar na Floresta Negra, ou de volta às Bodas Sangrentas, ou ainda a bordo do fétido *Titania*... e eles só estavam viajando havia três dias.

Os táleres que o lenço de ouro produzia estavam cada vez mais lastimáveis, mas o cocheiro aceitou o suborno com um brilho nos olhos. Afinal, comparado às moedas de cobre que lhe pagavam, até mesmo um ouro fino como papel era uma fortuna. O táler o entusiasmou tanto que logo os outros passageiros começaram a reclamar da falta de descanso e, no quinto dia, uma roda quebrou num desfiladeiro. Eles levaram horas para desatrelar os cavalos e conduzi-los pela estrada congelada até a próxima estação de carruagens. Jacob não sabia ao certo o que era pior: o flanco dolorido ou a voz em sua cabeça. *Você deveria ter ido a cavalo. O Bastardo já deve estar em Vena. Você está morto, Jacob...*

O chefe da estação de carruagens se recusou a mandar seus empregados no meio da noite para consertar a roda, e falou sobre os diabretes e espíritos da floresta que viviam no desfiladeiro. Ele pediu uma fortuna pelos cômodos frios em que alojou os passageiros, e só mandou o cozinheiro para a cozinha quando Troisclerq jogou um saco de prata em cima do balcão reluzente. Troisclerq pagou por todos. Ele conseguiu que se acendesse o fogo no salão e, quando Fux sacudiu a neve dos cabelos, pôs seu sobretudo nos ombros dela. A Jacob não passou despercebido que ela lhe lançou um olhar de gratidão. Fux usava um vestido que havia comprado em Gargântua enquanto eles esperavam pela carruagem, e Jacob se pegou imaginando se ela o estaria usando especialmente para o salvador.

Não que Troisclerq não tivesse se preocupado com ele também. Quando ele percebeu que Jacob punha a mão no flanco ferido com uma frequência cada vez maior, deu-lhe duas pastilhas pretas. Caramelo de bruxa. Não era qualquer um que os carregava consigo. Eram as devoradoras de crianças que os fabricavam, e com quais ingredientes era melhor não perguntar. Como

alguém com roupas e maneiras tão aristocráticas podia ter acesso a caramelo de bruxa? Provavelmente da mesma maneira que aprendera a afugentar uma matilha de lobos. Além disso, a Lorena fervilhava de bruxas escuras desde que o Torto lhes concedera asilo em agradecimento às costas endireitadas.

As pastilhas eram ainda melhores do que a pastinaca, e o caramelo de bruxa não tinha efeitos colaterais. Jacob teve que admitir para si mesmo que estava começando a gostar de seu salvador. Troisclerq em nenhum momento mencionou como o encontrou na floresta, nem para Fux nem para os outros viajantes. Talvez ele olhasse com muita frequência para Fux, mas até isso Jacob perdoava. Afinal, ele não podia esperar que Troisclerq fingisse ser cego.

Era melhor não tomar vinho com caramelo de bruxa, mas contra o orgulho ferido nem mesmo as pastilhas das devoradoras de crianças ajudavam, e ele ainda via diante de si o Bastardo com seu sorriso sarcástico. Fux lançou-lhe um olhar preocupado quando ele pediu a segunda jarra de vinho. Jacob respondeu com um sorriso, esperando que ele nada denunciasse da autopiedade constrangedora em que estava afundando. Autopiedade, orgulho ferido e medo da morte, uma péssima combinação. E eles ainda tinham alguns dias dentro da carruagem sufocante pela frente. Ele encheu o copo até a borda.

A dor em seu peito começou tão repentinamente que ele pensou que o próprio coração o dilacerava entre as costelas. Não havia nada que pudesse aplacar aquela dor. Jacob apertou os dedos em volta da mesa à qual todos estavam sentados e reprimiu o gemido que queria sair de seus lábios.

Fux olhou para ele. Ela puxou sua cadeira para trás.

A dor deixava o rosto dela borrado como o dos outros, e ele sentiu que seu corpo inteiro começou a tremer.

— Jacob! — Fux segurou sua mão. Ela falava com ele, mas ele não conseguia ouvir. Havia apenas a dor, que queimava o nome da fada de sua memória. Jacob sentiu Troisclerq segurá-lo pelos braços e carregá-lo escada acima junto com o cocheiro. Ele ainda sentiu quando o deitaram na cama e examinaram a ferida que o lobo havia feito e queria lhes dizer para se pouparem desse trabalho, mas a mariposa continuava a devorar, e ele perdeu a consciência.

A dor já havia passado quando ele voltou a si, mas seu corpo ainda se lembrava. O quarto estava escuro. Apenas um lampião ardia sobre a mesa.

Fux estava ao lado dele e olhava para alguma coisa na mão. A luz da lâmpada deixava sua pele branca como leite.

Ela estremeceu quando ele se sentou e escondeu o que tinha na mão.

— O que você tem aí?

Ela não respondeu.

— A mariposa em seu peito está com três manchas — ela disse. — Quando foi a última vez?

— Em St. Riquet. — Jacob nunca vira o rosto dela tão pálido. Ele se endireitou. — O que é isso na sua mão?

Ela se encolheu.

— O que é isso na sua mão, Fux?

Os joelhos ainda estavam fracos por causa da dor, mas Jacob pegou o braço dela e puxou a mão que ela escondia atrás das costas.

Ela abriu os dedos.

Um anel de vidro.

Jacob vira um exemplar semelhante num dos gabinetes de curiosidades da imperatriz.

— Você ainda não pôs esse anel no meu dedo, não é? Fux! — Ele a segurou pelos ombros. — Diga a verdade! Ele não estava no meu dedo. Por favor!

Lágrimas escorriam pelo rosto dela, mas finalmente ela sacudiu a cabeça. Jacob pegou o anel da sua mão antes que ela pudesse fechar os dedos. Ela tentou pegá-lo de volta, mas Jacob pôs o anel no bolso. Então ele a abraçou. Ela chorava como uma criança, e ele a segurou firme, tão firme quanto pôde.

— Prometa! — ele sussurrou. — Prometa que nunca vai tentar de novo. Prometa!

— Não! — ela respondeu.

— O quê?! Você acha que eu quero que você morra no meu lugar?

— Eu só queria dar um pouco mais de tempo para você.

— Esses anéis são perigosos! Cada segundo que você o mantém no meu dedo custa um ano da sua vida! Às vezes eles não podem ser tirados do dedo antes que a pessoa tenha dado sua vida inteira.

Ela se soltou e enxugou as lágrimas.

— Quero que você viva. — Ela sussurrou as palavras como se tivesse medo de que a morte pudesse ouvi-la e entendesse como uma provocação.

— Ótimo! Então vamos encontrar o coração antes do goyl! Tenho certeza de que conseguirei cavalgar. Sabe-se lá quando essa carruagem será

consertada.

— Não há cavalos. — Fux foi até a janela. — O estalajadeiro vendeu os únicos cavalos de sela para quatro viajantes anteontem. Ele se gabou com Troisclerq porque um deles era Louis da Lorena. Ele estava com um goyl de pele mesclada de verde. Eles só fizeram uma parada rápida e continuaram a viagem à tarde.

Anteontem. Suas chances eram menores do que ele havia pensado.

Fux abriu a janela como se quisesse deixar o medo sair. O ar que entrou era úmido e frio como a neve. De baixo vinham risadas, e Jacob pensou ouvir a voz alta do advogado que sentava ao seu lado na carruagem.

Louis da Lorena... O Bastardo estava procurando a balestra para o Torto.

Fux se virou.

— Troisclerq ouviu que eu queria comprar cavalos, porque precisamos seguir viagem urgentemente. Ele subornou o estalajadeiro para enviar seus empregados até a carruagem. Eu disse que vamos devolver o dinheiro, mas ele nem quis saber.

Eles devolveriam o dinheiro. Jacob tirou o lenço de ouro do bolso. Ele já tinha dívidas suficientes com Troisclerq.

— Já tentei — Fux disse.

Ela tinha razão. Por mais firme que Jacob esfregasse o lenço entre os dedos, a única coisa que tirou do tecido roto foi o cartão no qual ainda estavam escritas as mesmas palavras.

Esqueça a mão, Jacob.

Havia sido um bom conselho.

— Podemos pedir a Chanute para mandar dinheiro — disse Fux. — Você ainda tem alguma coisa no banco em Schwanstein, não é?

Sim, ele tinha, embora não fosse muito. Jacob pegou a mão dela.

— Devolverei o anel quando tudo isso tiver acabado — ele disse. — Se me prometer que nunca vai usá-lo.



31
Cozinheiros demais

O melhor. Não, Nerron não conseguia se lembrar de ter se sentido tão bem antes. Ele roubara o butim de Jacob Reckless e o humilhara como a um principiante.

Nem mesmo o principezinho conseguia estragar seu humor, embora Louis andasse espalhando aos quatro ventos que, por culpa de Nerron, um espião de Álbion havia escapado depois que Louis lhe arranjara uma virgem impecável. Durante um dia inteiro ele se recusara a partir para Vena, e até agora escapulia com qualquer garota que se impressionasse com seus botões de diamante. O tritão passava as noites a procurá-lo em celeiros e casas de camponeses, e olhava para seu protegido real com tal aversão que Nerron não se espantaria se certa manhã encontrasse Louis afogado num bebedouro de cavalos. Claro que nada disso aparecia no diário de viagem que Lelou nunca se cansava de escrever. Em vez disso, ele fazia relatos sobre todos os castelos pelos quais haviam passado, todas as estradas cobertas de gelo e todos os duendes que haviam jogado pedras em cima deles. Todas as noites Nerron examinava os manuscritos (felizmente o Besouro tinha uma letra bastante legível) e adormecia sobre eles.

Sim, tudo ia maravilhosamente bem.

Apesar de Louis.

Apesar de Lelou.

Apesar do fedor de peixe de Eaumbre.

Logo eles estariam em Vena, ele encontraria o coração, tomaria a mão de Louis e faria um brinde à memória de Reckless.

Eles pernoitaram numa hospedaria na Bavária, e Vena estava a apenas um dia de viagem quando Nerron se deu conta de que talvez a última etapa da caçada não transcorresse tão bem.

Ele acordou sentindo um metal frio no pescoço. Ao lado da cama estava Louis, que pressionava o sabre em sua pele com o olhar embaçado por pó élfico.

— Você mentiu para mim, goyl — ele rosnou e segurou no alto um saco mágico que o Bastardo reconheceu como o de Reckless, embora tivesse bebido fartamente do vinho quente aromático que era servido nas tavernas da Bavária.

Nerron só precisou ver o rosto de besouro de Lelou atrás do cotovelo de Louis para compreender quem pusera o principezinho na pista do saco mágico.

— É a cabeça! — observou Lelou em tom de acusação. — Ela me deu uma pancada. E ela grita.

— Provavelmente ela o amaldiçoou — Nerron disse, afastando o sabre de Louis para o lado.

Lelou empalideceu em volta do nariz pontudo, mas Louis inclinou-se ameaçador sobre a cama de Nerron.

— Você tentou me enganar, goyl. Há quanto tempo você está com a cabeça?

— Ele queria mostrá-la ao senhor. — O tritão era um vulto escuro na porta aberta. — O goyl me perguntou onde poderia encontrá-lo, mas o senhor não estava em sua cama.

Era a pior mentira que Nerron já ouvira, mas na voz sussurrada do tritão soava como a mais profunda verdade.

— Eu trabalho para o seu pai — Nerron disse enquanto puxava o saco mágico da mão de Louis. — O senhor já se esqueceu? Eu sigo apenas as ordens dele. A cabeça fica comigo. A não ser que eu lhe ensine como se proteger de suas maldições.

Lelou ainda estava escondido atrás de Louis.

Espere só para ver, Besouro. Vou pôr na sua cola todos os demônios da montanha que aparecerem no nosso caminho.

Louis passou a mão na lâmina do sabre como se a imaginasse penetrando a carne do goyl.

— Tudo bem. Pode ficar com a cabeça. Por enquanto.

Eaumbre ainda estava na porta.

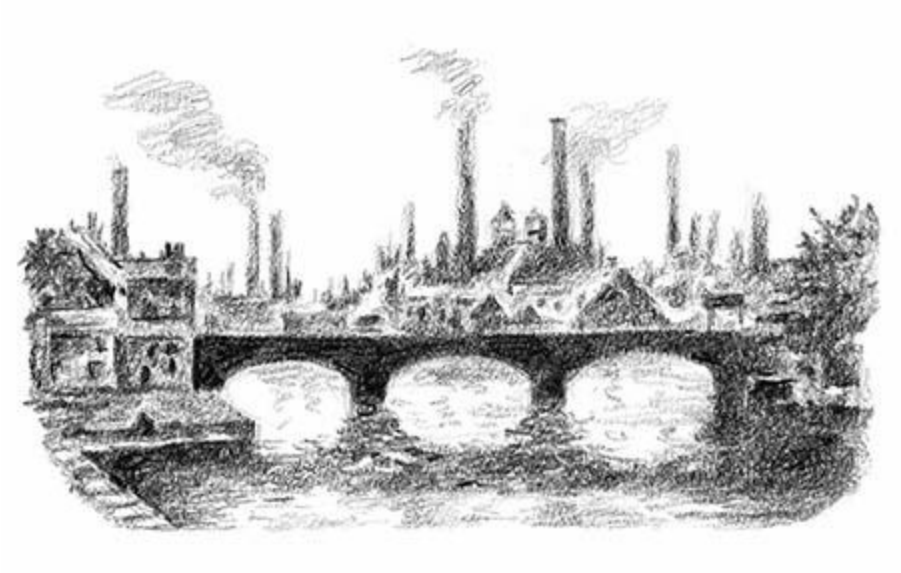
Talvez Lelou suspeitasse que Nerron mentia. O tritão tinha certeza.

Nerron foi até o quarto de Eaumbre assim que ouviu o ronco de besouro atrás da porta de Lelou e as risadinhas de uma garota no quarto de Louis.

Eaumbre estava deitado na cama e jogava uma bacia de água no peito escamoso.

— Qual é o preço? — Nerron perguntou.

— Ainda vamos ver — murmurou o tritão.



32
O coração no leste

No final das contas, apesar da prata de Troisclerq, eles viajaram por quinze dias. E a cada dia Jacob se convencia mais de que o Bastardo já havia encontrado o coração.

Depois que desmaiara, os outros viajantes relutaram em subir na carruagem junto com ele (na Bavária e na Austrásia havia uma epidemia de varíola), mas Troisclerq fez questão de se sentar ao lado dele. Sim, Jacob estava começando a gostar dele. Troisclerq tinha bons conhecimentos tanto sobre cavalos quanto sobre as mais recentes armas dos goyls, e não se importava em discutir durante horas se as melhores lâminas eram as de Álbion ou da Catalunha. Eles partilhavam a paixão pela esgrima, embora Troisclerq, ao contrário de Jacob, preferisse a espada ao sabre. Os outros passageiros certamente os amaldiçoavam por causa das discussões intermináveis, em que os dois debatiam durante horas se o golpe mais sujo era um *in quarto* ou uma *sparita de vita*.

Do lado de fora passavam vales escuros e lagos onde se viam os reflexos dos castelos encravados nos cumes cobertos de neve. Num deles, Jacob havia encontrado o sapatinho de cristal que lhe rendera uma condecoração da imperatriz e, em algum momento, eles viram ao longe a floresta onde ele roubara de um bando de salteadores um par de botas de sete léguas para um dos príncipes-lobos do leste. Não podia estar tudo acabado; ainda não. Mas, graças a ele, a imperatriz agora passava os dias numa fortaleza subterrânea, e a floresta diminuíra seu tamanho pela metade já que a sua lenha estava sendo usada para derreter o aço no vale atrás dela. E em Vena, reinavam os goyls. Nada durava para sempre, mesmo atrás do espelho.

As duas governantas coraram com um gracejo de Troisclerq, e Jacob olhou pela janela para se distrair do fato de que Fux olhava para seu salvador com uma simpatia cada vez maior. À esquerda deles, o Duna corria lentamente pelos campos inundados, e no horizonte surgiram as torres de Vena.

— Jacob? — Troisclerq pôs a mão em seu joelho. — Celeste me perguntou se eu sei onde Louis da Lorena costuma se hospedar quando visita Vena.

Celeste. Era estranho ouvir seu verdadeiro nome da boca de outra pessoa. O próprio Jacob só soubera dele por Fux havia alguns meses.

— Suponho que Louis se hospedará na casa de seu primo — continuou

Troisclerq. — Eu o conheço razoavelmente bem. Se quiser, posso arranjar para que ele os receba.

— Claro. Obrigado.

Celeste...

O cocheiro freou os cavalos. A estrada estava alagada. A água do degelo das montanhas fazia os rios transbordarem. No Mundo do Espelho, eles ainda definiam seu próprio leito. Todos os anos, aldeias e propriedades agrícolas inteiras submergiam na torrente, mas Jacob gostava da visão das margens orladas de juncos, dos inúmeros afluentes e das ilhas cobertas de vegetação se espelhando na água que corria vagarosamente. Os rios atrás do espelho não abrigavam somente ninfas e duendes da lama, mas também tesouros que já haviam enriquecido muitos pescadores maltrapilhos.

Celeste...

O cocheiro pegou a mesma ponte sobre o rio que os goyls haviam usado para sair da cidade depois das Bodas Sangrentas. Vena se rendera praticamente sem resistência depois que a filha da imperatriz anunciara publicamente que cabia à sua mãe toda culpa pelo banho de sangue na igreja. Os goyls não eram mais cruéis do que outros invasores, mas Jacob não gostava nem um pouco da sensação de passar por uniformes cinzentos e janelas emparedadas se perguntando se tudo aquilo existiria sem ele.

As diligências ainda paravam atrás da estação ferroviária, embora os cavalos se assustassem facilmente com o barulho dos trens. Talvez os cocheiros não quisessem abrir mão do futuro para as carruagens de ferro sem resistir, mas a luta já estava perdida. Ao lado da estação, os goyls haviam construído um acesso às catacumbas da cidade, que usavam como bairros residenciais. Os outros passageiros observaram os soldados que vigiavam a entrada com a repulsa dissimulada que os rostos de pedra ainda provocavam na maioria dos humanos. O casamento de Kami’en em nada alterara isso.

Na estação, havia dezenas de panfletos colados nas paredes. Em Vena, grupos revolucionários conclamavam à resistência contra a nova imperatriz, propondo atentados contra seus ministros, bases militares ou policiais, e bairros onde residiam os goyls. Fux lançou um olhar preocupado para os cartazes, mas Jacob não encontrou neles o seu rosto nem o de Will. O que quer que a Fada Escura tivesse contado a seu amante, Kami’en não havia ordenado uma busca ao goyl de jade. *E quando você estiver morto, Jacob, ninguém jamais saberá para onde ele foi.* Talvez fosse exatamente este o final que a Fada Escura desejava...

Em frente à estação, do outro lado da praça, alguns fiacres esperavam sob as árvores.

— Você vai procurar o coração! — Fux sussurrou quando Jacob fez sinal para o cocheiro. — Troisclerq vai me mostrar onde mora o primo de Louis, e vou descobrir se o Bastardo está lá.

Ele não gostou nada do plano. O goyl era perigoso. Mas Fux pôs a mão em sua boca quando ele quis protestar.

— Não vamos mais perder tempo — ela sussurrou. — Por favor. Tomarei cuidado para que ele não me veja.

Atrás deles, Troisclerq se despedia dos outros passageiros. Fux olhou para ele. Jacob tentou ignorar a pontada que isso lhe causou.

— Certo. Pegue você o fiacre. Eu vou a pé — ele disse. Quinze dias no banco de uma carruagem eram mais do que suficientes. — Nos encontramos no hotel.

Soou mais frio do que pretendia. *O que significa isso, Jacob?* O olhar de Fux perguntava a mesma coisa.

Troisclerq comprou um buquê de narcisos de uma das vendedoras de flores que ficavam na frente da estação. Ele tirou o caule de uma das flores e espetou-a no vestido de Fux.

— Você está bem? — Ele pôs o braço no ombro de Jacob. — Conheço um bom médico em Vena. Você não acha que deveria fazer uma consulta?

— Não, estou bem — Jacob acenou para o cocheiro do fiacre.

— Você vai encontrar o coração! — Fux sussurrou para ele. — Eu sei que vai.

Troisclerq abriu a porta do fiacre para ela.

Fux soergueu o vestido e virou-se para Jacob.

— Você telegrafa para Chanute sobre o dinheiro?

— Claro.

Ela sorriu mais uma vez para ele e entrou no fiacre.

Troisclerq estava olhando para duas mulheres que passavam. Elas retribuíram o olhar. Uma delas corou.

— Há tantas mulheres bonitas — Troisclerq sussurrou para Jacob —, mas algumas são mais do que isso. Muito mais. — Ele andou até o fiacre e jogou sua valise para o cocheiro. — Sigo viagem ainda hoje — ele disse para Jacob. — Mas tenho certeza de que nos veremos novamente.

Então ele se juntou a Fux no fiacre.

Celeste... Jacob preferia chamá-la de Fux.

Seu olhar seguiu a carruagem até ela desaparecer atrás de um bonde. *Você vai encontrar o coração.* Ele olhou ao redor. *Por onde começar, Jacob?* No Arquivo Público, que possuía um registro de todos os tesouros da Austrásia? No mausoléu onde jazia a filha de Guismund entre seus antepassados imperiais? Ele tentou se lembrar da fúria que sentira na floresta, da vontade de se vingar do Bastardo... mas não sentiu nada. Como se a mariposa de fato devorasse seu coração.



33
Métodos distintos

Era engraçado como os humanos gostavam dos subterrâneos para fazer coisas proibidas. Como se precisassem rastejar para debaixo da terra a fim de não serem descobertos. Um goyl sempre escolheria a luz do dia.

O homem, cujo nome Nerron obtivera de um coveiro, tocava seu negócio proibido atrás de um açougue de boa reputação. Os odores que saíam pela porta da loja sem dúvida eram uma excelente camuflagem para as mercadorias que ele comercializava.

A escada que levava ao porão onde ele instalara seu negócio não era iluminada e terminava diante de uma porta com uma placa esmaltada que anunciava: *Atendimento somente com hora marcada.* O homem que abriu a porta quando Nerron bateu era o mesmo coveiro que lhe dera o endereço. Ele era calvo como um duende de âmbar e escondia um punhal sob a casaca preta. A sala para onde ele conduziu Nerron era tão escura que talvez somente um goyl pudesse distinguir de imediato o que era comercializado ali. Frascos com olhos, dentes e garras de todos os tipos, vitrines cheias de mãos, patas e cascos, orelhas e narizes e crânios de todas as formas e tamanhos. Ingredientes eficazes quando se desejava dor de cabeça para o vizinho ou cascos de bode para o marido infiel. Medicina de dano. Assim se chamava o ofício proibido que era exercido tanto por bruxas quanto pelos humanos supersticiosos — a própria filha da imperatriz gostava de mandar esconder olhos ou dentes sob a cama de seus inimigos, para causar prejuízos à sua saúde. A Nerron não passou despercebido que aquela farmácia especial também comercializava uma quantidade considerável de partes do corpo de goyls. Eles eram moídos até virar pó e administrados para provocar paralisias.

O homem responsável pelas negociações parecia ele próprio ter sido vítima dos serviços que oferecia. Sua pele esticava-se amarelada sobre os ossos, como se antes dele outra pessoa já a tivesse usado. Ele vestia um avental branco, como todos os farmacêuticos que haviam se transferido da medicina de cura para a de dano, por ela ser muito mais lucrativa e os clientes dificilmente reclamarem caso o macabro tratamento não funcionasse.

— O coveiro informou o que estou procurando?

— Sim, é claro. — A boca espantosamente carnuda esticou-se num sorriso

cortês. — Trata-se de um coração. Um coração bastante especial. Mercadoria muito cara.

Nerron esvaziou um saco com uma pedra da lua vermelha sobre o balcão impecavelmente limpo da loja. O sorriso se esticou ainda mais.

— Isso deve bastar. Foi um desafio encontrar essa mercadoria, mas tenho as minhas fontes.

O farmacêutico virou-se e abriu uma das gavetas esmaltadas atrás dele. Dentro dela havia corações de todas as formas e tamanhos. Alguns eram pequenos como uma avelã, e o maior deles parecia ser de fato o coração bem conservado de um gigante.

— Não há melhor acervo em toda Vena. — Mais um sorriso, orgulhoso como o de um vendedor de flores que oferece sua melhor rosa. — A magia que conserva minhas mercadorias é muito dispendiosa e não totalmente isenta de perigos, mas, no caso desse coração, obviamente ela não foi necessária. Afinal de contas, é o coração de um bruxo. Acho que não preciso explicar o que isso implica.

Ele pegou um estojo de prata que estava ao lado do coração do gigante. O coração dentro dele era ligeiramente maior que um figo e tinha a consistência de uma opala negra. Na superfície lisa estava gravado o animal heráldico de Guismund. O lobo coroado.

— Sua condição é impecável, como o senhor pode ver. Afinal, ele esteve durante séculos sob posse imperial.

Primeiro o coveiro, Nerron.

Ele se virou e bateu a cabeça dele contra a parede, antes que o cretino pudesse entender o que estava acontecendo.

— Quão idiota alguém precisa ser para tentar vender uma pedra falsa a um goyl? — ele disse entre os dentes para o farmacêutico. — Você acha que somos tão ignorantes quanto vocês e não sabemos diferenciar uma opala de um coração de bruxo petrificado? Uma pedra preta é igual às outras, não é mesmo? Do que você acha que é a minha pele? De jaspe?

Ele derrubou o estojo do balcão. Decepcionante. Muito decepcionante. *A culpa é toda sua, Nerron. Você quer encontrar o coração de um rei e vai procurar na sarjeta!* Reckless não teria sido tão burro.

Ele apontou a pistola para o farmacêutico que tremia e fez um gesto indicando o vidro que estava ao lado do caixa. Entre olhos humanos e de anões boiavam dois globos oculares de goyl.

— Experimente o dourado — disse Nerron enquanto punha a pedra da lua

de volta no saco. — Tenho certeza de que são os mais saborosos. E quem sabe depois disso você veja os meus semelhantes com olhos totalmente diferentes.

A ideia que ele teve enquanto o farmacêutico engolia o primeiro olho era suja, mas já fazia quase uma semana que ele estava procurando o coração, e paciência nunca fora seu forte. Nerron segurou a mão trêmula e pálida do negociante quando ela se enfiava novamente no vidro.

— Pode se poupar do segundo olho. Você tem uma língua de bruxa? Mas desta vez é melhor que não seja uma falsificação.

O farmacêutico abriu uma gaveta, afoito. A língua que ele tirou de dentro dela com uma pinça diferenciava-se dos exemplares humanos apenas por uma fenda na ponta. Nerron jogou o falso coração de Guismund fora da caixa e pôs a língua dentro dela.

Ele já havia passado pela porta quando o coveiro começou a se mexer.

Ele não foi atrás de Nerron.



34
Um jogo

Da estação até o Arquivo Público era menos de meia hora a pé, mas todas as grandes alamedas que iam dar no palácio terminavam em barreiras policiais. Nas calçadas, a multidão se apinhava quase tão compacta como no dia das Bodas Sangrentas, e Jacob teve a sensação de que os corpos o arrastavam consigo, como troncos levados pela correnteza. Kami'en estava em Vena. Haveria um desfile para celebrar a gravidez de sua esposa humana. Na rua, os guardas da nova imperatriz decoravam os postes e as fachadas com guirlandas. Eram todos, sem exceção, goyls. Amália se fazia proteger unicamente pelos soldados do marido. Pelo que diziam, ela preferia homens que tivessem pele de cornalina, como Kami'en. As guirlandas estavam cobertas com flores de pedra da lua, e as barreiras nas calçadas estavam enfeitadas com ramos de prata. Porém tudo que Jacob enxergava era Troisclerq pondo a flor no vestido de Fux. O que estava acontecendo? *Você está com ciúmes, Jacob. Você não tem mais com o que se preocupar?*

Ele virou na rua seguinte, e de novo deu com uma barreira. Raios! Quem ele queria enganar? O Bastardo já havia encontrado o coração. *Pare com isso, Jacob*. Mas ele não conseguia se lembrar de alguma vez já ter estado tão cansado. Nem mesmo o medo da morte penetrava a neblina que tomara conta de sua cabeça.

Ele tirou do bolso o guia da cidade que havia comprado na estação. Era um catatau desajeitado, grosso como um romance e impresso com letras miúdas, mas os goyls haviam mudado tantas coisas em Vena que ele já não conseguia mais se localizar direito. O arquivo ficava numa das ruas por onde passaria o desfile. Talvez fosse melhor começar com o mausoléu. Ele folheou as páginas densamente impressas, segurando o cartão de Earlking numa das mãos.

> Você está perdendo seu tempo, Jacob.
> Museu de História da Austrásia.
> Sala 33.
> O homem que era os olhos de Guismund também conhecia seu coração.

Jacob olhou para a rua. Agora ele sentia a dor em seu peito o tempo todo, como uma ferida que não sarava. *O preço será acessível*. Ele fez sinal para

um fiacre e disse o endereço do museu para o cocheiro.

Colunas em forma de corpos de gigantes acorrentados. Um friso de dragões derrotados sobre o portal de entrada. Ornamentos com relevos de anões e gnomos sob as janelas. O edifício no qual estava situado o Museu de História da Austrásia fora originalmente um palácio. Um antepassado da imperatriz deposta havia projetado cada detalhe. Naquela época, ele ficara conhecido como o Príncipe Alquimista, mas não era para ele, e sim para seu tataraneto, o monumento que havia na frente do museu, ao lado das estátuas de dois generais vitoriosos a cavalo. Jacob abriu caminho entre o bando de crianças em uniforme escolar que vinha ao seu encontro na escada e entregou o dinheiro do ingresso para a mulher atrás do guichê. Felizmente um ourives trocara alguns dos míseros táleres que o lenço de ouro ainda fornecia por florins novinhos em folha, em que, em vez do perfil da imperatriz, havia sido cunhado o de Kami'en.

O museu não possuía objetos mágicos como os gabinetes de curiosidades imperiais, mas em suas salas Jacob aprendera mais sobre o Mundo do Espelho do que muitos habitantes dali sabiam.

Armas e equipamentos de cavaleiros austrásicos, lanças longas para combater os gigantes, armadilhas de ogros, selas de dragões revestidas de ouro, uma réplica do primeiro trono imperial, a cabeça do cavalo que havia advertido a mãe da imperatriz sobre uma maçã envenenada... Centenas de objetos que mantinham o passado da Austrásia vivo. Jacob ainda se lembrava de sua primeira visita. Chanute o levara ali para buscar informações sobre um castelo que ficara submerso num lago por mais de cem anos. Jacob parava diante de cada objeto até Chanute o agarrar pelo cangote e o arrastar adiante. Mas Jacob voltava escondido sempre que eles estavam em Vena e Chanute capotava depois de uma bebedeira qualquer. Ele teria encontrado o caminho pelas colunas mesmo no escuro, mas os goyls não haviam alterado apenas as ruas e a paisagem da cidade de Vena. Eles haviam feito o mesmo com a história da Austrásia.

Jacob parou diante de uma sala onde, até alguns meses antes, estavam expostos os trajes oficiais da imperatriz deposta. Agora era dominada pelo vestido de casamento ensanguentado de sua filha. A boneca de cera que o vestia se parecia assustadoramente com Amália. Já a pele de pedra de Kami'en não tinha nem de longe uma imitação tão fiel. Jacob andou até a figura de cera que estava ao lado do rei. O goyl de jade olhava para ele com

seus olhos dourados de vidro. A figura era tão parecida com Will que foi difícil Jacob encará-la. Naturalmente também havia uma figura da Fada Escura. Ela estava um pouco afastada dos outros e, a seus pés, jaziam cadáveres de cera, cobertos com suas mariposas negras.

Passado, como todo o resto aqui, Jacob. Mas por alguns instantes ele se sentiu de volta à catedral... Clara estava novamente deitada entre os mortos, Will usava o uniforme cinza, molhado de sangue goyl, e sua própria língua formava o nome que havia semeado a morte em seu coração.

O olhar vidrado do irmão seguiu Jacob de uma sala para a outra. Ele quase passou reto pela de número 33.

As paredes vermelhas estavam cobertas de cima a baixo com retratos da família imperial da Austrásia. Os inúmeros rostos estavam pendurados lado a lado, já marrons da pátina de muitos séculos. Lá estavam os bisavós da imperatriz deposta, assim como sua avó com seu famigerado irmão — o imperador a quem todos se referiam como a Criança Trocada (era provável que tivesse sido uma). Naturalmente também havia um retrato de Guismund. Ele não usava o manto de pelo de gato, como na porta da cripta, mas a armadura de um cavaleiro; seu elmo, porém, tinha a forma do lobo coroado que seu brasão ostentava. Ao lado, havia um retrato de sua mulher com três crianças. Elas ainda eram bastante jovens e estavam muito próximas da mãe. As pupilas da mulher de Guismund não eram as de uma bruxa, mas isso não queria dizer muita coisa. Qualquer bruxa podia assumir a aparência de uma humana. Havia retratos de Feirefis e Gahrumet, que os mostravam como reis, mas Jacob lançou-lhes apenas um breve olhar. Ele também passou rápido pelo retrato de Orgeluse, que estava representada junto ao esposo. O retrato diante do qual ele parou era o único da sala 33 que não mostrava um membro da dinastia imperial.

Alguns anos antes ele já chamara a atenção de Jacob, pois o homem que o fitava da pesada moldura dourada possuía uma ligeira semelhança com seu avô. Hendrick Goltzius Memling era o pintor da corte do Matador de Bruxas, mas não ficara famoso somente por suas pinturas. Diziam que ele vivera uma paixão atribulada com a filha de Guismund. O quadro era um autorretrato. Memling o havia pintado três anos após a morte de Guismund. Ele próprio o datara. No pescoço havia uma pedra montada em ouro. Memling a tocava com os dedos da mão direita. A mão era deformada, o que supostamente lhe permitia segurar as ferramentas de gravurista melhor do que qualquer outro. A pedra era negra como um pedaço de carvão.

Os corações dourados e os negros... A voz de Chanute soara quase reverente quando contara a Jacob sobre eles. “Os de ouro provêm dos alquimistas. Em algum momento eles tiveram a ideia idiota de transformar o coração em ouro, para se tornarem imortais. Muitos tiveram os corações arrancados do peito ainda vivos.” “E o negro?”, Jacob perguntara. Quem se interessava pela imortalidade aos treze anos? “Os negros são dos bruxos”, Chanute respondera. “Eles podem ser confundidos com joias negras, pois são muito semelhantes a uma pedra preciosa. E dizem que quem os carrega no pescoço obtém tudo que deseja, mas, se não forem carregados bem perto do coração, a pessoa não só perde toda alegria, como também a própria consciência.”

Jacob aproximou-se do retrato.

Memling olhava para ele com os olhos frios. Havia boatos de que ele não só havia envenenado a esposa, mas também Orgeluse, por ciúme. Talvez presentear o homem que amava com o coração do pai tivesse sido fatal para a filha de Guismund.



35
O rei certo

A toca do dragão ficava atrás do pátio de uma cervejaria. Ninguém em Vena sabia de sua existência até que o cheiro inconfundível de enxofre e fogo de dragão penetrara os narizes de uma patrulha goyl.

Os guarda-costas de Kami'en estavam escondidos à sombra do portão da cervejaria, talvez na esperança de que sua pele de alabastro fosse confundida com um raio de luz da lua. Eles estavam mal-acostumados com a facilidade com que os olhos humanos se deixavam enganar. Era divertido passar furtivamente por eles, e Nerron precisava de um novo alento depois do fiasco com o farmacêutico.

Atrás dos carros de cerveja, onde o túnel de ventilação dos dragões se abria, havia mais dois guardas. Nerron entrou no túnel antes mesmo que eles virassem a cabeça e fundiu-se com a escuridão. O dragão que o escavara estava morto havia mais de cem anos, mas seu cheiro envolvia Nerron como se ele o esperasse lá embaixo, em sua toca.

De mansinho, Bastardo. Como uma serpente.

A caverna que se abria no final do túnel estava escurecida devido ao fogo do dragão. Apenas em alguns pontos o ouro brilhava atrás da fuligem. A caverna do tesouro. Mais bem conservada do que todas que Nerron já vira.

Ele encostou na rocha fria.

E lá estava ele, com uma pele que, mesmo na escuridão, era como fogo petrificado. O rei dos goyls.

Kami'en virou de costas para o túnel. Um único tiro certeiro. Ou uma flecha envenenada entre as escápulas. Quantos assassinos os ônix já haviam pagado, em vão, para estar exatamente ali onde ele estava? E havia sido tão fácil. *Sim, você é o melhor, Nerron. Mesmo que ainda não tenha encontrado o maldito coração.*

— Quanto ainda vai demorar? — A voz de Kami'en era serena como sempre, como se nada houvesse a temer no mundo.

— O arquiteto disse dois meses, mas posso dar um jeito para os trabalhadores terminarem antes.

Claro. Hentzau estava em pé ao lado do rei. Algum tempo antes, ele teria sentido o cheiro de Nerron; mas todos aqueles anos em cima da terra haviam cegado até mesmo o melhor cão de guarda de Kami'en e embotado de tal

forma seu olfato que agora não era muito melhor do que o dos humanos. Nerron saiu do túnel:

— Contrate anões. São os que trabalham mais depressa.

Hentzau se virou e posicionou-se de modo protetor diante de Kami'en.

Cão fiel.

— O que é isso? — ralhou com Nerron. — Quer que eu craveje a sua pele marmorizada de tiros?

O rosto de jaspe estava ainda mais rochoso do que nas Bodas Sangrentas.

Perto de Hentzau, o próprio Nerron era uma beldade. Ele curvou a cabeça com um sorriso e apertou o punho contra o coração, um gesto de reverência com que geralmente tinha problemas, mas não diante daquele rei.

— Agradeça a ele, Hentzau. Ele está apenas mostrando que preciso de melhores guarda-costas.

Kami'en havia se virado com uma tranquilidade que só quem era dono de metade do mundo poderia ter. Ele usava o mesmo uniforme que vestia quando sobrevivera a seu casamento. Pedras da lua para manchas de sangue humano, rubis para o sangue goyl. A Fada Escura sabia como transformar terror em beleza.

— Ele tem razão. Contrate anões — Kami'en disse a Hentzau. — Quero que o trabalho comece imediatamente. Estou farto do palácio dos humanos. Meu escritório será aqui. Os guardas ficarão no quarto do dragão. Um túnel até o palácio, outro até a estação, e um terceiro ligado à estrada sob o rio. — Ele lançou um olhar frio para Nerron. — Ainda não achou o coração?

— Não. Mas já tenho a mão e a cabeça.

— Ótimo. — Kami'en esfregou a parede coberta de fuligem até aparecer o ouro embaixo dela. — A balestra do Matador de Bruxas... Talvez eu devesse mandar meus aviões às minas dos anões, para que eles aprendam que é melhor não esconder nada de mim.

— Deveríamos mandar aviões a muitos lugares — rosnou Hentzau. — Até no leste os peles-macias estão se organizando contra nós! Pergunte a ele quem os reúne em volta da mesa. Sem os ônix, eles continuariam a matar uns aos outros. — Ele lançou um olhar hostil para Nerron. Como todos soldados antigos, Hentzau não confiava em quem não usava uniforme, e muito menos num bastardo de ônix com livre acesso aos inimigos de seu rei. Talvez ele adivinhasse que Nerron, apesar de toda sua admiração por aquele rei, não servia a ninguém além de si próprio. Mas eles deviam a ele o nome de muitos espiões, e suas informações haviam desbaratado dois atentados a Kami'en. O

próprio Hentzau admitia que eles precisavam do Bastardo, embora não confiasse nem um pouco nele.

— Os espiões de Hentzau disseram que você tem um sério concorrente na busca pela balestra. — O rosto de Kami'en estava tão imóvel como sua efígie cunhada nas moedas. Nerron o vira menos controlado somente uma vez: depois que lhe revelara o quão ampla era a conspiração dos ônix.

— Parece que são necessários não só melhores guardas, como também melhores espiões. — Nerron lançou um olhar sarcástico para Hentzau. — O concorrente não existe mais.

— É mesmo? — Hentzau torceu os lábios finos, quase sorrindo. — Meus espiões inúteis informam que o concorrente está muito vivo, e em Vena. Jacob Reckless tem uma propensão a ressuscitar da morte.

Nerron surpreendeu seu coração dando algumas batidas a mais.

Que surpresa. Por outro lado... não teria sido decepcionante se Jacob Reckless simplesmente tivesse se deixado devorar pelos lobos?

O melhor...

— Reckless fez uma visita ao Museu de História. — O olho esquerdo de Hentzau possuía o brilho leitoso provocado pelo excesso de luz solar. — Suponho que você saiba o motivo.

Nerron não fazia a menor ideia, mas esperava que seu rosto não o denunciasse.

— Mandei um velho amigo atrás dele. Ele cuidará do caçador. — Kami'en se abaixou para observar as marcas que as garras do dragão haviam deixado na caverna. — Que desperdício exterminá-los — ele disse, e passou os dedos pelas depressões. — Eles eram armas fantásticas na guerra. Mas não eram muito obedientes. As máquinas são mais fáceis de controlar.

Kami'en ergueu-se. O ouro em seus olhos era mais claro que o dos ônix.

— Hentzau gostaria de matar Reckless, mas desde o casamento desenvolvi um fraco por ele. Para quem ele está procurando a balestra?

Nerron sacudiu os ombros.

— Não faz diferença. Porque *eu* vou encontrá-la.

— Junto com o filho do Torto? — A voz de Hentzau soou rude, como se falasse com um de seus soldados.

Tome cuidado, velhote.

— Temos que voltar. — Kami'en virou-se. — Hentzau tem razão. A partir de agora você procura sozinho.

Hentzau jogou um saco cheio de prata para Nerron. Despesas. O rei dos

goyls era bem menos generoso com o pagamento do que os ônix, mas Nerron teria trabalhado para ele mesmo de graça. Nem tudo se podia comprar. Ele ficou escutando seus passos se distanciarem até silenciarem no túnel de ventilação do dragão.

Logo começaria o desfile para os cidadãos rabugentos de Vena. O goyl exibia sua esposa humana grávida. Seus súditos já haviam dado muitos apelidos à criança. “O monstro”, “o príncipe sem pele”. Todos pareciam supor que seria um menino. Mestiços de humanos e goyls não viviam muito. Às vezes eram vistos em shows de horrores nas feiras rurais. Alguns eram tão petrificados que quase não podiam se mover; outros tinham uma pele transparente como vidro, através da qual era possível ver todos os ossos e órgãos; ou então não tinham pele alguma. Mas Kami’en tinha a clara intenção de manter aquela criança viva. Dizia-se que ele havia até pedido ajuda à Fada Escura.

O que Reckless estava procurando no museu?

Nerron encostou na pedra sulcada por garras. Ao seu redor, a escuridão tinha cheiro de dragão. A aranha arrastou-se sonolenta em sua mão quando ele abriu o medalhão. Por que não perguntara a ela antes se Reckless realmente estava morto? Porque na verdade não queria ouvir a notícia? Interessante...

Ele teve que alimentar a aranha com uma porção extra de lápis-lazúli para que ela se dispusesse a dançar.

Falta de fiacres... diabos... ruas bloqueadas... flores por toda parte...

Nerron sentiu um sorriso se insinuar em seu rosto. Sim, de fato ele ainda estava vivo. A aranha dançava. *Cocheiro! O quê? Não. Para o Portal dos Espinhos...*

Ora, ora. Talvez a língua de bruxa nem fosse necessária.



36
Desaparecida

O portal que levava ao bairro dos joalheiros fazia jus ao nome somente durante a noite. Jacob já sentira na própria carne os espinhos que ele lançava na escuridão, mas desta vez era meio-dia e as portas de ferro estavam convidativamente abertas.

O bairro dos joalheiros era um dos mais antigos da cidade de Vena. Suas vielas eram estreitas demais até para os fiacres mais leves, e os pátios ainda estavam apinhados de casinhas minúsculas, remanescentes do tempo em que os joalheiros empregavam elfos e os gnomos eram considerados amuletos.

Fazia muitos anos que Hippolyte Ramee havia expulsado os gnomos por tê-los apanhado roubando, mas com os elfos ele ainda trabalhava. Ele os escondia no quarto dos fundos para não ser tachado de antiquado, mas o pó prateado que eles soltavam ao voar depositou-se no sobretudo de Jacob assim que ele abriu a porta da loja.

As joias que Ramee produzia não eram famosas só em Vena. O joalheiro era da Lorena e aprendera seu ofício com o célebre ourives de Ponte-de-Pile. Havia muitas histórias sobre como Hippolyte perdera os dois pés a seu serviço, uma mais horripilante que a outra. Ramee guardava a verdade para si. Jacob já tinha visto com os próprios olhos os pés de ouro que ele havia moldado para fugir de seu mestre, mas naquela manhã eles estavam dentro de botas abotoadas.

Fazia trinta anos que Hippolyte Ramee era o ourives oficial da casa imperial austrásica e, pelo que Jacob sabia, os goyls não haviam alterado seu cargo. Não fizera bem aos olhos de Ramee montar minúsculas pedras em ouro e prata durante todos aqueles anos. As lentes de seus óculos eram tão grossas que, através delas, seus olhos turvos pareciam os de uma criança.

— O senhor tem hora marcada? Se não, pode ir dando meia-volta.

O humor de Ramee era tão famoso quanto suas joias. Ele já havia expulsado da loja até mesmo emissários da imperatriz. Mas a beleza das peças expostas nos mostruários de vidro ofuscava o esplendor dos gabinetes de curiosidades de muitos príncipes. Colares, pulseiras, diademas e broches; rubis, esmeraldas, topázios e âmbar, emoldurados em ouro e prata com tanta delicadeza que pareciam ter brotado das pontas dos dedos do velho homem sentado atrás da mesa simples de madeira.

— Sou eu, Hippolyte.

Ramee ergueu a cabeça e pôs de lado a lupa do tamanho de sua mão, através da qual ele observava um diamante pequeno como uma ervilha. Mas a desconfiança somente desapareceu de seu rosto quando Jacob chegou mais perto.

— Claro, é você mesmo, Jacob — constatou enquanto fechava a mão cheia de manchas em volta do diamante. Ramee sempre esperava ser roubado. A imperatriz era a única pessoa isenta dessa suspeita. — Está precisando de novo de um broche para impressionar alguma camareira da imperatriz?

— Não. — Jacob examinou uma tiara formada por uma teia de prata que se estendia sobre flores de cornalina. Ramee havia se adaptado aos novos senhores de Vena. — Suponho que você ainda seja o responsável pela manutenção das joias imperiais, certo?

Ramee ajeitou os óculos.

— Mas é claro. Pode-se dizer o que quiser dos goyls, mas eles sabem avaliar quem entende de pedras.

Jacob reprimiu um sorriso. Hippolyte era um velho vaidoso.

— É lamentável que eles não gostem de ouro — prosseguiu Ramee. — Significa que preciso trabalhar mais com prata, mas recentemente o rei deles encomendou algumas peças de muito bom gosto. A pulseira que ele...

— Hippolyte — Ramee podia se esquecer do resto do mundo durante horas quando começava a falar da lapidação de uma pedra ou do valor do vidro élfico puro, e Jacob estava farto de perder o tempo que não tinha.

Mas o velho continuou a falar, com o pesado sotaque loreno que não havia perdido durante todos aqueles anos no exílio. Pelo jeito, ele não só estava quase cego, como também bastante surdo.

— Hippolyte! Você pode me escutar um momento?!

Ramee calou-se abruptamente, como se tivesse engolido um de seus diamantes.

— O quê? — ele protestou. — Tenho três vezes a sua idade. O que há de tão urgente?

— Nunca sabemos quando a morte virá nos buscar, não é? — Jacob espantou uma aranha de sua manga. O corpo dela era roxo como os anéis de ametista pelos quais Ramee era famoso.

O velho deu uma pancada na aranha quando ela caiu entre seus dedos.

— Aranhas, ratos, baratas! — esbravejou enquanto varria a aranha da mesa. — Os gatos não estão dando conta! Preciso arranjar novamente um

desses gnomos caçadores!

Outro de seus temas preferidos. Gnomos.

— Hippolyte! Você pode me contar algo sobre uma joia? Eu a vi num retrato no Museu de História. A pedra é negra, talvez um pouco maior que uma uva, e está emoldurada por uma trama de ramos dourados.

Ramee olhou para ele atônito. Então abaixou a cabeça e começou a organizar as ferramentas que estavam sobre a mesa com dedos ágeis. Quando ergueu a cabeça novamente, os olhos atrás das grossas lentes estavam mergulhados em lágrimas.

— O que é isso? — ele protestou com a voz embargada. — Uma brincadeira de mau gosto? Confessei tudo para a imperatriz na época.

Ele se ergueu tão de repente que o diamante em que estava trabalhando caiu da mesa.

— Foi Amália quem o enviou? Claro! O que se poderia esperar de uma princesa que se deixa engravidar por um goyl? — Ele pôs a mão na boca como se pudesse engolir as palavras de volta e olhou preocupado para a janela. Mas o único transeunte do lado de fora era um anão parado na frente da vitrine do outro lado da rua.

Do que o velho estava falando? Jacob pegou o diamante do chão e colocou-o de volta na mesa. Ele brilhava como uma lágrima petrificada.

— Ninguém me enviou — disse. — Estou procurando a joia por conta própria. Só queria saber se você pode me esclarecer algumas coisas.

Ramee tirou os óculos e, com a manga, enxugou desajeitadamente o vidro embaçado.

— Esqueça! — ele exclamou em tom rude. — A pedra está perdida. Assim como Marie.

Jacob pegou os óculos da mão dele. Ele limpou as lentes e estendeu-o para o velho.

— Marie?

As mãos de Ramee tremiam quando ele pegou os óculos. Ele apontou para uma fotografia pendurada ao lado da porta. Ao redor da moldura havia uma fita negra. A foto mostrava uma jovem de uns dezoito anos. Jacob se aproximou do quadro. Realidade do passado capturada em prata com luz e ácido. Atrás do espelho, era difícil esquecer o milagre que era uma foto. A garota que olhava para Jacob tinha o cabelo tão escuro que quase se fundia ao fundo marrom de sépia. Ela estava sentada numa postura rígida; afinal, para uma foto como aquela era preciso posar por um longo tempo. Mas seu olhar

altivo dizia: “Olhe para mim. Não sou bonita?”.

— Era o primeiro baile dela. — Ramee caminhou até Jacob. Seus pés de ouro se denunciavam unicamente pelo peso de seus passos. — Eu tinha acabado de receber a corrente, junto com algumas outras joias do palácio. Não lembro mais qual pedra era. Tinha uma consistência estranha. Mas ficou muito bonita na pele branca de Marie. “Como um pedaço da noite emoldurado em ouro, vovô”, ela disse. Quem poderia privar a neta de algo assim? Afinal, era apenas para o baile. Ela nunca voltou. Desapareceu. Simplesmente desapareceu. Como se nunca tivesse existido. Sua mãe quase não sai mais de casa, de tristeza. Ela tenta se convencer de que Marie fugiu com um dos oficiais que perambulavam pelos bailes. Mas ela sabe que a verdade é muito mais difícil de suportar.

Ramee arregaçou a manga. Ele usava uma pulseira de ouro em volta do pulso magro. Seus elos finos estavam escurecidos.

— Você já ouviu falar de pulseiras como esta, não é?

Jacob assentiu. Não havia muitos ourives que sabiam fazê-las. Acrescentava-se uma gota de sangue ao ouro. Se o metal permanecesse brilhante, aquele de quem vinha o sangue estava bem; se a pulseira ficasse avermelhada, ele estava em grande perigo. Se escurecesse, só podia significar uma coisa.

— Morta. — Ramee olhou para a foto. — Essas fotografias são uma invenção inquietante, não? Elas deixam as pessoas parecendo espíritos. Mas pelo menos assim eu tenho uma recordação dela.

Ele puxou a manga de volta sobre a pulseira escura.

— No dia em que Marie veio aqui, ela usava uma flor no vestido e estava entusiasmada com um forasteiro, belo como um príncipe. Claro que ele tinha feito a barba. Não preciso explicar a você por que ela não voltou.

Não, ele não precisava.

Uma flor no vestido. Jacob sentiu o coração acelerar. *Você estava cego e surdo, Jacob?*

— Barbas-azuis... — Ramee esfregou os olhos turvos. — A gente acha que eles só existem nos contos de fadas, até que um deles leva nossa própria neta. Caso você encontre o colar que está procurando, dê um tiro naquele que o possui, e depois veja se em sua câmara vermelha há uma morta usando um broche com uma estrela de rubi. Eu o fiz para o aniversário de dezesseis anos de Marie.

Sua câmara vermelha... Jacob já havia entrado em uma. Era uma cena que

gostaria de apagar da memória.

Quanto tempo fazia que Fux saíra com ele? Três horas?

Ramee lhe disse mais alguma coisa, mas Jacob só conseguia escutar o rumorejar do próprio sangue nos ouvidos. Troisclerq pusera a flor em Fux diante de seus próprios olhos! Eles as embebiam com óleo da flor-do-esquecimento.

Ele saiu desembestado pela estreita viela. *Seu grandessíssimo idiota*. Será que tinha esquecido tudo que Chanute lhe ensinara?

Mexa-se, Jacob.

Mas ele não foi muito longe. Um braço o agarrou pelo pescoço, e alguém o arrastou com brutalidade por um beco, até chegar a um dos pátios escuros que permeavam o bairro dos joalheiros.

— Ei, está gostando de ver Vena governada por seus novos amigos? — Donnersmarck não usava mais o branco imperial, mas o uniforme cinzento dos goyls. Quando Jacob o vira pela última vez, ele era prisioneiro deles. Agora seu velho amigo era o conselheiro pessoal da nova imperatriz. Pelo jeito, ela não se importava com o fato de ele ter servido à sua mãe antes.

Donnersmarck bebera. Não muito, mas o suficiente para perder o controle. Ele bateu tão forte no rosto de Jacob que o fez sentir o próprio sangue na língua. Em resposta, Jacob golpeou seu estômago com o joelho e se libertou, mas não foi muito longe. Sob o portal estava o anão Auberon, o ex-favorito da imperatriz, que apontava uma pistola para sua cabeça. Auberon gostava de mostrar sua boa pontaria acertando bem no meio da testa. Todos os anões da imperatriz eram muito bons atiradores. Amália, porém, preferia ser protegida pelos soldados do marido. Assim, os antigos guarda-costas da mãe agora protegiam joalheiros, banqueiros e ricos industriais.

Jacob ergueu as mãos.

— Deixe-me ir, Leo!

Ele chegaria tarde demais.

Donnersmarck pressionou-o contra a parede mais próxima.

— Você não vai a lugar nenhum. Prometi à imperatriz naquele buraco escuro em que os goyls a trancafiaram que iria encontrar Jacob Reckless e ele pagaria pelo que aconteceu na catedral.

— Por que não o matamos aqui mesmo de uma vez?

Jacob lembrava-se bem do rosto inchado de Auberon quando ele saíra cambaleante da catedral. Sim, o anão realmente gostaria de apertar o gatilho, mas Donnersmarck ignorou a pergunta.

— Há meses estou vigiando a estação de trem e as carruagens que chegam a Vena.

— É mesmo? Pois é, estou vendo que você ainda é um homem poderoso. Parabéns pelo uniforme goyl. Ficou bem em você!

Jacob esperava que Donnersmarck tentasse golpeá-lo por isso. Ele estava tão bêbado que perdeu o equilíbrio, e Jacob encostou a pistola em sua têmpora antes que ele pudesse pisar firme no chão novamente. Auberon comprovava que ninguém usava xingamentos tão criativos quanto um anão atrás do espelho. Ele tentava encontrar um ângulo para atirar, mas Donnersmarck era muito alto e um ótimo escudo.

— Foi pelo meu irmão! — Jacob sussurrou para ele. — O que *você* teria feito? Você está usando o uniforme deles só para não terminar numa masmorra junto com sua antiga soberana. Portanto deixe de lado as aparências e me diga se sabe de algum barba-azul que esteja atuando aqui na região!

Ele sentiu Donnersmarck inspirar o ar profundamente.

Barba-azul. Sim, eles haviam caçado um deles juntos. Fazia anos.

— Vamos, diga logo. Você é o cão de guarda da nova imperatriz. Com certeza sabe a resposta!

— Esse foi um truque sujo! — A voz de Donnersmarck se tornara rouca, devido aos fantasmas que apenas ele e Jacob viam.

— Diga de uma vez! — Jacob soltou o velho amigo para que ele visse o medo em seus olhos. — Há algum barba-azul em Vena?

Donnersmarck o encarou. *Mostre seu medo a ele, Jacob. Mesmo sendo tão bom em escondê-lo.*

— Sim. — As palavras de Donnersmarck vacilavam: — Faz dez anos que ele pegou a primeira garota. Agora já são quatro. Dizem que ele é da Lorena, mas gosta de vir caçar aqui. Sabe como eles são. Nunca perto de casa. Por que você o está procurando?

— Ele está com Fux. — Jacob deixou Donnersmarck para trás. Sempre a mesma cena: a mão de Troisclerq pondo a flor no vestido dela. *Mas Fux foi com ele só por sua causa, Jacob. E você a entregou como um presente.*

— Onde na Lorena?

— Há apenas boatos.

— Por exemplo?

— Que ele mora perto de Champlitte.

Champlitte. Troisclerq nem se dera o trabalho de mentir para ele. *E se eu*

tomar aquilo que seu coração não quer perder, Jacob? Você vai vir buscar?

Ele empurrou o anão de seu caminho e entrou na viela. Donnersmarck alcançou-o rapidamente, apesar da perna manca que uma das guerras de sua imperatriz lhe rendera.

— Onde você a viu pela última vez?

— Na estação.

Ele precisava achar o cocheiro do fiacre...

As mordidas da mariposa não haviam feito seu coração disparar tanto. O medo sufocava sua razão. Ele não sabia que era possível sentir tanto medo.

Você vai encontrá-la! E ela ainda estará viva.

Se ao menos ele pudesse acreditar nisso. Jacob só tinha certeza de uma coisa. Ele mataria Troisclerq.

Ele o mataria.



37
Flores

Flores murchas num fiacre e numa plataforma de trem. Não. Troisclerq nem se importara em apagar suas pistas. Donnersmarck estava ao lado de Jacob quando ele recolheu as flores do chão da estação. Barba-azul. Aquela única palavra transformara a hostilidade de Donnersmarck no apoio incondicional com o qual Jacob sempre pudera contar antes das Bodas Sangrentas.

Fazia três anos que a imperatriz pedira a Jacob que procurasse o barba-azul que havia raptado uma de suas camareiras. Donnersmarck pedira para ser sua escolta militar. A camareira era irmã dele. Eles a haviam encontrado num castelo vazio, junto com outras sete garotas, todas mortas. O assassino já não estava mais lá. Eles ainda o procuraram durante meses, mas ele acabou por atraí-los a uma armadilha. Por muito pouco conseguiram escapar, mas depois disso perderam a pista. Ele morrera algum tempo depois, pacificamente, em sua cama, rico e prestigiado, depois de haver matado outras seis garotas.

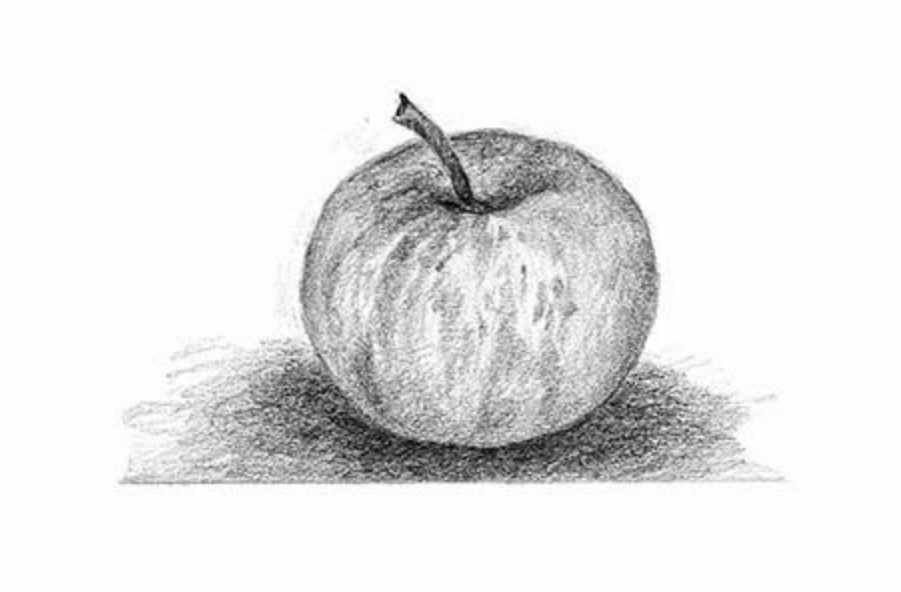
Os barbas-azuis sempre caçavam com o rosto barbeado, para que a barba azulada que crescia em seu rosto não os denunciasse. Acreditava-se que existia menos de uma dúzia deles, mas Chanute jurava que eram centenas. Dizia-se que todos tinham um antepassado comum — um homem de sangue azul com a barba negra azulada, que havia descoberto um meio de se alimentar do medo das outras pessoas e assim viver eternamente. Os barbas-azuis só matavam depois que extraíssem todo medo da vítima. Nesse fato é que se baseava toda a esperança de Jacob: Fux não daria tão facilmente a Troisclerq aquilo que o alimentava.

Um dos funcionários da estação lembrava-se de uma jovem de cabelo ruivo que estava tão cansada que seu marido teve que apoiá-la quando entraram no trem. O efeito da flor...

Uma das paradas do trem era em Champlitte. O próximo partiria só na manhã seguinte, mas Jacob não podia esperar. Quando pediu ao cocheiro do fiacre que os levasse até um dos subúrbios, onde o ar cheirava a fuligem e miséria, Donnersmarck não perguntou por quê. Eles precisavam de cavalos velozes — mais velozes até que os do estábulo da imperatriz —, e Donnersmarck sabia, como Jacob, que tais cavalos só poderiam ser encontrados nos cantos mais sórdidos de Vena. Os camponeses os chamavam

de corcéis-do-diabo, pois comiam carne crua e tinham o hálito tão quente que causava queimaduras. Cavalos de pelagem clara cuja crina crescia em volta do peito como um emaranhado de raízes, eram capturados em pântanos e brejos. Eram duas vezes mais velozes que os cavalos normais, mas devoravam os cavaleiros desavisados durante o sono.

Os dois que Jacob comprou quase não eram controlados pelo próprio gigantim que os comercializava. Donnersmarck não dissera quase nada depois da briga, mas os dois sabiam que era melhor não entrar sozinho na casa de um barba-azul. Já estava escurecendo quando eles deram as costas para Vena e tomaram juntos a direção oeste.



38
Ar

Ar. Eles haviam se dissolvido no ar. Reckless e o homem que Kami'en havia contratado para vigiá-lo. Nem mesmo Hentzau sabia onde eles estavam. E a aranha encolheu as pernas junto ao corpo e não quis mais dançar. *Você ainda está contente por ele não ter sido devorado pelos lobos, Nerron?*

Ele voltou ao palacete onde residia o primo de Louis com o humor mais sombrio que sua pele. A edificação parecia um dos bolos decorados que se encontravam nas confeitarias de Vena, e nela havia mais quartos do que fios de cabelos na cabeça de Lelou. Mas Louis podia ser encontrado facilmente. Bastava seguir as risadinhas da favorita do momento.

Claro, a lavanderia. Louis não poupava nenhum lugar. Nerron encostou o ouvido na porta.

Bastava de métodos civilizados. Ele precisava da mão. Ele precisava do coração antes que Reckless o encontrasse, e ele precisava se ver livre de seus acompanhantes. Havia um único jeito de resolver tudo de uma só vez. Três coelhos com uma cajadada.

— O que você está fazendo aí? — A voz de Eaumbre soou ainda mais úmida que de costume.

Nerron se virou.

O cabelo molhado do tritão estava grudado em sua cabeça ossuda como se ele tivesse acabado de sair de um lago. O que provavelmente era verdade. Nerron pensou sentir um leve cheiro de peixe-dourado. Os tritões ressecavam se passassem muito tempo sem mergulhar num lago, e quanto mais lodoso melhor. Eles também ressecavam se fossem obrigados a engolir uma mariposa-de-fogo. Sem dúvida, seria uma visão interessante. *Deixe disso, Nerron. Mantenha boas relações com ele. Assim ele será muito mais útil.*

Nerron apontou para a porta da lavanderia.

— Seu amo real está ficando impaciente. O Torto quer a balestra, mas como posso me concentrar na busca se o filho dele não quer fazer outra coisa além de seduzir todas as garotas de Vena?

O rosto de Eaumbre permaneceu inalterado, como sempre. Apenas os olhos denunciavam o que acontecia no interior de seu corpo escamoso: seis olhos transbordantes de tédio e orgulho ferido. Louis espalhava por toda Vena que o tritão não passava de uma babá inconveniente que o pai havia lhe

imposto. Era evidente que Eaumbre detestava seu protegido principesco, mas isso não significava que ele gostasse de qualquer outra pessoa. Além disso, ele era forte. Muito forte. Com certeza era capaz de quebrar todos os ossos de alguém — até mesmo de um goyl — só com uma mão. Não devia ser uma sensação agradável.

— E, na sua opinião, o que devemos fazer? — Os sussurros encheram os ouvidos de Nerron com lama da lagoa.

Pela porta, soou um suspiro que fez até os retratos nas paredes corarem de vergonha.

— Leve Louis para a biblioteca em uma hora. Vou falar com ele. — *Tomara que isso não soe suspeito.* — E diga para ele levar a mão.

— Para quê?

Cuidado, Nerron.

— Quero ver se ela nos mostra onde está o coração.

Seis olhos. "Você está mentindo, goyl", eles diziam. "E eu sei disso."

— Na biblioteca — repetiu o tritão. — Em uma hora.

O método da Branca de Neve tinha efeitos colaterais tão severos que quem usasse essa magia em Álbion seria punido com a forca. O Torto com certeza pensaria em métodos de execução ainda mais dolorosos se soubesse que ele seria aplicado no filho. Mas Nerron estava confiante de que os efeitos seriam facilmente confundidos com uma superdose de pó élfico.

Um dos garotos da cozinha do palácio havia cozinhado a língua de bruxa para ele — o idiota pensava que era uma língua de vitela —, mas a maçã Nerron decidira preparar pessoalmente. O método recebia esse nome por causa da fruta, apesar de a Branca de Neve ter mordido uma maçã preparada com um veneno diferente. Nerron tirou o cabo e uma parte da polpa e verteu o caldo da língua dentro da maçã. A magia negra não era nada apetitosa. Ele fechou a abertura com chocolate, para tornar a coisa toda um pouco mais palatável. Louis não conseguia resistir a chocolate.

Os livros nas estantes do palacete estavam impecavelmente alinhados, como só seria possível numa biblioteca que nunca era utilizada. O primo de Louis gostava de se passar por culto.

Em uma hora. O tritão foi pontual. Naturalmente, o príncipe da Lorena não precisava bater.

— O tritão disse que precisamos ter uma conversa. — Como sempre, ele cheirava a pó élfico e à detestável água-de-colônia que desperdiçava como se

fosse água. — Fique lá fora! — ele disse rispidamente para Eaumbre quando o tritão quis segui-lo. — Você está fedendo a peixe de novo. Vá procurar meu primo. Estou a fim de sair.

Eaumbre lançou para Nerron um olhar sem cor antes de fechar a porta atrás de si. Lelou provavelmente nada ensinara a Louis sobre o orgulho dos tritões. Uma lacuna em sua formação que podia ser perigosa.

— O senhor trouxe a mão?

Louis ergueu o saco.

— Espero que a esteja guardando longe do seu corpo!

— Por quê? — Louis franziu a testa. Com o pó élfico, ele tinha cada vez mais dificuldades para pensar.

— O que Lelou ensina a vossa alteza? A magia negra não é nada saudável! E com certeza o vosso pai vai pôr toda a culpa em mim quando os efeitos colaterais começarem! — Nerron estendeu a maçã para ele. — Tome. O antídoto tem um gosto horrível, mas eu pedi ao cozinheiro para torná-lo um pouco mais saboroso.

— Uma maçã? — Louis recuou. — Eu não toco em maçãs. Duas tias minhas foram envenenadas assim.

— Como queira. — Nerron pôs a maçã em um púlpito, ao lado de um livro empoeirado sobre a história da linhagem austrásica da família de Louis. — Consulte um médico se não acredita em mim. E observe suas unhas. Só que, quando elas ficam pretas, quase sempre é tarde demais.

Louis olhou para os dedos.

— Estou cheio de caça ao tesouro! — exclamou. — Todas essas idiotices mágicas. Isso são águas passadas.

Ele pegou a maçã e a examinou com tanta desconfiança que Nerron perdeu a esperança.

— Isso é chocolate?

Uma mordida, e ele perdeu os sentidos. Nerron o apanhou antes que caísse no piso de mármore. O que não foi muito fácil, considerando o peso que ele tinha.

Ele se curvou sobre o príncipe e assoprou em seu rosto adormecido.

— Onde está o coração de Guismund, o Matador de Bruxas?

— O quê? — murmurou Louis.

Nerron praguejou tão alto que teve que tapar a boca com a mão. O vagabundo em que ele havia aplicado o método da Branca de Neve seis anos antes era, perto do príncipe, um paradigma de inteligência.

— Guis-mund, o Ma-ta-dor de Bru-xas — Nerron sussurrou no ouvido principesco.

Louis queria rolar de lado, mas Nerron segurou-o firme, apesar do peso do príncipe exigir certo esforço.

— Lorena — murmurou Louis.

— Onde na Lorena?

Louis teve um calafrio.

— Champlitte... — ele sussurrou. — ... branco como leite. Negro como um pedaço da noite emoldurado em ouro.

Então ele começou a roncar.

Pelo menos durante os próximos dez anos ele não faria outra coisa. A clarividência tinha seu preço.

Nerron se levantou. Champlitte. Branco como leite. Negro como um pedaço da noite emoldurado em ouro. Que diabos significava aquilo? Ele pulverizou pó élfico nas mãos e nas roupas de Louis e ainda enfiou alguns pacotinhos no bolso de seu casaco. Então pôs a maçã mordida no saco mágico onde estava a mão, e o guardou no alforje, junto ao saco com a cabeça. Ele abriu a porta e deu de cara com o peito uniformizado do tritão.

Eaumbre olhou por cima de seus ombros.

— O que você fez com ele? — Sua voz raspou Nerron como uma lâmina úmida sobre a pele.

— Ele exagerou no pó élfico. — Nerron pôs a mão discretamente em volta do cabo da pistola.

— Eu não faria isso — sussurrou o tritão. — Onde você pensa que vai? Você acha que o Torto vai ficar contente com a balestra se receber o filho de volta desacordado feito a Branca de Neve? — O rosto escamoso esticou-se num sorriso mal-humorado. — Mas o Torto nunca vai receber a balestra, não é? Você quer vendê-la pela melhor oferta.

Bem, pelo menos ele não havia deduzido toda a verdade.

— E se fosse? — Os dedos de Nerron seguraram mais firme o cabo da pistola.

— Quero uma parte. Estou cansado de trabalhar nesse ramo. A caça ao tesouro é muito mais lucrativa.

E os tritões possuíam larga experiência, à sua própria maneira. As garotas que eles arrastavam para suas lagoas sabiam disso por experiência própria. Os caras de escamas cobriam-nas com ouro e prata para tornarem seus beijos lodosos mais suportáveis.

Três coelhos... *Parece que vai sobrar um para você, Nerron.* O mais gordo e escamoso dos três...

Um pigarro.

Fino como o de um besouro.

— Algum dos presentes poderia me informar onde posso encontrar o príncipe herdeiro? — Lelou estava no final do corredor, o diário debaixo do braço. O que ele escreveria no fim daquele dia? *E o príncipe dormiu durante dez anos, seus roncos ressoando por todo o castelo de seu pai...*

Nerron apontou para a porta da biblioteca.

— Eaumbre acabou de encontrá-lo. Acho que você deveria dar uma olhada nele. Já estávamos nos perguntando o que ele estava fazendo na biblioteca sem uma garota.

Eles já estavam na rua quando os gritos de Lelou alarmaram os guardas.

O Torto mandaria executar o Besouro de uma maneira bastante desagradável. Mas Nerron tinha certeza de que não sentiria falta de Arsene Lelou.



39
Amigo e inimigo

Os corcéis-do-diabo faziam jus ao nome. Na segunda noite, um deles se aproximou sorrateiramente de Jacob com os dentes arreganhados, e Donnersmarck queimou os dedos enquanto tentava alimentá-los com carne de coelho. Mas eles eram velozes.

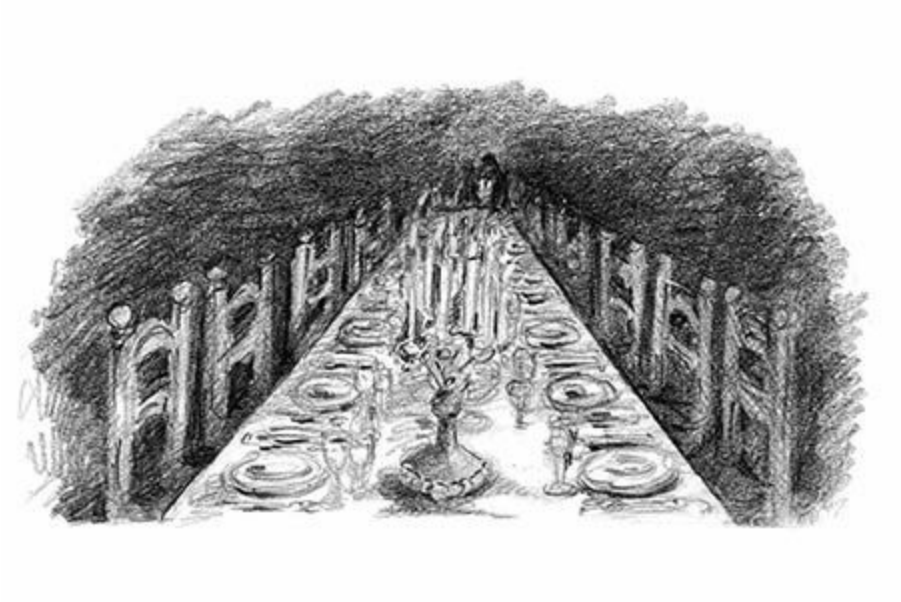
Árvores de fronteira e desfiladeiros congelados. Lagos, florestas, cidades. Jacob sentiu o medo por Fux como um veneno que corroía seu corpo por dentro. A ideia de encontrá-la morta era tão insuportável que ele tentou espantar o pensamento, como fazia quando era criança e sentia saudade do pai. Mas não conseguiu. A cada dia que passava, a cada milha que percorriam, as imagens se tornavam mais terríveis e seus sonhos mais reais, a ponto de ele acordar e procurar pelo sangue de Fux nas mãos.

Para se distrair, ele perguntou a Donnersmarck pela imperatriz e por sua filha, pela criança que não podia existir, pela Fada Escura... Mas a voz de Donnersmarck sempre se transformava na de Fux: *você vai encontrar o coração*. *Eu sei que vai*. Tudo que ele queria encontrar era ela.

Quando eles finalmente ultrapassaram a fronteira da Lorena, haviam se passado mais de seis dias desde que Troisclerq entrara com ela no fiacre. Eles atravessaram rios onde castelos brancos se refletiam, cavalgaram por aldeias com ruas de terra e ouviram flores cantando ao luar como rouxinóis... O coração da Lorena ainda batia no antigo compasso, enquanto os engenheiros em Álbion construíam um ritmo novo, mecânico.

Em determinado momento, Donnersmarck parou o cavalo. Numa campina, flores brancas se misturavam ao pasto. A flor-do-esquecimento. O gado evitava a discreta florzinha cujo óleo entorpecente os barbas-azuis pingavam nas flores que punham no vestido ou no cabelo de suas vítimas. Eles também o esfregavam em sua face barbeada.

Pouco depois eles encontraram uma placa. Ainda faltavam três milhas até Champlitte. Eles trocaram um olhar. As mesmas imagens passavam pela cabeça dos dois. Mas na lembrança de Jacob até mesmo a irmã morta de Donnersmarck já tinha o rosto de Fux.



40
A armadilha dourada

Acorde, Fux. Ela pensou sentir a raposa cutucando sua têmpora com o focinho pontudo. *Fux! Acorde!* Mas, quando abriu os olhos, estava na figura humana e sozinha.

Acima dela estendia-se um dossel com um tecido azul-escuro como o céu noturno, e o vestido que usava era estranho como a cama em que estava deitada. Sua cabeça doía e seus membros pesavam, como se ela tivesse dormido demais. Imagens enchiam sua cabeça. Um fiacre. Um trem. Uma carruagem com almofadas douradas. Um criado atrás de um portão de flores de ferro e...

Troisclerq.

Ela sentiu tonturas quando se sentou. Paredes altas, forradas com seda de um dourado pálido; no teto, envolvido em flores brancas de estuque, um candelabro de cristal vermelho... Quando criança, ela sonhara com quartos como aquele. Mas as janelas ali tinham grades. Ela pôs a mão no decote bordado de pérolas... Ela não estava mais com o vestido de pelo.

Calma, Fux.

Mas seu coração não queria saber de ficar calmo.

Tente se lembrar, Fux! Um labirinto... Troisclerq a conduzira através dele. Até uma casa com muros de pedra cinzentos cobertos de hera... Mas ela não conseguia lembrar mais nada, por mais que tentasse.

Ele pusera alguma coisa na água que lhe oferecera no fiacre? Pó élfico? Ou a poção de amor de uma bruxa? Mas ela não estava sentindo amor. Apenas raiva de si mesma.

Para onde ele a trouxera? E onde estava seu vestido de pelo?

Jacob...

O que ele pensaria? Que ela o abandonara por uma flor no vestido e um sorriso de Troisclerq?

Ela soergueu a saia ampla demais. O vestido era luxuoso o bastante para ser usado num baile no palácio real. *Quem pôs o vestido em você, Fux?* Ela estremeceu. Até mesmo os sapatos ela nunca vira antes. Ela os tirou e andou descalça sobre os tacos do assoalho que formavam desenhos de flores.

A porta do quarto não estava trancada.

O corredor passava por dezenas de portas. De que direção ela viera?

Lembre-se, Fux!

Não. Primeiro ela tinha que encontrar o vestido de pelo.

Ela ainda era capaz de sentir a mão de Troisclerq em seu braço. Tão suave. Tão quente. O que ele pensara? Que podia seduzi-la com uma casa grande e um vestido novo? Ela retribuíra o sorriso com calor demais, rira demais das suas brincadeiras? Era tão fácil rir com ele. Seu olhar estava sempre tão disposto a mostrar a ela como era bonita. Ele tentara beijá-la? Sim. As imagens voltaram como se fossem as lembranças de outra pessoa. Ele a beijara. No trem. No fiacre. *O que você fez, Fux?*

Tantas portas.

Ela tentou abri-las, mas estavam todas trancadas. Os quadros pendurados entre elas eram todos de mulheres, sem exceção.

O corredor terminava numa escada. Fux se lembrava vagamente dela. Ela começava a descer quando um criado veio ao seu encontro pelos amplos degraus. O mesmo que abrira o portão de ferro. Ele era tão alto que encolhia a cabeça entre os ombros largos.

O quarto em que ela despertara... o vestido... os retratos... o criado em seu fraque de veludo preto. Era como se ela tivesse se perdido numa das brincadeiras com as quais passava horas na floresta quando criança.

— Onde está seu amo?

Como resposta, o criado apenas segurou seu braço, sem dizer uma palavra. Suas mãos eram cobertas por um pelo castanho-claro. Por toda Lorena ouviam-se histórias de nobres que se faziam servir por animais enfeitiçados, pois eles eram mais fiéis do que qualquer serviçal humano.

A casa era gigantesca, mas eles não encontraram vivalma. A porta diante da qual o criado finalmente parou era revestida com a mesma madeira escura das paredes da sala de jantar em que ele fez um sinal para Fux entrar. Na janela, a luz do crepúsculo se perdia nas cortinas de renda vermelha.

— Bem-vinda à minha casa.

Troisclerq estava sentado à cabeceira de uma mesa longa. Era a primeira vez que Fux não o via com a barba feita. A pele ao redor da boca e no queixo tinha um brilho azulado.

Respire, Fux. Inspire e expire. Do jeito que a raposa faz quando a morte olha para ela.

Barba-azul.

Sobre a mesa havia dez pratos. Eles sempre mandavam pôr a mesa para o número de suas vítimas.

Troisclerq sorriu para ela. Como de costume, ele vestia uma camisa branca impecável. Mesmo durante a viagem de carruagem interminável ele se manteve sempre muito bem vestido, como se viajasse com um camareiro.

— Sente-se — ele apontou para a cadeira à sua esquerda com um gesto convidativo. — O vestido ficou muito bem em você.

O criado puxou a cadeira para Fux. Quando sentou diante do prato vazio, ela pensou sentir a seu lado a presença de todas as mortas que haviam sentado nas cadeiras estofadas de veludo negro antes. Ela tentou se lembrar dos rostos que olhavam para ela dos quadros no corredor.

Respire, Fux. Inspire e expire.

Ela tinha que encontrar o vestido de pelo. Sem o vestido ela não poderia fugir.

Troisclerq segurou sua mão. Ele beijou seus dedos delicadamente, como se jamais tivesse encostado os lábios em algo tão belo.

— Tenho o costume de dar às minhas hóspedes um molho com as chaves de todas as portas da casa, e peço para que não utilizem uma delas em particular. É uma velha tradição da minha estirpe. Talvez você já tenha ouvido falar, não é?

Ele pôs um molho de chaves sobre a mesa. Todas eram de prata, com exceção de uma, que era um pouco menor e tinha a forma de uma flor dourada.

— Sim — Fux disse. — Já ouvi falar.

— Ótimo. — Troisclerq empurrou o molho de chaves para perto do prato dela. — Não que você fosse precisar da chave para descobrir o que se esconde atrás da porta. A raposa com certeza farejaria.

Claro. Ele vira o vestido de pelo. Fux tentou não se perguntar se fora ele quem o tirara. Ela apertou os dedos em volta do molho de chaves, como se isso pudesse provar para ele que ela não tinha medo. O criado serviu-lhe um copo de vinho. O vinho era tão vermelho que parecia que ele havia enchido seu copo de sangue.

— Desta vez você pegou a mulher errada.

Ela sentia o vestido estranho na pele. *Enfeitada para o retrato na parede, Fux.*

— É mesmo? Por quê?

O criado serviu a comida. Carne de pato. Batatas assadas. Ela percebeu o quanto estava com fome.

— Eu nunca tive medo da morte — Fux olhou nos olhos de Troisclerq para

que ele visse que ela dizia a verdade. Aqueles olhos escuros, cujas sombras poderiam tê-la advertido. *Mas você gostou de como ele olhou para você, Fux. Você gostou das inúmeras vezes em que ele pegou seu braço ou tocou seu ombro totalmente ao acaso.* Tudo que Jacob estivera evitando cada dia mais. Ela carregava o desejo por ele como um segredo debaixo da pele, mas talvez Troisclerq o tivesse farejado como o pelo sob suas roupas, como um rastro de sangue na floresta, embora fosse outra fome que o estimulasse. Se é que era uma fome. Não importava o que o havia atraído; ela saberia morrer. A raposa havia lhe ensinado. Ela convivia com a morte, tanto como caçadora quanto como caça.

— A mulher errada? Ah, não. — A voz de Troisclerq era macia como o musgo na floresta. — Não se preocupe. Eu busco minhas presas com muita cautela. Isso tem me mantido vivo há mais de trezentos anos.

Ele fez um sinal para o criado.

— Você vai me dar o que eu quero. Como todas as outras. Até mais do que elas.

O criado pôs uma jarra em cima da mesa. A luz do fim da tarde brilhou no cristal como um fragmento do dia que morria.

Troisclerq levantou-se e acariciou os ombros nus de Fux.

— O medo tem muitas cores, sabia? O mais nutritivo é o branco, o medo da morte. A maioria das pessoas teme a própria morte mais do que qualquer outra coisa. Mas eu logo percebi que com você era diferente. Isso só tornou a caçada ainda mais interessante. — Troisclerq espalhou um punhado de flores murchas sobre a mesa. — Eu deixei uma pista muito clara para ele. Tenho certeza de que já está a caminho. Não acha?

Jacob.

Não. Fux esqueceria o nome dele para que Troisclerq não o encontrasse em seu coração. O medo não a deixava respirar.

Algumas gotas brancas se acumularam no fundo da jarra.

Troisclerq acariciou suavemente seu rosto.

— O labirinto ao redor da minha casa deixa passar somente a mim. Todos os outros acabam irremediavelmente perdidos. Esquecem quem são, esquecem por que vieram, e perambulam entre as sebes até morrer de fome. No final, eles comem as folhas venenosas e lambem o orvalho das trilhas.

Fux jogou o vinho no rosto dele. Ela segurou o copo com tanta força que ele se estilhaçou em sua mão. O vinho coloriu a camisa de Troisclerq de vermelho, igual ao sangue que escorreu dos dedos cortados de Fux.

Troisclerq ofereceu-lhe um guardanapo.

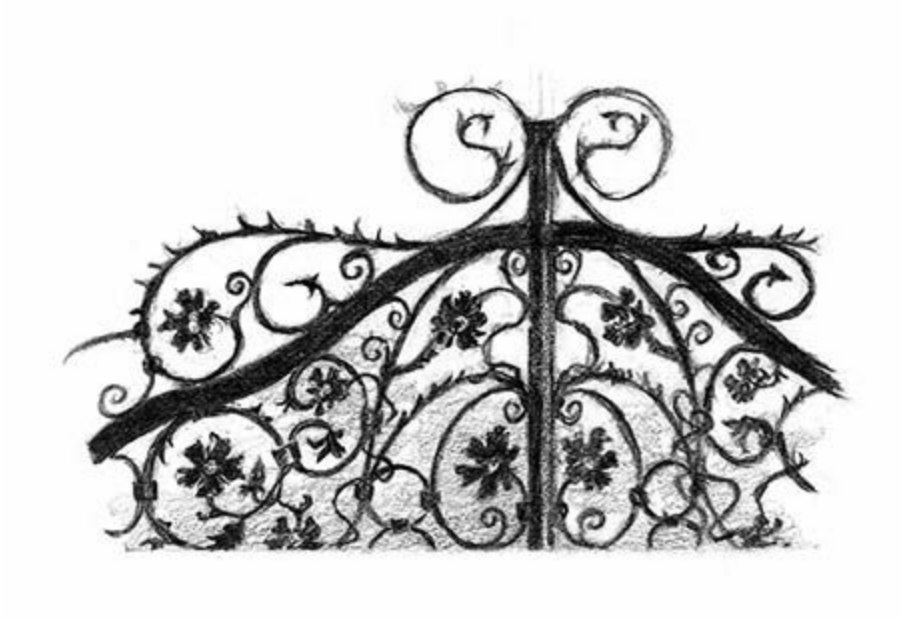
— Ele também a ama, sabia? Embora se esforce muito para ignorar isso. — Nenhuma voz poderia soar mais terna. Ele puxou a cadeira dela para trás. — Daqui você tem uma boa visão do labirinto. Quando um bando de pombos levantar voo, significa que Jacob se perdeu lá dentro. Não estou esperando outra visita.

Uma poça branca leitosa cobria o fundo da garrafa.

Troisclerq andou ao longo da mesa comprida, passando pelos pratos vazios.

— Talvez a console saber... — ele disse antes de fechar a porta atrás de si — ... o medo irá matá-la também. O amor é mesmo uma fatalidade.

Ela queria rasgar a garganta dele com os dentes. Sufocar sua voz aveludada com sangue. Mas a raposa estava tão perdida quanto Celeste.



41
O território do caçador

Jacob soube que estavam no lugar certo assim que entraram em Champlitte. Muitas casas haviam sido pintadas recentemente, e lampiões de gás iluminavam as ruas à noite — um luxo que atrás do espelho normalmente se encontrava apenas nas grandes cidades. Os barbas-azuis sempre cultivavam boas relações com a vizinhança. Eles não buscavam suas vítimas perto de onde viviam e costumavam fazer doações para a construção de novas ruas, igrejas e escolas. O silêncio que compravam dessa maneira era sua melhor proteção. Jacob tinha certeza de que atrás das cortinas de Champlitte muitos olhos o seguiam.

A maioria dos barbas-azuis vivia em residências de campo isoladas, cercadas por amplas extensões de terra. Nas proximidades havia uma única propriedade senhorial que correspondia a essa descrição. Ela ficava ao sul, portanto Jacob conduziu seu cavalo ao extremo norte da cidade, para que nenhum de seus zelosos cidadãos achasse necessário informar Troisclerq de sua chegada.

Eles deixaram os cavalos numa floresta. Nem os lobos atacariam os corcéis-do-diabo, e Jacob trocara os arreios por correntes para que eles não conseguissem se libertar. Seu garanhão havia realmente simpatizado com ele. Ele tentou dar uma mordidinha quase amistosa em sua mão quando Jacob tirou a mochila da sela.

A tarde cheirava a árvores floridas e campos recém-arados. Tudo ao seu redor parecia pacífico. Um paraíso adormecido. Mas eles não precisaram andar muito até dar numa alameda ladeada por plátanos, em cujo cascalho úmido as rodas de uma carruagem haviam feito sulcos profundos. Pouco depois, um portão de ferro surgiu entre as árvores.

A paz ilusória, o portão fechado... Até a alameda diante deles parecia a mesma de quando eles procuravam a irmã de Donnersmarck. Daquela vez, eles haviam chegado muito tarde. *Desta vez não, Jacob.*

Ele sentia náuseas de medo. Durante a interminável cavalgada até ali, Jacob perdera a conta das vezes em que se apanhara olhando para o lado em busca de Fux. Ou que havia pensado ouvi-la respirar perto dele durante o sono.

“Qual foi o maior tesouro que você já encontrou?”, Chanute perguntara-lhe

não fazia muito tempo. Jacob havia sacudido os ombros e enumerado alguns objetos. “Você é ainda mais idiota do que eu”, rosnara Chanute. “Só espero que não o perca antes de se dar conta da verdadeira resposta.”

A grade do portão era coberta de flores de ferro. Donnersmarck tirou uma chave do bolso sem dizer nada. O próprio Jacob possuíra uma parecida, mas a perdera na fortaleza dos goyls, junto com outros objetos. Chaves que abriam qualquer porta... Algumas funcionavam unicamente no país em que haviam sido feitas, mas aquela cumpria sua função ali também. O portão se abriu assim que Donnersmarck pôs a chave na fechadura.

Uma cocheira, estábulos e, entre árvores molhadas de chuva, o amplo acesso à casa que eles tinham avistado de longe. Ela estava cercada por altas sebes de sempre-verdes.

O labirinto do outro barba-azul estava murcho e ressecado, pois ele já havia fugido do lugar. Jacob e Donnersmarck haviam aberto caminho com o sabre através de sebes mortas. Mas aquele labirinto estava vivo. *Isso é bom, Jacob. Significa que ele ainda está aqui.* As sebes começaram a rumorejar assim que eles entraram, como se os galhos de sempre-verdes quisessem advertir o assassino que protegiam. Troisclerq. Desta vez ele tinha um nome e seu rosto era conhecido. Eles haviam passado tantas noites juntos nas estações de carruagens. Haviam bebido juntos, contado histórias sobre o ciúme das fadas e das filhas de industriais, sobre duelos perdidos e ganhos, sobre bons ferreiros e maus alfaiates. *E ele salvou a sua vida, Jacob.*

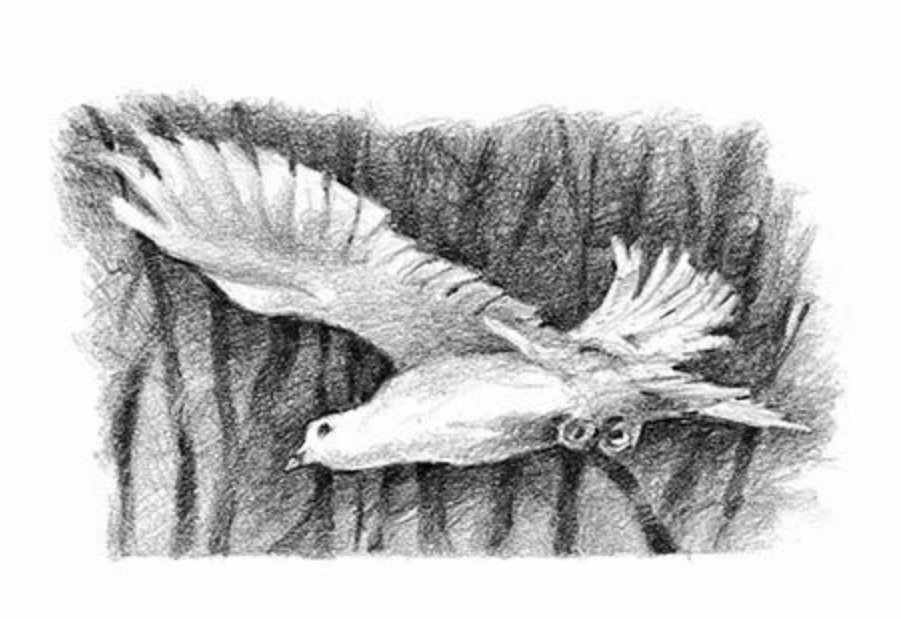
Ele queria matá-lo. Nunca quisera tanto uma coisa.

Um bando de pombos levantou voo da sebe. Jacob olhou para eles, preocupado. E se Troisclerq matasse Fux assim que notasse a presença dele e de Donnersmarck? *Pare com isso, Jacob. Ela está viva.*

Ele repetia sem parar. *Ela está viva*. Ele enlouqueceria caso se permitisse pensar outra coisa.

“Tenho certeza de que nos veremos novamente.”

Ele o mataria.



42
Branco

Pombos. As penas brancas como o medo dela. Eles o escreviam com as asas no céu do anoitecer.

Fux pressionou as mãos contra a janela. Ela sussurrou o nome de Jacob, como se sua voz pudesse guiá-lo através do labirinto do barba-azul. Ele já a havia libertado uma vez de uma armadilha. Mas daquela vez ela fora a presa. Desta vez, ela era a isca.

Ela estava tão contente pela vinda de Jacob.

E desejava tanto que ele nunca a tivesse encontrado.

Atrás dela, a jarra entre os pratos vazios se enchia com seu medo.



43
Perdidos

Jacob desejou ter um novelo cujo fio não arrebentasse, ou um que achasse a saída sozinho quando fosse desenrolado pelas trilhas cobertas de pedregulhos que se perdiam entre as sebes. Mas Donnersmarck procurara em vão nos gabinetes de curiosidades por uma magia útil assim. O novelo cujo fio Jacob amarrara na entrada do labirinto provinha de uma alfaiataria em Vena, e não tinha nada de extraordinário além da destreza envolvida em tecer um fio resistente a partir da lã comum das ovelhas. Ele seria o fio da sua vida. Sua única esperança de não se perder entre as sebes.

Jacob fazia o fio deslizar entre os dedos com cuidado enquanto eles adentravam os galhos escuros. O assassino havia estendido sua rede verde por uma área ampla do terreno. Depois de algumas curvas, eles encontraram um sabre enferrujado. Também encontraram ossos com toda carne roída, botas emboloradas, uma pistola antiga. Logo já não sabiam mais de que direção tinham vindo, mas sua maior preocupação eram as flores brancas que cresciam à sombra das sebes. Flores-do-esquecimento. De nada adiantava pisoteá-las ou arrancá-las: o efeito apenas se intensificava quando as pétalas murchavam. Eles amarraram lenços sobre a boca e o nariz e, enquanto andavam, repetiam seus próprios nomes ou relembravam lugares e coisas que haviam vivido juntos. Apesar disso, suas lembranças se esvaneciam a cada passo, e sua única ligação com o mundo que estavam esquecendo rápido era o fio.

Folhas. Galhos. Trilhas que terminavam numa parede verde. Muitas e muitas vezes.

Jacob já havia escapado de outros lugares onde os prisioneiros esqueciam quem eram, mas nem mesmo a Ilha das Fadas transformava o mundo num vazio como aquele labirinto. Ele apalpou a cicatriz que os dentes da raposa certa vez haviam feito em sua mão, para que não se perdesse nos braços da Fada Vermelha.

Não se esqueça dela, Jacob.

Se esqueça de você mesmo, mas não dela.

E mais uma vez o caminho terminou numa sebe. Donnersmarck praguejou e golpeou os ramos com o sabre. À esquerda. À direita. Nem mesmo as palavras pareciam ainda ter um significado. Jacob enrolou o fio para que

guiasse a ele e a Donnersmarck de volta à última encruzilhada.

Não se esqueça dela.

Fazia quantas horas que eles vagavam pelo labirinto? Ou já fazia dias? Já houvera antes alguma outra coisa além daquele labirinto? Jacob virou-se e sacou a pistola quando viu um homem empunhando um sabre atrás dele.

O estranho baixou o sabre.

— Jacob, sou eu!

Donnersmarck. *Repita o nome, Jacob.* Não, havia um único nome que ele não podia esquecer. Fux. *Ela está viva*. Mais uma vez. *Ela está viva*. Ele encostou nas folhas de sempre-verde. O perfume das flores-do-esquecimento encheu sua cabeça com um pegajoso nada.

Ele continuou se arrastando. E pôs a mão no peito.

A quarta mordida.

Não. Agora não.

O novelo caiu de sua mão quando a dor fez com que caísse de joelhos. Donnersmarck foi atrás do novelo e conseguiu apanhá-lo antes que ele desaparecesse debaixo da sebe.

A dor fez o coração de Jacob disparar, mas tudo que ele conseguia pensar era: *Agora não. Não aqui!* Primeiro ele precisava encontrá-la.

— O que você tem? — Donnersmarck inclinou-se sobre ele. *Vai passar, Jacob. Sempre passa*.

A dor estava por todo corpo. Ela encharcava sua carne.

Donnersmarck ajoelhou-se ao lado dele.

— Nunca encontraremos a saída.

Pense, Jacob. Mas como, se a dor entorpecia sua mente?

Ele pôs os dedos trêmulos no bolso. Onde estava? Ele encontrou o cartão entre as dobras do lenço de ouro. Ele não ficou muito tempo em branco.

Precisa da minha ajuda?

Jacob pôs a mão no peito dolorido. A resposta não saiu facilmente de seus lábios. Um trato como aquele só poderia terminar mal.

— Sim.

— O que você está fazendo? — Donnersmarck olhou boquiaberto para o cartão.

A superfície branca se encheu com novas palavras.

A seu dispor. Espero que seja o começo de uma parceria frutífera. Está disposto a pagar meu preço?

— O que você quiser. — Mais alto que o preço da fada não poderia ser. Contanto que ele saísse do labirinto...

Vou levar a sério sua palavra.

Tinta verde. Quase tão verde quanto os olhos de Earlking. Guismund vendera sua alma ao diabo. A quem ele estava vendendo a dele?

A dor arrefeceu, mas Jacob ainda sentia náuseas devido ao cheiro da flor-do-esquecimento e mal conseguia lembrar o próprio nome.

O cartão continuava em branco.

Vá logo!

As letras apareceram torturantemente devagar.

Duas vezes para a esquerda e uma para a direita.
Duas vezes para a direita e uma para a esquerda.
Assim é a trama do barba-azul.

Levante-se, Jacob! Era um padrão. Nada além de um padrão que se repetia.

Donnersmarck foi atrás dele, cambaleando. Esquerda e mais uma vez à esquerda. E então direita. Jacob voltou a desenrolar o novelo entre os dedos. À direita. E mais uma vez à direita. E uma vez à esquerda.

A luz de um lampião incidia através do labirinto. Eles correram em sua direção, certos de que ela desapareceria no instante seguinte. Mas as sebes se abriram e eles estavam livres.

A casa diante deles era antiga. Quase tão antiga quanto a estirpe macabra de seu dono. O brasão sobre o portal estava deteriorado, mas o esplendor dos muros cinzentos e das torres nada sofrera com o passar dos séculos. Seus contornos escuros quase se fundiam com a noite. Ao lado do portal de entrada ardia apenas um lampião, e havia luz em duas janelas no primeiro andar.

Atrás de uma delas estava Fux.



44
Barba-azul

Não. O labirinto de Troisclerq não conseguira prender Jacob. E Fux o desejava muito, muito mesmo, e estava tão feliz por vê-lo. Tão feliz.

Jacob não viera sozinho. Fux só reconheceu Donnersmarck quando olhou para ele pela segunda vez. Ela achara que a irmã dele tinha sido uma tola ao se deixar seduzir por um barba-azul.

O criado de Troisclerq puxou-a da janela. Ela o mordeu profundamente na mão peluda, ainda que os dentes humanos fossem bem menos afiados que os da raposa, e se soltou. A jarra já estava cheia até a metade, mas Fux a entornou antes que o criado pudesse impedi-la. Ele a segurou pelo cabelo e a sacudiu tão forte que ela ficou sem ar. Não importava.

Seu medo escorria como leite derramado em cima da mesa. Jacob estava ali e os dois ainda estavam vivos.

— Então ele é mesmo tão bom quanto dizem. Não que eu tivesse duvidado. — Troisclerq estava na porta. Ele se aproximou da mesa e apanhou na mão em concha as gotas que escorriam.

Ele não parecia preocupado por Jacob ter atravessado o labirinto.

— Você não vai conseguir matá-lo!

O que ela estava pensando? Que as palavras se tornariam verdade se ela as dissesse alto o bastante? Fux sentiu o medo voltar.

Troisclerq passou os dedos pelo líquido branco em sua mão.

— Veremos. — Ele fez um sinal para o criado. — Leve-a para junto das outras.

Fux gritou o nome de Jacob enquanto o criado a arrastava pelo corredor. Para quê? Para adverti-lo, chamá-lo, cobrir-se com o nome dele como se fosse o pelo que o barba-azul lhe roubara? *Não o chame, Fux!*

O criado parou.

Leve-a para junto das outras.

A porta não era diferente das demais, mas Fux farejou claramente a morte atrás dela, como se o sangue realmente vazasse pela madeira escura.

— Você esqueceu uma coisa.

Troisclerq estava atrás dela. Ele segurava no alto o molho de chaves que havia posto ao lado do prato dela. Talvez ele quisesse ver como suas mãos tremiam ao enfiar a chave dourada na fechadura.

Jacob não permitira que ela entrasse na casa do barba-azul que matara a irmã de Donnersmarck. Fux zombara dele. A própria raposa matara vezes demais para se intimidar perante a morte, mas mesmo assim a visão que a esperava atrás da porta a encheu de pavor.

Aquele caçador nunca se desfazia de suas presas.

Nove mulheres. Elas estavam penduradas ali como marionetes macabras, presas por correntes douradas, mortas pelo próprio medo. Seu olhar era vazio, mas o horror estava estampado para sempre nos rostos pálidos. Seu assassino as guardava em sua câmara vermelha como joias num estojo. Restos petrificados do desejo que haviam provocado nele, da vida que lhe haviam dado e do amor que as havia atraído até ele.

O criado pôs as correntes douradas em volta do pescoço e dos pulsos de Fux, como se quisesse enfeitá-la para Troisclerq uma última vez. Já não sobrava muito espaço em sua casa de bonecas de horror. Seu cotovelo tocava o braço da morta pendurada a seu lado. Tão fria, e ainda tão bela.

— Elas não me deixam ir. — Troisclerq pôs a jarra vazia sobre a mesa que havia diante de uma das janelas encortinadas. — Elas se tornam parte de mim. Talvez também seja por isso que eu as mato... Para me libertar delas. Mas elas permanecem, mudas e petrificadas, e me lembram. Da voz delas. Do calor que sua pele teve um dia...

O lampião que iluminava a câmara lançava as sombras das mortas na parede vermelha. Fux viu a sua própria sombra entre as outras. Ela já era uma delas.

Troisclerq se aproximou.

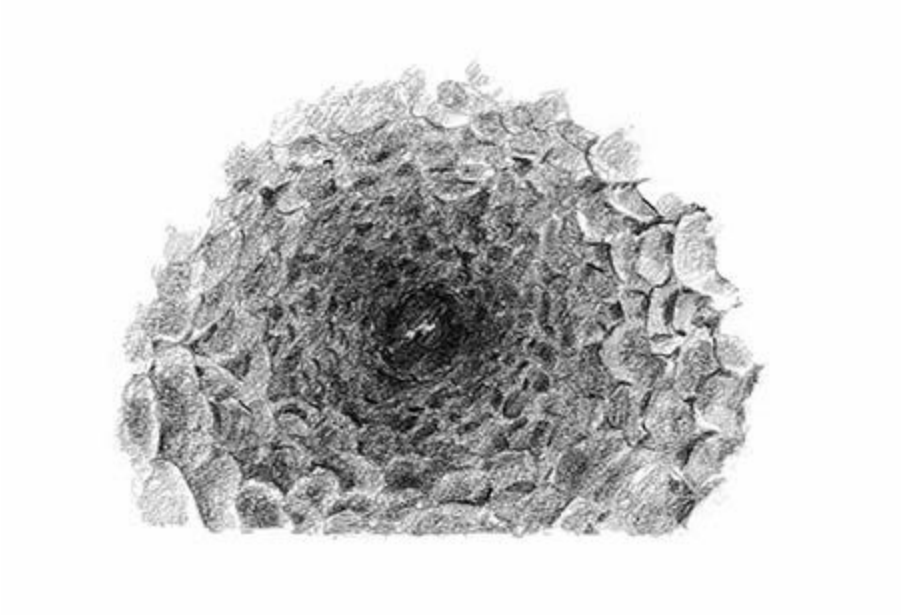
— Você ainda tem mais medo da morte dele do que da sua?

— Não. — Para Fux não importava se ele sabia que era mentira. — Ele vai matá-lo. Por mim. E por todas as outras.

— Muitos já tentaram. — Troisclerq fez um sinal com a cabeça para o criado. — Traga-o até mim. Mas somente ele.

Então ele apoiou as costas na parede revestida de seda, que dava à câmara a mesma coloração das entranhas de um animal, e esperou.

E Fux viu seu medo escorrer dentro da jarra.



45
Os falsos salvadores

Num poço. Eles os haviam jogado dentro de um maldito poço.

Por quê? Tudo que ele fizera fora repetir o blá-blá-blá incompreensível de Louis em algumas lojas na praça do mercado. Branco como leite. Negro como um pedaço da noite emoldurado em ouro.

E então, Nerron? Não foi uma advertência suficiente o modo hostil como o açougueiro olhou para você?

Ele tentou se agarrar no muro escorregadio. Eaumbre mergulhou fundo na água salobra. O tritão olhou para ele com um ar sombrio, como se fosse sua culpa eles terminarem assim. Provavelmente ele sobreviveria muitos anos lá embaixo com sua pele escamosa.

O melhor? Que nada! Adeus, glória eterna como caçador de tesouros! Um poço, Nerron! Os cidadãos de Champlitte deviam usá-lo apenas para se livrar de visitantes indesejados. Água encanada, lampiões de gás... Não importava de onde vinha todo aquele conforto, eles não gostavam de forasteiros — muito menos com pele de pedra.

Nerron pressionou a testa contra a parede úmida. *Não olhe para baixo.*

Água. O medo dos goyls.

Ele havia tentado erguer a tampa de ferro que cobria a abertura do poço, mas acabara caindo ao lado do tritão e não tentara novamente. Suas roupas ainda estavam molhadas e viscosas como carne de caracol.

Seu único consolo era que Reckless também não obteria a balestra. Talvez, um dia, um desses pesquisadores que vivem revirando pedras velhas pescasse seus restos mortais bem conservados e se perguntasse por que alguém andaria por aí com uma cabeça dourada e uma mão decepada.

Nerron gemeu — suas garras doíam como se alguém as arrancasse —, e encostou na parede gelada, quando ouviu vozes no alto. Será que eles haviam voltado porque decidiram que era melhor queimá-lo vivo, como costumavam fazer antigamente com seus semelhantes?

A tampa de ferro se ergueu. Eles haviam sido jogados no poço no começo da tarde, mas agora o pedaço de céu que ficou à mostra era mais escuro que a pele de Nerron. Ele apertou os olhos dourados quando a luz de um lampião iluminou o poço.

— Mas que cena! — ecoou dentro do poço uma voz anasalada.

Arsene Lelou olhava para ele lá de cima com tanta satisfação quanto uma criança com um inseto capturado. Nerron jamais imaginaria que a visão do Besouro alguma vez o faria tão feliz.

Seus dedos doloridos mal conseguiam segurar a corda que Lelou lançou pela borda do poço. Alguém o puxou tão bruscamente para cima que esfolou sua pele de pedra. Nerron reconheceu o rosto rude da casa do primo de Louis. Um dos ajudantes da cozinha. Bisonho. Ele mesmo se apresentava assim. Ele jogou Nerron no chão como se em toda sua vida miserável não tivesse desejado outra coisa além de pôr suas mãos grosseiras num goyl.

— Pode machucar, mas não o mate! — Lelou chutou Nerron nas costelas com a ponta da bota. Ela cheirava a graxa de sapato. O Besouro passava horas polindo suas botas abotoadas. — O que o senhor pensou? — ele disse entre os dentes. — Que eu ia devolver o filho para o Torto feito Branca de Neve e me deixar executar no seu lugar? De jeito nenhum! Pó élfico... O senhor precisa se esforçar um pouco mais se quiser fazer Arsene Lelou de bobo!

O Besouro gostava de falar de si mesmo na terceira pessoa.

— Pegue a mochila dele! — ordenou.

O empregado pisou tão forte com a bota em suas costas que ele pensou ouvir a coluna se quebrar.

— Espero que ainda esteja com a cabeça e a mão — prosseguiu Lelou. — Senão, jogo você agora mesmo de volta no poço. Vamos encontrar a balestra juntos e, se tentar fugir mais uma vez, telegrafarei ao Torto contando o que você fez ao filho dele.

Bisonho pôs Nerron de pé. Eles tinham uma plateia. Metade de Champlitte estava ao redor do poço, apesar da hora avançada da noite. Não era só o açougueiro que estava visivelmente decepcionado por ver o cara de pedra ainda vivo. Provavelmente era o primeiro goyl que ele tivera que enfrentar. *Esqueça Álbion!*, ele queria gritar para Kami'en. *Invada a Lorena de uma vez.* Nerron queria vê-los todos mortos, os zelosos cidadãos de Champlitte que se divertiam em afogá-lo como a um gato.

Lelou pressionou a pistola entre suas costelas.

— Vamos logo. Pesque o tritão também! — ele disse em tom ríspido para o garoto. Como, por todos os demônios com seus cabelos dourados, ele os encontrara?

A resposta estava diante do açougue. O ouro que enfeitava a carruagem do primo de Louis teria dado para alimentar por alguns anos não só o

açougueiro, como toda Champlitte. Na boleia estava sentado o adestrador da matilha de caça do primo do príncipe. Já em Vena ele medira Nerron com um olhar penetrante, como se, para variar, tivesse vontade de açular seus cães contra um goyl. Ele trouxera dois. Cães de caça. Estavam ao lado dele na boleia e arreganharam os dentes assim que viram Nerron. Que diabos! Ele nem se dera o trabalho de apagar seu rastro! Ele subestimara o Besouro.

— Suba! — Lelou empurrou-o para dentro da carruagem.

Louis estava deitado num dos bancos dourados estofados com a boca aberta, roncando sonoramente. Lelou o sacudiu pelo ombro.

— Acorde, meu príncipe! Nós os encontramos!

Acorde? Sem chances.

Mas Louis de fato abriu os olhos. Eles estavam inchados e injetados, mas o principezinho estava acordado.

Lelou lançou um olhar triunfante para Nerron.

— Ovas de sapo. — Seus lábios abriram um sorriso de autossatisfação. — Dois tratados do século XVII concordam em mencioná-las como antídoto para a maçã da Branca de Neve.

Nerron nunca ouvira falar disso, mas as ovas pareciam ter funcionado, embora Louis parecesse ainda mais tapado que de costume.

— Como os cães acharam nosso rastro tão depressa?

Lelou encarou-o com uma mistura de desprezo e piedade. *Sua cena lastimável no poço destruiu para sempre o efeito das três lembrancinhas, Nerron.*

— Nem precisamos dos cães. Durante dias, Louis não pronunciou outra palavra além de “Champlitte”.

Sim, a maçã da Branca de Neve podia ter esse efeito. Caso acordassem, quase todas as vítimas repetiriam durante anos apenas as palavras que haviam pronunciado enquanto oráculos.

Louis começou a roncar novamente.

Lelou franziu a testa.

— Acho que precisamos aumentar a dose — ele disse para o adestrador. — Ótimo. Isso responde a pergunta se ainda precisamos do tritão. Tenho certeza que ele é extremamente qualificado para nos fornecer ovas de sapo.

Ele olhou para Eaumbre, que o Bisonho acabava de tirar do poço. Os cidadãos de Champlitte recuaram quando o tritão gotejante foi levado pela praça do mercado.

— Bem, goyl — Lelou olhou para Nerron —, antes que eu comece a me

perguntar se você terá alguma utilidade... Onde está o coração?

— Mostre aos cães o saco com a cabeça — disse Nerron.

Se tivessem sorte, o saco ainda teria bastante cheiro de Reckless.



46
Traga-o até mim

A janela onde Jacob vira Fux já estava escura quando eles chegaram à casa. Jacob obrigou-se a não pensar o que isso significava. Donnersmarck subiu a escada aos saltos, como se andar depressa fosse trazer sua irmã de volta. A porta pesada abriu-se facilmente quando ele a empurrou com o ombro. Jacob não precisou lhe explicar que, naquela casa, uma porta destrancada deveria ser desfrutada com cautela. Ambos empunharam os sabres. Pistolas eram tão inúteis contra um barba-azul quanto contra o Alfaiate na Floresta Negra.

O saguão de entrada tinha ainda mais cheiro de flor-do-esquecimento que as trilhas intermináveis do labirinto. Jacob tirou os buquês dos vasos ao lado da porta, e Donnersmarck abriu as altas janelas para que o ar da noite entrasse.

Do saguão partiam diversos corredores, e uma ampla escada levava ao primeiro andar. E agora? Eles deveriam se separar?

Eles foram poupados de tomar essa decisão. Um criado vinha surgindo de um dos corredores. A julgar pelas mãos peludas, ele nem sempre fora humano.

Jacob sacou a pistola. Talvez ao menos com ele funcionasse, já que nada adiantava contra seu patrão.

— Onde ela está?

Nenhuma resposta. Os olhos que o fitavam eram completamente escuros, como os de um animal.

Donnersmarck pegou o criado pelo colarinho engomado e encostou a ponta do sabre em sua garganta.

— Você está morto se ela não estiver viva, está me ouvindo? Onde ela está?

Foi muito rápido.

Os chifres que cresceram nas têmporas do criado rasgaram o corpo de Donnersmarck antes que ele pudesse se defender. Jacob atirou, mas as balas não tiveram efeito, e o homem-veado desviou de seu sabre com tanta facilidade como se lutasse contra uma criança. Jovens veados que assumiam a figura humana quando se misturava cabelo humano a seu feno. Jacob já lera a respeito. Diziam que eles serviam a seus amos cegamente.

O homem-veado limpou o sangue de Donnersmarck da testa e apontou com um gesto convidativo para o corredor de onde viera, mas Jacob o ignorou. Ele se ajoelhou ao lado de Donnersmarck e pôs a mão na bolsa presa a seu cinto. Sim, ele ainda tinha a agulha de bruxa. Jacob espetou-a na mão que sangrava. A agulha não era capaz de curar um ferimento tão grave, mas pelo menos fecharia a ferida. O homem-veado bufou impaciente. Apenas sua cabeça havia se transformado. O sangue descia dos chifres e escorria pelo fraque preto.

— Vá, Jacob! — A voz de Donnersmarck era um gemido rouco, mas talvez a agulha o mantivesse vivo por tempo suficiente. *Tempo suficiente para quê, Jacob?* Ele se levantou.

O criado apontou para o corredor pelo qual viera. “Mas que diabos, Jacob!”, ele pensou ouvir Chanute ralhar. “O que foi que eu lhe ensinei sobre os barbas-azuis? Como você pôde acreditar que podia simplesmente entrar na casa dele e levar sua presa?”

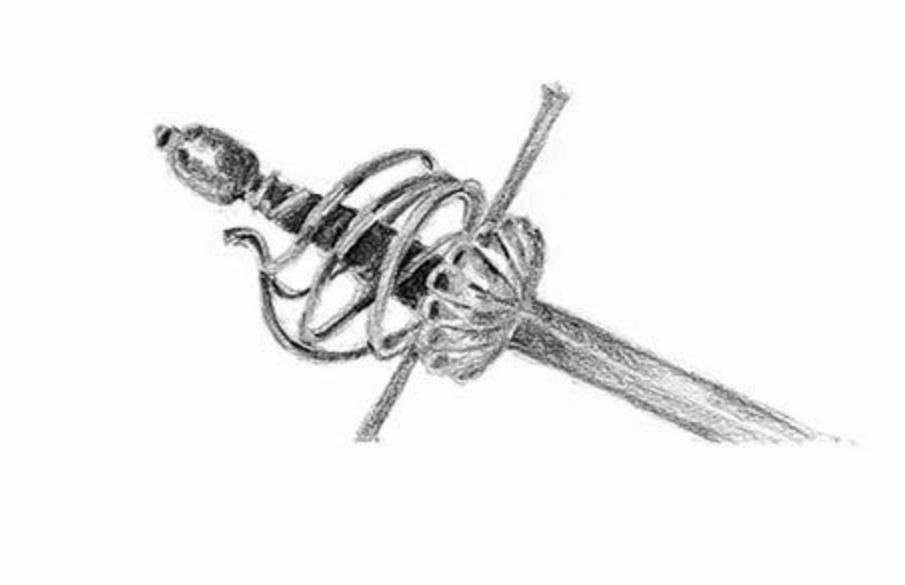
Portas. A cada uma que passava, Jacob imaginava que talvez Fux estivesse atrás dela, já morta. Mas o homem-veado bufava ameaçador toda vez que ele parava.

A porta até a qual ele o conduziu estava aberta.

Jacob viu as paredes vermelhas quando ainda estava a alguns passos de distância.

E as mortas nas correntes douradas.

E entre elas Fux.



47
Vida e morte

Por um instante, Fux temeu que o sangue na camisa de Jacob fosse dele, mas então viu que o chifre do criado sangrava e que Donnersmarck não estava com eles.

Jacob lançou apenas um breve olhar para Fux. Ele sabia que os dois estariam perdidos se sua preocupação com ela desviasse sua atenção do assassino que o esperava entre as mortas. Jacob estava desarmado. Fux via o rosto dele embaçado devido às lágrimas em seus olhos. Lágrimas por sua própria impotência. Lágrimas de medo por ele. Ela quase esperava que elas escorressem brancas pelo rosto, como o líquido que enchia a jarra de Troisclerq.

O barba-azul se desencostou da parede vermelho-sangue. Perdido em sua casa de horrores. Guy. Por um momento ele tinha seu nome de volta. Ele andou até Fux e tocou seu rosto como se quisesse sentir as lágrimas na ponta dos dedos.

— Pode ir — ele disse ao criado, que ainda estava na porta com o chifre sangrando. O homem-veado olhou para ele perplexo. — Pode ir, eu já disse. — A voz de Troisclerq soou tranquila, como se o tempo pertencesse a ele. E pertencia. As mortas a seu redor o haviam comprado para ele.

O criado curvou a cabeça chifruda. Então recuou ainda hesitante e desapareceu no corredor escuro.

Eles estavam sozinhos. Com as mortas e seu assassino.

Fux lembrou-se das horas que Jacob havia passado ao lado de Troisclerq na carruagem, a camaradagem entre os dois, como se fossem amigos de muitos anos. Ela ainda distinguiu um vestígio dessa amizade no rosto de Jacob. Ele gostava de Troisclerq e abominava seu coração por isso.

— Já faz mais de oitenta anos que ninguém consegue passar pelo labirinto, mas eu sabia que você não iria me decepcionar. O último foi um oficial da polícia de Champlitte. Guardei sua arma como recordação. — Troisclerq apontou para uma espada pendurada na parede atrás das mortas. — Sirva-se. Tenho certeza de que ele não teria nada contra. Sei que você prefere o sabre mas, como esta é minha casa, acho que você não irá se opor à minha escolha de armas.

Jacob caminhou até a espada. Ele ainda evitava olhar para Fux. *Isso,*

esqueça-se de mim, ela queria sussurrar, *esqueça-se de mim, ou ele vai matá-lo, Jacob.* Ela viu seu medo escorrer dentro da jarra.

Troisclerq também viu.

— Só nove? — Jacob olhou para as mortas. — Tenho certeza de que você matou um número bem maior, não?

Ele pegou a espada da parede.

— É verdade. Trago para cá somente as mais belas. — Troisclerq tirou o cabelo preto da testa. — As primeiras eu matei durante a Guerra dos Gigantes. Já faz tempo. Muito tempo.

— Você esquece o nome delas, não é? — Jacob apontou com a espada do oficial para uma das mortas, que usava um broche com uma estrela de rubi. — O nome dela era Marie Pasquet. Ela era neta de um ourives famoso. Prometi a seu avô que o mataria caso o encontrasse.

— E normalmente você cumpre o que promete, eu sei. — Troisclerq sorriu. — Eu já sabia que acabaríamos aqui quando o livrei das trepadeiras. A desvantagem de uma longa vida. Depois de viver cem anos, os outros ficam transparentes como vidro. Todas as virtudes, todos os vícios, todas as fraquezas... nada além de repetições sem fim. Cada desejo é vivido mil vezes, cada ilusão perdida mais de cem vezes, toda esperança é infantil, toda inocência uma piada...

Ele ergueu a espada.

— O que fica é a morte. E a busca pelo golpe perfeito. Pela forma mais pura que a morte pode alcançar.

Ele atacou tão de repente que Jacob tropeçou nas mortas ao se esquivar da espada. Medo. Quanto medo era possível ter? As mortas que observavam a luta dos dois com os olhos vazios sabiam a resposta. Fux morria um pouco a cada tropeço e a cada corte que a espada de Troisclerq infligia a Jacob. Ele brincava com Jacob, para que Fux assistisse. Ele baixava a guarda para Jacob tropeçar em sua lâmina, desenhava linha por linha na pele dele com seu próprio sangue, como se quisesse fazer um rascunho da morte antes de pintá-la com vermelho ainda mais forte. E a jarra enchia-se com o medo branco e o novo tempo de vida para o barba-azul.

Fux já vira Jacob lutar muitas vezes, mas nunca antes contra um adversário como aquele. Ela custou a entender que ele era igual a Troisclerq. E que queria matá-lo. Fux jamais vira esse desejo tão escancarado no rosto de Jacob.

As espadas se enroscavam nos vestidos de seda, atravessavam as correntes

douradas e penetravam a carne morta. Os dois homens respiravam pesado. O ofegar da luta e o silêncio dos mortos... Fux tinha certeza de que se lembraria de ambos pelo resto da vida. Caso ainda lhe restasse alguma vida. Ela tentava se libertar desesperadamente, o sangue escorrendo por seu braço, e gritou quando a espada de Troisclerq quase atingiu Jacob no pescoço. Tanto medo. Ela fechou os olhos para que o medo não a sufocasse, mas o próximo grito não veio de Jacob.

Troisclerq pôs a mão atrás do joelho.

— Isso foi um golpe sujo — Fux o ouviu dizer, ofegante. — Onde você aprendeu?

— Num outro mundo — Jacob respondeu.

Troisclerq tentou atacar, mas a lâmina de Jacob transpassou o outro joelho e, quando ele caiu, Jacob cravou a espada tão fundo entre suas costelas que somente o cabo de ouro deteve o golpe. Troisclerq cuspiu o próprio sangue no peito e se contorceu no chão. Jacob ajoelhou ao lado dele e tirou a chave do barba-azul de seu bolso.

Acabou, Fux.

Troisclerq esticou a mão suja de sangue e segurou o braço de Jacob.

— Nós nos veremos — sussurrou.

Sua mão não se abriu quando seu olhar ficou vazio como o de suas vítimas. Jacob soltou os dedos enrijecidos de seu braço. Então ele se ergueu cambaleante e soltou a espada. O sangue na lâmina era preto.

Suas mãos trêmulas abriram com a chave do barba-azul as correntes que envolviam o pescoço e os braços de Fux. Então ele pôs a jarra em sua boca.

— Beba — ele sussurrou. — Esqueça-o e beba. Beba o máximo que você puder. Vai ficar tudo bem.



48
Tarde demais

A casa de um barba-azul. Claro. Agora pelo menos alguma coisa dos balbucios de Louis fazia sentido. *Branco como leite*. Não havia sido claro o suficiente? Nerron amaldiçoou a própria falta de perspicácia quando viu as sebes murchas e o veado parado na frente da casa escura com um ar perdido. O animal disparou dali antes que os cães o apanhassem.

O barba-azul jazia em sua câmara vermelha, cercado por nove mulheres. Elas estavam deitadas ao lado de seu assassino, como se dormissem. Lelou vomitou no corredor. O Besouro tinha um estômago sensível quando se deparava com a morte. Mas até mesmo Eaumbre olhou perturbado para a fileira de belos corpos antes de ir em busca da câmara de tesouros do barba-azul. Os tritões pelo menos deixavam as garotas que raptavam viver — embora muitas de suas vítimas preferissem a morte à prisão perpétua numa lagoa.

Negro como um pedaço da noite emoldurado em ouro. Você é um idiota, Nerron. Louis dissera tudo que ele precisava saber. Não importava onde o coração estivesse escondido naquele lugar sinistro, Nerron apostaria a cabeça e a mão que Reckless o havia encontrado. E ele também tinha certeza de que o sangue no saguão de entrada não era de seu concorrente.

No pátio eles encontraram rastros apagados, mas não era fácil se fazer invisível quando transportavam-se feridos, e se avançava devagar.

Logo eles os alcançariam.



49

Dois copos

A casa que Fux encontrou a menos de duas milhas de Champlitte numa escura floresta de abetos não cheirava a canela ou açúcar derretido. As paredes tampouco eram revestidas de doces, mas não era necessário um vestido de pelos para farejar a magia negra que a envolvia como um cheiro ruim. Jacob teria preferido uma bruxa como Alma, mas Donnersmarck estava praticamente morto, e as devoradoras de crianças podiam curar até as feridas mais terríveis. Só era melhor não perguntar pelos ingredientes de suas poções.

A mulher que abriu a porta às batidas de Jacob era muito jovem e muito bonita. A maioria das bruxas escuras se apresentava dessa forma, mesmo tendo centenas de anos de idade. Eles estenderam Donnersmarck na mesa da cozinha para que ela pudesse avaliar os ferimentos. As unhas dela eram tão compridas e afiadas que Jacob ficou grato pelo estado inconsciente do amigo. Donnersmarck estava pagando um preço alto por ajudá-los, e não era só com as feridas causadas pelo homem-veado que Jacob estava preocupado. A bruxa confirmou suas preocupações. Quando Jacob lhe descreveu o agressor, ela sacudiu a cabeça com um sorriso malévolo.

— Posso salvar a vida dele — ela disse —, mas não posso impedir que um dia talvez cresçam chifres em sua cabeça. Vocês podem ficar no meu estábulo. Preciso no mínimo de quatro dias, e a vida dele irá lhe custar dois copos de sangue. Cuidado — a bruxa repreendeu Fux quando ela quis protestar —, senão vou exigir também o vestido no alforje que os corcéis-do-diabo lá fora carregam. Ele deve lhe dar um pelo muito bonito.

A bruxa cortou o braço de Jacob com tal destreza que logo os copos se encheram. Então ela os expulsou da casa. As bruxas escuras não toleravam testemunhas durante seu trabalho. Jacob precisou se apoiar em Fux para chegar ao estábulo. Ele havia deixado muito sangue nos copos. Eles acorrentaram os corcéis-do-diabo nas árvores, mas Fux levou os alforjes consigo. Jacob encontrara o vestido de pelo no quarto do criado, e só isso espantara definitivamente o medo do rosto dela.

No estábulo escuro, ela capturou alguns fogos-fátuos antes de fazer uma atadura no braço de Jacob. Era um galpão decrépito, e não o lugar para onde Jacob gostaria de levá-la depois da câmara do barba-azul, mas a floresta do

lado de fora não era muito melhor. *Preciso no mínimo de quatro dias.* Na verdade, Jacob queria voltar o mais depressa possível para Vena e ir atrás do Bastardo. Faltavam somente duas manchas na mariposa em seu peito, e o coração de Guismund de nada lhe adiantaria enquanto o goyl estivesse com a mão e a cabeça. Mas, ao mesmo tempo, ele não podia deixar Donnersmarck sozinho com a devoradora de crianças depois de toda ajuda que ele tinha dado. A agulha de bruxa impedira que ele tivesse uma hemorragia ainda na casa do barba-azul, mas não restara muita vida nele. Jacob não contou a Fux sobre a quarta mordida no labirinto. Ele estava tão aliviado de tê-la novamente a seu lado, respirando sã e salva, que a mariposa parecia apenas um fantasma e a morte algo que ambos haviam deixado para trás na câmara vermelha de Troisclerq.

Fux estava tão exausta que adormeceu antes que Jacob pudesse lhe explicar por que havia tirado o colar do pescoço de uma das garotas mortas. Provavelmente ela nem mesmo notara, tão preocupada que estava com a possibilidade de Troisclerq ter destruído seu vestido de pelo.

Jacob deitou-se a seu lado na palha suja, mas não conseguiu dormir. Ele ficou apenas escutando sua respiração. Em algum momento, uma serpente que existia unicamente na Lorena esgueirou-se dentro do estábulo. Os lírios-negros em sua cabeça valiam centenas de táleres de ouro, mas Jacob nem mesmo olhou para onde ela foi. Ele não queria pensar em tesouros, na balestra ou que talvez morreria em breve. Fux dormia profundamente. Seu rosto tinha uma expressão tranquila, como se tivesse deixado todo medo na casa do barba-azul. Ela usava novamente as roupas masculinas que vestira na viagem para Álbion. O vestido do barba-azul ficara ao lado de suas companheiras de morte. Jacob não conseguia tirar os olhos de seu rosto adormecido. Ele espantava definitivamente as imagens que o haviam torturado desde Vena. Parecia um milagre que ela estivesse ilesa, uma magia cujo efeito iria acabar. Nem a Ilha das Fadas, nem a água de cotovias — apenas uma cama de palha suja e sua respiração compassada. Nada jamais o fizera se sentir melhor.

Durante anos, Jacob procurara para a imperatriz uma das ampulhetas que paravam o tempo, embora ele mesmo não pudesse compreender por que ela era um dos tesouros mais cobiçados atrás do espelho. Ele não conseguia se lembrar de nenhum momento que tivesse desejado fixar para sempre. O próximo sempre prometia ser muito melhor, e mesmo o mais belo dia depois de algumas horas tinha um gosto insosso. Mas agora ele estava deitado no

estábulo de uma bruxa devoradora de crianças, com o braço cheio de cortes e a morte no peito, desejando ter uma dessas ampulhetas. Ele espantou o fogo-fátuo que pousara na testa de Fux — fogos-fátuos muitas vezes traziam sonhos ruins — e afastou os cabelos do rosto adormecido.

O toque a despertou. Ela estendeu a mão e passou os dedos no corte que a espada de Troisclerq deixara na face esquerda dele.

— Sinto muito — ela sussurrou.

Como se fosse culpa dela ele ter sido tão cego e não tê-la protegido de Troisclerq. Jacob pôs o dedo em seus lábios e sacudiu a cabeça. Ele não sabia como se desculpar por todo medo e todo horror que ela nunca esqueceria. Não o consolava pensar que ambos tinham sido vítimas de Troisclerq e que haviam executado uma morte que talvez ele até desejasse, depois de tantas vidas roubadas. Era possível fugir da morte por tanto tempo? Havia vida em excesso? Naquela noite era difícil acreditar.

— Você ouviu a bruxa — ele disse com voz baixa. — Vamos ficar aqui alguns dias. Portanto, durma! Não é o melhor lugar do mundo, mas qualquer lugar é melhor do que de onde saímos, não é?

Fux não respondeu. Seu olhar deslocou-se para o peito dele, onde a mariposa se escondia atrás da camisa. Ela não se esquecera da morte. Jacob pegou na mochila o colar que havia tirado da neta de Ramee. Fux tocou o coração negro com uma expressão incrédula.

— Dois tesouros de uma só vez — sussurrou Jacob. — Qualquer dia eu conto a história toda. Mas agora descanse.

Ela estava muito pálida. Parecia até que ele podia enxergar através de sua pele.

Lá fora os corcéis relincharam.

Fux se sentou.

Os cavalos ficaram quietos novamente, mas não era um silêncio bom.

Ela chegou à porta mais depressa que ele. Os olhos de Jacob não conseguiram enxergar nada suspeito entre os abetos escuros, mas Fux pegou o alforje onde estava o vestido de pelo.

— Tem alguém lá fora.

— Vou dar uma olhada.

Ela apenas sacudiu a cabeça. Jacob vigiou as árvores, enquanto ela punha o vestido de pelo por cima da roupa. Os corcéis ainda estavam inquietos. Talvez tivessem farejado a bruxa.

Não, Jacob.

Era uma noite sem lua, e ele quase não viu a raposa sair em disparada. Da janela da bruxa ainda vinha luz, e em algum lugar um cão latiu.

Por que você a deixou ir, Jacob? Ela era tão frágil! Ele ainda via a jarra diante de si, cheia até a borda com o medo dela. O cão latiu novamente. Sua mão tocou na pistola. Ele já estava indo atrás dela quando o pelo da raposa roçou suas pernas.

— Eles estão lá fora, à esquerda, entre as árvores. O Bastardo e mais cinco. — Fux empurrou-o para longe da porta do estábulo. Jacob pensou ainda sentir o pelo em suas mãos. — Dá para sentir o cheiro do tritão a milhas de distância. E eles têm dois cães de caça.

Que diabos. Como o goyl chegara até ali? Parecia tão difícil se livrar dele quanto afugentar a própria sombra. Jacob passou a mão no braço enfaixado. Era o braço esquerdo, o braço do coração, como as bruxas o chamavam. Infelizmente era também o braço com que ele atirava e lutava melhor. Sem falar no sangue que lhe faltava, e ele ainda sentia a luta com Troisclerq nos membros. O Bastardo roubaria o coração dele com mais facilidade que o doce de uma criança.

— Talvez a bruxa nos ajude — sussurrou Fux.

— Claro. Mas eu não posso perder mais dois copos de sangue. E você se esqueceu do tritão? — Qualquer magia de bruxa tinha sobre um tritão o mesmo efeito inócuo de um pavio aceso jogado numa lagoa.

— Posso tentar despistá-los.

— Não.

Ela o conhecia bem o suficiente para saber que o não era definitivo.

Jacob olhou para os corcéis. Mesmo que eles conseguissem escapar, o que seria de Donnersmarck?

Raios. Muito pouco tempo no lugar errado.

Ele tirou o coração negro do bolso. Fux recuou quando ele pôs o colar no pescoço dela. Jacob havia enrolado a joia com um trapo, para que não encostasse nela.

— Tire o colar quando for dormir e tome cuidado para que a pedra nunca fique sobre o seu coração — ele sussurrou. — O tecido só protege a sua pele. Vou tentar conseguir pelo menos uma hora de vantagem para você.

— Não! — Ela quis tirar o colar, mas Jacob segurou suas mãos.

— Nada vai me acontecer. Vou deixar que me prendam antes que a coisa fique feia.

— E depois? O goyl já tentou matá-lo uma vez!

— Ele não fará isso se eu for sua única chance de obter o coração! Você só não pode se deixar apanhar. Vá se encontrar com Valiant. Deixe o anão lidar com o Bastardo. Há uma torre de vigia abandonada na Cidade Morta, vou dizer ao goyl que você esperará por ele lá...

Ela apoiou a testa no ombro dele.

— Vai ficar tudo bem — ele sussurrou.

— Quando? — ela sussurrou de volta. — Vamos tentar juntos. Por favor! Quando eles começarem a atirar, já estaremos nos cavalos!

— E Donnersmarck? — Jacob espantou um fogo-fátuo dos cabelos dela. Uma ampulheta. Em algum momento ele encontraria uma. Mas aquele instante já estava perdido.

— Saia pelos fundos. — Ele pegou a pistola. — A parede do estábulo está tão podre ali que você vai achar uma brecha.

Fux virou-se, mas Jacob puxou-a para junto de si mais uma vez. Ele a envolveu com os braços e enterrou o rosto em seus cabelos. As batidas do coração dela eram como as do seu.

Lá fora alguma coisa se mexia entre as árvores.

— Corra! — sussurrou Jacob.

Pelo ruivo onde antes era pele clara.

Ela já tinha ido antes que ele se virasse novamente.



50
Um trato

Sim, a raposa havia notado a presença deles. Mas o estábulo onde ela desaparecera tinha somente uma porta, e Louis iria atirar no que quer que saísse lá de dentro. O príncipe bocejava com quase tanta frequência quanto respirava, mas seus olhos pareciam enxergar razoavelmente bem e ele não era um mau atirador.

— Quer que eu os solte? — O adestrador quase não conseguia segurar seus protegidos ofegantes.

— Não. Ainda não. — A ideia de que eles rasgariam a raposa em pedaços provocava náuseas em Nerron. Não faltava muito para ele começar a vomitar por qualquer coisinha, como Lelou.

Falando no diabo...

— Tem certeza de que ele está ali? — O Besouro olhava fixo para o estábulo, como se quisesse abrir um furo com os olhos na parede podre. Ele estava muito orgulhoso da pistola que passara a carregar no cinto.

— Sim. Ele está logo atrás da porta.

Reckless pensou que a escuridão o escondia, mas esquecera que estava lidando com um goyl.

— É melhor eu atirar na cabeça. — Louis apontou a espingarda. — Ou precisamos dele vivo? — A paixão de sua estirpe pela caça. Com tanta empolgação, ele até esquecera os bocejos. Eles ainda acreditavam na história do espião de Álbion.

— Não. Pode atirar tranquilamente.

Afinal, ele não queria que Louis o considerasse ainda mais frouxo do que ele. Reckless não seria tolo para se jogar na frente da espingarda. Nerron tinha certeza de que ele estava com o coração. Ele fora mais rápido novamente. *Dois a um para ele, Nerron.*

Lelou lambeu os lábios, nervoso. A pistola no cinto não o tornara um guerreiro. Eaumbre estava com o Bisonho na frente da casa da bruxa. Após os acontecimentos em Vena, Louis tratava o tritão com ainda mais grosseria, mas Eaumbre suportava as ofensas resignado e, de resto, agia como se nunca tivesse desistido da profissão de guarda-costas.

Ao sinal de Nerron, ele invadiu a casa da bruxa. Sim, ele podia ser útil, embora nunca fosse possível ter certeza de que lado estava. Provavelmente

do seu próprio. A devoradora de crianças passou voando por eles e pousou no próprio telhado com um grasnido. Elas tinham uma predileção por gralhas quando se transformavam. As bruxas claras preferiam as andorinhas. Reckless provavelmente observava tudo, mas nada se mexia atrás da porta do estábulo.

— Uma coisa é certa — Louis murmurou. — Se encontrarmos a balestra, o primeiro disparo vai ser meu.

— Ah é? E quem ele atingiria?

Louis lançou um olhar frio para Nerron.

— Um goyl, é claro. E com um segundo disparo eu liquidaria o exército de Álbion.

Eaumbre apareceu na frente de Nerron.

— Só há um ferido lá dentro. Está dormindo algum sono enfeitiçado. Quer que eu o traga aqui para forçar o outro a sair do estábulo?

— Não precisa. Vou pegá-lo de qualquer jeito.

Nerron pegou o revólver e conferiu a munição. Um pouco de diversão não faria mal.

Eaumbre se pôs a seu lado sem dizer uma palavra. O incidente no poço não havia acabado com seu gosto pela caça de tesouros.

— Também vou junto — Louis reprimiu um bocejo.

Maldito Lelou com suas ovas de sapo! Felizmente, não era preciso explicar ao Besouro que um príncipe morto também significava um Arsene Lelou morto.

— É melhor deixar isso para o goyl, meu príncipe — ele sussurrou. — Senão, quem vai atirar no espião se ele escapar do goyl e do tritão?

Louis bocejou novamente.

— Está bem. — Ele apontou a espingarda para a porta do estábulo. — O que está esperando, goyl?

Nerron queria muito dar a ele um pouco do veneno de lagarto que os lordes de ônix utilizavam para transformar a pele humana numa gosma transparente. *A balestra, Nerron. Ela vai compensar tudo isso.* Ele já podia sentir seu cabo de madeira entre os dedos. Todos os caçadores de tesouros teriam noites de insônia de tanta inveja. Seu rosto feio enfeitaria a primeira página de todos os jornais, nobres e reis suplicariam por seus serviços. Somente os ônix desejariam sua morte, quando Kami'en pusesse a coroa da Lorena e de Álbion na cabeça. Eles amaldiçoariam o dia em que haviam mandado um bastardo de cinco anos para casa em vez de afogá-lo no lago.

Nerron deixou o adestrador e o criado com Louis. Os dois eram tolos e barulhentos e não eram dignos daquele adversário. Mas mandou o Bisonho desamarrar os corcéis-do-diabo e enxotá-los para a floresta. Seria muito vergonhoso se Reckless escapasse dessa maneira.

Nerron avançou sob a proteção das árvores enquanto era possível, para que não fosse visto da porta do estábulo. Reckless não tinha olhos que enxergavam no escuro, nem uma pele negra como a noite, mas tinha a raposa, cujos sentidos eram tão aguçados quanto os de um goyl.

Alguns passos rápidos pelo pátio. As costas rentes à parede do estábulo... Reckless não estava mais atrás da porta. Até onde Nerron podia ver.

Gato e rato.

Ele se esgueirou pela porta.

Uma carroça. Cilindros de feno. Gravetos do tipo que as bruxas usavam em suas vassouras. A raposa, sobretudo, podia estar em qualquer lugar. Reckless atiraria nele sem aviso? Talvez. Embora ele fosse mais ligado a regras do que Nerron. Pelo que diziam, ele tinha ideias antiquadas sobre honra e dignidade, embora provavelmente não admitisse.

Onde eles estavam?

Por um momento, Nerron receou que eles tivessem escapado por meio de algum feitiço, mas no território de uma bruxa escura somente a magia dela tinha efeito. Ele esperava que Lelou não deixasse Louis adormecer, para que tivesse cobertura na saída do estábulo.

O tritão estava parado na porta, hesitante. O quê? Agora ele dera para ter medo do escuro? *Vamos, comece a procurar, seu idiota!*

Nerron enfiou o sabre nos gravetos.

— Estou vendo que você também é bom em brincar de esconde-esconde! — Sua voz soou como granito raspado. Ele ainda sentia o poço úmido nos ossos. — Quero apenas o coração. Depois deixo você e a raposa irem. — No que dependesse dele, a promessa seria cumprida, mas quanto a Louis não podia garantir nada.

Um duende passou por ele apressado. Um follet. E no feno os ratos guinchavam. Um lugarzinho pacato, mas na companhia da raposa até mesmo o estábulo imundo de uma devoradora de crianças era romântico.

Ali. Ele ouviu alguém respirar. *Ele é seu, Nerron.* Tanto trabalho só porque tinha confiado nos lobos.

Um ruído o fez se virar bruscamente, mas era apenas o tritão, que havia pisado numa ratoeira da bruxa. *Imbecil escamoso!* Ele gemeu e praguejou

enquanto livrava a bota da armadilha de ferro. O barulho distraiu Nerron por um instante, mas foi o suficiente. Nerron ouviu o clique do cão da pistola antes que pudesse se virar novamente.

Reckless estava a menos de um passo de distância e apontava para o coração de Nerron. Onde ele havia se escondido? Entre os cilindros de feno? Eaumbre deu um passo manco em sua direção.

— Eu não faria isso. — A mão esquerda de Reckless estava molhada. Toda a manga estava encharcada de sangue.

— Foi isso que você teve que pagar por causa de um amigo ferido? Quanta nobreza. — Nerron fez sinal para o tritão recuar. — Pois é, as devoradoras de crianças cortam fundo.

Reckless sacudiu os ombros.

— Não se preocupe. Ainda consigo apertar o gatilho.

— Sim, mas quantas vezes? Você estará morto antes de sair pela porta. — Nerron lançou um rápido olhar para trás, mas não viu a raposa em lugar nenhum. — Vamos logo. Onde está o coração?

Reckless sorriu.

Ah, Nerron, você é um idiota.



51
Corra

Medo. E mais medo. O intervalo de paz fora breve.

Ela estava tão cansada que nem o pelo oferecia consolo. Ela bebera o próprio medo, mas ainda o sentia. Como um tremor dentro de si.

Lugares que se instalavam no coração dela como bolor... A casa miserável onde se sentia o cheiro do mar. A câmara vermelha. Era impossível deixar tudo aquilo para trás. Por mais depressa que a raposa corresse. A única coisa que a protegia de tudo aquilo era Jacob.

Fux queria dormir a seu lado. Apenas estar a seu lado e sentir o calor dele apagar a memória da câmara vermelha. E da casa que cheirava a sal.

Mas ela precisava correr.

Ela carregava a vida dele em volta do pescoço.

Nada jamais pesara tanto.



52
Astúcia e estupidez

— Você devia ter soltado os cachorros! Meu pai dá raposas como comida aos filhotes já no canil, para eles irem pegando o gosto! Você precisa ver o que eles fazem com elas!

Sempre a mesma vulgaridade raivosa quando paravam para descansar. A maçã da Branca de Neve tornara Louis ainda mais imprevisível. Ou teriam sido as ovas de sapo? Se não fosse Lelou, o principezinho teria matado Reckless assim que Nerron saíra com ele do estábulo. O futuro rei da Lorena era de fato tão idiota quanto parecia. *Não, Nerron. Ele é ainda mais idiota*.

— Raposas são mais espertas que cães. — O tritão estava sentado na grama e examinava o pé ferido. Ele o besuntara com uma pasta que encontrara na casa da bruxa, mas ao redor da ferida a pele escamosa estava branca como um cogumelo.

— Vocês estão cheios de dedos com esse sujeitinho! — Louis jogou a espada no fogo tão impetuosamente que as fagulhas chamuscaram a pele de Nerron. — Faz semanas que ele está nos fazendo de bobos! Você esqueceu sua função como guarda-costas de meu pai? — ele ralhou com Eaumbre. — Ele manda vocês tratarem os prisioneiros metidos a espertinhos de um jeito bem diferente!

Eaumbre calçou a bota no pé ferido.

— Vá buscá-lo! — ordenou Louis.

O tritão levantou-se sem dizer uma palavra, mas Nerron se pôs em seu caminho.

— Ele é meu prisioneiro!

— Ah, é? Desde quando? — Louis se levantou. Ele mancava ligeiramente, mas a arrogância em seu rosto era realmente digna de um rei. Todas as noites, Eaumbre algemava Reckless numa das rodas da carruagem. Nerron imaginava como seria trocá-lo por Louis e então incitar os cavalos. O tritão passou por eles e foi mancando até a carruagem.

Reckless ainda estava pálido da sangria da bruxa, e o barba-azul fizera alguns desenhos sangrentos em sua pele macia, mas seu rosto tinha a mesma expressão destemida irritante que havia mostrado contra os lobos.

Ele até estendeu as mãos amarradas para Nerron.

— O tritão aperta tanto a corda que meus dedos estão ficando amortecidos.

Que tal se me deixassem desamarrado? Não pretendo fugir.

— É mesmo? E por que não? — Louis limpou a gordura dos lábios com a manga de veludo. Ele comera praticamente sozinho os dois coelhos que o adestrador havia caçado. — Sabe o que meu pai faz com espiões de Álbion?

Reckless lançou um olhar divertido para Nerron. "Sério? Um espião?", perguntavam seus olhos. "Você me deve essa, goyl."

— Ah, sim... Mas essa é só uma segunda profissão — ele disse. — Na verdade, sou um caçador de tesouros como o goyl, e receio que nessa caçada tenhamos que nos unir. Vocês têm a cabeça e a mão. Eu tenho o coração e, se quiserem comprovar que sou realmente imprescindível, perguntem aos anões se eles sabem onde está o cadáver de Guismund.

Ah, seu cão imundo.

Louis precisou de alguns segundos para processar o que Reckless havia dito. Ele cambaleava tanto que quase caiu no fogo quando se pôs a andar em sua direção. Agora Lelou o alimentava três vezes por dia com ovas de sapo (às vezes o tritão ficava fora durante horas para arranjá-las), mas à noite o efeito passava. Além disso, o hálito principesco voltara a cheirar a pó élfico.

— Parece que você esqueceu com quem está falando! — Louis se esforçou ao máximo para soar ameaçador.

Reckless simulou uma reverência.

— Louis da Lorena. Trabalhei para vosso pai, provavelmente não vos lembrais de mim. Na época, ele precisava de um antídoto para um feitiço de amor. Vossa prima era a autora e vós, a vítima. Ela não vos transformou num sapo?

— Foram os inimigos de meu pai que espalharam essa história! — Louis quase engasgou com a própria língua de tão furioso que estava. — Eu fui contra deixar seu amigo com a bruxa! Você já teria chamado a raposa de volta se o tritão começasse a decepar os dedos dele um por um!

— Meu príncipe! — Nerron não sabia ao certo se a voz de Lelou soara indignada ou impressionada.

Louis não lhe deu atenção.

— Chame-a de volta! — ele exclamou. — Agora! Ou ordenarei ao tritão que corte seus dedos! Meu pai sempre manda começar com os polegares.

Ele fez um sinal com a cabeça para o tritão. O rosto escamoso de Eaumbre não demonstrava o que havia achado da ordem, mas ele pegou a faca.

— Chamá-la de volta? E como eu faria isso? — perguntou Reckless. — Fux já deve estar milhas na nossa frente. Com suas patas, ela é mais rápida

que vossa carruagem dourada. Ela vai me esperar na Cidade Morta. Pergunte ao goyl. Tenho certeza de que a balestra está lá. E eu aposto o coração que, sem mim e sem o goyl, vós não sobreviveríeis a três passos nas ruínas.

O rosto de Louis ficou branco como coalhada.

— Esqueça os dedos! — ele disse em tom ríspido ao tritão. — Corte o pescoço dele!

Eaumbre hesitou, mas finalmente encostou a faca na garganta de Reckless.

Basta. Nerron agarrou Louis e arrastou-o consigo.

— O senhor não ouviu? — ele disse entre os dentes. — Ele não está apenas com o coração! Ele tem também o cadáver de Guismund. Do que o senhor acha que nos servem a cabeça e a mão sem eles? Mate-o, mas depois explique a seu pai por que não encontramos a balestra!

Louis olhou para ele com uma expressão hostil, como se em seguida fosse mandar decepar os dedos dele. *Isso não é tão fácil com um goyl, principezinho*.

— Ele me ofendeu! Quero vê-lo morto. Agora!

O tritão olhava para eles, a faca no pescoço de Reckless. Em situações de emergência, a mãe de Nerron costumava rezar para uma rainha misteriosa que vivia numa montanha de cobre e usava um vestido de malaquita. Nerron quis suplicar a ela uma centelha de razão no cérebro do príncipe herdeiro, mas a salvação se apresentou rapidamente na forma de Lelou.

— Meu príncipe — ele sussurrou com um sorriso conciliador. — Receio que o goyl tenha razão. Até mesmo vosso próprio pai teria colaborado temporariamente com seus inimigos. Mais tarde podereis matar Reckless!

Louis franziu a testa (era comovente como a pele humana se dobrava em rugas quando eles tentavam pensar) e lançou um olhar sombrio para o prisioneiro.

— Está bem, deixe-o vivo por enquanto! — ordenou ao tritão. — Mas amarre-o mais apertado.



53
De algum jeito

A raposa não contou quantos dias demorou para chegar às montanhas onde ficava a Cidade Morta. Foram muitos.

Fux só tirava o pelo quando se permitia algumas horas inquietas de sono. A figura humana trazia de volta as memórias, mas ao mesmo tempo ela se surpreendeu sentindo falta do vento na pele nua. Ela sentia falta até mesmo de seu coração mais vulnerável. Animal, humana. Raposa, mulher. Ela não sabia mais ao certo o que era. Ou o que mais queria ser.

Ela havia telegrafado a Valiant de uma estação de trem. O velho que manipulava o telégrafo a fitara desconfiado, como se enxergasse o pelo da raposa sob as roupas roubadas.

O anão propusera como ponto de encontro uma aldeia na montanha, não muito longe da Cidade Morta. Da praça do mercado dava para ver as ruínas: torres e cúpulas desmoronadas, muros que subiam a encosta pálidos como ossos. Nuvens escuras pairavam sobre as ruas mortas. Elas se estendiam por todo vale, e Fux sentiu sua sombra fria quando parou diante da taverna onde se encontraria com Valiant.

Os chifres de bode em cima da porta serviam para manter afastadas as criaturas temidas naquela região: toggelis, demônios de cera, bruxas da montanha... Eles eram responsabilizados por todas as crianças mortas, embora na maioria dos casos não fossem nem de longe tão malvados quanto sua fama. Naquelas montanhas, porém, o medo se alastrava como erva daninha.

O olhar que o taverneiro lançou para Fux quando ela entrou no local escuro era tão sujo quanto o avental que ele usava, e ela ficou contente por Valiant não tê-la feito esperar muito.

— Você está parecendo a morte em pessoa! — ele observou enquanto puxava uma das cadeiras para fregueses anões de que o taverneiro dispunha. — Espero que a aparência de Jacob esteja ainda pior! Quer ver o telegrama que aquele patife mentiroso me mandou? “Até agora nenhuma pista... mando notícias... essa caçada pode durar anos...” Sabe de uma coisa? Por mim, o goyl pode arrastá-lo numa corda até aqui!

Cansada. Ela estava tão cansada.

O taverneiro serviu o chá que ela pedira e levou um copo de leite para a

criança na mesa ao lado. Fux sentiu as mãos começarem a tremer quando viu o líquido branco.

— O que diabos...

Valiant pegou o braço de Fux e olhou impressionado para o pulso ferido. Ela carregaria as correntes de Troisclerq como cicatriz pelo resto da vida. As lágrimas começaram a escorrer, mas Fux as enxugou. Elas eram tão inúteis quanto o medo que sentia por Jacob. *Você vai salvá-lo. De algum jeito.* Como?

Valiant estendeu-lhe um lenço com suas iniciais bordadas.

— Não me diga que está preocupada com Jacob! — O anão sacudiu a cabeça com desprezo. — O goyl não vai tocar num fio de cabelo dele! É impossível matá-lo. Sei do que estou falando, afinal eu mesmo já abri sua cova uma vez.

A lembrança não melhorou muito as coisas. Em muitas ocasiões, Jacob já havia escapado da morte por um triz. Mas não desta vez, algo sussurrou dentro dela.

Calma.

A criança na mesa vizinha bebia o leite. Fux quis desviar o olhar, mas obrigou-se a ver. Ou agora ela ia começar a fugir de flores e mariposas também?

O vento abriu uma das janelas e soprou pedras de granizo na mesa de madeira. O taverneiro fechou-a com um olhar preocupado e começou a conversar com um camponês que contava sobre deslizamentos de terra e ovelhas afogadas. Ele também contou que um dos loucos que viviam na Cidade Morta estivera de manhã em sua propriedade anunciando o fim do mundo. Eles eram chamados de pregadores — homens e mulheres que haviam perdido o juízo entre as ruínas e acreditavam que a cidade abandonada abrigava o portão para o céu. Fux encontrara um deles na entrada da aldeia. Eles enchiam as roupas de pedaços de lata e cacos de vidro, fazendo-as parecer armaduras bizarras.

O camponês lançou um olhar mal-humorado para Valiant.

— Está vendo? — o anão sussurrou enquanto retribuía o olhar com um sorriso salpicado de dentes de ouro. — Eles põem nas minas a culpa pelo tempo ruim. Se os palermas desses pastores de cabras soubessem o quanto estão perto da verdade. Desde que topamos com a cripta, não é só o tempo que está maluco. Os acidentes nas minas estão mais frequentes. Esses pregadores surgem por toda parte, tagarelando asneiras sobre o fim do

mundo, e os camponeses guardam o gado nos estábulos sob alegação de que a Cidade Morta está ressuscitando.

Fux pôs a mão no pulso ferido.

— Para onde você levou o cadáver?

Valiant ergueu as mãos defensivamente. Pequenas como mãos de criança mas fortes o suficiente para envergar o ferro.

— Calma aí! Jacob é como um irmão para mim, mas precisamos renegociar. O fato de o cabeça-oca ter se deixado aprisionar vai gerar custos adicionais!

— Como um irmão? Você trocaria Jacob pelas unhas prateadas de um polegar! — sussurrou Fux, irritada. — Não me surpreenderia se de repente você se unisse ao goyl só para levar uma porcentagem maior!

A ideia fez surgir um sorriso lisonjeiro no rosto do anão. Ele tomava qualquer referência à sua astúcia como um elogio.

— Deveríamos tratar desse assunto num lugar particular — ele resmungou. — Meu chofer está esperando na porta. "Chofer"... — ele piscou sugestivamente para Fux. — Palavra incrível, não? Soa muito mais moderna que "cocheiro".

O vento quase levou a cartola exageradamente alta da cabeça do anão quando eles saíram na rua. As paredes das casas que se abrigavam à sombra das montanhas estavam escuras por causa da chuva; o chofer, que enxugava preocupado o enorme automóvel verde-escuro reluzente estacionado na frente da hospedaria, era obviamente um humano. Na rua da pequena aldeia, o veículo sem cavalos parecia mais bizarro que os exemplares de Vena.

— Impressionante, não? — Valiant disse, enquanto o chofer corria até eles com um guarda-chuva. — Sou um homem do futuro! A velocidade ainda decepciona, mas os olhares que rende compensam.

O chofer segurou o guarda-chuva sobre a cabeça de Fux, apesar de o forte vento quase arrancá-lo da sua mão, e ajudou o anão a subir no estribo alto demais.

— Seja lá qual for o motivo para esse clima — Valiant resmungou quando Fux sentou a seu lado no estofado de couro marrom —, esse frio torna significativamente mais fácil manter o cadáver de um rei sem cabeça fresco.



54
Colegas

O Bastardo vinha todas as noites, quando seu turno de guarda começava e os outros dormiam. Ele levava comida para Jacob e às vezes até lhe dava um pouco do vinho do príncipe que sobrava.

Como você passou pelo labirinto? Como Chanute sobreviveu às cavernas dos trolls? Você já encontrou uma daquelas velas cuja luz faz aparecer um homem de ferro?

Na primeira noite, Jacob respondeu com silêncio ou alguma mentira. Na segunda, ficou entediado e passou a responder cada pergunta com outra: Como você achou a mão? Como descobriu onde poderia me roubar a cabeça? Onde se encontram os lagartos de cuja pele são feitos seus coletes à prova de balas?

Colegas.

Naturalmente o Bastardo esvaziou os bolsos dele e, quando o goyl friccionou o lenço de ouro com seus dedos de pedra, pela primeira vez Jacob ficou feliz por não funcionar mais direito. Nerron. Apenas um nome, como todos os goyls. Significava “preto” em sua língua. Quem lhe dera o nome? A mãe, para negar a malaquita que marmorizava sua pele; ou os ônix, que costumavam afogar os bastardos? Nerron também examinou o cartão de Earlking mas, em sua mão, ele exibiu somente o nome impresso.

Nerron segurou no alto a caneta esferográfica que Jacob sempre levava consigo, pois era muito mais fácil escrever com ela do que com as penas ou canetas-tinteiros antiquadas que eram usadas atrás do espelho.

— Para que serve isso?

— Tinta de desejo. — Jacob pôs na boca um pouco da carne que o goyl lhe trouxera. O tritão, contrariando as ordens de Louis, havia afrouxado a corda que o prendia. O homem-besouro parecia ser o único que se submetia ao príncipe sem questionamentos. Apesar disso, era melhor não subestimar Louis. Ele tinha a mesma perfídia do pai estampada no rosto, ainda que certamente não tivesse metade da inteligência dele.

— Tinta de desejo? — O Bastardo pôs a caneta no bolso. — Nunca ouvi falar.

— Tudo que você escreve com ela mais cedo ou mais tarde se torna realidade. — Até que não era uma má mentira. Em algum lugar no leste,

havia boatos sobre uma pena de ganso que fazia exatamente isso.

— Mais cedo ou mais tarde?

Jacob sacudiu os ombros e limpou a gordura das mãos acorrentadas.

— Depende do desejo. Uma, duas semanas...

Até lá ele esperava que seus caminhos já tivessem se separado. Eles estavam viajando fazia quatro dias. A bruxa já devia ter acabado o tratamento de Donnersmarck, caso não o tivesse matado ou transformado num inseto; porém levá-lo com eles sem que o feitiço tivesse terminado teria significado sua morte certa.

Quase todas as noites eles descansavam numa caverna. O goyl sempre as encontrava e Jacob era grato por isso. As noites ainda eram tão frias que ele tremia mesmo debaixo do cobertor que o Bastardo lhe trouxera. O braço doía da faca da bruxa, e os cortes da espada de Troisclerq ardiam na pele; mas o que lhe roubava o sono era não saber se Fux estava em segurança. O tempo todo ele via o rosto exausto dela diante de si. *Você exige tanto dela, Jacob*. Demais. Quantas vezes o único presente que ele tinha para lhe oferecer era o medo — que compartilhavam e superavam juntos, mas ainda assim apenas medo, nada mais. No estábulo da devoradora de crianças, tudo isso havia sido esquecido. Ele queria apenas protegê-la. Mas, como em tantas outras vezes, no final era ela quem tinha que ajudá-lo.

— Você também não gostaria que fôssemos só nós dois? — O goyl baixara a voz, embora os outros três parecessem dormir profundamente. — Sem príncipe, sem Besouro, sem tritão, até mesmo sem a raposa... Só eu e você, um contra o outro.

— O príncipe poderia ser útil.

— Para quê?

— Ele é parente de Guismund. Talvez o portão de ferro só se abra para alguém em cujas veias corre o sangue do Matador de Bruxas. Afinal, o colo de Guismund espera por seus filhos...

— Sei, também já pensei nisso. — O Bastardo olhou para os morcegos que se agitavam no teto da caverna. — Mas odeio a ideia de ter que arrastar esse cretino de sangue azul até o final. Não. Sempre há outro caminho.

Jacob fechou os olhos. Ele não aguentava mais ser lembrado pelo rosto do goyl da pele de jade de seu irmão. Até mesmo a caverna em que eles estavam se parecia com aquela em que ele e Will haviam brigado.

De repente a dor começou novamente em seu peito, tão de repente que ele quase não pôde reprimir o grito que queria sair pelos lábios.

Raios!

Ele pressionou as mãos amarradas contra o peito. *Vai passar. Vai passar.* Quantas vezes já haviam sido? *Lembre-se, Jacob!* Cinco. Era a quinta vez. Faltava ainda uma mordida. Não podia restar muito de seu coração.

— O que foi? — O Bastardo olhou preocupado para o rosto transfigurado pela dor. — Louis lhe deu alguma coisa para beber?

Jacob teria gargalhado se tivesse ar nos pulmões para isso. A suspeita não era de todo infundada. A família real da Lorena possuía uma longa tradição de envenenar seus inimigos.

O Bastardo tirou as mãos de Jacob do peito e abriu sua camisa. A mariposa agora estava tão escura quanto o ônix da pele de Nerron, e o vermelho ao redor das asas com manchas em forma de caveira parecia sangue fresco.

Nerron recuou como se estivesse com medo de se contaminar.

Jacob encostou, exausto, na parede da caverna. A dor cedeu, mas ele devia estar com um aspecto deplorável. Era isso que a Fada Vermelha havia imaginado quando lhe sussurrara o nome da irmã? Ela havia imaginado aquilo enquanto ele a beijava? Ele se contorcendo como um animal ferido, pagando com dor pela dor dela? Só que ela não morreria por causa de seu coração partido.

Ela não tem coração, Jacob.

Nerron jogou fora o vinho que havia trazido para Jacob e, em seu lugar, encheu o copo com um líquido marrom.

— Beba devagar — ele recomendou antes de pôr o copo nas mãos amarradas. — Não sei se o estômago de vocês aguenta aguardente de goyl.

A aguardente tinha gosto de lava misturada com açúcar.

O Bastardo pôs a rolha de volta na garrafa.

— Preciso tomar cuidado para que Louis não encontre isto. Ele se mataria com a bebida, e o pai dele mandaria me executar. Foi a Escura, suponho. Sempre me perguntei como você conseguiu levar seu irmão debaixo do nariz dela. — Ele pôs a garrafa de volta no saco. — O terceiro tiro... Você quer a balestra para si mesmo! E se essa história for só uma lenda?

— Já tentei todo o resto. — Jacob tomou mais um gole da aguardente do goyl. Aquecia mais do que qualquer cobertor.

— A maçã? A fonte?

— Sim.

— E sangue de gênio da garrafa? Aquele do norte? É bem perigoso, mas...

— Não funciona.

O Bastardo sacudiu a cabeça.

— As mães de vocês não ensinam que é melhor manter distância de fadas?

— Minha mãe não sabia nada sobre fadas. — Jacob ignorou a curiosidade no olhar dourado. O que estava acontecendo com ele? Estava querendo contar sua história de vida para o goyl? Só faltava uma mordida. Talvez ele morresse antes de rever Fux. Ele sempre pensara que seria ela quem estaria a seu lado quando morresse. Nem Will, nem a fada. Sempre a raposa.

Nerron se levantou.

— Espero que você não seja tolo a ponto de pensar que eu deixaria a balestra para você num gesto nobre.

Jacob puxou a camisa sobre a marca da mariposa.

— Você ainda não a encontrou.

O goyl sorriu.

"Eu vou encontrá-la", dizia seu olhar. "Antes de você. E você vai morrer."

— O que você estaria procurando? Se não estivesse ocupado correndo contra a morte?

Sim, Jacob, o quê? Ele próprio se surpreendeu com a resposta.

— Uma ampulheta.

O Bastardo coçou a pele fissurada.

— Nesse caso, eu não faria concorrência. Que instante vale a pena guardar para sempre?

Ele passou a mão sobre a parede rochosa, absorto, como se buscasse na memória um momento que valesse a pena fixar.

— O que você mais gostaria de encontrar? — O peito de Jacob ainda estava amortecido pela dor.

O goyl olhou para ele sem dizer nada.

— Uma porta — ele disse finalmente. — Para outro mundo.

Jacob reprimiu um sorriso.

— É mesmo? O que há de tão ruim neste? E por que outro seria melhor?

O Bastardo deu de ombros e olhou para a mão marmorizada.

— A culpa é da minha mãe. Ela me contou muitas histórias. Os mundos dessas histórias eram todos melhores.

Atrás deles, Louis começou a roncar. A cada dia ele ficava mais raivoso e temperamental. Apenas um dos efeitos colaterais das ovas de sapo, como Alma já havia contado a Jacob. Mania de perseguição era outro. Ambos não eram traços estranhos ao caráter de um príncipe.

— Eu não exijo muito! — disse Nerron. — Ele já seria melhor se não

houvesse príncipes. Nem lordes de ônix. Eu também abriria mão de polegares... E ele precisaria ter cavernas profundas onde ninguém morasse...

Ele se virou.

— Todos nós temos os nossos sonhos, não é?



55
Fora do plano

— Onde é que o castelo deve aparecer? — Louis tirou a luneta da mão de Nerron e apontou-a para as ruínas da Cidade Morta. Elas quase não eram vistas em meio às nuvens espessas que pairavam entre as montanhas.

— O castelo fica fora da cidade. — Lelou sacudiu o granizo do cabelo ralo. — No final da rua, onde ficavam as jaulas dos dragões.

Claro. O Besouro devia saber até desenhar um mapa detalhado da Cidade Morta.

O adestrador trouxe Reckless. Ele amarrara suas mãos nas costas e, por ordem do príncipe, dera também um laço com a corda em volta de seu pescoço. Louis ainda estava muito ofendido porque o prisioneiro havia questionado seus talentos para a caça de tesouros.

— Tranque-o na carruagem! — ele ordenou, e esfregou os olhos avermelhados.

O adestrador obedecia com muito mais vontade do que Eaumbre. Ele aproveitava todas as oportunidades para tratar o prisioneiro pior do que a seus cães. Um chute ao acaso aqui, uma cotovelada nas costelas ali, ou um cutucão com o cabo da espingarda. Dessa vez ele o empurrou tão brutalmente que o rosto de Reckless bateu na parede da carruagem e sangrou. Era impossível ignorar que Louis apreciava o espetáculo.

— Para que isso? — ralhou Nerron. — Ele só nos serve vivo. Preciso explicar isso todas as vezes?

O sorriso principesco estava verde de ovas de sapo.

— Você certamente não precisa me explicar isso, goyl — ele sussurrou. — Já estou farto das suas explicações.

Nerron sentiu o cano de uma pistola nas costas. A julgar pela altura, era Lelou quem a pressionava contra sua coluna.

— Eu já disse centenas de vezes para meu pai! A gente devia tostar todos os goyls no fogo até sua pele de pedra arrebentar. Mas, infelizmente, o velho tem medo de vocês! — Louis fez uma careta de desprezo. — Lelou diz que você passou a noite toda junto com Reckless. Sua gentileza com ele é muito suspeita, e a mim você não engana. Qual é o plano? Vocês pretendem rachar meio a meio e vender a balestra juntos para Álbion?

O adestrador puxou as mãos de Nerron com brutalidade para as costas, e o

Bisonho apontou a pistola para o tritão. Ele era tão forte quanto estúpido, mas sabia atirar surpreendentemente bem.

Louis lançou para Nerron um olhar que expressava toda arrogância de sua origem, mas também a teimosia de um menino de sete anos que ainda se achava imortal. Uma mistura perigosa.

— Vou encontrar a balestra para o meu pai — ele anunciou, enquanto o adestrador amarrava Nerron com muita força, como se quisesse cortar a pele de pedra com a corda —, e Álbion finalmente vai parar de agir como se o mundo lhe pertencesse. Mas, primeiro, vai ser a vez dos goyls.

Ah, teria sido tão fácil se ele já tivesse matado a ele e a Lelou juntos, em Vena. *Sua repulsa a matar está começando a atrapalhá-lo, Nerron.*

— Quem bolou tudo isso? — Ele saboreou a própria cólera como sangue na língua. — Lelou?

O Besouro corou, lisonjeado.

— Ah, não, não. O plano é inteiramente de sua alteza. — Ele deu um sorriso nervoso para Louis. — Ele não tem muita experiência na caça de tesouros, mas lembrou com razão o fato de que estamos procurando a arma de seu antepassado. Eu apenas sugeri que não matássemos você e Reckless ainda, afinal de contas...

— ... ainda precisamos arrancar de vocês tudo que sabem. — O adestrador deixou à mostra dentes tão amarelos quanto de seus protegidos. — Sobre o Castelo Perdido, a balestra e tudo mais... O príncipe acha que devo assumir essa parte. — Ele deu a Louis um sorriso submisso e fez uma mesura desajeitada. — Na verdade, o especialista nesses assuntos é o tritão — ele acrescentou —, mas o príncipe é, com razão, da opinião de que não podemos confiar em caras de escamas, assim como em peles de pedra.

— Está bem, está bem, já basta. Por que estão contando tudo isso a eles? — Louis pôs uma pitada de pó élfico no nariz. As reservas em seu alforje eram inesgotáveis. — Primeiro pegamos o coração com a raposa. Prendam o goyl na carruagem com Reckless.

Somente juntos os três conseguiram amarrar o tritão. Eles o prenderam numa das rodas, como haviam feito antes com Reckless, e o adestrador arrastou Nerron para dentro da carruagem.

— O príncipe tem razão, goyl! — ele sussurrou antes de fechar a porta atrás dele. — A gente devia tostar todos vocês. Vai ser muito bom quando ele for rei.

— Pegue os cavalos! — Nerron ouviu Louis ordenar com a língua pesada.

Reckless estava deitado num dos bancos, o rosto inchado da pancada contra a carruagem.

— Isso não estava nos seus planos, estava? — ele perguntou.



56
Fúria de gigantim

Lá vinham eles. Fux se afastou da cerca que os camponeses da região haviam erguido para que o gado não se perdesse entre as ruínas enfeitiçadas. O vento que vinha das ruas mortas soprava gelo e granizo em seu rosto. Tudo ao seu redor pronunciava uma única palavra na noite: desgraça.

Os homens que cavalgavam em direção à torre abandonada eram os mesmos que Fux vira atrás do estábulo da bruxa, mas só quando estavam mais perto ela percebeu que o goyl não estava com eles. Nem Jacob.

— Calma — Valiant sussurrou para ela. — Isso não significa nada. Absolutamente nada.

Mas Fux sentia como se alguém apertasse uma argola de ferro ao redor de seu coração.

Ele não estava com os outros.

Eles o haviam matado.

Não, Fux.

Eram quatro. Todos bem armados. O tritão também não estava lá, mas eles traziam seus cães de caça, e Fux ficou contente por não estar usando o pelo. Um dos homens era ainda muito jovem, e outro não era muito mais alto que Valiant. Fux reconheceu Louis da Lorena dos retratos em que ele aparecia ao lado do pai. Contudo, nos retratos ele tinha uma aparência muito melhor. Fux sentiu cheiro de pó élfico e ovas de sapo quando ele parou o cavalo a alguns passos dela.

— Você é a raposa.

Era meia pergunta, meia afirmação. A voz de Louis era tão desagradável quanto seu rosto.

— Um anão foi o único reforço que você conseguiu?

O homem com os cães deu uma risada que soou como latidos.

Valiant deu um sorriso indulgente para Louis. Era a maldição e a glória de todo anão ser subestimado por causa de seu tamanho.

— Evenaugh Valiant. Com quem tenho o prazer...?

Louis quase caiu da sela quando afastou o casaco para deixar à vista o cabo de seu sabre, cravejado de pedras preciosas.

— Louis Philippe Charles Roland, príncipe herdeiro da Lorena.

— Incrível! — respondeu Valiant. — Mas nós anões somos republicanos.

Espero que não leve isso para o lado pessoal. Além disso — seu olhar procurou algo além do príncipe —, na verdade marcamos um encontro com um goyl.

Os cães observavam Fux. Eles eram mais difíceis de enganar que os humanos.

— Onde está Jacob? — Ela havia prometido ao anão que deixaria a conversa por conta dele, mas não aguentava mais esperar.

O príncipe mediu-a com uma mistura de repulsa e desejo, à qual todo metamorfo estava acostumado.

— Onde você pôs o coração? — ele perguntou, grosseiro. — Aposto que o escondeu debaixo da roupa, como seu pelo.

Os cães arreganharam os dentes, e Louis fez um sinal para o adestrador.

Valiant virou-se para a torre de vigia e deu um forte assobio.

Duas figuras corpulentas surgiram da sombra atrás da torre. Os gigantins tinham granizo nas roupas e olhavam para Louis sem nenhuma simpatia. Em nenhum outro lugar houvera mais gigantes do que na Lorena, e em nenhum outro lugar eles haviam sido caçados com mais entusiasmo. O Torto possuía uma coleção de cabeças de gigantes que gostava de exibir em festividades oficiais.

— Eu já esperava — disse Valiant, enquanto Louis tentava acalmar seu cavalo assustado. — Tive o duvidoso prazer de fazer negócios com seu pai. Por que deveria confiar mais no filho?

O mais alto dos gigantins bufou com ar de desprezo e um dos cavalos empinou.

Foi o adestrador que disparou. Talvez para proteger seus cães, que latiam tão furiosamente para o gigantim que a criatura deu um passo pesado em direção a eles. A bala atingiu-o no meio da testa larga. Seu corpo caiu sobre o autor do disparo e seus protegidos.

O outro gigantim urrou furioso.

Ele arrancou o príncipe da sela e sacudiu-o como uma boneca de pano, enquanto desferia golpes cegamente com o outro punho. Ele matou o Bisonho com uma só pancada. Fux ouviu o pescoço dele quebrar. Valiant precisou dar um salto para o lado para se pôr em segurança, e ela recuou entre os cavalos assustados para se proteger do gigante furioso. Em sua ira, ele pisoteou a espingarda que matara o outro até que o metal cedesse sob a sola de seus pés como folhas murchas. Então ele se ajoelhou ao lado do corpo sem vida e, chorando e soluçando, limpou o sangue da testa perfurada.

Não era à toa que existia a expressão “vingança de gigantim”.

Louis estava estendido na terra pisoteada, imóvel como o criado com cara de criança. Apenas o homem-besouro engatinhava em direção a seu amo e olhava atônito para seu rosto branco como cera. Atrás dele vinha Valiant, gemendo e amaldiçoando todos os gigantins.

O príncipe trazia dois sacos mágicos no cinto. Fux pegou-os antes que o anão pudesse se apossar deles e apontou a pistola para a cabeça do Besouro.

— Onde está seu prisioneiro?

Louis se mexeu. O homem-besouro suspirou aliviado e passou os dedos de aranha no rosto dele.

— Na carruagem — balbuciou. Seus olhos estavam mergulhados em lágrimas. Fux não sabia ao certo se eram lágrimas de raiva ou de medo.

Ela montou num dos cavalos e ignorou Valiant, que a chamava de volta.

Não foi difícil seguir o rastro. Um rebanho de vacas não teria deixado marcas mais claras, mas com as nuvens negras que pairavam entre as montanhas, foi difícil até mesmo para os olhos de Fux distinguir a carruagem sob os abetos. O tritão estava amarrado a uma das rodas. Bom. O cheiro de sua pele escamosa lembrou Fux das cavernas úmidas nas quais ela e Jacob haviam procurado garotas raptadas. Ele sacudiu furiosamente suas amarras quando viu Fux, mas ela passou por ele sem dar atenção.

Suas mãos tremiam quando ela abriu a porta da carruagem. Quase não dava para ver o Bastardo. Apenas seus olhos brilhavam como duas moedas na escuridão. O rosto de Jacob estava empapado de sangue, mas de resto ele não parecia estar ferido. Fux cortou a corda. Ele tropeçou quando desceu da carruagem. Fux já vira aquele tipo de exaustão antes.

— Quantas vezes?

Ele passou a mão no rosto machucado e tentou sorrir.

— Estou realmente feliz de ver você. Onde está Valiant?

— Quantas vezes, Jacob? Responda!

Os dedos dele estavam frios quando seguraram a mão dela. *A noite está fria, Fux. Isso não significa nada.* Mas ela conseguia ver a morte no rosto de Jacob.

— Falta uma mordida.

Somente uma.

Respire, Fux.

Ela tirou do bolso os dois sacos mágicos que havia pegado de Louis. Ela também deu a Jacob o saco de couro no qual carregava o coração. Desta vez

o sorriso dele não pareceu tão cansado.

— Você está exausta. — Jacob passou a mão no rosto dela. — Que bom que isso logo vai acabar, não é? De um jeito ou de outro.

Ele pôs os sacos no bolso do sobretudo e se curvou para dentro da carruagem.

— Continue a procurar — Fux ouviu-o dizer. — Há uma porta. Não há ônix do outro lado, nem polegares; mas príncipes, sim. Mas são poucos que usam uma coroa.

— Me solte! — respondeu o goyl com a voz rouca. — Vamos decidir de uma vez por todas quem é o melhor!

Jacob se afastou.

— Fica para a próxima — ele disse. — Desta vez não posso me dar ao luxo de perder.

— Você já teria perdido há muito tempo se não fosse a raposa para salvar sua pele! — O goyl soou como se estivesse sufocando em sua cólera.

— É verdade — respondeu Jacob. — Mas não é novidade.

Então ele bateu a porta da carruagem.



57
Cabeça. Mão. Coração

O gigantim já havia coberto o corpo do outro com pedras. Aos pés do morto, ele havia enfileirado os outros corpos, como oferenda: o criado da cozinha, o adestrador e os dois cães de caça. Na frente da torre de vigia estavam amarrados e amordaçados os dois que haviam sobrevivido à sua cólera: Louis e o Besouro. Valiant andava para lá e para cá na frente deles, e não parecia nem um pouco satisfeito.

— Olhe só para isso! — ele exclamou para Jacob. — A encrenca que você me arrumou desta vez! O príncipe herdeiro da Lorena! Felizmente ele ainda está vivo, mas agora temos que excluir o Torto como possível comprador da balestra. Já não basta você ter arranjado a imperatriz como inimiga?

Jacob sentiu Fux apertar os braços mais forte em volta dele antes de desmontar do cavalo. Conforme descia da sela, a sensação do calor dela era como uma promessa.

Vai ficar tudo bem.

Ele ignorou a torrente de xingamentos de Valiant e andou em direção à cerca que rodeava as ruínas. A Cidade Morta. Não era um lugar que ele alguma vez tivesse desejado ver de perto. O próprio Chanute mantinha distância dela. Jacob pensou ouvir vozes, uma espécie de cantoria que foi interrompida por gritos roucos. Talvez os loucos que viviam nas ruínas sentissem que aquela poderia ser uma noite especial. Diziam que bastava tocar os muros desmoronados para ser tomado pela mesma loucura. Jacob procurou pelas ruas mortas um caminho que conduzisse ao cume da montanha. Aquela cidade já possuíra milhares de habitantes. Ele viu escadas e pontes, igrejas em ruínas, torres e casas cujas janelas sem batentes estavam emolduradas por fogos-fátuos, e palácios desmoronados cujos muros abrigavam ninhos de tentilhões-da-peste, os únicos pássaros que se davam bem em lugares como aquele. Caso o palácio realmente aparecesse, seria um longo caminho, e a cada vez que expirava o ar Jacob sentia como a vida lhe escapava.

— Quer dizer que o goyl ainda está vivo? — Valiant se pôs a seu lado. — Por que não o matou? A concorrência estimula os negócios?

— Não sou tão rápido no gatilho quanto você, lembra? — Jacob olhou para a torre de vigia.

Fux estava ao lado da porta e esperava.

— Você já mandou trazer o cadáver para cá?

— Mas é claro — exclamou Valiant com um suspiro patético. — Espero que tenha ideia de como foi difícil! Tive que subornar os guardas gigantins na cripta com uma provisão de pó élfico para um ano inteiro e convencer os outros dois a trazer o caixão até aqui. Precisei fazer uma atuação cênica magistral diante do Conselho dos Anões para convencê-los de que estava tão indignado quanto eles com o sumiço do cadáver, além de negligenciar meus outros negócios para vir até aqui. Eu quero a balestra! E quero ganhar uma fortuna com ela! Planejo viajar pessoalmente para Álbion assim que você a obtiver; afinal de contas, Wilfred, a Morsa, é o nosso comprador mais provável, você não acha?

— Claro — respondeu Jacob.

Ele estava feliz por Valiant nada saber sobre sua promessa a Robert Dunbar. Caso a balestra realmente salvasse a sua vida, ele precisaria tomar cuidado para que o anão não o matasse.

O interior da torre estava vazio, a não ser por algumas lanças enferrujadas e pelos restos mortais de uma cabra que fenecera entre aquelas paredes. O cadáver do Matador de Bruxas jazia num dos caixões comuns de madeira nos quais os anões enterravam os trabalhadores mortos em acidentes nas minas.

Fux ajudou Jacob a erguer a tampa.

No caixão simples, os trajes do morto sem cabeça pareciam ainda mais suntuosos.

Fux olhou para ele.

Havia sido uma longa caçada. Mas eles tinham chegado juntos até ali. Como haviam prometido um ao outro no castelo de Valiant. Havia mais de seis anos, a companhia um do outro não determinava somente a vida dele, mas a dela também. De todo esse tempo, quase não havia lembranças que Fux não compartilhasse com ele. Sua segunda sombra... Ela se tornara muito mais que isso. Nada lhe mostrara isso com mais clareza do que os últimos meses. Ela era uma parte dele, inseparável. Cabeça, mão e coração.

— O que você está esperando? — Valiant erguera-se impaciente na ponta das botas feitas sob medida. Elas não tinham apenas os saltos altos. As solas também o faziam crescer. Os anões sapateiros eram muito hábeis em arranjar alguns centímetros a mais para seus clientes.

Primeiro Jacob pegou o saco com a mão. Como acontecera com a cabeça,

ele não sentiu quase nada quando tocou a pele morta e receou por um momento que o feitiço de Guismund tivesse perdido seu poder depois de tantos séculos. *Logo você saberá, Jacob*. Havia restos de ouro nas unhas, mas elas não estavam emboloradas, como era normal em mãos de bruxas. Talvez Guismund tivesse encontrado um meio de se proteger contra esse efeito colateral. O consumo regular de sangue de bruxa tinha consequências terríveis. Ele atacava o cérebro e provocava fortes alucinações. Todos os bruxos enlouqueciam, mais cedo ou mais tarde. De acordo com os arquivos de Vena, anos antes de sua morte Guismund já não confiava mais nem mesmo em seus mais fiéis cavaleiros, e executava indiscriminadamente amigos e inimigos, deixando-os morrer de fome em gaiolas douradas diante dos muros de seu castelo.

A mão no sul.

Jacob inclinou-se sobre o morto. A mão estava rígida e fria, mas aderiu ao toco do braço como se ele estivesse montando uma boneca macabra.

O vento que soprava pela janela da torre era úmido e frio como a neve, e fazia a lanterna que Fux segurava sobre o caixão bruxulear.

Jacob abriu o saco de couro que continha a corrente com o coração e levantou a camisa do morto até que o buraco em seu peito emoldurado em ouro ficasse à mostra. O coração negro, que a neta de Ramee usara no pescoço branco. Ele nada sentiu além de um calor suave quando tirou a joia da corrente. Quase como se o seu toque fosse bem-vindo.

O coração no leste.

Ele se encaixou no buraco como se ainda em vida batesse uma pedra no peito de Guismund. E provavelmente fora assim.

O goyl havia deixado a cabeça no saco mágico em que Jacob o carregara antes.

A cabeça no oeste.

Quando Jacob tirou a cabeça do saco, o rosto estava tão rígido e sem vida quanto a mão; porém, assim que ele a encostou no pescoço, os lábios dourados se abriram.

O gemido que saiu da boca aberta soou como o último estertor de um moribundo. A pele rosada do cadáver ficou cinza, e o rosto começou a se desfazer, como se tivesse sido esculpido em areia dourada. O pescoço, as mãos... todo o cadáver desmoronou. As próprias vestes se desfizeram diante dos olhos deles, até que não havia outra coisa no caixão além de um pó cinzento e sujo, em que se misturavam alguns traços de ouro.

— O que diabos...

Valiant olhou para o caixão estupefato, mas Jacob respirou aliviado. A magia do Matador de Bruxas ainda funcionava. E ele havia encontrado um novo lar, como um pássaro que tivesse sido libertado da gaiola.

Fux já estava numa das janelas, olhando para as ruínas.

Uma sombra, surgindo da escuridão da noite. Sua gigantesca forma se delineou lentamente. Torres, ameias, muros. De início eles eram translúcidos como vidro sujo, mas então se tornaram pedra, pálida como a poeira do caixão.

O castelo que brotou na noite como um cardo de pedra não havia sido construído para impressionar pela beleza. Ele só tinha um propósito: inspirar medo. Mesmo de longe era possível ver, nos muros com ameias, as gaiolas onde Guismund deixava amigos e inimigos morrerem de fome; atrás delas, Jacob viu o portão de ferro. Caso fossem verdadeiras as histórias da época do Matador de Bruxas, ele despertaria como um zumbi assim que um inimigo tentasse passar por ali. E um caçador de tesouros que queria roubar a balestra de Guismund certamente não seria considerado amigo.

Primeiro você precisa chegar até o portão, Jacob.

Lá fora o gigantim continuava a amontoar pedras sobre o cadáver do outro. Quanto mais alta a pilha, mais importante se tornava o morto. Todos os amigos ou parentes que visitavam a sepultura de um gigantim punham mais uma pedra por cima, de forma que às vezes as sepulturas atingiam a altura de uma pequena colina.

O príncipe continuava inconsciente. O gigantim pegara pesado, mas ele sobreviveria. Jacob não sabia ao certo se isso era uma boa ou má notícia. A ideia de Louis sentado num trono não era muito tranquilizadora.

— O pai dele vai dar vocês como comida para os cães! — balbuciou Lelou com sua voz estridente. — Ele mandará servir o coração de vocês no café da manhã...

— ... e enrolar seus cigarros com a nossa pele. Eu sei. — Jacob pegou o punhal e curvou-se sobre Louis.

Lelou o observava com um horror mudo, como se tivesse engolido a própria língua.

— Pois é, é uma pena que ele não possa vir conosco — Jacob disse, enquanto cortava algumas mechas do cabelo loiro de Louis. — Tenho certeza de que o portão de ferro lhe daria boas-vindas bem mais calorosas do que a

mim.

— Para que isso? — Valiant perguntou. — Você quer vender uma mecha para cada garota que idolatra a foto dele e sonha em ser rainha da Lorena?

Jacob ficou devendo a resposta a Valiant. Agora mais do que nunca ele estava grato a Alma por ter lhe ensinado alguns segredos das bruxas. Uma vez ela lhe arrancara um fio de cabelo e o enrolara em seu dedo magro. “Isto aqui me diz mais sobre você do que seu sangue”, ela dissera a ele. “Todo fio de cabelo revela quem você é e de onde você vem. Mas vocês humanos os deixam em pentes e escovas sem entender que algumas mechas já permitem que qualquer estranho leve dentro do bolso uma parte poderosa de vocês. Para uma bruxa, basta o cabelo que você deixa no chão do barbeiro para fazer seu sósia em algumas horas.”

Ele não tinha o suficiente para tanto. Mas talvez o portão de Guismund o tomasse por um parente distante. Valia a pena tentar.

— Vocês não têm o direito! — A voz de Lelou estava trêmula de raiva. — Caçadores de tesouros? Vocês são ladrões sujos! A balestra pertence aos herdeiros de Guismund!

Jacob se levantou.

— É verdade, mas por que os filhos dele não a pegaram? O que você acha, Lelou? — Ele pôs o cabelo de Louis num saco mágico vazio. — Talvez eles nem sequer tenham estado na cripta. Você acha que isso aconteceu só porque o Matador de Bruxas era um pai terrível e no final estava louco? Ele realmente mandou matar a esposa como dizem e por isso os filhos o abandonaram? Ou será que eles simplesmente estavam mais ocupados em guerrear uns com os outros?

Arsene Lelou apertou os lábios sem cor. Mas, como era de esperar, ele não conseguiu reprimir o desejo de exibir seus conhecimentos.

— Eles pensavam que o pai queria matá-los! — ele disse com sua voz anasalada. — Por isso nunca estiveram na cripta. Por isso nunca procuraram a balestra. Eles estavam certos de que Guismund encontraria um meio de matá-los.

Valiant emitiu um grunhido de incredulidade.

— E por que ele faria isso? Ele precisava de um herdeiro.

Lelou apenas girou os olhos, sarcástico.

— O Matador de Bruxas estava louco. Ele não queria que ninguém ocupasse seu trono, nem mesmo seus filhos. Ele queria que o mundo parasse com a sua morte! Que começasse e terminasse com ele!

Fux se pôs ao lado de Jacob.

— Deveríamos partir — ela disse em voz baixa.

Sim, eles deveriam, mas Jacob ainda estava pensando no que Lelou acabara de dizer. Talvez não fosse uma boa ideia levar o cabelo de Louis. Ele puxou Fux consigo.

Atrás deles, Lelou recitava todas as histórias de horror que já haviam sido escritas sobre o castelo ou sobre a Cidade Morta. Jacob conhecia todas.

Ele tirou do saco a corrente que a neta de Ramee, e antes dela talvez a filha de Guismund, havia usado.

— Trarei um pingente para ela — ele disse enquanto a punha no pescoço de Fux. — O mais bonito que conseguir encontrar no palácio de Guismund. Mas me deixe ir sozinho. Por favor! É perigoso demais. Voltarei com a balestra. Prometo.

Como resposta, Fux pôs a mão em seu coração, onde a mariposa da fada o escondia.

— O que pode ser pior do que a casa de um barba-azul? — ela perguntou. — Ou do que esperar por você aqui?

A um sinal de Valiant, o gigantim abriu uma brecha na cerca.

O anão entregou duas velas para Jacob.

— Não foi fácil consegui-las — ele disse. — Sua dívida está cada vez mais alta. Vou esperar vocês aqui. A cripta foi o bastante para mim. Mas não tenha ideias tolas! Eu os encontrarei se tentarem me engambelar e, acreditem, posso ser ainda mais desagradável do que o Torto.

— Eu me lembro — disse Jacob. E seguiu Fux pela abertura na cerca.



58
Vantagem

O sangue pálido do tritão escorria dos dedos dele quando ele cortou a corda que prendia Nerron. Para se libertar, ele raspara todas as escamas dos braços. Algo de sua carne verde-oliva devia ter ficado na roda da carruagem, mas ele não moveu um músculo do rosto.

Obviamente eles tinham levado as armas.

Ludibriado por um príncipe que é mais burro do que qualquer cavalo que você já montou, Nerron.

Eles avistaram o castelo ao longe. Então o anão havia trazido o cadáver de Guismund. Nerron teve náuseas de fúria quando apontou a luneta para a torre de vigia, diante da qual a troca deveria ocorrer. Um monte de pedras empilhadas, que pareciam suspeitosamente o túmulo de um gigantim, com alguns cadáveres na frente. Ele não conseguia enxergar quem eram, mas o gigantim que se curvava diante dele era inconfundível. Um exemplar robusto. O que diabos tinha acontecido ali?

— Está vendo Louis? — Nerron estava feliz que o ódio na voz do tritão não fosse dirigido a ele.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu quero ouvir aquele pescoço principesco estalar... — sussurrou Eaumbre. — Ou torcê-lo até que seu rosto idiota fique da cor do céu.

Havia tritões que passavam anos caçando um homem que os tivesse ofendido ou enganado. Eaumbre fora bastante paciente com Louis. Mas, para Nerron, tanto fazia se o príncipe ainda estava vivo ou não. Tudo que lhe interessava era se Reckless estava entre os mortos. Contudo, a informação não valia um embate com um gigantim.

Ele guardou a luneta de volta no cinto.

Eaumbre olhou para as ruínas e para o castelo, que repousava sobre a montanha como uma coroa de pedra.

— O Matador de Bruxas possuía mais tesouros além da balestra, não?

— Provavelmente.

Eaumbre passou a mão no braço esfolado.

— Caso Louis esteja lá, ele é meu — sussurrou.

— E se não estiver?

O tritão arreganhou os dentes.

— ... espero encontrar ouro suficiente para me consolar.



59
A Cidade Morta

Fachadas deterioradas. Colunas rachadas. Portais em arco. Escadas que levavam a lugar nenhum. Mesmo o esqueleto da Cidade Morta dava indícios de como ela fora suntuosa um dia. A rua pela qual eles seguiam serpenteava entre as edificações em ruínas. O silêncio era tão negro quanto a noite sem luar. Jacob tomou o primeiro rosto por um elemento da decoração, o legado de um escultor talentoso. Mas eles o observavam de toda parte, como fósseis nos muros cinzentos. Mulheres, homens, crianças.

As histórias eram verdadeiras. Guismund levara consigo toda a cidade para a morte. *Ele queria que o mundo parasse com a sua morte! Que começasse e terminasse com ele!* Besouro esperto.

O Matador de Bruxas os petrificara nos muros de suas casas. O que os matara? Seu último suspiro? Ele morrera proferindo a maldição? Jacob pensou ouvir suas vozes no vento que corria pelas ruas vazias. O ar suspirava e gemia, soprava as folhas mortas e soltava as pedras carcomidas dos muros que os séculos haviam deixado brancos como ossos. Enxames de fogos-fátuos os salpicavam de luz, e alguns tentilhões-da-peste ciscavam freneticamente entre as pedras quebradas do calçamento. De resto, nada mais se movia na cidade abandonada, com sua fileira de rostos mortos.

Eles avançavam pela ruína de uma torre quando, atrás dos escombros de um monumento, surgiu um homem cambaleante. Jacob cortou seu braço antes que ele pudesse enterrar a foice enferrujada nas costas de Fux. Suas roupas estavam cobertas de cacos de vidro e metal. Um dos pregadores. Seu olhar era tão vazio quanto o dos mortos nos muros. Seis outros esperavam sob um arco de triunfo cujo mármore carcomido celebrava a vitória de Guismund sobre Álbion e Lorena. Os pregadores lutavam obstinados, como se defendessem uma cidade viva, mas suas armas eram velhas e eles não estavam muito bem alimentados. Jacob matou três, e Fux atirou em outro antes que ele conseguisse empurrar Jacob contra o muro enfeitiçado. Os outros fugiram. Mas um deles parou a alguns passos de distância e rogou uma praga no dialeto daquelas montanhas. Ele só parou de gritar quando Fux atirou no chão a seus pés, como advertência. A praga era superstição, nascida do medo impotente da verdadeira magia, mas os gritos atraíram outras das figuras maltrapilhas. Elas surgiam por toda parte entre as ruínas. Algumas

ficavam apenas paradas olhando para eles ou jogavam pedras. Outras se punham no caminho com ancinhos enferrujados ou pás roubadas de algum camponês.

Eles precisaram matar mais quatro antes que os deixassem em paz, mas Jacob tinha certeza de que outros os esperariam diante do palácio. Os modernos cavaleiros de Guismund... Jacob se perguntou se a magia que enfeitiçava as ruínas lhes atribuía o papel de vigiá-la, ou se fora o medo da própria condição de mortais que os havia atraído àquele lugar de morte — e a esperança de encontrar ali uma solução para escaparem do fim inevitável.

Não muito diferente da esperança que o trouxe até aqui, Jacob.

Eles demoraram para se aproximar do castelo. O caminho estava constantemente bloqueado por escombros, pontes desmoronadas... escadas em ruínas... Jacob teve a sensação de que havia se perdido novamente num labirinto. Mas desta vez Fux estava com ele, e mesmo o medo da morte não era nada comparado ao medo que ele sentira por ela no labirinto do barba-azul.

As ruínas a seu redor se erguiam cada vez mais altas no céu noturno. Ali, alguns muros haviam sido construídos em forma de grades de pedra. Jaulas de dragões. Elas ficavam logo abaixo do castelo. A rua subia cada vez mais íngreme, e Jacob sentiu o quanto até mesmo a breve luta com os pregadores o havia exaurido. *Você está morrendo, Jacob*. Mas as palavras não pareciam significar mais nada. Como se ele já as tivesse pensado demais.

Mais uma jaula de dragões. Nos muros, em vez de rostos, desenhavam-se focinhos gigantescos, costas serrilhadas, asas e caudas espinhosas. Diziam que Guismund mantinha centenas de dragões ali, para empregá-los na guerra. Em vez das rochas das quais eles se alimentavam, ele jogava camponeses e soldados inimigos para serem devorados, bem como bruxas, trolls, anões. Isso os tornava raivosos, como vacas que fossem alimentadas com carne.

Uma última jaula. A rua diante dela era cheia de marcas deixadas por garras gigantescas. A escada diante da qual ela terminava era ainda mais larga que a da cripta de Guismund. Esta subia pela montanha e era tão alta que um exército inteiro poderia ter estacionado em seus degraus. *Centenas de degraus até o portão de ferro, e atrás dele centenas de maneiras de morrer.* Jacob não lembrava mais onde lera essas palavras. Ele estava tão exausto que quase não lembrava mais como fora parar ali. O peito doía a cada degrau, mas Fux mantinha-se sempre perto dele.

A praça onde a escada terminava estava coberta de neve, e acima dela

pairavam nuvens tão baixas que as torres do castelo desapareciam na névoa. Nos muros cinzentos estavam penduradas as gaiolas de ouro, atrás de cujas barras ainda se viam os restos mortais dos prisioneiros de Guismund. Todo o castelo parecia ter sido amaldiçoado no dia anterior, e não séculos antes.

O portão destacava-se como um selo estampado no muro. O ferro brilhava como a armadura de um rei. Jacob não encontrou fechadura ou trinco, somente uma guirlanda de caveiras e o mesmo brasão que eles tinham visto na cripta.

Os corpos maltrapilhos que se encontravam na frente do portão eram mais recentes do que os tristes despojos nas gaiolas. Em alguns deles, as mãos estavam carbonizadas ou os braços queimados até o cotovelo. Outros apresentavam marcas terríveis de mordidas. Os pregadores haviam acreditado que a entrada para o céu finalmente havia se revelado a eles, mas, em vez disso, eles tinham batido na porta de um feiticeiro.

Jacob sentiu ali a mesma escuridão que havia encontrado na cripta, como um punho fechado à sua espera atrás do portão. E tudo que eles tinham consigo era um punhado de cabelos do príncipe e o que ele havia aprendido em doze anos como caçador de tesouros naquele mundo. Fux tirou um dos mortos do caminho. *E você tem a ela, Jacob.*

Assim que Fux se aproximou, o portão começou a arder como metal no forno de um ferreiro.

Jacob tirou o saco com o cabelo de Louis do bolso. Sua única esperança era que o portão os deixasse passar como amigos. *Uma esperança bastante frágil, Jacob*. Preso ao saco estava o cartão de Earlking.

Você não precisa do cabelo do príncipe.

Fux olhou por cima do ombro de Jacob. A tinta verde continuou a escrever.

Apresse-se , meu amigo.
Você devia ter matado o goyl.
A balestra está tão perto.

Amigo. Nunca a palavra soara tão falsa. Jacob olhou para o alto do portão de ferro. A Fada Vermelha também havia sido muito solícita. Ele jogou o cartão fora.

Na escada, apareceu mais um pregador. Fux apontou a pistola, mas ele continuou a avançar, até que viu os cadáveres. Seu casaco sujo estava tão coberto de metal e vidro que de fato parecia uma armadura. A porta para o

céu. Fux derrubou-o enquanto ele estava parado olhando incrédulo para os mortos. Eles já haviam ficado tempo demais ali. Mais algumas horas e também começariam a enfiar latão e vidro nas roupas.

Jacob deu um passo em direção ao portão. Ele era tão alto que um gigantim poderia passar por ele tranquilamente, carregando Jacob nos ombros. A maior parte dos castelos do tempo de Guismund possuía portões adequados ao tamanho dos gigantes. O próprio rei usara alguns como serviçais.

Jacob pôs a mão dentro do saco com o cabelo do príncipe. Seus dedos ficariam com o cheiro da loção de barba de Louis. Não era uma ideia nada agradável. Ele cerrou os punhos em volta das mechas loiras. Louis era apenas remotamente aparentado com Guismund, portanto seus cabelos teriam somente o efeito de uma senha sussurrada, mas era sua única esperança de não ser identificado como inimigo.

Não teria surpreendido a Jacob se o portão tivesse derretido a pele de seus dedos. Havia relatos sobre monstros que se formavam a partir de seu ferro, e os cadáveres ao redor pareciam tê-los encontrado. Mas, assim que ele estendeu a mão, o metal brilhante se abriu como a casca de uma fruta muito madura. Ele se dividiu em duas portas, das quais despontaram maçanetas como brotos de ferro. Elas tomaram a forma de cabeças de lobo, e Jacob sentiu o vento soprar sobre o metal em brasa enquanto os dentes ainda brotavam dos focinhos pontudos. Então o portão inteiro voltou a brilhar num cinza frio.

Você não precisa do cabelo do príncipe.

O que fora isso? Uma mentira para matá-lo como aos homens em farrapos estendidos ao redor? Não importava...

Ele trocou um olhar com Fux.

Ela sorriu para ele. Destemida. Mas Jacob ainda se lembrava do medo branco que lhe dera para beber na câmara do barba-azul. Nos últimos meses, ambos haviam aprendido até onde ia seu destemor.

Ele fechou ambas as mãos em volta das cabeças de lobo. Ele pensou que precisaria de todas as forças que ainda tinha para empurrar as pesadas portas de ferro, mas elas se abriram sem resistência e com um suspiro que soou como o gemido que saíra dos lábios dourados da cabeça de Guismund.

O ar que veio ao seu encontro era gelado, e a escuridão completa que os esperava atrás do portão cegou Jacob nos primeiros passos. Mas Fux segurou-o pelo braço até que seus olhos também tivessem se acostumado à escuridão. O salão em que eles entraram estava vazio, exceto pelas colunas

que apoiavam o teto em algum lugar na escuridão acima deles. O eco dos seus passos se perdia entre as paredes altas como o esvoaçar de pássaros errantes.

Fux procurou de onde vinha o choro de criança que irrompera no silêncio. O grito de uma mulher se misturou com ele, e também as vozes de homens discutindo.

— Não se mexa! — Jacob sussurrou para Fux.

As vozes ficaram mais baixas, como se seus donos se distanciassem, mas ainda seriam ouvidas por horas antes de silenciarem. Os Passos dos Mortos. Um feitiço das bruxas escuras. Qualquer passo que eles dessem despertaria o passado: palavras que haviam sido pronunciadas, sussurradas ou gritadas naquele castelo. E não só palavras. Dor, raiva, desespero, loucura. Todos os sentimentos tomariam forma. A escuridão que os envolvia era tecida por fios nefastos. Eles teriam que ser silenciosos ou seriam sufocados por ela.

Jacob conseguiu distinguir três corredores na escuridão. Pelo que era possível ver, eles em nada se diferenciavam um do outro. Ele tirou do bolso as velas amarelas que Valiant lhe dera. Ele e Fux já haviam utilizado velas como aquelas em outros lugares, quando precisavam se separar. Assim que uma delas se apagasse, a outra também se apagaria. Fux pegou os fósforos do bolso. Então Jacob pegou a vela acesa da mão dela, em silêncio. As vozes ficaram mais altas quando seus passos ecoaram no piso. Guismund havia matado nos calabouços daquele castelo as bruxas cujo sangue e magia ele roubara. Os gritos de mulheres ficaram tão altos que quase impediram Fux de prosseguir. Ela olhou mais uma vez para Jacob, e então a luz de sua vela desapareceu num dos corredores. Ela escolheu o do meio.

Esquerda ou direita, Jacob? Ele virou para a esquerda.



60
A pele certa

Um dos pregadores tinha um ferimento recente, feito por uma espada. Nerron atirou nele antes que os dedos sujos pudessem imprimir a loucura em sua pele de pedra. O tritão tocara um deles, mas isso não parecia inquietá-lo. Talvez ele se considerasse imune à loucura humana. Logo ficou claro para o próprio Eaumbre que os rastros que eles seguiam não eram de Louis, mas ele não voltou atrás. O castelo que se erguia sobre as ruínas era um alvo atraente demais.

Ele lembrava Nerron das fortalezas que um clã dos goyls de pedra da lua havia construído contra os ônix muito tempo antes. Kami'en passara a utilizá-las como prisões, porque elas se localizavam bem fundo na terra.

Os loucos maltrapilhos foram o único perigo que eles encontraram nas ruas desertas, e a maioria deles se deixou abater pelo tritão como pombos de barro. Parecia que, durante todos aqueles séculos, o feitiço do Matador de Bruxas havia se deteriorado como a cidade que ele governara. Os rostos petrificados que fitavam dos muros perturbavam Eaumbre, mas Nerron não se importava. Eles apenas provavam o quanto os peles-macias eram semelhantes à sua espécie.

Quando chegaram à escadaria que levava ao castelo, eles encontraram os rastros de Reckless e da raposa como marcas de fogo nos degraus cobertos de neve. A neve caía cada vez mais densa — minúsculos flocos de gelo que Nerron sentia como alfinetadas na pele de pedra. Ele odiava o frio e por um instante ansiou tanto pelo âmago quente da terra que sentiu náuseas. Já o tritão esfregou a neve na pele ressecada sem dizer uma palavra antes de começar a subir.

A visão que os esperava no fim da escada provava que as histórias sobre o Castelo Perdido e seu portão de ferro não haviam saído da imaginação de um poeta. Os mortos carbonizados e dilacerados as tornavam reais, mas Nerron não viu Reckless nem a raposa entre os cadáveres.

Onde eles estavam? Os rastros na praça coberta de neve admitiam uma única resposta: seu concorrente já se encontrava dentro do castelo.

Mas que diabos! Como?

O ferro começou a arder em brasa assim que Nerron se aproximou do portão. Eaumbre puxou-o para trás quando um focinho se formou no metal.

Focinhos, garras. Todo o portão acordou para a vida. Nucas serrilhadas se curvavam, e de couraças de escamas vermelhas como lava brotavam garras de ferro.

O tritão caiu sobre os mortos quando recuou assustado.

Mas Guismund não havia contado com um caçador de tesouros de pele de pedra. Em sua época, goyls na superfície eram apenas um conto sinistro.

Contra as garras, Nerron usava uma das camisas de pele de lagarto que haviam salvado Kami'en e Hentzau nas Bodas Sangrentas; e o machete de jade, que ele encomendara a um ferreiro goyl especialmente para o portão de ferro, transpassou os pescoços e as couraças como se os monstros do portão de Guismund fossem de cera quente. Nerron golpeou e atacou até que sua roupa ficou dura com o resfriamento dos fragmentos de ferro que a atingiram. Reckless não estava entre os mortos, portanto havia um meio de entrar! Ele partiu uma cabeça antes que a boca se fechasse em volta de seu crânio, cortou patas de onde brotavam dezenas de garras pontudas como agulhas. Reckless não estava entre os mortos. Havia um jeito de entrar!

Ele já sentia os braços pesados quando finalmente o tritão veio em seu auxílio. O calor do ferro chamuscava sua pele, mas ele não estava se saindo mal. Logo os fragmentos do metal destruído se acumulavam no chão até a altura dos joelhos. Seu próprio ofegar ecoava em seus ouvidos. *Reckless não está entre os mortos, Nerron! Que diabos, existe um jeito de entrar*. E, de fato, de repente o ferro voltou a ser ferro e o portão formou um friso de crânios. O brasão de Guismund apareceu no metal ainda incandescente e uma fresta quase imperceptível se abriu.

Tocar o ferro quente doeu, apesar da pele de pedra de Nerron. Doeu tanto que ele pensou sentir os próprios ossos derreterem. Mas a dor era algo a que os goyls davam muito menos importância do que os humanos e, por fim, Nerron conseguiu forçar a abertura com os dedos. A fenda que obteve no ferro quase não dava para eles passarem. O tritão cheirava a peixe defumado quando finalmente se juntou a ele, e o portão se fechou atrás dos dois com um ruído como a badalada surda de um sino.

O frio que os recebeu fez o tritão soltar um gemido de alívio, e o próprio Nerron estava grato pelo conforto que ele trouxe à sua pele queimada. Através da escuridão que os envolvia como o pelo de um gato preto, ele farejou a magia do bruxo. Eaumbre olhou para ele assustado quando ouviu as vozes, mas Nerron riu. Um feitiço de passos. Ele conhecera um caçador de tesouros a quem um feitiço daquele tipo havia custado o juízo num castelo

enfeitiçado, mas não havia nada que deixasse uma pista melhor. Uma vez despertadas, as vozes eram ouvidas por muitas horas. Era preciso apenas segui-las.

— Você fica aqui e vigia o portão! — ele disse para o tritão. — Talvez Reckless já esteja voltando com a balestra.

Mas Eaumbre sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado — ele sussurrou. — Já fui porteiro por tempo suficiente. Tudo que eu encontrar é meu?

— Contanto que não seja a balestra.

O rosto escamoso se contorceu num sorriso de desprezo.

— É verdade. Tinha esquecido. Não é de uma balestra que você precisa — sussurrou Nerron. — Mas com certeza você vai encontrar tesouros para pôr aos pés de uma garota. Estou certo de que haverá o suficiente para até uma dúzia delas.

Seis olhos o fitaram com uma expressão gélida.

— Nós amamos somente uma. Por toda vida dela.

— Claro. Só que sob a proteção de vocês elas não vivem muito. — Nerron se dirigiu ao próximo corredor e escutou. Nada. Mas dos outros dois vinham vozes de mortos. Tudo indicava que Reckless e a raposa haviam se separado. Não havia tempo a perder quando se tinha a morte alojada no peito.

O tritão desapareceu em silêncio pelo primeiro corredor. Nerron se decidiu pelo da esquerda.



61
No objetivo

Jacob já estivera em muitos castelos enfeitiçados. Cada porta podia significar perigo, cada corredor terminar numa armadilha. Escadas desapareciam de repente. Paredes se abriam. Mas não ali. Portas, salas, pátios: todos os acessos estavam abertos. O castelo de Guismund engoliu-os como a garganta de um animal em cujas entranhas de pedra o passado fermentava como um veneno indigesto.

Cavalos raspavam os cascos no chão de estábulos vazios. Armas retiniam em pátios abandonados, sobre os quais as nuvens negras escondiam as estrelas. Vozes infantis penetravam seus ouvidos, vindas de câmaras desertas. Cães invisíveis rosnavam para ele. E os gritos ecoavam incessantemente nos salões e corredores sinistros. Gritos de medo. Gritos de dor... Jacob pensou sentir a loucura de Guismund como sujeira em sua pele.

Ele encontrou câmaras cheias de tesouros até o teto, e salas de armas com espadas e armaduras tão valiosas que só uma delas teria rendido o suficiente para restaurar todo o castelo de Valiant. Mas Jacob não lhes dedicou um só olhar. Onde estava a balestra?

Ele se perguntava se deveria ter escolhido um dos outros corredores, e a todo instante olhava para a vela em sua mão, mas a chama continuava a arder imperturbável. Fux também não estava com muita sorte.

Apresse-se, meu amigo.

Você deveria ter matado o goyl.

Ele se virou dezenas de vezes pensando ouvir passos atrás de si, mas tudo que o seguia eram os espíritos que ele despertara. Talvez o feitiço de Guismund consistisse em fazê-lo vagar indefinidamente pelo castelo, até se perder no passado e se tornar ele próprio um dos fantasmas cujas vozes o seguiam.

Mais uma porta.

Aberta, como as demais.

O salão atrás dela parecia um dia ter sido uma sala de audiências. Os ladrilhos estavam gastos pelas pisadas de inúmeras botas, e a fuligem de archotes já havia muito extintos cobria o reboco deteriorado. Jacob sentiu a cólera no ar como uma fumaça corrosiva, desespero, ódio. As vozes cochichavam e sussurravam, abafadas pelo medo.

Em frente, Jacob.

A porta no final do salão trazia o brasão de Guismund.

Ele passou por ela, e respirou fundo.

Ele chegara ao seu objetivo.

A sala do trono de Guismund não evocava o passado através de vozes. Jacob ouvia o eco de seus próprios passos repercutir no silêncio mas, como na cripta, as imagens nas paredes e no teto traziam à vida o mundo perdido de Guismund. Enxames de fogos-fátuos libertavam as cores da escuridão. Campos de batalha, castelos, gigantes, dragões, um exército de anões, uma frota naufragada, a cidade em ruínas lá fora cheia de gente. Os afrescos tinham sido pintados com tal maestria que Jacob esqueceu por alguns instantes por que estava ali. Foi sobretudo o quadro na parede esquerda que o fez se deter. Um bando de cavaleiros atravessava um portal de prata com espadas em punho. As jaquetas de seu uniforme eram brancas como as dos cavaleiros de Guismund, e o emblema que ostentavam era também uma espada vermelha, mas acima dela destacava-se uma cruz vermelha... Onde ele já vira aquilo? *Os Irmãos Livônios da Espada, Jacob.* Uma ordem de cavaleiros de seu mundo, dissolvida havia mais de oitocentos anos, depois de ter espalhado insegurança pelos países do norte da Europa... Jacob olhou para o portal. Ele estava coberto por flores de prata.

Jacob sempre se perguntara se existia somente um espelho.

Ao que tudo indicava, a resposta era não.

Ele olhou ao redor. No centro da sala havia um trono. A poltrona de pedra era acessada por uma escada estreita. Um estofamento dourado cobria o encosto e os apoios dos braços, e uma estátua de Guismund olhava para ele com olhos vazios. Mas o olhar de Jacob procurava por um espelho. E ele estava ali, bem no fundo da sala. Era gigantesco, quase o dobro do tamanho do que ficava no quarto de seu pai. O vidro também era escuro, mas as flores na moldura não eram rosas, e sim lírios, como no portal representado na parede.

Ao lado havia um esqueleto em pé, com um relógio de ouro nas mãos só de ossos. Naquele mundo, na época de Guismund, ainda não existiam relógios mecânicos. Mas no outro sim.

Jacob! Apenas a dor em seu peito o lembrava por que estava ali. Ele deu as costas para o espelho e andou em direção ao trono.

A estátua sentada ali vestia o manto de pelo de gato do bruxo, mas também representava Guismund como um rei guerreiro. O elmo que envolvia seu

rosto tinha a forma das mandíbulas abertas de um lobo. Sob o manto via-se uma cota de malha comprida até o joelho, e a túnica branca com o selo da espada vermelha. Quantas vezes Jacob vira o contorno prateado que envolvia a espada sem desconfiar de nada. Agora ele não conseguia enxergar outra coisa a não ser a moldura de um espelho. Guismund estava sentado ali, as pernas abertas, como um homem que havia conquistado todo um mundo para si. Depois de ter vindo de outro.

No pé da escada havia um tamborete. Sobre o estofado dourado, repousava uma balestra.

Jacob apagou a vela.

Os ladrilhos sob seus pés formavam um mosaico circular que exibia o brasão de armas de Guismund. O tamborete com a balestra estava logo acima da cabeça do lobo coroado.

Jacob estava a apenas alguns passos do tamborete quando a mariposa mordeu.

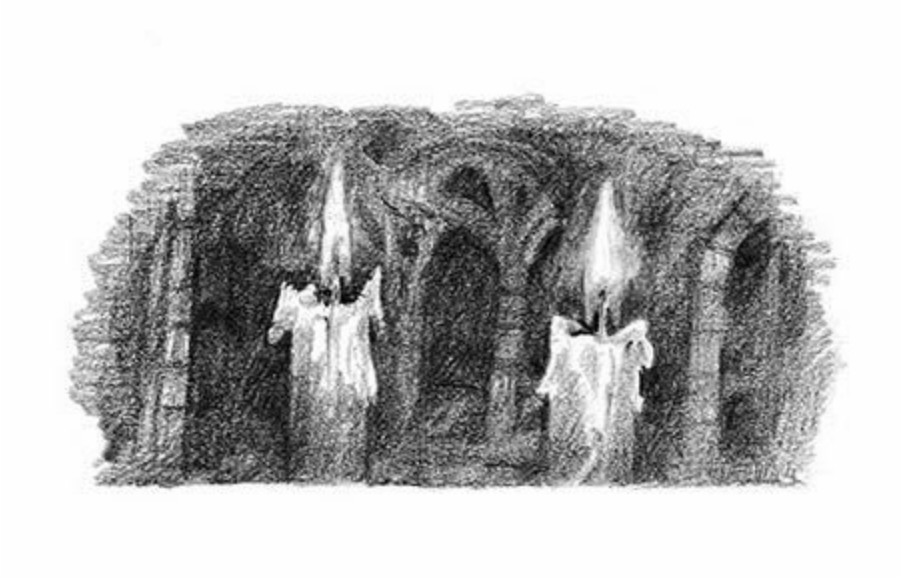
Ele caiu de joelhos. Não via, ouvia ou sentia nada além da dor que, como um ácido, dissolvia a última letra em sua memória. A Fada Escura pegara seu nome de volta. Então a mariposa se soltou da sua pele. Seu corpo peludo rompeu as camadas de sua carne como se saísse de um casulo sangrento, e bateu as asas. Jacob ouviu o próprio grito ecoar na sala do trono e curvou-se sobre o brasão de Guismund enquanto a mariposa ia embora, de volta para sua dona, levando consigo o nome dela e a vida dele. Tudo que restara era a sua marca em carne viva, e ele ficou ali estendido esperando que seu coração parasse de bater. Ele falhava e disparava, como se tentasse se apegar ao último resquício de vida que ainda se encontrava em seu corpo.

Levante, Jacob. Mas ele não sabia como. Ele só queria que a dor acabasse, que aquela caçada terminasse. Que Fux estivesse com ele.

Levante, Jacob. Por ela.

Ele sentia os ladrilhos frios através das roupas, na pele entorpecida pela dor.

Levante.



62
Apagadas

As vozes eram terríveis. Elas discutiam. Gritavam. Choravam. Elas esperavam atrás de cada porta, e Fux percorreu câmara por câmara, salão por salão, encontrou ouro e prata, tesouros saqueados amontoados a esmo, arcas repletas de roupas suntuosas, pratos de ouro em cima de mesas vazias, que por um momento trouxeram de volta a lembrança da sala de jantar do barba-azul, camas sob dosséis vermelho-sangue, móveis incrustados com pedras preciosas... Como quadros irreais, a luz da vela os libertava da escuridão, e todo aquele esplendor apenas falava da loucura de Guismund. Todo o castelo era um fantasma. Todas as vozes, toda fome sinistra que o permeava. Toda vida morta que não queria morrer.

A chama bruxuleante da vela iluminou um escritório.

Livros. Mapas. Um globo terrestre. No chão, estendia-se o pelo de um leão negro, e o desenho do papel de parede revelava que ele fora capaz de voar.

A vela se apagou.

Fux sentiu o coração bater mais depressa.

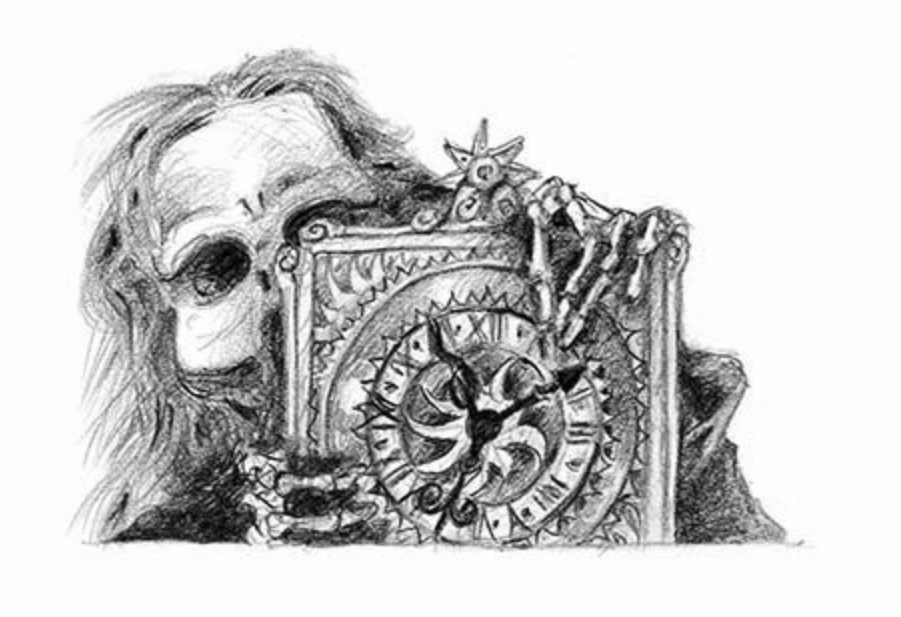
Ele a encontrara.

Jacob encontrara a balestra.

Ela trocou de figura. A raposa chegaria muito mais depressa até ele.

Jacob sobreviveria.

Tudo estava bem.



63
A armadilha

Levante, Jacob. A dor começou a abrandar, mas o coração ainda falhava, como se cada batida pudesse ser a última.

E daí, Jacob. Só mais alguns passos.

Pegue a balestra. Fux logo estará aqui.

Ele conseguiu se levantar.

E se ela não o encontrasse a tempo? *Você pretende atirar a flecha em seu próprio peito, Jacob?* A ideia era quase engraçada.

De perto, a estátua no trono era tão autêntica, parecia tão viva, como se Guismund tivesse mandado fazê-la de carne e sangue. Os olhos mortos olhavam através de Jacob quando ele se dirigiu para o tamborete. *Céus*. Seus pés tropeçavam quase tanto quanto seu coração.

— Você realmente não está tornando a morte mais fácil. — O Bastardo surgiu da sombra tão silenciosamente como havia feito na cripta.

Onde estavam seus ouvidos, Jacob? O erro mais antigo do mundo: perder a cautela quando o tesouro está no seu campo de visão. Ele morreria como um principiante.

O Bastardo examinou os quadros nas paredes enquanto andava em sua direção. Jacob quis pegar o revólver, mas a morte o deixava lento, e o goyl apontou a pistola para ele antes que sacasse a arma do cinto.

— Não me obrigue a abreviar seus últimos minutos de vida — Nerron disse enquanto apontava a arma para a cabeça de Jacob. — Vai saber? Talvez você ainda tenha uma hora. Como você abriu o portão? Aquele ferro maldito queimou até mesmo a minha mão.

— Não faço a menor ideia. — A balestra estava tão perto que bastaria estender a mão, mas o goyl estava disposto a atirar. Ele havia aprendido a ler no rosto marmorizado. Também agora o lembrava de seu irmão. — Quem o libertou?

— O tritão. Eu pressentia que seria útil deixá-lo vivo. Embora nas últimas semanas eu tenha tido vontade de torcer aquele pescoço escamoso uma dúzia de vezes. — Nerron olhou ao redor. — Onde está a raposa?

Pegue a pistola, Jacob. Pelo menos, tente. O que você tem a perder?

Mas talvez simplesmente não restasse vida suficiente nele para isso.

Nerron parou em sua frente.

— Ela é muito bonita, e isso não é coisa que eu diga facilmente sobre mulheres humanas. Você acha que ela se deixaria consolar por mim? Afinal, ela também foi com o barba-azul.

Sim, Jacob adoraria ter atirado nele.

— Tenho certeza que todos os jornais imprimirão um elogio fúnebre para o grande Jacob Reckless. — Nerron aproximou-se da balestra, a pistola ainda apontada para a cabeça de Jacob. — Talvez eles me procurem para eu contar como você se despediu desta vida. Prometo que contarei tudo de forma bastante elogiosa.

Jacob passou a mão sobre a marca sangrenta em sua camisa. Tão perto. Sua mão tremia.

— Para quem você vai vendê-la?

— Tenho certeza que você se surpreenderia em saber. — Nerron pegou a balestra.

Clec.

O tique-taque começou assim que o goyl ergueu a arma do tamborete, mas ele não notou. Nem quando tentou sair da beira do círculo e se chocou contra a parede invisível. Os impropérios que soltou foram dignos de um anão. Ele tentou atravessar a borda do mosaico por outro lado, mas naturalmente as pedras o impediram.

Para Jacob, não era um grande consolo saber que o goyl tinha sido tão cego quanto ele, mas ele pelo menos tinha a desculpa de que o medo da morte não o deixara pensar direito.

Era uma armadilha. Desde o começo. Eles haviam caído nela já na cripta, quando leram as palavras. Não importava quem era o morto cujo cadáver haviam encontrado, mas não tinha sido o corpo do Matador de Bruxas. *Você devia ter desconfiado das unhas, Jacob! Nenhum traço de podridão? Onde você estava com a cabeça?*

Ele olhou para a figura sentada no trono. O Matador de Bruxas estava sentado na frente deles, e a armadilha que havia montado os apanhara mesmo depois de oitocentos anos.

O Bastardo arremessou o tamborete com tanta força contra a parede invisível que ele se despedaçou.

— Diabos! O que foi que nos denunciou?

Jacob ajoelhou-se.

— Absolutamente nada — ele disse. — Ele acha que somos seus filhos. Este é o problema. — Ele tirou o saco com os cabelos de Louis do bolso e

jogou-o longe, embora fosse tarde demais. — A armadilha era para eles, mas eles foram mais inteligentes do que nós. É um feitiço de tempo.

Os bruxos usavam ampulhetas, mas Guismund utilizara o relógio que havia trazido do outro mundo. *Você o viu, Jacob! Onde você estava com a cabeça?* Um círculo mágico e um relógio. Não precisava de mais nada.

— Feitiço de tempo... — O goyl bateu com as garras na parede invisível. Soou como se batessem no vidro. — Nunca ouvi falar. Como funciona?

— A partir de agora, cada minuto nos custa um ano. — Ah, ele envelheceria, no final das contas.

Os bruxos matavam dessa maneira seus inimigos especialmente odiados, mas o Matador de Bruxas não tinha uma vingança em mente. *Você tinha que ter se dado conta disso já na cripta, Jacob!*

— Se os seus próprios filhos são presos no círculo — sua voz já soava mais rouca —, você ganha para si os anos roubados deles. Assim, você simplesmente recupera a vida que deu a eles... Quanto mais, melhor. Afinal Guismund não queria renascer como um velho. Portanto, tentou atrair os três para cá.

— Renascer? — O Bastardo olhou incrédulo para a estátua de Guismund.

— Isso mesmo. Não é uma estátua. É seu cadáver. O Matador de Bruxas queria voltar da morte, mesmo que para isso precisasse matar os filhos.

Tique-taque. O barulho do relógio retalhava o silêncio, e Jacob sentia a carne ressecar.

— Talvez com Louis tivesse funcionado — ele disse. — Mas nós não lhe serviremos de nada. Ainda assim, o feitiço vai nos matar.

E Fux nada poderia fazer para libertá-los. O círculo só poderia ser quebrado por Guismund. Jacob não sabia o que desejava: que ela os encontrasse enquanto ainda viviam ou se seria melhor quando tudo tivesse acabado.

— Você ouviu, Matador de Bruxas? — Nerron gritou para o morto no trono. — Você pegou as pessoas erradas! Deixe-nos ir! Seus filhos não foram tão burros quanto nós e agora já estão tão mortos quanto você!

Cada minuto, um ano.

O Bastardo caiu de joelhos. Sua respiração estava quase tão pesada quanto a de Jacob, mas nele quase não se veria o efeito do feitiço. A pele de goyl não envelhecia.

— Admita! — ele exclamou. — Admita. Eu ganhei!

Jacob fechou os olhos. Não, ele não queria que Fux os encontrasse assim.

Ele queria que ela jamais os encontrasse e que tudo aquilo nunca tivesse acontecido. Mas como tudo começara? Com ele atravessando o espelho. E se jamais tivesse feito isso, ele nunca a teria encontrado e a raposa teria morrido na armadilha.

Ele ergueu a mão. Parecia a mão de um velho.

Ele não queria que ela o encontrasse assim.



64
Vida e morte

Fux não compreendia. O que via era terrível demais. Jacob estendido no chão e, a seu lado, o goyl. Ela se transformou enquanto corria na direção deles. Apenas quando chegou perto viu a balestra entre os dois.

Jacob.

Ela tentou alcançá-lo, mas bateu contra uma parede invisível. O ar que o envolvia era feito de vidro, e Fux viu o mosaico que prendia a ele e ao goyl num círculo de pedra. Um círculo mágico, mas o que ele fazia? O Bastardo parecia inalterado, embora sua respiração estivesse curta como a de um moribundo. Já o rosto de Jacob estava tão desfigurado que Fux quase não o reconheceu. A pele parecia um pergaminho, o cabelo branco como a neve. Ele não se mexeu quando ela chamou seu nome, mas seu corpo cadavérico estremeceu quando um tique quebrou o silêncio.

O feitiço que roubava os anos. Que fazia os humanos murcharem feito folhas.

Fux olhou ao redor desesperada.

O tique-taque vinha do fundo da sala.

As ampulhetas das bruxas roubavam o tempo das vítimas silenciosamente, mas combinava com a crueldade do Matador de Bruxas que ele roubasse o tempo de vida de Jacob com uma maquinaria barulhenta. Fux ouvia os ponteiros se moverem enquanto corria em direção ao relógio.

Um mostrador dourado em mãos de ossos. Fux tentou girar os ponteiros para trás, mas eles não cederam, e ela parou com medo de que Jacob não recebesse de volta os anos roubados caso quebrasse o relógio. Ela implorou à raposa, a tudo que já havia lhe dado forças, mas os ponteiros não retrocederam.

Por favor!

Fux pegou o relógio das mãos do esqueleto, mas não conseguiu abri-lo nem mesmo com a faca. O espelho ao lado do esqueleto mostrava o desespero em seu próprio rosto. Ele era tão largo que refletia quase todo o salão em seu vidro escuro.

Por um instante, Fux não entendeu o que viu ali.

A figura sentada no trono começou a se mexer.

As mãos enluvadas envolveram os braços da poltrona, e a boca inspirou o

ar, ofegante. Guismund virou a cabeça. Fux escondeu-se atrás de uma coluna antes que o olhar dele a encontrasse. Quase não era possível ver o rosto atrás do elmo, mas ela se lembrava da imagem dourada que eles viram na porta da cripta. Quem era o morto no sarcófago? Um sósia que Guismund havia criado com sua magia? Uma casca sem alma, encharcada de magia negra, que ocupara seu lugar no caixão para que os outros o tomassem por seu cadáver?

O Matador de Bruxas se ergueu com movimentos inseguros, mas o relógio que Fux segurava nas mãos ainda estava batendo. *Isso é bom, Fux, significa que ele ainda está encontrando vida para roubar.*

Guismund olhou ao redor. Ele se apoiou na poltrona e tateou em busca da espada encostada nela. Suas mãos tremiam. Claro, a vida que ele roubava era de um homem à beira da morte... Fux desejou ter o sabre de Jacob enquanto pegava a faca. Uma faca contra uma espada longa. Não. Ela pôs a faca de volta no cinto e sacou a pistola. O Matador de Bruxas não era um barba-azul nem o Alfaiate da Floresta Negra. Ele era um humano.

Ele cambaleou ao descer a escada diante do trono. Com a respiração de Jacob, as batidas do coração de Jacob. Guismund começou a andar com a espada em punho, arrastando atrás de si o manto de pelo de gato.

Somente ele pode romper o círculo, Fux. E depois ela precisaria matá-lo. E esperar que dessa forma Jacob obtivesse de volta a vida que o Matador de Bruxas lhe roubara. Ela se encolheu atrás da coluna quando ele olhou ao redor novamente, e desejou seu pelo. *Ainda não.* A raposa não poderia matar Guismund.

Os passos dele eram inseguros como os de um sonâmbulo.

No último degrau ele parou e olhou para os homens que seu círculo mágico havia capturado. Apenas dois homens. Estranhos. Fux pensou sentir o cheiro de sua decepção. Seu corpo devia ter fome de mais vida.

Ele olhou em volta.

Não, eles não estão aqui.

O que ele sentia? A loucura deixava espaço para a saudade dos filhos, mesmo que ele houvesse tentado matá-los? Guismund montara a armadilha também para obrigá-los a estar a seu lado, mesmo que não fosse por amor, mas por sede de poder? De qualquer forma, ele conhecia motivação muito bem.

O Matador de Bruxas tirou o elmo. Ele ainda se movimentava torturantemente devagar, como se o corpo morto não quisesse despertar. Os cabelos que ficaram à mostra eram grisalhos, o rosto enrugado e pálido.

Guismund. Guismond... Na Lorena seu nome era pronunciado de outra maneira. Mas seu apelido era o mesmo por toda parte: o Cruel, o Ambicioso. E, claro, também o chamavam de o Grande.

Guismund se esquecera do círculo. Ele se chocou contra a parede invisível, tateou-a com as mãos encarquilhadas... e se lembrou.

Vá de uma vez! Suas vítimas já estão fracas demais para escapar, e você quer a balestra de volta, é claro.

As palavras saíram quase sem som dos lábios de Guismund. Palavras de bruxo.

Quando o círculo mágico se quebrou, soou como vidro espatifado. Guismund segurava a espada na mão enquanto andava na direção de Jacob e do goyl. O tilintar da cota de malha era o único ruído que Fux ouvia. A respiração pesada de Guismund. E o tique-taque do relógio. Mas Jacob não se movia. Ele estava tão quieto. E se já estivesse morto?

Não, Fux. O relógio ainda está batendo.

Ela o pôs no chão atrás da coluna antes de sair do esconderijo. Guismund estava se abaixando para pegar a balestra.

Fux atirou no braço que segurava a espada. Sim, ele continuava a ser apenas um humano. O grito que saiu pelos lábios pálidos soou como os gritos que ecoavam pelos corredores do palácio. Nem vivo, nem morto. Um homem que queria matar os filhos para não perecer em suas próprias trevas. O Matador de Bruxas virou-se para ela e olhou para a arma que o havia ferido.

A bala seguinte ficou cravada na cota.

Você precisa melhorar a pontaria, Fux!

Seus lábios se moveram enquanto ele erguia a espada com o braço que não estava ferido. Fux mudou de forma antes que a maldição pudesse atingi-la. Agora ela afetava a raposa tanto quanto uma geada afetava o pelo. Ela correu em direção a Guismund. Rápida. Raposa. Rápida demais para o corpo de Guismund, que ainda pertencia mais à morte do que à vida. Ele quis investir com a espada, mas não teve forças, e Fux estava grata à fada pela morte que ela havia plantado no peito de Jacob. A raposa cravou os dentes na carne que cheirava a podridão. E pulou para trás quando Guismund caiu de joelhos. Então trocou de figura novamente. Raposa e mulher, para sempre uma só. Uma não era nada sem a outra.

O Matador de Bruxas passou a mão no rosto.

Sua pele começou a murchar. Guismund investiu contra Fux com a espada, mas seu golpe foi tão frouxo que ela conseguiu se defender com a faca e,

antes que ele proferisse a próxima maldição, cravou a lâmina em seu pescoço desprotegido. O sangue que escorreu da ferida transformou-se em pó enquanto ainda pingava na túnica branca, e as mãos que tentaram se agarrar ao casaco de Fux ressecaram antes que os dedos se fechassem.

Fux recuou diante do morto. O rosto dele estava rígido como se tivesse sido esculpido em madeira; e os olhos, vazios como vidro. Um homem velho, nada além disso. Mas ela ainda o sentia nas paredes que a cercavam e na escuridão que preenchia a sala. Ela queria ir embora dali.

Ela baixou a faca e escutou.

O relógio parara. E Jacob se mexia. Seu cabelo estava escuro novamente e seu rosto era o rosto que ela amava, mas ao lado dele estava o Bastardo, e ele segurava a balestra na mão.

Não.

Fux sacou a pistola, mas já havia gastado a munição com o Matador de Bruxas.

O Bastardo sorria.

— Nunca confie numa raposa. Quantas vezes não ouvi isso da minha mãe? “Elas são astutas e, como você, não temem as profundezas da terra, Nerron.” Quem diria que uma delas salvaria a minha pele de pedra?

— Me dê a balestra — Fux sacou a faca. A lâmina estava suja do sangue poeirento de Guismund. — Você estaria morto sem mim!

— E daí?

Um braço escamoso envolveu o pescoço de Fux.

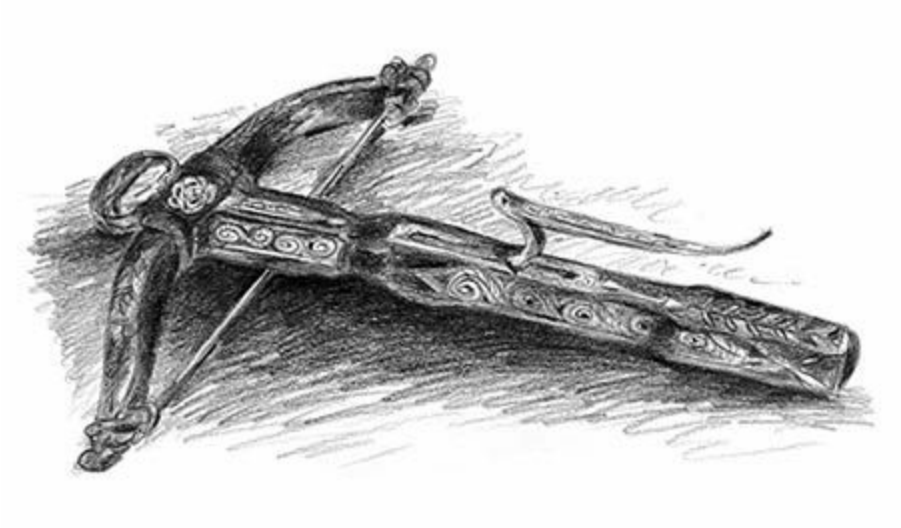
— Dizem que os metamorfos possuem poderes mágicos — o tritão sussurrou. — Prove para mim, raposa!

Ele tinha dezenas de colares de ouro ao redor do pescoço, um manto de pelo de unicórnio e anéis de diamante nos dedos piscosos. Fux tentou se soltar, mas os tritões eram fortes.

Jacob quis se levantar. Seu sangue desenhava a marca da mariposa em sua camisa.

A última mordida.

Tarde demais, Fux. Onde você estava?



65
O terceiro disparo

Fux... Jacob ouvia sua voz e sentia suas mãos. Mas, em seu corpo, a vida lutava contra a morte, e a morte era mais forte. Ela se espalhava dentro dele, mesmo que sua pele já não parecesse mais a de um homem velho. O preço da fada ainda não estava pago.

Desista. Já acabou.

— Não! — Fux pegou-o pelos ombros. — Jacob.

Ele abriu os olhos.

O Bastardo estava a poucos passos de distância.

— O Matador de Bruxas como um pai amoroso... — Ele acariciou o cabo revestido de ouro da balestra. — Besteira. Nunca acreditei na história do terceiro disparo.

A flecha que estava na balestra era preta como a pele dele. Ele fez um sinal com a cabeça para o tritão.

— Tire-a do caminho.

Fux tentou pegar a faca, mas o tritão impediu-a com brutalidade, e Jacob estava fraco demais até mesmo para erguer o braço e protegê-la. Ele sentia que a vida se exauria dentro dele a cada vez que respirava. O que seria de Fux? Era tudo que ele conseguia pensar enquanto o rosto do Bastardo desaparecia diante de seus olhos. O que eles fariam com ela? O tritão a arrastaria para alguma lagoa ou o goyl a mataria? Não, ela escaparia. De alguma maneira...

— Veja só este cabo. Como eu imaginava. É de madeira de amieiro. Sabe o que isso quer dizer? — Jacob ouviu a voz do Bastardo como se viesse de muito longe. — Não. Vocês os esqueceram. Mas os goyls se lembram. Eles viviam ainda mais fundo na terra do que nós, em seus castelos de prata. Elfos dos amieiros. Imortais... astutos... e mestres na construção de armas mágicas. As fadas destruíram a maioria delas, mas em algum lugar na Catalunha ainda deve existir uma espada feita por eles. A magia é sempre a mesma: a arma traz ao seu dono a morte do inimigo e a vida a seus parentes. Desconfiei que a balestra fosse uma arma desses elfos desde que ouvi a história sobre o terceiro disparo pela primeira vez. — O goyl acariciou a madeira avermelhada. — Quem sabe... Talvez Guismund até quisesse matar o filho. Na época, com certeza, ele já estava louco, afinal tinha tomado sangue de

bruxa durante anos. Mas a balestra não permitiu.

Ele se aproximou de Jacob.

— Como ele conseguiu abrir o portão? — ele perguntou a Fux. — Foi fácil, não foi? Ele simplesmente o deixou passar.

Fux não respondeu.

O Bastardo armou a balestra.

— Ele mesmo me explicou. O feitiço do tempo resgata a vida apenas quando captura um parente. Estou fora de cogitação, mas Guismund estava bem vivo. O que significa...

Jacob mal podia ouvir o que o goyl dizia. As batidas do próprio coração eram altas demais; a respiração, difícil... as últimas tentativas de seu corpo de se agarrar à vida.

— Por isso o portão o deixou entrar. Por isso ele foi mais rápido que eu! — A voz rouca ficou alta, como se o próprio Nerron quisesse se convencer de que era o proprietário legítimo da balestra. Ele percebeu isso, e suas próximas palavras voltaram a soar irônicas e frias como de costume.

— Pois é, quem diria — ele disse. — Jacob Reckless tem nas veias o sangue do Matador de Bruxas.

Jacob teria rido, se tivesse forças para tanto.

— Absurdo... — ele mal conseguiu articular uma palavra.

— Ah, é? — Nerron recuou e ergueu a balestra.

— Deixe-me atirar! Por favor! — A voz desesperada de Fux penetrou através dos ruídos da cabeça de Jacob.

— Não. — Nerron apontou. — Senão como provaríamos que neste caso não é o amor que conta?

O tritão sufocou o grito de Fux com a mão.

E o goyl disparou.

Ele acertou em cheio. A flecha atingiu Jacob no peito exatamente no ponto em que seu sangue desenhava a mariposa na camisa. A dor fez seu coração e sua respiração pararem. Morto. *Você está morto, Jacob.* Mas ele ouvia seu coração bater. Com força e sem falhas. Fazia tempo que não batia tão regularmente.

Ele abriu os olhos e envolveu o cabo que saía do seu peito com os dedos. Cada batida de seu coração doía, mas ele estava batendo. E a ferida não sangrava.

Ele apertou a mão em volta do cabo. Seu peito estava como que amortecido, e ele conseguiu tirar a flecha com um puxão. Quase não doeu,

comparado à mordida da mariposa, e a ponta da flecha estava limpa, como se ele a tivesse tirado da madeira, e não de sua carne.

O Bastardo andou até ele e tirou a flecha de sua mão.

— Solte-a — ele disse para o tritão.

Fux tremia quando se ajoelhou ao lado de Jacob. De raiva, medo, esgotamento. Ele queria tirá-la dali, para longe de câmaras de barbas-azuis e castelos enfeitiçados.

Quando ele se levantou, Fux olhou para ele incrédula. A pele sobre o coração estava intacta. A própria ferida que a mariposa causara estava cicatrizada. Ele se sentia tão jovem quanto no primeiro dia em que saíra para caçar um tesouro com Chanute.

O Bastardo olhou para ele com um sorriso debochado.

— Esta também seria uma boa história para os jornais: Jacob Reckless tem nas veias o sangue do Matador de Bruxas.

Ele estendeu um saco mágico sobre a balestra e pôs a flecha dentro.

Jacob olhou para o espelho. Talvez o Bastardo tivesse razão. Ainda que não da maneira como ele pensava.

— Você ainda pretende vender a balestra para o Torto, ou Louis acabou com as chances do pai?

Fale, Jacob. Ganhe tempo.

Ele fizera uma promessa a Dunbar.

Fux olhou para ele.

Dois contra dois.

— O que você vai exigir como prêmio? Um castelo? Uma condecoração? Um título de nobreza? — Jacob olhou novamente para o espelho. Fux também o notara.

E se ele estivesse enganado? Valia uma tentativa.

— Vamos dizer assim... — O Bastardo pôs o saco mágico no bolso. — Você obteve o que queria. Eu vou obter o que quero.

— E se eu lhe oferecesse um preço melhor? Melhor do que Wilfred de Álbion ou os príncipes do leste poderiam oferecer?

— E o que seria isso? Eu tenho todo um castelo cheio de tesouros.

— Tesouros! — Jacob sacudiu os ombros com desprezo. — Não me servem de nada. E sei que você também não dá a mínima para eles.

O Bastardo não tirava os olhos dele. Os goyls se diziam capazes de ler o rosto humano como livros.

— Aonde você quer chegar?

— Os pregadores têm razão.

A boca estreita se esticou num sorriso de desprezo.

— O portão para o céu...

— Eu não chamaria necessariamente de céu. — Jacob sentia sua vida recém-recuperada como um alucinógeno. Ele havia enganado a morte, então por que não o Bastardo? — Acho que você tem razão sobre o sangue — ele disse. — Mas não tem a ver com parentesco. Simplesmente Guismund e eu somos do mesmo lugar.

O tritão emitiu um resmungo de impaciência. Ele já imaginava como seria a garota a cujos pés ele poria os tesouros de Guismund, em alguma caverna úmida. Ele realizaria todos seus desejos, mas não a deixaria ir embora.

— Eles logo estarão aqui! — sussurrou Eaumbre. — Os anões... os homens do Torto... todos os caçadores de tesouros que se prezam... Todos virão, mas agora ainda podemos expulsar a maioria!

— O que você ainda está fazendo aí? — o Bastardo respondeu. — Pegue o que quiser e desapareça. É tudo seu!

O olhar de seis olhos que o tritão dirigiu para Jacob parecia saber exatamente quantos de seus semelhantes ele e Fux já haviam caçado, e deles resgatado suas presas.

— Eu não confiaria neles se fosse você — sussurrou para Nerron. Então se virou e, sem olhar para trás, desapareceu pela porta que dava na sala de audiências.

Nerron ficou calado até os passos do tritão silenciarem. Ele olhou para os quadros que o cercavam. Seu olhar parou no arco de prata por onde passavam os cavaleiros de Guismund, e por um momento Jacob viu no rosto marmorizado o desejo intenso de uma criança. Jacob quase sentia pena por não poder dar ao goyl o que ele desejava. Mas Dunbar tinha razão. Algumas coisas nunca deveriam ser encontradas e, se fossem, o próximo esconderijo tinha que ser melhor que o anterior.

Jacob passou pelo cadáver de Guismund. De onde vinha toda a nova vida que ele sentia nas veias? Algo dela pertencia também ao Matador de Bruxas? Não era uma ideia muito agradável.

— Tenho certeza que você conhece todas elas tão bem quanto eu — ele disse enquanto andava em direção ao espelho. — As histórias sobre a origem de Guismund. Que ele era o filho bastardo de um rei, filho de uma bruxa, filho de um demônio de cabelos dourados... Ninguém se deu conta de que ele simplesmente tinha vindo de outro mundo.

Jacob parou na frente do espelho.

— Aqui está ela — ele disse. — A porta que você procura.

O rosto de Nerron fundiu-se com o vidro escuro quando ele se pôs atrás de Jacob. Jacob viu que o goyl queria acreditar em suas palavras. Ele havia aprendido a ler os rostos marmorizados.

— Prove para ele, Fux — ele disse.

Certamente ela sabia o que ele estava planejando. Não era difícil adivinhar. Mas Fux recuou na frente do espelho.

— Não. Prove você.

O medo na voz dela não era fingido, e por um momento Jacob receou que ela não o seguisse. Mas, como ele, Fux também fizera a promessa a Dunbar.

O olhar de Nerron encontrou o dele no vidro escuro. O melhor... Jacob nada teria contra deixar o título para ele. Pena que o Bastardo queria também a balestra.

— Vamos lá — disse Nerron. — Prove para mim.

Nerron não percebeu que Fux se aproximava. Ele via somente o espelho. Jacob pôs a mão no vidro.



66

Um instante

Um instante. Jacob desapareceu, e o Bastardo esqueceu quem era e onde estava. E o que ele carregava no bolso. Só por um instante, mas foi o suficiente para a raposa. Mais do que suficiente.

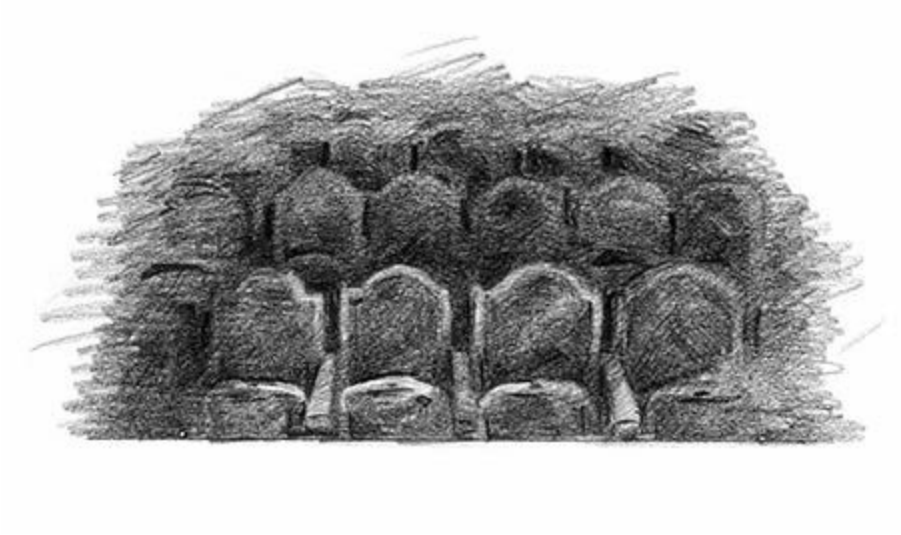
Fux estava diante do espelho, com o saco mágico na mão, antes que ele pudesse alcançá-la. Seu grito de fúria doeu em seus ouvidos quando ela pôs a mão no vidro.

E então tudo desapareceu.

O goyl.

O castelo enfeitiçado.

Todo o seu mundo.



67
O outro lado

Fux se virou e Jacob segurou sua mão. Ele se lembrava de como era perder o próprio mundo pela primeira vez e de repente chegar em outro. A vertigem. A dúvida se era sonho ou realidade. Ele lamentou não poder lhe dar mais tempo.

Jacob puxou-a da frente do espelho e quebrou o vidro escuro com a coronha do revólver. Ele golpeou até restarem apenas alguns cacos pontudos na moldura de prata. Fux estremecia a cada golpe, como se ele destruísse seu mundo, e segurou firme o saco que escondia a balestra, como se precisasse se agarrar à única coisa que a ligava a ele. Jacob se surpreendeu que o saco ainda preservasse sua magia ali.

— Onde estamos? — sussurrou Fux.

Sim, onde?

Estava tão escuro em volta que Jacob quase não via as próprias mãos diante dos olhos. Ele tropeçou num fio e, ao procurar apoio, suas mãos agarraram um veludo pesado.

— *Kto tu jest*?

O facho de luz que se acendeu sobre eles era tão ofuscante que Fux tapou os olhos com as mãos. Os cacos do espelho se quebraram sob suas botas quando ela recuou e se enroscou numa cortina preta. Jacob segurou o braço dela e puxou-a para junto de si.

Um palco. Uma mesa, uma lâmpada, duas cadeiras e, entre elas, o espelho. Um objeto cênico. Nada mais. Como tinha ido parar lá? Ele estava escondido havia anos entre velhos adereços empoeirados... Alguém o utilizara desde que Guismund o atravessara com seus cavaleiros, ou ele preservara seu segredo desde então? Como o Matador de Bruxas se apossara dele? Tantas perguntas. As mesmas que Jacob já se fizera inúmeras vezes sobre o outro espelho. De onde eles vinham? Quantos havia? Por quem haviam sido feitos? Ele procurara durante muito tempo pelas respostas, mas a única pista que tinha era a folha de papel encontrada num livro de seu pai.

Dois outros holofotes se acenderam. Fileiras vermelhas se perdiam na escuridão. Era um grande teatro.

— *Rozbiliscie Lustro*! — O homem que se precipitava na direção deles parou assustado quando viu a mancha de sangue na camisa de Jacob.

Jacob pôs a mão no bolso enquanto dava seu sorriso mais simpático para o homem.

— *Przykro mi. Zapłacę za nie.* — Seu polonês não dava para muito mais. Caso fosse mesmo polonês o que estava ouvindo. Anos antes, Jacob fizera negócios com um antiquário de Varsóvia, mas já fazia muito tempo.

Felizmente ele ainda tinha consigo um táler razoavelmente apresentável, mas o homem olhou para a moeda desconfiado, como se Jacob o estivesse pagando com dinheiro cenográfico.

Hora de dar o fora, Jacob.

Ele pegou a mão de Fux e puxou-a em direção à escada do palco. Ele ainda se sentia como se tivesse acabado de nascer.

Chapelaria. Uma escadaria larga. Um foyer escuro e uma série de portas envidraçadas. Jacob encontrou uma que não estava trancada. O ar que veio ao encontro deles estava permeado pelos ruídos e cheiros do seu mundo.

Fux olhou atônita para a avenida de quatro pistas à sua frente. Os lampiões nas ruas eram muito mais fortes do que em seu mundo. Um automóvel passou. Semáforos coloriam o asfalto de vermelho e, do outro lado da avenida, um arranha-céu se erguia no céu noturno.

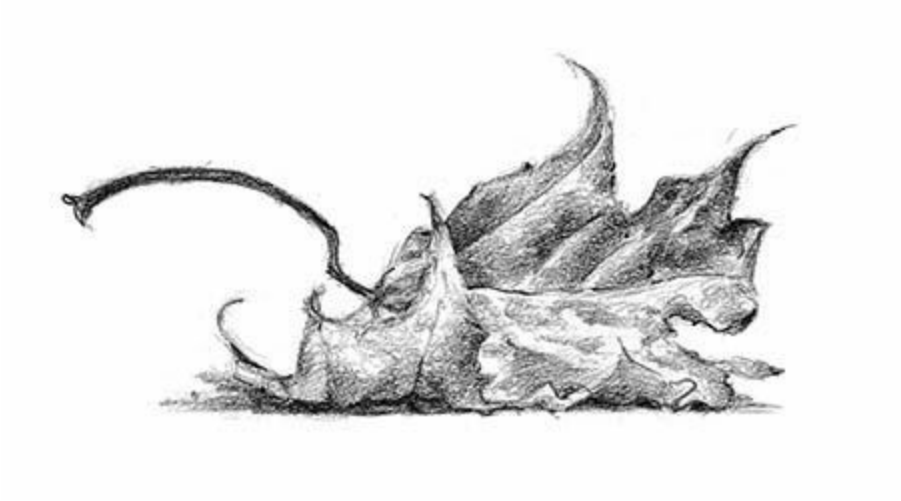
Jacob pegou o saco mágico de Fux e a abraçou.

— Logo voltaremos — ele sussurrou. — Prometo. Só quero ver como Will está e encontrar um bom esconderijo para a balestra.

Ela assentiu e pôs os braços em volta dele.

Tudo havia terminado.

E estava tudo bem.



68
A Vermelha

Jacob estava vivo. A mariposa se fora e ele estava vivo. Como? A Fada Vermelha lançou um grito de cólera sobre a água da qual nascera.

Não havia nada capaz de quebrar a pior maldição de uma fada. Era sempre o fim para qualquer mortal — eles desapareciam como se nunca tivessem existido. Nada mais lhe traria paz. Ela queria que a única lembrança que lhe restasse dele fosse a da sua morte.

Mas ele estava vivo.

O lago ficou preto como o céu noturno, e a água mostrou a arma que quebrara a maldição de sua irmã facilmente, como a um galho podre.

A Vermelha recuou.

Madeira de amieiro.

Corda de vidro flexível.

Um padrão desenhado no cabo revestido de ouro.

Não.

Eles não existiam mais. Fazia muito, muito tempo.

Todos.

Enfeitiçados nas árvores que lhes deram o nome. Nem mesmo um deles havia escapado.

A Vermelha quis se virar, mas entre os lírios algo vinha pela água. Ela se ajoelhou e estendeu a mão.

Era um cartão.

No papel branco estava grudada uma folha murcha. A fada recolheu a mão apavorada.

O inverno de repente chegara à sua ilha.

Não.

Eles haviam desaparecido.

Todos.



CORNELIA FUNKE nasceu em 1958, em Dorsten, na Alemanha. Escritora e ilustradora especializada em literatura infantojuvenil, já publicou mais de cinquenta livros, traduzidos para cerca de quarenta línguas, e pelos quais recebeu diversos prêmios literários. Dela, a Companhia das Letras publicou *A maldição da pedra* (primeiro volume da série Reckless), além de *O senhor dos ladrões*, *O cavaleiro do dragão*, *O cavaleiro fantasma* e a trilogia Mundo de Tinta — cujo primeiro volume, *Coração de tinta*, adaptado para o cinema, tornou-se um best-seller mundial, com mais de 4 milhões de exemplares vendidos.

Copyright © 2012 by Cornelia Funke e Lionel Wigram
Copyright das ilustrações © 2011 by Cornelia Funke
Copyright do mapa © 2012 by Raul Garcia
O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Reckless — Lebendige Schatten

Capa
Flávia Castanheira

Preparação
Ana Maria Alvares

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Adriana Cristina Bairrada

ISBN 978-85-8086-766-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte.com.br
contato@ seguinte.com.br

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a **Seguinte**, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora — como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte

Table of Contents

Capa
Rosto
Dedicatória
1 Espera
2 O mundo errado
3 Fantasmas
4 Um remédio perigoso
5 Alma
6 E agora?
7 Em vão
8 Chanute
9 Montanhas esquecidas por Deus
10 No fundo da terra
11 Juntos
12 Sombras vivas
13 O outro
14 Apenas um cartão
15 Relato de uma aranha
16 A cabeça no oeste
17 A primeira mordida
18 A mão no sul
19 Talvez
20 O mesmo sangue
21 Impossível
22 Flancos de ferro
23 Mal de mer
24 A pegada de uma bota
25 A segunda vez
26 O melhor
27 Uma casa no fim da aldeia
28 Dentes e espinhos
29 Um novo rosto
30 Nada anda

31 Cozinheiros demais
32 O coração no leste
33 Métodos distintos
34 Um jogo
35 O rei certo
36 Desaparecida
37 Flores
38 Ar
39 Amigo e inimigo
40 A armadilha dourada
41 O território do caçador
42 Branco
43 Perdidos
44 Barba-azul
45 Os falsos salvadores
46 Traga-o até mim
47 Vida e morte
48 Tarde demais
49 Dois copos
50 Um trato
51 Corra
52 Astúcia e estupidez
53 De algum jeito
54 Colegas
55 Fora do plano
56 Fúria de gigantim
57 Cabeça. Mão. Coração
58 Vantagem
59 A Cidade Morta
60 A pele certa
61 No objetivo
62 Apagadas
63 A armadilha
64 Vida e morte
65 O terceiro disparo
66 Um instante
67 O outro lado

68 A Vermelha
Sobre o autor
Créditos